



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACED / PPGE – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

RONALD LEAL DE CARVALHO JÚNIOR

**ATOS CURRICULARES DE QUÍRON: ÉTICA ATEMPORAL NA FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DE FILOSOFIA**



Salvador
2021

RONALD LEAL DE CARVALHO JÚNIOR

**ATOS CURRICULARES DE QUÍRON: ÉTICA ATEMPORAL NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DE FILOSOFIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo

Salvador
2021

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Carvalho Júnior, Ronald Leal de.

Atos curriculares de Quíron : ética atemporal na formação de professores de filosofia / Ronald Leal de Carvalho Júnior. - 2021.

182 f.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2021.

1. Professores de filosofia - Formação. 2. Filosofia - Estudo ensino (Superior). 3. Currículos. 4. Autoconsciência. 5. Ética. I. Macedo, Roberto Sidnei. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 371.12 - 23. ed.

RONALD LEAL DE CARVALHO JÚNIOR

ATOS CURRICULARES DE QUÍRON: ÉTICA ATEMPORAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Roberto Sidnei Alves Macedo – Orientador
Doutor em Educação pela Universidade de Paris VIII (França)
Professor e atual diretor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof^a Dr^a. Rochelle Cysne Frota de Abreu
Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Católica de Brasília – UCB

Prof. Dr. Ágabo Borges de Sousa
Doutor em Teologia pela Universidade Kirchliche Hochschule Bethel (Alemanha)
Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Feira de Santana - UEFS

Prof^a. Dr^a. Ana Verena Freitas Paim
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Prof^a. Dr^a. Denise Moura de Jesus Guerra
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof^a. Dr^a. Isaura Santana Fontes
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Bahia – UNEB

DEDICATÓRIA

Dedico inteiramente esta tese, com muito amor e gratidão, à Dona Lycia, minha querida mãe, por estar sempre perto, pelo seu entusiasmo e coragem ante os desafios da vida, por sua incansável alegria. Disso pude extrair os meus mais profundos anelos. – Tu venceste! Tudo valeu a pena! Estamos só começando, acredite! E a vida sorri ternamente. Como sorriu quando colocou-nos a viver juntos o mistério deste encontro. E não foi o primeiro...

AGRADECIMENTOS FAMILIARES

Agradeço...

...à Renata, meu amor, pela leveza, doçura e serenidade cotidianas, as quais tanto me fazem ver o que só se vê pelo coração. – Tu és também filosofia!

...ao João Tadeu, meu querido “pai-postiço”, por arrimar e arrumar minha família sobre as bases fortes do amor e da paciência, e pelos aconselhamentos filosóficos e conversas transcendentais, sempre a postos.

...ao Hugo Homem, meu grande amigo, o revisor desta tese, por sua espiritualidade, inteligência e humor irreverentes, os quais sempre nos fazem rir: eu, ele e a própria vida, que ri sempre conosco, feliz, por fazer acontecer tão alegre encontro.

AGRADECIMENTOS ACADÊMICOS

Agradeço...

...especialmente a ti, Prof^a. Dr^a. Ana Kátia Alves, por tão generosamente ter aberto os dois caminhos da minha aventura intelectual nas plagas filosóficas do PPGE/UFBA. Afinal, foste tu quem me conduziste diretamente ao mestrado, ao apostar em meu projeto de dissertação e, indiretamente, ao doutorado, ao falar-me das ideias do professor que viria a ser o meu orientador, insistindo, inclusive, que eu me tornasse seu aluno. Então, passados quase sete anos, eis-me aqui a olhar com encanto para trás a perceber que, nesta trajetória acadêmica, tu cumpriste o típico papel do mestre nas sagas heroicas: acolher o aprendiz, instigá-lo a aventurar-se e apontar-lhe o caminho edificante. Por algum motivo especial, foste tu quem me fizeste unir, em mim mesmo, nesta etapa de minha vida, o meu destino com a minha própria liberdade. A vida tem dessas... Que a minha gratidão chegue ao teu coração com o suave lume do mistério, pois é com esse mesmo brilho que ela transborda do meu.

...a ti, professor Dr. Roberto Sidnei Macedo, meu orientador, por proporcionares, à minha mente, tantos conhecimentos novos e, ao meu coração, tantos bons afetos, ao longo desses quatro anos de doutoramento no FORMACCE. Mas também por facultares aos meus olhos tanta beleza, a exemplo do que pude contemplar, admirado e espontaneamente, de tua refinada inteligência; de tua conduta como cônjuge, como pai, como professor e como colega de profissão; e do trato sempre cuidadoso, alegre e cortês que dispensas às singularidades e “errâncias” de teus alunos e orientandos. – Sou eu um afortunado! E tu, um homem lindo! Uma alma elegante!

...a todos os meus colegas formaccianistas, em especial, às professoras Denise e Gerusa, e ao professor Marcelo, por terem sido tão atenciosos e prestativos comigo ao longo dessa jornada. Agradeço também, e mais especialmente ainda, às minhas queridas colegas tornadas amigas, Dani e Firmino, pelo que construímos de amor, admiração e respeito recíprocos, e muito pelo que nos divertimos juntos em nossos saudosos “atos botecais de currículo”.

...a todos os professores doutores que, generosamente, se dispuseram a avaliar o presente trabalho. Mas, em especial, ao Prof. Dr. Saja (In Memoriam) e à Prof^a. Dr^a. Ana Verena Paim. Ele, com sua serenidade habitual, por verter sobre esta tese um pouco de suas compreensões espirituais e pelos apontamentos e observações filosóficos que fez ao

qualificá-la. Ela, sempre amorosa, pela forma tão especial como me recebeu no FORMACCE e recepcionou, naqueles idos, o meu idealismo filosófico.

...a toda equipe do PPGE, especialmente à Eliene, ao Cleiton, ao Ricardo, à Eline e à queridíssima Kátia, pelos afetos e pelo trato muito cuidadoso dispensados a mim e aos problemas estudantis de percurso que porventura surgiram em minha caminhada como pós-graduando. Vocês realmente fazem a diferença!

Acordai!
Acordai, homens que dormis
A embalar a dor
Dos silêncios vis!
Vinde, no clamor
Das almas viris,
Arrancar a flor
Que dorme na raiz!

Acordai!
Acordai, raios e tufões
Que dormis no ar
E nas multidões!
Vinde incendiar
De astros e canções
As pedras e o mar,
O mundo e os corações...

Acordai!
Acendei, de almas e de sóis,
Este mar sem cais,
Nem luz de faróis!
E acordai, depois
Das lutas finais,
Os nossos heróis
Que dormem nos covais.

ACORDAI!

José Gomes Ferreira, poeta português,
em Acordai!

CARVALHO JÚNIOR, Ronald de. Atos Curriculares de Quíron: Ética Atemporal na Formação de Professores de Filosofia. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2021.

RESUMO

Esta tese traz a novidade de articular os constructos “Atos de Currículo” e “Formação em Ato”, apreendidos da Teoria Etnoconstitutiva de Currículo, com o conteúdo filosófico presente no Mito de Quíron (o “curador ferido” da mitologia grega), tendo em vista lembrar, enfaticamente, aos professores de filosofia, o horizonte da formação ética eudaemônica, aquele de onde rebentou o “conhece-te a ti mesmo” como principal lema da formação filosófica. E o faz metodologicamente, integrando as experiências formativas do autor (etnopesquisa), a pesquisa exploratória de tipo bibliográfico, a abordagem qualitativa, o estilo textual ensaístico e partindo de uma hermenêutica que, ao mesmo tempo, transfigura metafisicamente aqueles constructos, e apreende o “conhece-te a ti mesmo” como o único expediente formativo capaz de fazer um aspirante a educador-filósofo tomar consciência de seu Eu Real – discernindo-o de suas próprias fenomenologias mentais, emocionais e instintivas – e de lançá-lo na aventura transformadora da autoeducação filosófica. Trata-se de uma “epifania curricular e formativa”, num dizer irreverente do professor dr. Roberto Sidnei Macedo, que propõe ao professor de filosofia que os seus atos de currículo voltem-se, em primeiro lugar, à sua própria consciência, isto é, que eles sejam atos de autoconsciência, atos formativos que envolvem propósitos e práticas referentes ao autoconhecimento, ou percepções e experiências autossacralizantes acumuláveis e integráveis à consciência, as quais possibilitam uma maior amplitude da própria autoconsciência e, conseqüentemente, de sua consciência como educador.

Palavras-chaves: Mito de Quíron, atos de currículo, formação filosófica, autoconsciência, ética atemporal.

ABSTRACT

This thesis brings the news of articulating the constructs “Curriculum Acts” and “Education on Act”, apprehended from the Ethnoconstitutive Theory of the Curriculum, with the philosophical content present in Chiron’s Myth (the “wounded healer” from Greek mythology). Aiming to remind emphatically the philosophy professors of the eudaimonic ethical education’s horizon; from that has bursted the “know thyself” as the main motto of philosophical education. Also it is done methodically, integrating the educational experiences from the author (ethnoresearch), the exploratory research of the bibliographical type, qualitative approach, the essayistic writing style and on the basis of a hermeneutic that at the same time transfigures metaphisically those constructs and apprehends the “know thyself” as the unique development expedient. Capable of making a aspiring philosopher-educator have conciousness of the own True Self – discerning it from one’s own mental, emotional and instinctive phenomenologies – moreover toss this individual in the transformative adventure of philosophical self-education. It is a “curriculant and educational epiphany”, as Dr. Roberto Sidnei Macedo says irreverently, that proposes to the philosophy professor that this one’s acts of curriculum pass through, in the first place, its own conciousness. That means, that those be self-conciousness acts, educational acts that join purposes and practices regarding the self-knowledge, or self-sacredness perceptions and experiences cumulative and integrative to the conciousness. Which make possible a greater wideness of one’s self-conciousness and consequently, the conciousness as an educator.

Keywords: Chiron’s Myth, curriculum acts, philosophical education, self-consciousness, timeless ethics.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1. INTRODUÇÃO	18
1.1 Das Indignações Fundantes	18
1.2 Das Inspirações Fundantes	21
I PARTE	31
2. O ESVAZIAMENTO DA VERDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA: UM OLHAR CRÍTICO-FILOSÓFICO À MANEIRA CLÁSSICA	32
2.1 A Verdade e a Imagem da Verdade	37
3. SOBRE MINHAS CONCEPÇÕES DE SAGRADO, DE ÉTICA E DE DEUS	43
3.1 Sobre Deus e a “Morte de Deus”	49
4. O CURRÍCULO HEROICO: CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE UM OUTRO CAMINHO FORMATIVO	55
4.1 Considerações Extemporâneas sobre Formação	59
II PARTE	67
5. O HOMEM COMO MICROCOSMO: UMA ESQUECIDA COMPREENSÃO ANTROPOFILOSÓFICA	68
5.1 O Homem Como Uma “Encruzilhada Celeste-Terrena”	70
6. A DUPLA EUDADE DO HOMEM NA PAIDEIA FILOSÓFICA GREGA	76
6.1 A Paideia Grega: Uma Educação para a Doma de Si Mesmo	81
III PARTE	84
7. FORMAÇÃO EM ATO: UM CONSTRUCTO MACEDIANO, DUAS “NAVEGAÇÕES FILOSÓFICAS”	85
7.1 Atos de Currículo, que Atos São Esses?	88
7.2 Formação Em Ato: Da Primeira à Segunda Navegação Filosófica	93
8. A FORMAÇÃO EM ATO NO CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO: UMA “SEGUNDA NAVEGAÇÃO FILOSÓFICA”	96
8.1 A Busca da Verdade como Supremo Ato Formativo	104
9. O AUTODISCERNIMENTO COMO ATO DE CURRÍCULO: A AUTOCONSCIÊNCIA NO DESPERTAR DO VERDADEIRO FILÓSOFO	110
9.1 Autoconsciência e Discernimento	115

10.	AUTOCONSCIÊNCIA E ATEMPORALIDADE: A FORMAÇÃO ATRAVÉS DO INSTANTE PRESENTE	120
10.1	Autodiscernimento: o “estar presente” como Ato de Currículo	124
11.	A PROCURA PELA BELEZA EM TUDO COMO ATO DE CURRÍCULO	129
12.	O FALAR A DEUS COMO ATO DE CURRÍCULO	139
13.	A AUTORRESPONSABILIZAÇÃO PELAS DORES SOFRIDAS COMO ATO DE CURRÍCULO	148
14.	MORRER ANTES DA MORTE COMO ATO DE CURRÍCULO	160
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
	REFERÊNCIAS	175

APRESENTAÇÃO

Que sejam ditas três coisas antes de tudo.

A primeira é que “o presente trabalho não é um trabalho”. Esta frase não é minha. Tomei-a de empréstimo do revisor desta tese, apropriando-me do seu raciocínio, e que a escreveu numa de suas obras, imbuído, como eu, de toda aquela nietzscheana paixão pelo que se faz, e tendo em vista, é claro, a máxima confucionista que sentencia: “quem amar seu trabalho não trabalhará um só dia na vida”.

A segunda é que sou um poeta. E não porque escrevo poemas transcendentais, mas porque subescrevo, através deles, o meu imaginário mosaico, já que por Musas¹ pretensamente inspirado. Sou também um pretense filósofo, um caminhante da vida, rumo à própria vida, ou ao que nela se esconde de mais vivo. Porque a cada passo que dou, meu olhar a persegue assim, visando as suas entrelinhas encantadas, suas nuances ocultas, e em busca de seus luminares, embora o sentido da visão me tenha sido retirado, e meus olhos estejam hoje completamente cegos. Eis o meu paradoxo mais fecundo, a minha tirésica² e particular tragédia existencial.

E a terceira, é que faço parte dos que querem a si mesmos como Homem Novo, pessoas que creem em Deus e por isso o buscam sinceramente todos os dias, dos que contemplam a natureza como expressão dessa Divindade, dos que reconhecem que todo o visível e mensurável é a sombra do invisível e incomensurável, dos que compreendem o sobrenatural como absolutamente natural, dos que se apercebem de sua própria imortalidade, em suma, dos que miram o que a vista não pode alcançar – o longe, o impossível, o inefável. Enfim, sob quaisquer condições, sou da estirpe dos Agradecidos à Vida.

Desde quando comecei a estudar História na UFBA que me interesse por hinos, poemas, epopeias, tragédias, cosmogonias, mitologias heroicas e antigos tratados morais. Porém, tive que fixar a minha consciência nos terraplanados caminhos formativos do Campus de São Lázaro³, dado que não foram poucos os estudos de humanidades que tive de

¹ As Musas, na mitologia grega, eram entidades a quem era atribuída a capacidade de inspirar a criação artística ou científica. Eram as nove filhas de Mnemósine ("Memória") e Zeus.

² Na famosa tragédia *Édipo Rei*, escrita por Sófocles, *Tirésias* é um profeta *cego* que demonstra como é terrível “saber quando o saber de nada serve a quem o possui” ou “ter os olhos sadios e não ver”.

³ Campus da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

fazer a partir das corriqueiras perspectivas imediatas e materialistas que dominam esse tão querido lugar onde me formei.

No entanto, fixei a “consciência histórica”, mas não o meu imaginário febril de mistérios humanos, o que me levou posteriormente a peregrinar mundo afora, em busca de percepções, experiências e vislumbres verticais que confirmassem a “suspeita” antropológica que em mim nascera, não como uma hipótese, mas como uma intuição radical: o homem é maior que ele mesmo.

Especificamente, viajei pelo Egito, Itália, Grécia e Peru, e por mais outros 11 países, todos centros de antigas culturas que fizeram refulgir na história o melhor do humano, para confirmar para mim mesmo o que, no fundo, já sabia: nunca houve *homo sapiens* na face da Terra, mas tão somente *homo religiosus*⁴. Nesta época, eu enxergava, e trabalhava como professor de História.

Chegados às Alturas os conclames do meu imaginário, eis então que as Moiras⁵ sussurraram aos meus ouvidos a senda da filosofia, o caminho de que eu precisava para ir mais fundo na compreensão sobre o homem. Aliás, não apenas sussurraram, mas fizeram firmar meus pés vacilantes sobre essa senda mágica, e nela me empurraram a caminhar com cada vez mais confiança, vivacidade e inspiração. Por isso mesmo, de “olhos vendados”, como se brincassem pedagogicamente comigo, a me fazer entrever o que na filosofia só se vê com a visão do coração. Elas tomaram pouco a pouco minha visão. Fiquei, como elas, cego.

Tornei-me, então, professor de filosofia. E o fiz antes mesmo de começar a graduação que, somente agora, estou em vias de concluir, na Universidade Católica de Brasília. Lembro-me, inclusive, que naqueles idos, cativado profundamente pela mesma cosmovisão que arrebatou Nietzsche e o levou a escrever *O Nascimento da Tragédia*, penetrei no ventre encantado da cultura grega arcaica, como se precisasse nascer de novo e às avessas. Daí em diante, sob o meu olhar, a história deixou de ser história, e a própria filosofia, filosofia. Foucault (1984, p. 13) estava certo quando escreveu: “existem momentos

⁴ Expressão usada pelo historiador das religiões Mircea Eliade para, consoante sua visão antropológica, designar o homem.

⁵ As Moiras, na mitologia grega, eram as três irmãs que determinavam o destino, tanto dos deuses, quanto dos seres humanos. Eram três velhas cegas e lúgubres, que compartilhavam apenas um olho, responsáveis por fabricar, tecer e cortar aquilo que seria o fio da vida de todas as pessoas que vinham à existência.

na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir”.

Por conseguinte, e sem demora, aproximei-me dos estudos sobre antropologia do imaginário e das analíticas mitográficas de Eranus⁶, visando compreender as simbologias teológicas das antigas civilizações, o que me levou a cursar duas especializações no Instituto Junguiano da Bahia: Psicologia Simbólica Junguiana e Mitologia Comparada Aplicada à Psicologia Analítica.

Cursei também um Mestrado na Faculdade de Educação da UFBA, na linha de pesquisa Filosofia, Linguagem e Práxis, e sob orientação do professor doutor Dante Galeffi, apresentei à comunidade acadêmica a dissertação *Odres Novos para Vinhos Velhos: Revisitando Sophia pelos Quatro Pilares da Educação*, um singelo trabalho que procurou revisitar Sophia, aquela velha anciã, lá no seu passado sempre atual, para dela ouvir estórias sobre como *aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser* filosoficamente.

Concluída essa etapa, mirei o doutoramento, também em educação. Na verdade, antes mesmo de concluir o mestrado, já o tinha em vista, pois, como professor e graduando em filosofia, uma coisa me intrigava, e até, vez por outra, me indignava: o filosofar desencantado dos meus colegas de profissão, seus ateísmos declarados, seus revérberos contra a verdade, suas paixões ideológicas, seus ativismos políticos, e tudo isso com aquele típico ar de superioridade distante, que enuncia aos incautos que a filosofia nada tem a ver com a busca do Bem, da Sabedoria, de Deus, ou da harmonia interior.

Tratei, então, de elaborar um projeto de pesquisa que problematizasse tal questão, procurando, ao mesmo tempo, evidenciar esse estado de desencantamento no qual se encontram tais professores, criticar as orientações formativas acadêmicas que os conduziram a isso, e lembrá-los quanto ao original e mais fecundo sentido de uma formação filosófica: a verdade de ser.

Para tanto, ainda no mestrado, precisei encontrar o interessantíssimo livro *Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica*, obra cujo estudo me investiu da autoridade de que necessitava para escrever e submeter tal projeto à linha de pesquisa *Currículo e Formação do Programa de Pós-Graduação em Educação*, e de onde apreendi os constructos teóricos que

⁶ Formado originalmente por Carl Gustav Jung, Henry Corbin, Mircea Eliade, Gilbert Durand, Joseph Campbell e Haya Kawai, o Círculo de Eranos é um marco na história do pensamento humano no que tange a produção científica de textos fenomenológicos e antropológicos dedicados ao fenômeno do sagrado, da mitologia e da espiritualidade. .

deram forma às minhas proposições formativas, e em torno dos quais fiz orbitar as reflexões filosóficas presentes nesta tese. Mas não é só: precisei afortunadamente encontrar o autor desta obra, um professor extremamente cordial, de raras e audaciosas ideias, e aberto ao novo, que muito em mim fez crescer o desejo de lecionar na Academia, e muito me faz admirar a sagrada profissão de educador. Seu nome é Roberto Sidnei Macedo, e foi exclusivamente para ele que dirigi o referido projeto de tese.

O resultado de tudo isso é, então, o trabalho autoral que agora apresento. Autoral porque, em se tratando de uma escrita que expressa uma indignação pessoal, embora o faça com rigor acadêmico e nos termos de uma proposição textual filosoficamente coerente, ele resulta menos do alinhamento de minhas ideias a uma corrente de pensamento respeitante à Academia, do que à minha necessidade de enfrentar um paradigma formativo que vejo como diminutivo e apequenador, e de mostrar e assumir filosoficamente o meu horizonte de consciência sobre o tema em questão. Horizonte que, decerto (suponho aqui com a certeza de um lógico), parecerá demasiado estratosférico e alheio, senão absurdo, àqueles que só se ocupam com as questões educacionais do dia, principalmente se se acostumaram a nivelar sua própria consciência pela altura dos homens mais baixos da história.

Com efeito, tudo nesta tese é ideal, é arquetípico, é universal e aponta para isso. E o digo desde já, porque muito já ouvi, como malfadado augúrio, sobre a efemeridade de meu idealismo, a fragilidade de minhas convicções, e até de minha insegura fé em Deus, logo que pusesse os pés na senda do conhecimento filosófico. Diziam-me – e sei que hoje há uns poucos professores de filosofia em situação semelhante – que os ideais valem enquanto se é ingênuo para crer no impossível, ou quando se acredita, como o Quixote de Cervantes, que dragões são moinhos de vento. Porque, tão logo, a realidade, com suas questões sociais, com suas exigências políticas, com seus desencantos, se encarregaria de apagar tais fantasias em minha consciência, a qual daria lugar a sistemas filosóficos de compreensão mais práticos e concretos.

Porém, não contavam com o fato de que, para além de professor de filosofia, sou eu o próprio Quixote, ou aquele caminhante da vida que, por rumar em direção ao que na vida há de mais vivo, ruma loucamente na direção do impossível, procurando se aprofundar no passado sem repeti-lo, e vislumbrar o futuro sem que por isso acredite que o viverá “por simples Graça de Deus”, senão através do seu esforço, retamente guiado pelas virtudes, pelos valores permanentes, e por uma vontade crescente em servir à humanidade.

Não contavam também, enfim, que antes mesmo do meu contato com a filosofia eu já me via como um “amante da sabedoria”, e que, por isso, desde há muito percebo e sei que o materialismo venceu em nosso tempo, e que agora o que vale é ser doente, incapaz, subjugado, fraco e vítima do mundo, perseguindo os quebradiços e alcançáveis horizontes do imediatamente possível, os únicos facultados pela vida a quem nunca concebera imaginativamente a voluta de um grande Ideal.

Assim, afirmo desde já neste trabalho, tal como o fez o “Cavaleiro da Triste Figura”, ante àqueles que o consideravam louco, que “bem poderão os encantadores tirar-me a ventura (a sorte, mas o esforço e o ânimo são impossíveis”. Pois, como afirma Ortega Y Gasset (2019, p. 141), em suas *Meditações do Quixote*,

se resistimos a que a herança e o meio nos imponham ações determinadas, é porque procuramos assentar em nós mesmos -somente em nós- a origem de nossos atos. Quando o herói quer, não são os antepassados ou os costumes do presente os que querem, mas ele mesmo. A heroicidade consiste justamente neste querer ser ele mesmo quem tem de ser.

Oxalá dentre meus pares algum haja que, abrindo os olhos para a perspectiva que lhes trago, abrace esta forma natural, intrínseca e atemporal de perceber, praticar e ensinar a Filosofia.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Das Indignações Fundantes

Vivemos numa crise ética de escala sem precedentes na história, numa crise decerto configurada a partir dos valores de uma civilização que nos ensinou “basicamente a nos formar na competitividade em detrimento da cooperação, na ultrapassagem do outro em detrimento da com-paixão e da solidariedade, no individualismo em detrimento da experiência da comunhão” (MACEDO, 2013, p. 41).

Décadas atrás, por exemplo, Capra (1982, p. 5), enfaticamente, já nos alertava para o fato de que esta “é uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida – a saúde e o modo de vida, a qualidade do meio ambiente – e das relações sociais, da economia, tecnologia e política”. Morin (2005), por sua vez, a identifica hoje na deterioração do tecido social e no desaparecimento de um superego cívico. Conclui este autor que:

Os fundamentos da ética estão em crise no mundo ocidental. Deus está ausente. A Lei foi dessacralizada. O Superego social já não se impõe incondicionalmente e, em alguns casos, também está ausente. O sentido da responsabilidade encolheu; o sentido da solidariedade enfraqueceu-se. A crise dos fundamentos da ética situa-se numa crise geral dos fundamentos da certeza: crise dos fundamentos do conhecimento filosófico, crise dos fundamentos do conhecimento científico (MORIN, 2005, p. 27).

No tocante ao ponto de meu interesse, não é difícil notar que essas crises têm penetrado, em constante e frenético movimento, no interior dos processos de formação de professores de filosofia, haja vista serem estes, como quaisquer outros de cunho educacional, processos bastante permeáveis às liquefações axiológicas de nosso tempo. No entanto, são estas crises, por novos que sejam seus efeitos dissolventes de tudo quanto for eticamente sólido, apenas máscaras acomodáticas que encobrem o louco semblante de uma civilização que celebra, no desespero, a dessacralização da vida e a morte de Deus, e revela a silhueta do velho metamorfo da modernidade: o materialismo triunfante. O diagnóstico de

Morin (2007), considerado especificamente a partir do fragmento acima, enseja a confirmação disso, e bem poderia ser uma descrição de como a filosofia, arrastada pelas torrentes teóricas da antimetafísica moderna, submergiu no mar de incertezas do contemporâneo, situando seu centro de interesse em opulentas investigações sobre as multiexpressivas faces do impermanente, porém, sem um correspondente e indispensável amor à verdade.

Aliás, a desconstrução da verdade e do valor da verdade, principalmente como horizonte de compreensão da realidade, foi justamente o que penetrou naqueles processos de formação, e o fez via “nihilismo faustiano⁷”, o fetiche intelectual mais distintivo da contemporaneidade, rota de fuga dos foros do saber perene e de todo mistério transcendente. Em suma, hoje não existe mais a verdade, e se bem existir, ela está fora do homem, em algum lugar, porém, pobre, oca, aos pedaços.

E mais: esta profanação da verdade é justamente o que tem levado a filosofia a perder sua unidade de sentido, tendendo assim a se dispersar em mil e um cacos materialistas, a se dividir em um sem número de perspectivas existencialistas, pragmatistas, pós-estruturalistas, desconstrucionistas, etc que, cortejando-se, isolando-se ou destruindo-se mutuamente, se definem umas pelas outras no quebradiço e caleidoscópico filosofismo profissional acadêmico. É a afirmação, como nunca ninguém viu, do poder do discurso sobre a realidade objetiva, ou do filosofar sofisticado sobre o socrático, sintoma inequívoco, ao meu ver, de que as sombras do separativismo político e do desencantamento cultural já se apossaram do meio acadêmico de nossa época, condicionando-lhe visões de mundo, tanto mais atuais, quanto mais despreparadas e vazias se tornam, para oferecer aos aspirantes à Filosofia o que efetivamente eles precisam: as chaves do “conhece-te a ti mesmo”.

E assim, em nosso tempo, despedaçada pela vacuidade do profano, dissolvida na pobreza da quantidade e arrastada pela avalanche das ideologias políticas do contemporâneo, ela não poderia ter esvaziado de seu “bojo mágico” outra coisa senão aquilo que sempre lhe inspirou atemporalidade, espanto e magia: o nexos ontológico “homem-Deus”. Eis porque no filosofar contemporâneo “Deus está morto”, e junto com Ele, os absolutos da vida, as

⁷ Considerado por Jung o símbolo maior da cultura moderna, Fausto, principal personagem de Goethe, corporifica à pulsão, tão característica do homem moderno, de tomar posse do mundo e da natureza, arrebatando o status de criador das mãos de uma divindade onipotente e tornando-se ele próprio senhor absoluto do universo em que vive, mesmo que isso implique renunciar à ideia de imortalidade. Como obra do romantismo alemão, Fausto relata a tragédia do Dr Fausto, homem das ciências que, desiludido com o conhecimento de seu tempo, faz um pacto com o demônio Mefistófeles que o enche com a energia satânica insufladora da paixão pela realidade material do mundo

instâncias de onde provêm os fundamentos últimos da existência, bem como as hostes ascensionais da verdade, sem as quais nenhuma sabedoria pode ser requerida pelo homem e, conseqüentemente, nenhum Ideal pode ser por este aspirado, buscado, perseguido.

Se tomarmos aqui, alusivamente, dois dos mais dicotômicos personagens da literatura universal para ilustrar as conseqüências disso nos atuais processos de formação de professores de filosofia, veremos sem muito esforço que, dentre aqueles que se formam como “filósofos”, há poucos Quixotes, poucos espíritos devotados a olhar para cima, a sonhar o longe, a lutar contra moinhos de vento, mas muitos Faustos, espíritos fatigados, envoltos em seus compêndios e alfarrábios, a discursar grandiloquentemente, mas sobre personagens e realidades congenitamente anões, negando as excelsitudes, os ideais, as bem-aventuranças e tudo mais que torna o homem maior que ele mesmo. E se, entre eles, prevalecem mais os desta estirpe que daquela, é justamente porque nunca lhes restou outra coisa em suas formações senão a tendência de negar o que nada puderam conhecer do espírito humano, qual seja, sua divindade, porque nenhuma pequena parcela desse elã divino se pode conhecer através de reducionismos, visões materialistas e desalmadas facúndias.

Em outras palavras, na modernidade dos tempos, a formação filosófica acadêmica tem sido feita assim, faustianamente, regida pela batuta do antitradicional e do antimetafísico. É que, tão logo anunciadas as exéquias de Deus nos alvares do contemporâneo, não tardou a precipitar a alma no abismo do dessentido e da impermanência, instituindo com isso o corriqueiro desdém a tudo quanto é eterno, perdurável e não deveniente do homem. Desde então, tal como ocorreu com ela, tornou-se comum, entre os que nela se formam, trocar as suas próprias asas, as quais poderiam conduzi-los ao mais sublime de si mesmos, assegurando sua verdade de ser, pelo criticismo de pensamento que, não raramente os situa em condições de valerem-se indiscriminadamente do oportunismo político e do prestígio intelectual, ambos instituídos veladamente como “os mais altos valores do meio acadêmico de nossa época”.

Resulta deste “acordo mefistofélico⁸”, porém, que muitos desses professores tenham perdido, segundo Brockelman (2001), a habilidade de verem suas próprias vidas como parte de uma ordem e uma realidade mais amplas, para além de seus pequenos interesses e sonhos diários. E formando-se assim, faustianamente, vendo suas próprias vidas como se não houvesse mistérios, como algo eminentemente encerrado no tempo e na matéria, o que mais

⁸ Em Fausto, de Goethe, Mefistófelis é o demônio a quem o personagem Dr. Fausto vende sua própria alma em troca de realizações existenciais ordinárias e imediatas.

poderia acometer tais professores senão a perda de seu senso de pertencimento a um drama e a uma realidade mais vastos e significativos? O que mais poderia lhes restar senão filosofar sobre o menor do homem, à revelia do formidável e espantoso entrelaçamento espiritual que este tem com o Todo? E, enfim, sem nenhum arquétipo ou ideal de homem para iluminá-los, sequer um homem historicamente referencial que ampliasse o próprio sentido da vida humana, mas apenas com homens concretos para lhes inspirar – homens sociais, históricos, datados, por vezes, prosaicas bazófias humanas que não se movem a saber a razão por que vivem, por que sofrem, por que morrem... –, como poderiam eles, em sua maioria, pertencer à linhagem quixotesca? Como, simbolicamente, não pertencerem senão à genealogia dos personagens não rutilantes da história? Como não descenderem destas figuras quase sempre coadjuvantes, dóceis, acomodáticas a todas as pequenas oportunidades, a todos os pequenos desejos, a todas as pequenas conquistas, via horizontes já conhecidos, quase sempre próximos, possíveis, alcançáveis, e atalhos, caminhos abreviadores de percurso, curtos e anódinos. Razões para tão pouco? É Nietzsche quem dá a sentença:

Precisamente a autodiminuição do homem, sua vontade de diminuir-se, não se acha em avanço irresistível desde Copérnico? [...] parece ter caído em um plano inclinado – ele rola, cada vez mais veloz, para longe do centro - para onde? rumo ao nada? Ao lancinante sentimento do seu nada? (NIETZSCHE, [S.I.]⁹, p. 119)

Perguntemos então, poética e definitivamente, parafraseando a grande poetisa argentina Délia Stainberg Guzmán (2009): onde está a formação filosófica vertical?... a que, subindo da terra ao céu, marca as rotas da alma? Porque se o homem fosse apenas transeunte da Terra, bastar-lhe-ia deslizar como uma serpente sobre os caminhos terrestres. Mas o homem caminha de pé: um extremo do seu corpo apoia-se na terra e daí ergue-se vertical, apontando para cima. Não terá, então, um caminho próprio de formação, essa alma que, sendo vertical, conseguiu verticalizar o corpo?

1.2 Das Inspirações Fundantes

⁹ A sigla “S.I.”, colocada entre parênteses, foi estipulada pela ABNT para dar conta das obras disponíveis na internet que não apresentam nem local nem ano de publicação, como no caso de algumas obras filosóficas que utilizei neste trabalho, disponíveis no site governamental “www.dominiopublico.gov.br”.

Se, como afirma o historiador das Religiões Mircea Eliade (1992, p. 18), “o mundo profano na sua totalidade, ou o Cosmos totalmente dessacralizado, é uma descoberta recente na história do espírito humano”, é provável que tamanha degenerescência decorra da dessacralização do homem pelo próprio homem moderno. Pois foi este quem fechou os olhos para a ordem cósmica que a ele envolve, lhe sobrepõe e da qual provém, e, sem se sentir em espírito partícipe dela e de seu terrífico e vasto drama, constituiu-se apenas como matéria em desenvolvimento, precisamente apenas como o zênite da evolução animal.

Eis que surge, e sem precedentes epocais, o homem profano, acósmico, não devocional; que não reconhece a natural superioridade do espírito sobre a matéria; para quem aquele é uma mera resultância da complexização desta; e que, embora justifique a si mesmo considerando-se ente de infinitos modos de ser, vive alquebrado por dentro e na eterna angústia de não saber quem é, de onde veio nem para onde vai, e de não conseguir encontrar seu verdadeiro "Eu". Amiúde, e sem rodeios, refiro-me ao tipo humano “adolescente de espírito” que abunda em nossa época, isto é, a nós mesmos ou a este aí que nos rodeia, sem senso cosmológico de orientação existencial e, por isso mesmo, aferrado a todo tipo de medo, paixão, mudança, e percepção estreita e dicotômica que o afasta e mantém longe da responsabilidade do crescimento espiritual.

Então, não haveremos de nos surpreender face a esse desconcerto ontocultural de escala civilizatória, do qual nossa flagrante crise de valores constitui mero reflexo, que a formação filosófica contemporânea, rica em intelectualismo, e pobre em espiritualidade, tenda, por isso, a formar professores arrastando-os para o exterior, para os jogos do intelecto, e para as dessacralizações e os contingenciamentos axiológicos que urdem em consenso a fim de situar a vida humana nos terrenos movediços do oco, do ilusório e do impermanente. E tudo isso em detrimento da preocupação com a harmonia e a tranquilidade da alma, alicerces que devem se constituir como sua base interior para virem a ser verdadeiros educadores-filósofos. Que é hoje o homem para a maioria dos professores de filosofia em meio a tantos colapsos?

Prova disso é que, concomitantemente ao fato do sagrado em nosso tempo ter deixado de evidenciar a existência das verdades absolutas e a presença de uma superior identidade no homem, ou deixado de ser a experiência inequívoca de que neste habita uma magnífica “sophia perennis”, sucessivas legiões de desatinados saem dos círculos acadêmicos a reverberarem a inexistência da verdade, a ausência de sentido na vida e a caoticidade como “fundamentos” do existir humano, no instante mesmo em que continuam a se formar as

hordas dos ansiosos, insatisfeitos e intranquilos de alma, com seus dedos em riste e suas palavras de ordem, a culparem o mundo pelas quimeras nascidas de suas próprias dessacralizações e seus desconcertos interiores, denunciando inconscientemente a desorientação dos valores éticos do momento histórico atual, e a inconsistência moral de suas próprias formações filosóficas.

Com efeito, neste mundo desencantado pela morte de Deus, pela ocasião de séculos de iconoclastia simbólica e da supervalorização do pensamento materialista, parece não restar muito aos aspirantes a filosofia senão dominarem os termos e os problemas filosóficos mais em voga no momento, formando-se como intelectuais à outrance, como ativistas políticos, ou como especialistas em alguma mundividência filosófica de época, e menosprezando, como consequência disso, a sabedoria viva e inesgotável de que tratam os mitos e os grandes mestres espirituais da humanidade. Aliás, é justamente o menosprezo por tal sabedoria – que, digo-o enfaticamente, não se trata de qualquer conhecimento, mas do que esteia todas as diferentes cosmovisões espirituais de época – a causa principal de quase não mais encontrarmos professores de filosofia que se queiram capazes de olhar meta-historicamente para a ética e para o próprio tempo em que vivem, e de fazerem-se a si mesmos, em meio a uma temporalidade datada e situada, educadores atemporais.

Então, é nesses tempos sombrios, densamente materialistas como os de agora, em que cacos de ética e espiritualidade se espriam por toda parte, que se torna fundamentalmente necessário inspirar a formação de professores por meio de modelos humanos. Neste sentido, no que me compete observar por eu ser da área, urge cada vez mais a necessidade de se formar um novo professor de filosofia, ou um verdadeiro “filósofo”, no sentido platônico do termo, isto é, um educador que se queira a si mesmo cada vez mais indiviso e melhor, mais digno e aperfeiçoado, mais nobre e virtuoso, para se fazer verdadeiro farol em nossos dias moralmente tão escuros.

É por isso que, implicado com tais idealidades, e indignado com a domesticidade faustiana daqueles que professam o saber filosófico na atualidade, tomei, para realização deste trabalho, o mito do sábio centauro da mitologia grega, ao meu ver, um dos portadores da chave gnosiológica que abre o caminho da autoconquista espiritual, propondo-o como um interessante mote simbólico para os professores de filosofia em formação, observarem o homem sob o ponto de vista, não do próprio homem, mas do cosmos de dentro do qual ele é convocado a se perceber como o exato momento ou lugar ontológico em que Deus “abre os seus próprios olhos”, e a partir daí repense que possibilidades conscienciais de autoformação

lhes são facultadas pela vida, para que possam, como Quíron, se verticalizar e galgar o melhor de si mesmos.

É que, perscrutando o que há de universal nas velhas culturas sem incorrer em nostalgias ou anacronismos, podemos encontrar atemporalidades que estão sempre prontas para fazer emergir em qualquer tempo certas chaves espirituais, capazes de abrir por dentro aqueles que lidam com a filosofia, ajudando-os a se autoconhecerem e a conquistar a sagrada condição de educadores-filósofos. Daí porque extraí o referido mito do legado cultural de onde proveio o próprio saber filosófico, precisamente da Paideia grega, a fina flor da educação ocidental, a quem devemos o advento da mais ativa e bela formação humana a se desenvolver no Ocidente. Essa educação, presidida pelas Musas e orientada para a construção do homem como obra de arte, ou como a descreve Aristófanés (1987) em *As Nuvens*, destinada a formar a excelência moral humana, tinha por objetivo enlaçar as potencialidades espirituais e materiais do indivíduo em um caráter bem formado. Dessa maneira, tornar-se-ia um homem nobre, honrado e forte, e um ator social digno e cumpridor das responsabilidades políticas que lhe competiam.

Especificamente, tomei o mito de Quíron nesta tese como uma simbólica contra todo pensamento unidimensional sobre o homem, contra toda positividade filosófica que estreite sua ontologia, e empobreça o sentido de sua existência, pois, como veremos adiante, o símbolo é um caminho pedagógico capaz de encurtar a distância entre o conhecido e os mistérios humanos, entre o dizível e o indizível do homem; é aquilo que torna acessível o inacessível, aquilo que dá hospedagem à transcendência (WITTGENSTEIN apud MARDONES, 2006, p. 15).

Tomei-o também como uma inspiração na forma mesma do pensamento bergsoniano, como é apreendida por Macedo (2017): como um movimento de dilatação generativa do ato de refletir. E, como me ensinou esse autor, como uma “traição¹⁰”, uma forma de “rasurar¹¹” as concepções materialistas de homem que prevalecem na educação filosófica contemporânea, as quais, ao meu ver, não são nem nunca foram boas para pensá-lo, fazendo-me desjogar o jogo das expectativas filosóficas da Academia, que é o lugar onde hoje estas concepções mais encontram terreno para se reproduzir e se perpetuar. Isto é,

¹⁰ Segundo Macedo (2016), na esteira do pensamento de Ardoino (1998), trair é desjogar o jogo da expectativa do outro. É dismantelar com contra-estratégias essas expectativas e seus excessos.

¹¹ Segundo Macedo (2017, p.2), “Stanley Hall (2000) nos fala da necessidade de colocarmos “sob rasura” concepções “que não são boas para pensar”..

fazendo-me “ator-autor” de uma “negatividade¹²”, como também sugeriu Macedo, no caso aqui, em relação aos reducionismos filosóficos que descosmologizam o sentido da existência humana, concebendo o homem sem levar em conta a abertura de sua consciência aos patamares superiores da realidade, e aos planos mais sutis de sua complexa constituição ontológica.

Na verdade, a escolha de um mito trágico-heróico como superfície para plantear aqui minhas ideias sobre o homem, as quais, como esboçarei, nada têm de inéditas ou originais, não foi senão uma estratégia filosófica para expandir o espectro ético da noção de Formação em Ato que apreendi de Macedo, estratégia que abarcou também o seu constructo Atos de Currículo¹³, situando-os dentro do campo fenomenológico da “consciência da consciência” e do “conhece-te a ti mesmo”, onde o ato é um ver, um observar, um perceber, em suma, um captar que independe de contextos, ainda que esteja inserido em um: o da “guerra da luz contra as sombras”, ou do espírito contra seus reflexos imperfeitos.

Ou seja, tratei aqui atos formativos como atos de autoconsciência, pois operei tais noções macedianas dentro dos domínios metafísicos da interioridade humana, onde quem produz o ato formativo é a consciência, e não propriamente o ator social na sua concretude, projetando-o sobre si mesma a fim de alcançar a “eudade” onde ela explende e se forma pelo conhecimento de sua excelsitude, de sua superabundância ontológica, ou de sua infusa participação no ser. E o fiz nomeando espiritualmente tal estratégia de “segunda navegação filosófica”, já que a navegação desse autor, “primeira”, por assim dizer, refere-se ao ato na sua materialidade, e no seu acontecer historicamente contextualizado.

Nada disso, porém, seria possível, não fosse o poder filosófico do mito do herói. Porque apenas esse tipo de mito, pela faculdade que tem de abrigar em seu bojo arquetípico tantos quantos forem os dramas, com suas tramas e provações interiores, pelos quais o homem tem de passar para crescer espiritualmente, está sempre a postos para chamar nossa atenção para a necessidade de percorrermos o caminho formativo que se encontra mais ao fundo de nossas “itinerâncias pessoais”, do qual estas dependem para se tornarem para nós experiências altaneiras e vivificantes: o caminho da realização do ser. E isso deve interessar obrigatoriamente aos professores de filosofia, pelo menos aos que queiram e possam olhar

¹² Para Ardoino (1999, apud. MACEDO, 2007), “a negatividade é condição para a autorização, experiência autonomista e generativa na qual nos tornamos coautores de nós mesmos. Experiência na qual, invariavelmente, nos constituímos através das micropolíticas das nossas traições”.

¹³ Como veremos, os atos de currículo envolvem propósitos e práticas referentes a compreender e afetar as realidades habitadas pelos que participam do processo curricular.

para cima, pois somente nessa via repousam os mistérios capazes de causar o espanto e a perplexidade de que tanto eles precisam para buscar, com todo o vigor de sua alma, o autoconhecimento e o crescimento espiritual.

Noutras palavras, optei pelo mito de Quíron porque acredito que sua narrativa, centrada na atitude heroica da autotranscendência e da autossuperação, convoca os professores de filosofia a recompreenderem que o sentido último da formação filosófica é espiritual, pois seu mitologema evidentemente traz a jornada monomítica¹⁴ descrita por Campbell e Jung em seus estudos mitográficos, a trilha de consciência, que todo homem, cômico de que sua existência é uma aventura de autoconstrução, percorre para conquistar a si mesmo como uma Gestalt sempre aberta a novos desafios, criações e aprendizagens.

Logo, esse mito aponta como nenhum outro para aquele caminho de que outrora nos falou aquela poetisa, isto é, para o caminho vertical da formação filosófica, que é, ao meu ver, mais que indispensável, é urgente. Porque, digam o que disserem os defensores do “laissez faire” moral pós-modernista, o mundo de hoje é evidentemente dos homens horizontais, isto é, dos fracos de espírito, dos indolentes de coração, o que inclui muitos professores de filosofia, sujeitos que, por desdenharem do lema délfico¹⁵, filosofam ao modo sofismático, sobretudo quando fazem uso das formas psicológicas manipulativas do discurso vitimizatório e das imposturas intelectuais desconstrucionistas que tentam estéril e histericamente matar o que não morre numa cultura, porque jamais morrerá no homem: a verdade. Porque, ao contrário do que pensam os Faustos da filosofia, é o conhecimento da verdade que funda sua dignidade cósmica, posto que, dentre todos os entes, apenas ele a isso pode aceder, o que naturalmente lhe vocaciona a buscar a Deus e a se tornar responsável por absolutamente tudo que acontece em sua vida.

Aliás, foi precisamente por muito refletir sobre isso, que propus nesta tese, acima de tudo, que todo aspirante a educador-filósofo alcance um posto de observação da vida que esteja acima das éticas relativistas e das perspectivas antropológicas materialistas que lhe rodeiam, umas e outras urdidadas academicamente para convencê-los de que os verdadeiros homens de valor não são aqueles adultos de espírito, que conseguiram a melhor e mais cabal expressão de si mesmos de que nos falam as antigas sabedorias, mas os intelectuais desconstrucionistas e ateístas que abundam em nossa época.

¹⁴ O monomito (às vezes chamado de "Jornada do Herói") é um conceito de jornada cíclica presente em mitos, de acordo com o antropólogo Joseph Campbell.

¹⁵ “Conhece-te a Ti Mesmo”.

Para tanto, discorri propositivamente em suas linhas, não para fins pragmáticos, mas meditativos, sobre o ato formativo que dá nascimento ao verdadeiro filósofo, bem como sobre os atos formativos por meio dos quais este ato fundamental sobrevém na consciência dos professores de filosofia – aqui denominados Atos Curriculares de Quíron – como um encontro da própria consciência deles com o seu centro, a sua parte superior, a sua real identidade.

E o fiz heurísticamente, partindo da noção de formação legada por Platão – meu “farol filosófico”, porquanto o “filósofo da Paideia” e maior dentre todos os educadores atemporais da história – e das ideias de pensadores “essencialistas”, que vão de Píndaro a Jung, de Marco Aurélio a Campbell, e que se prestam aqui a complementar a filosofia do grande mestre da Academia. Mas, principalmente, partindo da pré-compreensão de que a desanimalização da consciência, aqui chamada de desegoização, é a mais digna e relevante intenção a que se deve destinar uma formação filosófica. Afinal, foi no âmbito dessa experiência alquímica interior que Sócrates fundou a própria filosofia, não sendo esta, para ele, uma experiência qualquer, mas a que mais justificou sua busca por este sagrado conhecimento, pois sem ela não há como nascer o filósofo de verdade.

Baseei-me, por isso, no método hermenêutico, já que este, como esclarece Gadamer (1999), se apóia no fato de que compreender é estar a um só tempo em relação pré-compreensiva com a “coisa” investigada e com a tradição de onde esta mesma “coisa” possa falar. No caso aqui, estar em relação com a formação cujo sentido é formar o homem como obra de arte, ou “o homem tornado verdadeiramente homem” (MARROU, 1974, p. 172), mas sem perder de vista que tal sentido formativo também pertence à minha perspectiva filosófica, que é, por intuição intelectual, genuinamente, à maneira clássica. Ou seja, tal sentido é por mim igualmente visto como ideal, pois pessoalmente, ainda hoje, busco na filosofia o mesmo que um discípulo de Platão à sua época buscava e era orientado a perceber em si mesmo: o Eu Superior e a verdade de ser.

É por isso que a hermenêutica gadameriana é aqui, vale ressaltar, mais que uma técnica ou um método de interpretação. É um olhar filosófico que apreende a perspectiva do que está sendo investigado do passado a partir de seu próprio contexto, porém, em relação com o que isso já significa em termos do momento presente para mim, o observador heurístico, o que explica o fato de, vez por outra, eu ter recorrido a certas simbologias geométricas, a outros mitos gregos e a algumas a asserções simbólicas de culturas que não a grega, para conferir universalidade a minha pré-compreensão, num esforço de aproximação

do que a compreensão formativa da Paideia filosófica também nos oferece de essencial e universal. Porque, digo-o expressamente, minha perspectiva filosófica é, no fundo, dogmática, não no sentido de fé, mas que parte de um dogma de razão, baseando-se, acima de tudo, no consenso universal dos sábios sobre o tema em questão, e na autoridade da sabedoria atemporal de que se servem os mitos e as antigas tradições filosóficas, quando tratam do sentido último de ser do homem: ser autenticamente homem.

É por isso que me apoiei também numa premissa do método da convergência simbólica elaborado por Bergson e desenvolvido por Durand: a de que as invariantes hermenêuticas de um dado fenômeno humano são melhor apreendidas quando se reúnem, na sua vastíssima heterogeneidade, muitas imagens culturais relacionados a elas. É que, segundo esses autores, quanto mais imagens reunidas, mais direções para a consciência acessar, através da intuição, o seu conhecimento.

Ademais, foi partindo daquela hermenêutica primeira, a gadameriana, especificamente do poder que ela me deu para descobrir novos sentidos naquilo que investigo, que conferi aos constructos e noções macedianos os sentidos metafísicos de que eles mesmos estão prenhes e, por assim dizer, me esperavam ansiosos para serem revelados, sentidos que autenticam como autorais as minhas “epifanias curriculantes e formativas” – como diria o próprio Macedo –, no caso aqui, os esgarçamentos, as traições e as transfigurações que fiz de algumas ideias “próprias apropriadas” desse autor.

Assim, pela natureza do temário em questão, a pesquisa exploratória de tipo bibliográfico foi o instrumental metodológico mais adequado para a realização deste estudo, ainda que, em paralelo, tenha também me baseado na etnometodologia, perspectiva metodológica compreensiva que conheci através do contato que tive com a obra de Macedo.

Utilizei-me também da abordagem qualitativa, visto que os fenômenos humanos aqui focalizados foram por mim apreendidos, descritos ou analisados a partir de uma fundamentação filosófica em que não há separação entre sujeito e objeto, nem imparcialidade quanto aos valores assumidos e às finalidades éticas a serem alcançadas.

Quanto à estilística textual, adotei o gênero ensaístico, mais especificamente de tipo discursivo informal, inscrito na linha montaigneana da “espontaneidade com rigor”, pois o ensaio é, segundo Paviani (2009), uma modalidade textual didática que expõe ideias, críticas e reflexões éticas e filosóficas acerca de certo tema. É menos formal e mais flexível que o tratado. Consiste também na defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um tema

(humanístico, filosófico, político, social, cultural, moral, comportamental, religioso, etc), sendo o único gênero que permite ao leitor transitar do filosófico para o artístico, do filosófico para o científico – ou vice-versa – sem diminuir o rigor da exposição. Enfim, nas palavras de Adorno (1994, p.187), as quais bem justificam a escolha por esta modalidade literária, “a lei formal do ensaio é a heresia, pois, na infração à ortodoxia do pensamento, torna-se visível na coisa aquilo que, por sua secreta finalidade objetiva, a ortodoxia busca manter invisível”.

Por tudo isso, meus argumentos foram dispostos em três diferentes momentos textuais. É que os dividi da seguinte maneira: no primeiro momento tratei criticamente do esvaziamento da verdade na formação de professores de filosofia; apresentei as noções de sagrado, de ética e de Deus, que nortearam as minhas reflexões filosóficas; e esbocei qual formação, para além de toda formação subjetiva, diz respeito ao homem em nível ontológico. No segundo, apresentei a arcana antropogênese da Paideia filosófica grega – onde o homem aparece, não como um mero animal, mas como um Microcosmo – e, logo em seguida, um olhar panorâmico sobre a Paideia como uma educação voltada à doma do homem por si mesmo. E no terceiro, finalmente, tratei dos Atos Curriculares de Quíron propriamente ditos, mas não sem primeiro transfigurar metafisicamente, em diferentes capítulos, os constructos macedianos “formação em ato” e “atos de currículo”, postos a fazer neste trabalho – parafraseando o grande mestre da Academia – uma “segunda navegação filosófica”.

Assim, resumidamente, foi dispendo do espírito metafísico da filosofia, de alguns mitos e símbolos do acervo de imagens das antigas culturas, e dos voos hermenêuticos de minha própria imaginação – todos postos a orbitar metodologicamente o cerne desta tese, o “conhece-te a ti mesmo” –, que as críticas, as proposições e as reflexões sobre formação aqui compaginadas foram entretecidas filosoficamente de modo a oferecer, não a quaisquer professores de filosofia, mas aos “aspirantes ao saber de Minerva¹⁶”, o altíssimo e encantado horizonte da formação filosófica ideal.

Mas nada impede que professores de outras áreas, com suas inevitáveis perspectivas especializadas e experiências de foro íntimo, dele se apropriem para meditar sobre a densidade ética de suas próprias autoformações, permitindo-se a si próprios, quiçá, elevarem-se imaginativamente até os píncaros morais do fazer-se verdadeiro educador-filósofo.

¹⁶Minerva é o nome latino de Atena, a “Deusa da Sabedoria” na mitologia grega.

Aliás, disso talvez precisem efetivamente alguns desses professores, pois a eles também se impõe a necessidade de reemplumar filosoficamente suas asas de educador, pelo bater inútil de seus cotos que hoje já não possuem o prodígio do voo, como diria Platão.

Por fim, peço de antemão a indulgência destes e daqueles por algum eventual erro, imperfeição ou descontinuidade em que possivelmente tropeçarão nas suas leituras, ao se lançarem na aventura de ler este trabalho. Que ele tem deficiências, o autor sempre soube perfeitamente. Mas a única coisa que deseja e solicita a seu favor, é que o ponham ao nível, pelo menos, das hipóteses plausíveis de formação filosófica tão comumente aceitas pela Academia, uma vez que seus argumentos, embora a muitos se afigurem idealistas, e por vezes ingênuos e românticos, procuraram manter uma íntima relação com os ensinamentos dos grandes mestres de sabedoria e com os fatos universais da interioridade humana.

I PARTE

“A Filosofia é uma música que se faz com a Alma, é a dimensão insonora do invisível, salta as barreiras artificiais e une naturalmente a todos, sem exceção”.

Jorge Angel Livraga, filósofo argentino,
em A Filosofia à Maneira Clássica

2. O Esvaziamento da Verdade na Formação de Professores de Filosofia: Um Olhar Filosófico à Maneira Clássica

“Quero fugir ao mistério
Para onde fugirei?
Ele é a vida e a morte
Ó Dor, aonde me irei?”

Fernando Pessoa, poeta português,
em Primeiro Fausto

“Canto de Sereia...
Homem, malfadado navegante enfeitiçado!
Ancorado na ilusão, delira ante o falso diamante
Longe fica da riqueza do Secreto
e de Netuno equidistante”

Ronald Carvalho, autor desta tese,
em Soneto à Netuno

É fato amplamente conhecido que a maioria dos aspirantes a filósofo na contemporaneidade, arrebatada intelectualmente pelo magnetismo do pensamento de Marx, Nietzsche, Heidegger, Sartre, Gramsci, Foucault, Deleuze, Derrida e por outros de mesma verve materialista-existencialista-nominalista-desconstrucionista, tende a olhar para a realidade à luz de uma verdade objetiva: a de que simplesmente não existe verdade objetiva, mas verdades subjetivas; nem algo fora do tempo, da duração, do devir, do acidental, do não ser; tampouco alguma coisa criada com um sentido próprio de ser, e manifestada por determinação de Deus ou de uma ideia, um princípio, um arquétipo, uma essência, um logoi. Escreveu Nietzsche ([S. I.]b, p. 53), o “redentor do acaso” na modernidade: “esta é a mais antiga nobreza do mundo, eu a devolvo a todas as coisas, eu as libertei da servidão da finalidade”.

Não discutirei a coerência desta sentença nietzscheana que tanto influenciou a produção filosófica contemporânea, tampouco postularei aqui longas análises a respeito desse desconcertante paradoxo, aparentemente furtivo à consciência dos intelectuais que se prestam a reduzir toda a realidade à escala de suas próprias impressões subjetivas, pois fazê-lo me exigiria dispor de uma argumentação que ultrapassaria os objetivos desta escrita. Todavia, menciono-o aqui, a título de introdução, e servindo-me da apoditicidade fornecida pela argumentação lógica, apenas para enunciar de pronto que é sempre muito difícil, mesmo para os grandes pensadores, escapar do círculo de autoevidência da verdade, de seu

“circuito tautológico”, provavelmente porque a consciência humana, a única “coisa” atravessada pela dilemática questão de “se existe ou não a verdade”, é uma verdade objetiva e autoevidente. Aliás, essa é a razão pela qual sempre que alguém nega a existência da verdade – como se estivesse falando que não há fala, ou escrevendo que não há escrita –, acaba por afirmá-la em algum grau, contradizendo-se pelo seu próprio veredito.

É que o ato de uma negação só acontece na consciência quando aparece nela como alguma coisa existente e indubitavelmente verdadeira, como um fenômeno real cuja objetividade se encontra expressa no sentido de ser da própria negação, qual seja, negar a existência de alguma coisa pela afirmação de sua não existência. Numa sentença elementar: toda asserção negativa é uma asserção positiva dissimulada.¹⁷

Nem mesmo aqueles aclamados pensamentos filosóficos contemporâneos, hábeis demolidores da estrutura mesma da realidade e de tantas quantas forem suas verdades universais, e destros na erística da desconstrução das tradicionais noções de substância, essência e conceito, escapam dessa desconcertante autocontradição lógica. Quando, por exemplo, reduzem peremptoriamente alguma ideia a um relativismo qualquer, seja psicológico, histórico ou social, postulando que não existe verdade absoluta, mas apenas verdades relativas; ou que a verdade é um mero ponto de vista, como diz Nietzsche; ou ainda, que ela não passa de um recurso convencional da linguagem humana, sendo apenas uma criação da subjetividade, não tendo outro valor senão aquele que lhe é conferido historicamente, o que fazem senão postular uma verdade absoluta? Que fazem senão pô-la para fora pela porta da frente sem notar que ela já se encontra entrando de novo pela porta dos fundos? Aliás, é possível mesmo eliminar da consciência humana um dos termos da dualidade antinômica “absoluto-relativo”, sendo um e outras realidades complementares, ou o “cara e coroa” do belíssimo e intrigante “jogo de opostos” da vida humana?

E não que eu esteja considerando aqui a possibilidade de conhecer a verdade final de todas as coisas ou de toda a realidade, se é que a vida nos faculta conhecer isso num mundo que nos chega por representação e verossimilhança, como afirma Platão. O que estou considerando é que o homem é evidentemente um ente dotado de objetividade, atributo de consciência sem o qual ele não seria homem, isto é, o *Ethos-Antropos-Daemon* referido pelos gregos, ou o único ente chamado a viver conscientemente a Lei Moral, que é o estado

¹⁷ Isso nos dá uma ideia aproximada de nossas limitações mentais e dos falsos obstáculos que a mente coloca no caminho do conhecimento.

de consciência que aproxima todo vivente de Deus. Eis porque, independentemente da relativização da verdade até o seu total esvaziamento, ou até a indistinção com a imagem subjetiva que temos dela, ela sempre se imporá à nossa vida como algo formativo, quer nos chamando a conciliar um fato com um pensamento quando estamos conscientes; quer nos arrastando pela dor a perceber algo que não queremos ver quando estamos inconscientes; quer nos convidando à inteligência, à filosofia e ao crescimento espiritual quando a amamos com todo o nosso coração.

Ou seja, não podemos escapar de suas determinâncias formativas porque ela é, em seu sentido lógico formal, a validade de uma conclusão à qual se chega seguindo as regras de inferência a partir de postulados e axiomas aceitos preliminarmente, visto que "a proposição que se refere às coisas como elas são, é verdadeira, vindo a ser falsa quando indica o que elas não são" (Platão, [S.I.]a, p. 121), e "Negar aquilo que é, e afirmar aquilo que não é, é falso, enquanto afirmar o que é e negar o que não é, é a verdade" (Aristóteles, 2001, p. 186). Mas, fundamentalmente, porque ela é uma lei da vida, como disse Pitágoras; é a expressão fidedigna no homem do Bem, como disse Platão; é a "digital de Deus" no mundo, como disse Nicolau de Cusa; ou, mais simplesmente, é a "luz da alma humana", como disse Mestre Eckhart. É também o *metron aristoi*¹⁸ do Real, como concebiam os gregos; a *universale misura*¹⁹ presente em toda a natureza, como diziam os latinos; e os degraus da "escada de Jacó", como simbolizaram belamente os hebreus.

E sendo algo assim, tão digno, fundamental e necessário ao homem, ela será sempre muito mais do que é hoje: um *flactus vocis*, uma simples emissão fonética, um mero som que, saindo desencantadamente da boca de um professor de filosofia, nada inspira a ser buscado em profundidade, nada provoca por ser superado existencialmente, e nada comunica acerca daquilo que o universo inteiro e o homem são transbordantes: mistérios a se desvelar.

Na verdade, e bem lá no fundo, tudo isso reflete o principal padecimento intelectual de que sofrem os professores de filosofia na atualidade, e que, muito precisamente foi diagnosticado por Platão, milênios atrás, pela boca de Sócrates. No Sofista, diz o mestre do grande mestre da Academia: "Parece-me ver uma espécie de ignorância que é a maior e a mais perigosa... a que não sabe e crê saber" (PLATÃO, 2003, p. 15).

¹⁸ "medida áurea", "medida nobre".

¹⁹ "medida universal".

Do contrário, o que mais explicaria o fato de a maioria dos professores dessa área desprestigiarem tanto a verdade, ao ponto, inclusive, de se dizerem tão orgulhosamente ateístas? Por que, mesmo quando são apenas neófitos na longuíssima e áspera senda filosófica, e antes mesmo de lograr uma razoável compreensão da realidade, muitos deles colocam-se de pronto a tudo relativizar, a tudo desconstruir até negar como um fariseu as realidades superiores das quais nada conhecem? Ademais, por que apontam tanto para fora? Por que acusam tanto o mundo se o mundo é apenas a “galeria dos espelhos”? Por acaso não sabem do elementar? Que o mundo aponta de volta para quem lhe aponta em desconcerto e sem se indagar se todo ele não seria resultado de suas próprias faltas interiores?

É fato incontestável, por exemplo, que muitos professores de filosofia em formação, tão logo comecem a filosofar com base nos currículos e nos processos formativos que se lhes apresentaram, movidos emocionalmente por uma febril necessidade de atualismo e evidência intelectual, deixam-se magnetizar por uma espécie de consenso filosófico acadêmico, o qual, tanto se lhes aparece como “última palavra” sobre qualquer assunto, metafísico ou social, ético ou político, quanto efetivamente tem o monopólio das perspectivas filosoficamente válidas no curso de humanidades. Assim, buscando a aquiescência desse consenso, e a pretexto de contribuírem com a luta pelas liberdades democráticas e com a crítica contra os “discursos hegemônicos” e contra todo tipo de opressão histórica, não tardam a pôr em seu horizonte de compreensão, quase que apenas o que aquele aceita e toma como realidade, reduzindo o Real à amplitude de consciência dos filósofos eleitos por ele, e nele dissolvendo a autonomia e o poder sapiencial de sua própria consciência. E tudo isso, digo de passagem, considerando-se “livres pensadores”, porque formandos em filosofia.

Disso se segue que, não raramente, tornam-se extremamente convictos de que o modo de produção material da existência determina a vida espiritual dos indivíduos; que conceber Deus como uma realidade factível à consciência humana é anacronismo pré-kantiano; que a consciência como tal se reduz a um epifenômeno de causas sociais ou linguísticas; e que, por tudo isso, no fundo, toda verdade não passa de construção histórica, social. Dessa forma, como se tudo que já foi dito sobre o sentido da vida humana – fruto dos incansáveis esforços de compreensão sobre o homem e suas faculdades conscienciais transcendentais realizados pelas multimilenares filosofias do passado – pudesse ser reduzido à escala de compreensão de tal consenso, ou dos filósofos por ele consagrados, põem-se também a defender a validade de todo e qualquer modo de existência eleito pela

subjetividade, e a negar, é claro, a cosmicidade do homem e a existência de uma ética que corresponda e justifique a sua microcós mica natureza. Daí é só uma questão de tempo para enfatizarem em seu filosofar que o homem é um sujeito a quem são devidos direitos sociais, mas não imputados deveres ontológicos – transferindo dele para o “social” a responsabilidade de tornar-se digno, e transformando sua dignidade fundamental em inermidade moral –, até o momento em que se tornam grandiloquentes vítimas do mundo, ao fazer deste, o causador principal de suas próprias quimeras.

Assim, desde logo, num misto de ingenuidade e presunção, pondo-se a perspectivar a realidade humana a partir do primado do social, do histórico, do devir, do niilismo e da contingência sobre as potências do espírito humano e, às vezes, a partir do primado do dessentido sobre suas próprias experiências espirituais de sentido; e crendo estarem erguendo um mundo novo, mesmo sem arrimá-lo em nada metafísico nem tradicional, muitos aspirantes a filósofo são formados mais como intelectuais persuadidos que como filósofos de verdade. Isso porque em tal formação convencional não há abertura por meio da qual se possa alcançar, no sentido forte da expressão, a “vivência formativa” da dignidade primeira do filosofar, aquela no interior da qual rebentou originalmente a própria filosofia: a autotranscendência, que, decerto, lhes conferiria o poder de erguerem-se acima de si mesmos, permitindo-lhes enxergar além dos limites de seus desejos, impressões e emoções, e principalmente de seu próprio horizonte histórico, a justificar eticamente sua existência, cada um construindo-se a si mesmo no mundo como obra de arte.

Longe de querer depreciar, por si mesmas, o valor das referidas teorias contemporâneas, o que se pretende aqui com essas notas é criticar a aclamada prevalência delas nos processos formativos em questão, prevalência que, criando academicamente um contexto filosófico autorreferente, autopersuasivo e intimidatório, leva os formandos em filosofia a acreditar que aí, nesta “câmara de eco”, neste reduto intelectual fechado sobre si mesmo, e não na interioridade da alma, base permanente do verdadeiro filosofar, se encontram os mais importantes fundamentos de que precisam para tornarem-se educadores-filósofos.

O que se pretende aqui também, ao cabo desta crítica, é abrir passo na direção de uma proposta de formação filosófica, não pragmática, mas meditativa, que enseje uma maior amplitude de autoconsciência do professor de filosofia, bem como o seu conseqüente crescimento espiritual. Melhor, que enseje a primazia do seu “eu humano” sobre o seu “eu animal”, apelando para sua discernibilidade e para o seu senso de hierarquia interior quanto

à inocuidade de apontar contra o mundo, e quanto ao que de fato é essencial conhecer quando se tem o saber filosófico ao alcance da consciência: a verdade de ser.

2.1 A Verdade e a Imagem da Verdade

“A divisão entre Sócrates e Protágoras sobrevive intacta.
O conceptus e a imago, lembra-se?
Para o primeiro, o que vale é o autoconhecimento,
para o segundo é o discurso, a exposição, a beleza e a pompa.
É evidente que o segundo ainda é dominante, mas até quando?”

Françoise Huet

Se olharmos panoramicamente para o filosofar contemporâneo, é fácil notar o seu traço discursivo mais essencial: a supressão, tornada habitual entre os professores de filosofia, das propriedades transcendentais da consciência humana, como se houvesse no magnífico legado cultural da história da humanidade, referências que apontem ou justifiquem que o habitat natural dela é o reino horizontal do subjetivo, e que ela nada tem de ligação com o Logos ou a Inteligência Superior, que modela e mantém o universo. E não poderia ser diferente, posto que o aspecto mais visível da formação filosófica contemporânea é o sistemático desprezo pelo transcendente, pelo metafísico, pelo universal, em proveito de investigações e discursos sobre realidades levadas ao fracionamento extremo e indefinido, em que a fugacidade do efêmero e a transitoriedade do vir-a-ser do social, do político, do econômico e do cultural são procurados por si mesmos, e não em vista de se chegar a alguma verdade, inclusive porque ela aí não existe enquanto tal, sendo aniquilada em sua absolutez, em seu valor e em sua importância para a própria consciência.

Mas, perguntemo-nos de passagem, se a esta é facultada realizar-se como tal apenas naquele reino, e não extraísse a realidade de que é suscetível sua existência de um reino superior, porque sua razão suficiente é captar a luz na sombra, a unidade na diversidade, a identidade na diferença, e perceber objetivamente a si mesma? Por que ela naturalmente aspira ao inacabável, ao eterno e a Deus? E também ao heroísmo e à santidade, experiências até onde pode estender os seus afãs de perfeição?

No fundo não há com o que nos surpreender: são os inevitáveis desdobramentos de um materialismo intelectual cada vez mais grosseiro e acentuado, pois é próprio de tudo que é eminentemente material fracionar-se, decompor-se, desagregar-se até o ponto de negação

da unidade que lhe é preeminente e intrínseca, e que é o seu natural e superior oposto complementar. Ademais, quem quer que se contemporize com este mundo em crise, tomando em comunhão as suas vertigens e ilusões, onde tudo se desintegra velozmente, onde o novo já nasce velho e superado, tão logo se vê envolvido num delírio de mudança cuja consequência mais grave é a impossibilidade de fazer uso da sua inteligência intuitiva, que é a capacidade que todo homem tem de apreender de “cima” e de relance os planos não aparentes ou mais estáveis da realidade, e de alcançar, por auto discernimento, a sua própria verdade de ser, pedra de toque que identifica seu Eu Real dentro do turbilhão de mudanças ocorridas em seus mundos interior e exterior..

Disso segue-se o fato evidente de que, quanto mais um professor de filosofia permite que sua consciência, previda pela pressão do ambiente caótico do mundo, penetre sem a devida prudência nos vieses convencionais de sua formação materialista, ou que ela se convença de que a matéria é a única realidade existente, que a matéria se reduz a um constante vir-a-ser, que o vir-a-ser abarca completamente o tempo, que todos estes componentes são caóticos, e que, por tudo isso, não existe verdade absoluta, tanto mais verá a vida em pedaços, em desconcerto e distante de sua unidade de sentido, perdendo-se, mentalmente agitados, em especulações labirínticas sem finalidade transcendente, e em percepções caleidoscópicas tão vãs quanto estéreis para o seu aperfeiçoamento humano. Ou, inversamente, quanto mais ele permitir-se comprazer com a desordem do mundo e com a percepção de que há uma absoluta falta de sentido e finalidade na vida humana, tanto mais se deixará influenciar por aquelas elaboradíssimas teorias filosóficas do “não fundamento” e do vazio existencial, que sentenciam ser o crivo filosófico apenas um “plano de imanência que corta através do caos, seleciona infinitos movimentos do pensamento e é pleno de conceitos formados como partículas consistentes, deslocando-se tão rápido quanto o pensamento” (DELEUZE & GUATTARI, 1993, p. 154).

A isso podemos chamar de “circuito relativista de formação”, “rede de transmissão” indutora de percepções e entendimentos contemporizadores, os quais ativam na consciência do aspirante a filósofo a ambiguidade radical, a dúvida como um fim em si mesma, a criticidade dialética negativa, e o primado da subjetividade e das narrativas pessoais sobre a razão e sobre a história, posturas intelectuais as quais aquele passa aligeiramente a adotar, tão logo comece a filosofar, passando a criticar e desconstruir geral, até distensionar-se interiormente, indispondo-se frente a qualquer possibilidade de subida ao patamar em que naturalmente se encontrava: o da sã tensão perceptual de que há um sentido no existir,

verdades na vida a se desvelar, e até mesmo um grande mistério por detrás de tudo. Quer dizer, ele reluta em retornar ao único lugar de si mesmo que, pelas leis de aperfeiçoamento às quais responde interiormente, lhe exige a responsabilidade de buscar a verdade de si e das coisas no curso de sua existência. E o faz autoconvencendo-se de que a raiz mesma do Real é caótica, risomática, devírica, incerta, casual, construída socialmente; de que ser e existência, consciência e corpo, não se separam; de que a luta de classes explica toda a história humana, e as relações de poder, toda a dinâmica de uma sociedade; e de que ele próprio, por tudo isso, é um sujeito “livre” de mandamentos metafísicos ou de qualquer outra determinação que venha dos “céus” a obrigar-lhe a responder pelo que é em existência, mesmo que essa liberdade, não raramente, tenha de ser fruída em amargor e revolta face a ser forçado a sofrer um destino, sem que seja capaz de modificá-lo, de transformá-lo, de dominá-lo.

Então, a bem da verdade enquanto tal, e do reposicionamento da autêntica formação filosófica, mas também porque considero este circuito formativo um delírio contemporâneo – produto bem acabado dos desvarios do pensamento moderno e da inversão de valores que ele também produziu –, é válido propor aqui que todo aspirante a educador-filósofo ultrapasse nada mais que o primeiro degrau da escada sem fim do filosofar, e o faça consciente de que este é o seu supremo ato formativo.

Pois, digam o que disserem os filósofos da desconstrução, tal degrau é o patamar próprio das adesões intelectuais aligeiradas, dos arrebatamentos conceituais, dos apaixonamentos teóricos, dos ativismos políticos e, é claro, dos ceticismos e relativismos elementares que levam aqueles a objetar de chofre os absolutos da vida; a apoiarem suas investigações e discursos filosóficos apenas na dúvida (como se ela pudesse ser um fim em si mesma, e não um meio, e apenas um meio, de se chegar à verdade); e a acreditar que, com isso, completam o “quebra-cabeça” da realidade humana e de sua própria realidade pessoal, mesmo sentindo, lá no fundo, mas sem constrangimento, que só usaram uma parte das peças daquele jogo.

É que, ao meu ver, como explicarei nos capítulos a seguir, deste patamar primeiro, quem olha para a realidade ainda não é propriamente a consciência em individuação, ou desperta, do aspirante a filósofo, o seu “eu humano” propriamente dito, mas o seu “eu animal” pela ótica de sua incipiente consciência filosófica, o que torna seu olhar uma percepção mais afeita ao sensível que ao inteligível, à diversidade que à unidade, à mudança que à eternidade, e pouco atento ao fato de que a verdade não é a imagem da

verdade, imagem por eles construída, e sobre a qual projetam seus ímpetos desconstrucionistas.

Ademais, todo posicionamento filosófico imediatamente contrário à verdade ou à divindade interior do homem, o que vale dizer contra a sua eternidade, revela, e a um só tempo, tanto a operatividade furtiva de um ego que se vê afrontado em seus interesses e com medo de ser destronado, quanto a primeira fase do desenvolvimento intelectual de um aspirante a filosofia. Entre os gregos e entre os judeus, as experiências dos sofistas e dos fariseus, os quais não acreditavam respectivamente em nenhuma verdade possível nem na divindade do homem, bem traduz isso, e bem demonstra que nenhum relativismo sobrevive frente a uma dialética como a de Sócrates, ou a uma sabedoria como a do grande mestre Jesus. Se o primeiro anulou as pretensões relativistas dos erísticos professores de Atenas, “exigindo que tirassem de trás de cada palavra o conceito em que a realidade do fato desfazia a ilusão do *flactus*, do palavrear inconsequente” (PIRES, 2013, p. 43); o segundo, com pouquíssimas palavras, mas de natureza flamejante, fez os “doutores do saber torânico” tremerem e se constrangerem com suas próprias ignorâncias e hipocrisias.

Com efeito, sem um contínuo individuar-se por decisão consciente e voluntária, toda consciência é naturalmente mais suscetível aos ditames do “eu animal”, permanecendo exposta aos mais variados fetichismos e manipulações, de que não precisa, para desenvolver-se como tal. Isso ocorre porque, digo-o novamente, diferentemente daquele “Eu” primeiro, este outro “eu” ao qual ora me refiro, mais conhecido como ego, tem medo do Real, do que é uno e eterno, pois só existe na dimensão do espaço-tempo, na duração do ventre ao túmulo, e por isso luta para sobreviver a todo custo, e às expensas da consciência, ao mundo fenomênico destinando todas as suas energias, no instante mesmo em que apega-se a ele obsessivamente e sem se conformar com o fato de vir ele evanescer-se em seus próprios dedos, como as asas de uma borboleta quando são tocadas ao se tentar agarrá-las. Tais são as razões pelas quais o ego, mesmo tendo a função cósmica de criar o “eu personagem” e os êmulos mentais, emocionais e instintivos de que a consciência humana precisa para encenar no palco do mundo a tragédia que as Moiras escreveram para ela, desde logo tenta neste substituí-la como protagonista, fazendo-a cair em sono profundo através de “maçãs”, “condões” ou “poções entorpecedoras”²⁰; ou a ser raptada e arrastada para o

²⁰ Refiro-me aqui às estórias infantis que descrevem simbolicamente o estado egóico de inconsciência vivido pela consciência humana. É que há muito tempo os contos de fadas estão presentes em nosso imaginário desempenhando um papel extremamente importante.. Estas histórias sobrevivem ao longo do tempo porque

mundo avernal do subterrâneo por meio de prazeres ordinários, constantemente renovados, para que ela, impedida de subjugá-lo, jamais desperte ou retorne e, finalmente, possa transformar seu apego em serviço desinteressado e cumprir seu grandioso destino. Eis porque somente o “beijo” de um “Príncipe” pode acordá-la; eis porque é Zeus quem a faz retornar ao mundo da luz²¹. Eis porque só a dor e a morte são capazes de fazê-la desperta e, como Quíron, apontar para as estrelas.

Dito resumidamente, é bastante comum que os “não despertados” de consciência, ou os que ainda não buscam filosoficamente a verdade, absortos pelas miragens do Real instiladas em suas consciências pelos seus próprios egos, tendam, tão logo comecem a filosofar, a adormecer cada um no fofo leito da teoria, crença, especulação ou doutrina que mais lhe fascina e lhe compraz, aderindo às suas ideias fervorosamente ou extrapolando-as insensatamente, como se a tudo englobassem, a tudo explicassem. E tendentes a isso, logo inclinam-se também a duvidar sem muito esforço, e quase por automatismo, de qualquer coisa transcendente; e a suspeitar de tantos quantos forem os caminhos conducentes à certeza, regozijando-se com discursos deliberadamente obscuros, e com relativismos epistêmicos, vinculados a ceticismos generalizados que, por serem a notória expressão daquele medo egóico, não passam do primeiro degrau do filosofar. De outro modo, em que degrau mesmo encontrar-se-iam os filósofos da verdade, não por acaso, consagrados pela humanidade como os “melhores dos homens”? Onde estariam nesta escada os filósofos da certeza, cujas mundividências convertidas em ações são fiáveis independentemente de contextos históricos? Estaria a verdade do lado do relativismo, mesmo não tendo existido nenhum filósofo relativista que tenha se tornado referência universal?

É que, insisto, toda verdade aceita pela consciência exige desta uma conduta acorde, determinando-lhe um compromisso moral que, na maioria das vezes, ela não está pronta a assumir, ou nem quer fazê-lo para não contrariar os interesses do seu “eu animal”, o que leva muitos professores de filosofia, de modo consciente e às vezes deliberado, a preferirem a

contém símbolos universais que provém do inconsciente coletivo, que é, segundo Jung, a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade.

²¹ Refiro-me aqui ao mito das Deusas Deméter e sua filha Perséfone, raptada por Hades, rei do Mundo Inferior, quando colhia flores com suas amigas, as Oceânides, no vale de Nisa. Deméter, ao tomar conhecimento do rapto, ficou tão amargurada que deixou de cuidar das plantações dos homens aos quais havia ensinado a agricultura. Os homens morriam de fome, até que Zeus, que havia permitido a seu irmão Hades raptar Perséfone, resolveu encontrar uma forma de reparar o mal cometido. Decidiu, então, que Perséfone deveria voltar à Terra durante seis meses para visitar sua mãe e outros seis meses passaria com Hades.

O mito simboliza o lançar sementes à terra e o brotar de novas colheitas, uma espécie de morte e ressurreição. No seu sentido íntimo, é a representação simbólica da história da alma, de sua descida na matéria, de seus sofrimentos nas trevas do esquecimento e depois sua reascensão e volta à vida divina. (Wikipédia).

dúvida como um fim em si mesma, e a se manterem vendo o mundo a partir de seus próprios preconceitos e projeções, dele fazendo um opaco espelho que nada mais reflete que as pseudologias de que precisam para realizar seu ego. E se isso é compreensível, por um lado, já que naturalmente o ego, o “grande destruidor do Real”, numa designação oriental, está sempre pronto a nos fazer distorcer a realidade em função dos interesses e das conveniências que lhe são particulares, dificultando muitíssimo que arranquemos, talvez, a única máscara que nos confere importância e identidade no mundo; por outro, a não vitimização implacável e a sinceridade consigo mesmo são as condições mais imprescindíveis do filosofar, não só por causa da inseparabilidade entre ética e conhecimento, mas porque facilmente nos tornamos hábeis nas técnicas do “dedo em riste” e do autoengano e, por isso mesmo, extremamente covardes, medrosos e fracos para afrontarmos nossos próprios falseamentos de consciência. Sem tais virtudes, aliás, qualquer pessoa em formação jamais conseguirá lograr êxitos de vulto no campo do autoconhecimento, pois tenderá, pelo espelho dado por seu próprio ego, a julgar-se bem conhecida por si mesma e, como tal, dotada de bom senso e caráter praticamente impecáveis, cujas necessidades de retoque devem-se apenas à opressão que o mundo exerce sobre ela.

Numa síntese, como para mim o conhecimento filosófico é aquilo que melhor impulsiona a consciência humana a evoluir; esta só evolui ou se expande desdobrando-se na direção de Deus, que é a sua própria totalidade, por meio da busca da verdade; e esta se encontra sobretudo na natureza secreta das coisas e do homem, “da qual as sabedorias tradicionais são, precisamente, as porta-vozes, as guardiãs e as fiadoras” (Shuon, 2015, p. 6), coloco-me a oferecer neste trabalho algumas chaves filosóficas universais aos professores de filosofia, para que os mesmos possam se abrir por dentro e encontrar a verdade de si mesmos. Então, que cada um deles, almejando, não o mero intelectualismo filosófico, mas, como nos falou Giordano Bruno, a eterna sabedoria, “faça-se merecedor do céu pelas virtudes e méritos de suas gestas heroicas.” (BRUNO apud RAYGADA, 2012, p. 13)

3. SOBRE MINHAS CONCEPÇÕES DE SAGRADO, DE ÉTICA E DE DEUS

“Como dorme a chispa na pedra
 e a estátua na terra,
 em ti dorme a Divindade.
 Tão só em uma dor constante e dura,
 ao choque, brotará da pedra pura
 o relâmpago da deidade.
 Não te queixes, portanto, do destino,
 pois o que em teu interior há de divino
 só surge por mérito seu.
 Suporta, pois, se possível, sorrindo,
 a vida que artista vai esculpindo,
 o choque do cinzel.
 Que importam, para ti, as horas doloridas,
 se, a cada hora, em tuas asas recém-nascidas,
 põe-se uma bela pluma a mais?
 Já verás o condor, em plena altura,
 já verás concluída a escultura,
 já verá, alma, já verá...”

Amado Nervo, poeta mexicano,
 em Deidade

Se bem repararmos nos atuais estudos sobre religião, veremos que a definição de sagrado não é mais monossêmica como nos tempos clássicos da ciência antropológica, mas diversa, complexa, multirreferencial e, por conseguinte, imprecisa, até mesmo para quem se dedica a experienciá-lo como fenômeno. Porém, seu sentido estrutural moderno de “artigo de fé”, evidentemente profano, ainda perdura epistemologicamente, sobretudo na educação atual. Numa generalização, é o sagrado ainda hoje um fenômeno concebido como proveniente dos intrincados anseios, temores e aspirações humanos de natureza religiosa, e visto a priori como vinculado a doutrinas e crenças, formas religiosas por meio das quais “o homem finito, inconcluso, busca *fora de si* o desconhecido, o mistério transcendente” – como afirma uma asserção do antigo Parâmetro Curricular Nacional para o ensino religioso.

Neste trabalho, porém, é ele uma realidade fática da interioridade humana. É ele o “Homem Interior” do homem, ou a vivência de algo de sua interioridade que é maior que ele mesmo, que o torna propriamente humano e o define como tal. E, sendo isso, e não aquilo, é o sagrado aqui a porta de entrada de todo oculto, de todo mistério que se faz extroverso à consciência humana. Afinal, não é essa a mensagem fundamental de Delphos²², “conhece-te

²² O Oráculo de Delfos era um grande local sagrado da Grécia Antiga, dedicado ao deus Apolo (deus da luz, sol, profecia e verdade).

a ti mesmo e conhecerás a Verdade e o Universo”, e de Dzian²³, “para conhecer Todo o Ser é preciso conhecer o ser”?

É com base nessa perspectiva, e não naquela, e aproveitando que “o fundante deste momento histórico é o reconhecimento da presença do sujeito/ator social e suas experiências socioculturais nos processos de aprendizagem, com a totalidade da sua emergência também na dimensão erótica e espiritual” (MACEDO, 2013), que me coloco a tratar nesta tese da referida ideia de sagrado, mais esquecida que propriamente desconhecida em nosso tempo. E, por nos colocar nossa condição histórica diante de experiências comuns, não no sentido de unificadas, mas de que nos fazem identificados com algumas pautas da vida (MACEDO, 2013), como a pauta atemporal de nos conhecermos espiritualmente, o fiz recorrendo ao mito, uma vez que “a função primária da mitologia “sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás.” (CAMPBELL, 2005, p. 17).

É que, ao meu ver, habita em todo homem, bem lá no fundo de sua alma, o Abraão dos hebreus, cuja fé sobrepôs o pesar de sua dramática obediência; O Arjuna do Oriente, em litígio contra aqueles que o privaram de Hastinapura, a “Cidade da Sabedoria”; e o Uther Pendragon dos bretões, que precisou morrer pelo feitiço da transmutação para renascer purificado como Arthur. E isso é o mesmo que dizer que, em espírito, mora silente em cada um de nós uma Antígona, que se pôs a morrer, em nome do direito que todo homem tem de nascer, viver e morrer com dignidade e honra; um Orestes, que jamais perdeu a esperança de se ver livre de sua culpa estrutural de existência, seu infortúnio ancestral; e um Édipo, que precisou furar os próprios olhos para ver. Afinal, é por meio do contato com essas ontologias, pelo que elas têm de simbólico e, claro, de universal, que somos inspirados espiritualmente a erguer nossa consciência acima do ordinário e mobilizados a alcançar o máximo possível de nós mesmos.

Assim, percebamos logo nestas ontologias simbólicas sua índole mercurial e sua disposição para o transcendente, já que é muito difícil compreendermos os motores ocultos daquela inspiração, posto que a realidade epistêmica do espírito é sempre permeada por aporias e paralogicidades. Elas tendem a nos provocar “subidas olímpicas, convocando-nos a desentranhar a nossa própria inconsciência, ou o desconhecido de nós, que é sempre maior que nós mesmos. É que, o inconsciente, como afirma Jung (2000, p. 5), “não é isto ou

²³ O Livro de Dizian é o mais antigo texto filosófico do Budismo Tibetano. Pertencia a um grupo de escritos esotéricos tibetanos conhecidos como os Livros de Kiu-Te.

aquilo, mas o desconhecimento do que nos afeta imediatamente. Ele nos aparece como de natureza psíquica, mas sobre sua verdadeira natureza sabemos tão pouco – ou, em linguagem otimista, tanto quanto sabemos sobre a natureza da matéria”.

Com efeito, se o conteúdo encantado dessas ontologias atemporais não diz respeito ao espírito humano, seria preciso negar o ninho ao pardal e o canto ao rouxinol – num dizer junguiano. É que todo mito heroico, por seu caráter cosmológico, por sua origem trágica, está sempre a postos para nos provocar espanto e terror, mas, ao mesmo tempo, sentimentos de triunfo e glória, porquanto nos transporta para uma dimensão de nós mesmos que transcende o ordinário, o comum, o horizontal de nossa vida. Acima de tudo, eles nos comunica que todo homem desperto – todo homem que procura se superar moralmente, que se pretende autoconhecido, que se quer mais humano e melhor – precisa “descer ao inferno” para cumprir os seus próprios “Doze Trabalhos”; se “aventurar em terras desconhecidas” para matar a sua íntima Medusa; e “adentrar um tenebroso labirinto” para vencer o seu particular Minotauro. Porém, como afirma Campbell (2001, p. 129):

[...] não precisará correr sozinho o risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes dele. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Tem apenas de seguir a trilha do herói, e lá, onde temia encontrar algo abominável, encontrará um deus. E lá, onde esperava matar alguém, matará a si mesmo. Onde imaginava viajar para longe, irá ter ao centro da sua própria existência. E lá, onde pensava estar só, estará na companhia do mundo todo.

Por tais considerações, e apesar do romantismo que lhes espreita, podemos depreender que o sagrado em questão não se trata de uma instância religiosa, no sentido de algo vinculado a uma ou outra doutrina ou sistema de crença que hoje se apresenta no mundo. Igualmente, o seu significado nada tem de “fuga para frente”, de “paraíso”, de “utopia”, ou seja, nada tem a ver com coisa ou fenômeno que extravia a consciência do homem para algum ponto no futuro, incorrendo num tipo de promessismo redentor. É ilegítimo, então, compreendê-lo como “niilismo”, “alienação” ou “ilusão narcísica”. Se bem que, não há como reduzi-lo a uma dessas categorias, uma vez que seu sentido é irreduzível, mais vivenciável que apreensível cognitivamente, manifestando-se em nossa consciência somente quando percebemos a eternidade do presente, percepção possível apenas mediante o ato de consciência que busca na própria consciência e em tudo o seu melhor, o seu ideal, a sua excelência possível, no instante mesmo de cada momento. Tampouco sua fundamentação filosófica resulta de alguma relação de poder, de algum interesse econômico

de classe, de alguma demanda sociopolítica, transcendendo inclusive qualquer tipo de relação sociológica que o reduza a uma idiosincrasia temporal, mera determinação das condições objetivas da realidade. Universal, é o “eidos” do sentido de ser da história, e de toda e qualquer história, individual ou coletiva, e não um componente superestrutural condicionado a um devir histórico. Mutáveis são, pois, as “máscaras de mil faces” que o encobrem no tempo, as representações arquetípicas de que se valem na história. Isso porque “o sagrado é um elemento na estrutura da consciência e não um estágio na história da consciência” (SCHWARTZ, 1999, p. 17). Têm em si, portanto, a atemporalidade como dimensão ideal, porém, circunstancia-se no tempo do homem pelo inexorável fadário que concerne ao gênio da espécie humana, a saber: auto-superação, num constante humanizar-se, nunca conclusivo e sempre aberto ao devir, cujo cenário é caleidoscópico, por seu jogo tonteante de coisas e fenômenos transitórios, incompreensíveis e, quase sempre, desconcertantes.

Em outras palavras, este sagrado aponta para o próprio destino do homem, não para o horizontalmente histórico, que lhe condiciona e restringe, mas para o vertical, o arquetípico que lhe “sobrepára”, único destino que pode torná-lo a própria história em marcha. Pelos hindus foi chamado de Bhagavad Gita, e pelos gregos de Odisseia, sagas heroicas que encenam a luta do homem contra os “eus” impugnativos de seu próprio Eu, e contra os limites a este impostos pelo mundo. Esse sagrado aponta, portanto, para aquilo que deveria ser por vocação do espírito humano, considerado impostergável na vida de todo homem: a guerra interior em nome da verdade de si ou do autoconhecimento e, por corolário, em proveito de uma vida autodeterminada e soberana. Em utérrio sentido, somente quando iniciada esta guerra nascerá esse sagrado, essa ética atemporal, com a qual a consciência dele, homem, deve se fundir. Eis por que ele é o próprio labirinto de que procura escapar; a própria esfinge que procura desvendar; e o próprio universo que procura conhecer. Eis porque conhecer-se a si mesmo é sua senda fundamental de existência, seu excelso propósito, seu incontornável destino.

Dessa ética trataram vários filósofos, compaginando em magníficas obras inúmeros saberes a seu respeito. E, mesmo divergindo entre si quanto aos fundamentos gnosiológicos que a constituem, é notório que seus pensamentos convergem no tocante ao fato de que esta sacra principiologia provém dos transfundos do homem. É a ética do espírito, do “eu humano” em sua mais ínsita radicalidade: o Eu Superior. É a voz do silêncio, o dizer “não” a si próprio, quando o que se pode perder é a integridade, a dignidade e o autorrespeito. Sua

estética é plácida, abrandada pelo triunfo sempre inacabado da harmonia interna, pelo combate sem fim pela posse do Si Mesmo. Não nasce, então, de normas nem de regulamentações exteriores, mas evidencia-se na dor que deveras sente todo ser humano, quando, voluntariamente, luta para se despojar de suas próprias quimeras e das sombras que estas projetam no mundo. Do contrário, isto é, sem dor, risos incontentes das Moiras poderão ser ouvidos de alguma “repartição cósmica”. Realiza-se, pois, somente por intermédio do “pteros”, do órgão alado da alma, de que tanto nos falam os antigos gregos; somente através do “daemon” socrático; do “solve et coagula” dos alquimistas medievais; da “potência de agir” spinoziana; da “vontade” schopenhaueriana; da “vontade de potência” nietzscheana; do “elã vital” bergsoniano e do “Tao” lao-tseano do Oriente; enfim, somente quando o ser humano, em sua inexorável dualidade centáurica de cavaleiro-cavalo, verticalizando-se, luta para dirigir soberanamente as quatro patas que lhe aterram ao chão. Assim, sua direção indicada é, ao mesmo tempo, assustadora e maravilhosa, sofrida e alegre, absurda e necessária, tal qual o percurso do salmão, que sobe o rio contra a correnteza, e do lótus-branco, que floresce sobre a água escura, enraizado na rígida camada de lodo. Seguí-la, por isso mesmo, pressupõe necessariamente contrariar a mecanicidade que sujeita os desatentos e apressados passos da grande maioria. Numa assertiva: é o servir-se de exemplo, o tornar-se a própria mudança que se espera encontrar no mundo. Numa palavra: virtude. Eis “a espada que deve ser retirada da pedra”.

Situa-se assim esta ética: no dever. Sobretudo porque parece ao ser humano dever muito de si a si mesmo. Afinal, “que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha? Pois é o mesmo que deve ser o homem para um Super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha” (NIETZSCHE, [S.I.]b, p. 5). Ademais, como nos explica Morin (2005), todo olhar sobre a ética deve levar em consideração que a sua exigência é vivida subjetivamente num dever. Amiúde, segundo este autor, embora não haja ritual, culto, religião no sentimento do dever experimentado pelo indivíduo leigo, a especificidade subjetiva do dever dá-lhe um aspecto semelhante ao do místico. Esclarece-nos, em suma, esse eminente pensador da Complexidade, no último volume do Método, Ética, que

[...] o dever emana de uma ordem de realidade superior à realidade objetiva e parece derivar de uma injunção sagrada. Impõe-se com a força desse tipo de possessão que nos leva a ser possuídos por um deus ou por uma ideia. Esses dois aspectos, místico e possessivo, parecem emanar de uma fé invisível. Talvez o aspecto místico, sagrado, fideísta, intrínseco ao dever seja uma herança da ascendência religiosa da ética. Talvez o aspecto de quase possessão venha do mais

antigo, mais profundo, a tripla fonte bio-antropo-sociológica. (MORIN, 2005, p. 21)

Assim, em sendo filosoficamente plausível o que foi até aqui apresentado, ora prosaica, ora poeticamente, e ante minhas expectativas quanto à transformação de um professor de filosofia em um verdadeiro filósofo através da vivência deste sagrado ou desta ética atemporal, eis que se apresenta aqui a figura heroica de Quíron, o Sábio centauro, o “Curador Ferido” da mitologia grega, mote simbólico das ideias dessa tese. Seu papel mitológico? Educar os heróis gregos, tais como Aquiles, Hércules e Jasão. Seus atos de currículo? O autodiscernimento, ato de autoconsciência de seu segundo nascimento, ou de seu autorreconhecimento como humano, e não como animal; e a procura pela beleza em tudo, o exame diário das faltas cometidas, a autorresponsabilização pelas dores sofridas e a morte antes da morte, atos de autoconsciência no concurso dos quais ele vive internamente aquele ato primeiro, e conquista a verticalidade que lhe dá sua real identidade, bem como lhe confere uma estatura moral cotidiana livre de fastios, preconceitos e domesticidades.

É que Quíron, por sua educação apolínea, isto é, formado pela luz da verdade e para servir a causas grandes e inegoístas, desde sempre aprendeu o caminho formativo de sua ascensão interior. Ou seja, aprendeu desde sempre a procurar a unidade secreta que subjaz em todas as coisas, seres e fenômenos que se lhe desponta aos olhos; a recolher-se em meditação para purgar a sua consciência de seus atos animais; a assumir para si mesmo idoneamente quem é o verdadeiro responsável pelos seus fracassos, frustrações e derrotas; e a se conscientizar de que é preciso morrer todos os dias para viver dignamente como humano.

Aprendeu, em suma, que não são as conquistas sociais e políticas que tornam a consciência humana autônoma, livre, emancipada; mas as conquistas internas de sabedoria, logradas pouco a pouco no concurso de uma guerra pedagógica contra sua parte animal, no âmbito da qual se mira as estrelas, ou o inatingível homem ideal. Eis por onde se pode invocar o retorno do sagrado à formação de professores de filosofia.

É que, como já disse, entendo que a formação destes deveria levá-los a ultrapassar a mera intelectualização a que se prestam na Academia, no caso aqui, a ressacralização do humano e da própria filosofia, principalmente porque esta, atualmente, “fechou-se sobre si mesma”, como diagnosticou Morin (2007). Ao meu ver, transformou-se numa riqueza perdida, soterrada que foi pela avalanche de visões materialistas que marcam a nossa época,

mundividências teóricas que, por suas consubstanciações e superposições em nome do profano, erigiram a maioria dos edifícios do saber filosófico contemporâneo.

É por isso que proponho, neste trabalho, por meio da observância do mito heroico de Quíron e dos fundamentos da filosofia clássica, bem como de outras referências afins, o retorno do prístino sentido do filosofar, aquele que, por teatralizar em nossa consciência a dramática luta de nós contra nós mesmos, nos permite a vivência deste sagrado, aproximando-nos dos mistérios do espírito humano e de seus potenciais latentes. Tal sentido enseja, pois, um transpasso da mera intelectualização ao crescimento espiritual, disposição de consciência a que deveriam se obrigar todos aqueles que professam a filosofia, uma vez que, crendo-se ou não, ela é, como nos fala Platão no Timeu, um bem sagrado, “um bem maior do que qualquer outro que veio ou possa vir alguma vez para a espécie mortal, oferecido pelos Deuses”. (PLATÃO, 2011, p. 142)

Então, que a espada seja retirada da pedra!

3.1 Sobre Deus e a “morte de Deus”

“Deus morreu! Deus permanece morto! E nós matamo-lo!
 Como nos consolamos, os assassinos de todos os
 assassinos? Aquilo que de mais sagrado e mais poderoso
 o mundo até agora possuía sangrou sob nossos punhais –
 quem nos limpa deste sangue? Com que água nos
 poderíamos purificar? Que festas expiatórias, que jogos
 sagrados teremos de inventar? Não é a grandeza deste ato
 demasiado grande para nós?”

Frederich Nietzsche, filósofo alemão,
 em Gaia Ciência

Como já mencionado, “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás a Verdade e o Universo” é a mais antiga sentença filosófica do Ocidente. Todavia, milênios antes dessa divisa sagrada ser enunciada em Delfos, antes mesmo do aparecimento dos primeiros oráculos gregos, já se podia ler em antigas escrituras orientais o seguinte preceito: “para conhecer todo o Ser, é preciso conhecer o ser”.

Apoiando-me nessa constante antropológica, que assinala de que forma diferentes culturas antigas davam significado à relação entre homem e Deus, a pequena e a grande totalidade, os dois mais convidativos mistérios da existência, podemos inferir que o homem

sempre se imaginou como um ser atravessado pelo mesmo tipo de ordem inteligente, justa e bela que ele percebia manifestada no universo. Essa ordem divina era como um chamado para sua própria interioridade, já que a interioridade humana sempre fora compreendida pelos antigos como a única via facultada ao homem para alcançar as realidades superiores, pois, além da rota para cima e para baixo ser uma só e a mesma, como disse Heráclito no Fragmento 60, “assim como é em cima, é em baixo, como sentenciaram os hierofantes egípcios no Caibalion²⁴”.

Humanizar-se, portanto, significava ordenar-se internamente, alinhar-se pouco a pouco com a Natureza, pôr-se em harmonia com o universo, cabendo ao homem, para tanto, auto-observar-se com o próprio “olho de Deus”, para que assim pudesse vencer a si mesmo e se autoaperfeiçoar até os sem limites de sua autoconsciência. Residia aí, para os antigos, o segredo da verdadeira formação humana, pois para eles a Ordem não é um advento humano, sendo, ao contrário, o homem, apenas mais um rebento dela, apenas mais um ente dentre tantos, chamados por ela a se mover de acordo com as suas leis inexoráveis, seus ritmos harmonizadores, suas tramas ocultas e seus desígnios misteriosos.

Em nosso mundo moderno, porém, Deus tornou-se algo supérfluo, tornou-se até mesmo uma hipótese desnecessária: a psicanálise o reduziu a uma mera ilusão produzida pelo nosso desejo infantil de nos mantermos para sempre protegidos por um pai, um sumo protetor, um ser todo-poderoso que alivie nossa angústia e nosso medo perante a imensidão do mundo e a imprevisibilidade da vida; o marxismo o considerou um engodo, alegando ser Ele apenas uma invenção das classes oprimidas contra o sofrimento e a injustiça do mundo, um produto opiáceo da imaginação dos pobres e despossuídos contra as mazelas de suas miseráveis existências; e o Positivismo, como afirma Lacroix (1956, apud DURAND, 1993), num mesmo movimento, o suprimiu e clericalizou todo o pensamento ocidental.

É que na modernidade dos tempos, não atingimos a maioria²⁵, como supôs Kant (1974). Ao contrário disso, nos infantilizamos, pois nos esclarecemos movidos pela presunção de tudo explicar por intermédio de uma razão instrumental e discursiva, a mesma que conferiu ao “científico” o status e a significação de “verdade absoluta” em nossa época. Por conseguinte, atiramos reativamente contra Deus e contra todas as formas paralógicas e não-rationais de apreensão do Real que despontaram em nossa alça de mira, precarizando

²⁴ O Caibalion é uma antiquíssima obra que afirma conter a essência dos ensinamentos de Hermes Trismegisto, tal como ensinado nas escolas herméticas do Antigo Egito e da Antiga Grécia.

²⁵ Em seu famoso texto “O que é o Esclarecimento?”, Kant responde que o Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado.

nossa relação com “o conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens, o grande denominador fundamental aonde vêm se arrumar todos os procedimentos do espírito humano” (DURAND, 2002, P.16).

É esta, antes de qualquer outra, aliás, a razão pela qual estamos todos a desdenhar e a rir, juntamente com os “homens do mercado”, do desesperado “louco” que procura por Deus com uma lamparina nas mãos, porém, palidamente e sem disfarçar que estamos vivendo justamente aquilo que foi anunciado por ele através de sua loucura: o vazio existencial. Nunes (2017) nos fala, por exemplo, que a parábola do louco, narrada em Gaia Ciência, corresponde a uma crítica do filósofo do martelo ao estado de espírito da modernidade, que rebaixou os ideais a fantasias abstratas sem valor prático, e as religiões, a meras ilusões ou delírios de massa, todavia, sem que o homem moderno estivesse pronto para suportar as terríveis consequências disso. Isto é, “matar Deus” foi um erro fatal, uma catástrofe sem precedentes em toda a história, pois aquele está longe de poder viver sem Ele, sem um Ideal que ilumine o seu caminho, condenando-se a si mesmo a vagar pelo vácuo gélido do mundo puramente material, como vagaria a Terra se se desgarrasse da órbita solar, singrando ao nada, para nenhum rumo, para todas as direções.

É provável, inclusive, que o filósofo alemão pretendesse, com esta parábola, nos comunicar o preço a ser pago por abandonarmos a crença em Deus, sem termos à vista um ideal psicologicamente equivalente para substituí-lo, uma vez que ninguém vive no “nihil”, singrando ao nada, na perpétua angústia da incerteza. Disse ele pelos lábios de seu famoso profeta, Zaratustra:

“É verdade que temos colhido; mas porque apodreceram e enegreceram os nossos frutos? Que foi que na última noite caiu da má lua? O nosso trabalho foi inútil; o nosso vinho tornou-se veneno; o mau olhar amareleceu-nos os campos e os corações. Secamos de todo, e se caísse fogo em cima de nós, as nossas cinzas voariam em pó. Sim; cansamos o próprio fogo. Todas as fontes secaram para nós, e o mar retirou-se. Todos os solos se querem abrir, mas os abismos não nos querem tragar! “Ó! Aonde haverá ainda um mar em que uma pessoa se possa afogar?” Assim a nossa queixa ressoa através dos pântanos. Na verdade, já nos fatigamos demais para morrer; agora continuamos a viver acordados em abóbadas funerárias!”. (NIETZSCHE, [S.I.]b, p. 44)

Embora as consequências psicológicas desse deicídio evidenciem-se mais inequivocamente no corrente intelectualismo ateu de nossos dias, o qual parece ocupar-se mais com os estereotipados “Déspota” ou “Misericordioso dos Céus” que com o conteúdo

simbólico que tais imagens ensejam à consciência humana, acredito que aquelas mostram-se mais gravemente na perda dos sentidos teológico e teleológico de nossas vidas. É esta, se bem observarmos, a causa principal do modo de vida profano e desencantado que marca nossa civilização, sendo também o efeito mais evidente da egolatria infantil, que fez do homem moderno um tragicômico juiz do tempo, da vida e de Deus – um julgador que sentencia o que é e o que não é, o que tem ou não sentido de ser, que existe ou não, conforme o que pensa, deseja e sente – ainda que a dor, dizendo-lhe pedagogicamente “Não!”, continue a lhe convidar ao adulecimento de espírito, e a instruir-lhe sobre o que aquelas Verdades realmente são.

Quanto às consequências da “morte de Deus” na formação filosófica acadêmica, não raramente encontramos-as esteiando a antimetafísica corrente, legitimando as discussões intranscendentes sobre diferenças puramente verbais que multiplicam ao infinito as realidades a se desconstruir conceitualmente, e alentando as filosofias do ressentimento social e do revide político, processos que transformam muitos aspirantes a filósofo em intelectuais ateístas, em professores pouco atentos às possibilidades de que agora dispõem para a percepção de que é na interioridade onde acontecem as experiências fundamentais da existência, para o desenvolvimento de um intelecto cândido e desapaixonado, e para o autoaperfeiçoamento moral de que podem se prestar formativamente através da interação com o que há de mais profundo do saber de Minerva.

Por estas e outras, não haveremos de nos surpreender com o fato de muitos destes professores se encontrarem exteriorizados e em estado labiríntico de intelectualidade. É que filosofia no contemporâneo só se faz sem Deus, ou por meio de um filosofar especulativo de pouca altitude metafísica, leia-se “materialista”, que ignora, menospreza ou simplesmente desconsidera as verdades do espírito e os grandes ideais humanos. Provavelmente, não se deram conta de que aquela “Causa sem causa” não é o fantoche tirano ou misericordioso com o qual se pretende identificá-lo há dois milênios, nem que o genuíno escopo da filosofia se encontra extraviado, uma vez que o destino dela nunca foi o vazio da existência, mas o cheio da sabedoria, que é o saber superior para onde ela sempre apontou e se dirigiu desde a sua mais remota antiguidade.

Ao meu ver, porém, Deus é um horizonte sem o qual não se pode filosofar, pois a filosofia à qual me refiro nesta tese, saber propriamente vocacionado que nos leva a transcender as ordinariedades da existência, tem o dever de nos fazer enxergar que experienciamos nossa existência como entes que não existem de nós mesmos, como

existências dadas a nós, mas num mundo que nos é dado de antemão, que também existe por mistério, e que o nome deste mistério, da causa do ser deste mundo, do qual somos apenas um componente, é Deus (VOGELIN, 2014). Porque se não enxergarmos isso de elementar de nossa experiência existencial, jamais conseguiremos escalar os aclives da nossa consciência até atingir o posto de observação de que precisamos para recuperar os perdidos sentidos teológico e teleológico da existência, e para superar a névoa cultural ateuísta que tem nos impedido de perceber a sempiterna unidade que subjaz em nossas multiformes e fugidias experiências espaço-temporais, ou a realidade divina que está sempre a se insinuar misteriosamente, não só dentro de nós, mas diante de nossas vistas confusas e desencantadas.

Enfim, por sua impessoalidade, e pelo sentido de mistério, unidade e verdade que evoco para defini-lo, Deus é nesta tese o Bem platônico, o Uno plotiniano, o “Primeiro Motor aristotélico, o Logos Providente dos estóicos, ainda que eu tenha em minha mente que nenhum conceito, por amplo que seja, consiga expressar sua Realidade.

É também, se o quisermos em terminologia kantiana, o postulado supremo da razão prática, pois somente o “imperativo categórico²⁶” de Kant concilia no homem virtude e felicidade, aproximando-o do sumo bem, que é o objeto da Lei Moral. Ou seja, por correspondência e extensão, é Ele a perfeição interior do homem, seu ethos fundamental. É que essa ética, como vimos, e veremos em profundidade mais adiante, é uma escala infinitesimal da ordem cósmica, ou aquilo propriamente de divino do homem, que justifica sua autoconsciência, sua microcósmica ontologia.

Por fim, é Deus aqui também uma função psicológica necessária, de natureza irracional, especificamente a função que confere sentido de totalidade à existência humana, já que a razão por si mesma não tem como fazê-lo, visto que ela, como nos explica Kant (2001), não oferece ao homem acesso direto ao divino, o que, aliás, é irrelevante, “pois a ideia de um ser todo-poderoso existe em toda parte e, quando não é consciente, é inconsciente, porque seu fundamento é arquetípico” (JUNG, 1980, p. 46). E isso é o mesmo que dizer que Ele é o Self, ou o Si Mesmo, a oculta plenitude do homem, aquilo da interioridade deste que está sempre a convocá-lo a se imaginar como algo mais significativo “que um acaso biológico estatístico, com a mesma chance de que milhões de macacos

²⁶ "Aja como se a máxima de tua ação devesse tornar-se, através da tua vontade, uma lei universal."

batendo em milhões de máquinas de escrever durante um milhão de anos acabassem por escrever a Enciclopédia Britânica”. (CAMPBELL, 2001, p. 13)

4. O CURRÍCULO HEROICO: CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE UM OUTRO CAMINHO FORMATIVO

Era uma vez um rio... conta a velha tradição grega que corria mansamente sobre seu cômodo leito de barro. Suas águas eram turvas e nelas viviam os peixes cinzentos, que buscam seu alimento no lodo. Como era muito raso, a nenhum ser humano ocorreu de fazer uma ponte sobre ele e se satisfizeram lançando em seu seio algumas grandes pedras que improvisavam caminhos, apenas úmidos pelas lentas águas. Os animais do bosque, simplesmente, o contornavam pelos lugares menos profundos, revolvendo suas entranhas com suas patas. Para beber, iam ao lago próximo, pois as águas do rio eram escuras e exalavam mal. Porém o deus Hélios, que tudo vê, se compadeceu do Gênio do rio, pois sem ser tonto, atuava como tal, entorpecido pela inércia e a comodidade, já acostumado a que pisoteassem seu corpo, que era úmido e hediondo como uma víbora morta. Com o passar do tempo, o rio havia se conformado com os caminhos mais suaves e evitava os declives violentos. Era mudo, feio e as belas ninfas e as Fadas dos ribeirinhos dele não se aproximavam nem sequer para fabricar seus espelhos mágicos nas noites de Lua Cheia. Um dos Servidores de Hélios secou a terra à sua frente e a elevou de maneira que o obrigou a desviar-se. O velho rio, assustado a princípio, começou a gemer, porém de pronto descobriu o prazer de saltar sobre as pedras, e com um rugido abateu árvores e abriu caminhos, saltando abismos e arremetendo contra enormes penhascos. Sua água se fez límpida ao filtrar-se através das areias e pedregulhos, seu leito foi de pedra e às vezes de metal, brilhando estrias em seu leito como os ígneos látegos de Hélios quando conduz os cavalos de fogo que puxam o seu carro no alvorecer. De seu seio, outrora escuro e lúgubre, nasceu a espuma branca, pois a brancura não aparece se não há luta, se não há purificação. Os peixes coloridos que enobrecem as águas o habitaram, e as límpidas lagoas que ia deixando às suas costas, incrustadas em formidáveis rochas, deixaram maravilhados os Elementais das águas. Com o reflexo refulgente das estrelas, as Ninfas e as fadas fizeram seus pentes mágicos e os espelhos encantados foram extraídos dos profundos remansos. Os homens já não o pisoteavam, senão que levantaram arcos de triunfo sobre ele, aos que chamavam pontes. Os animais o cruzavam a nado, e limpos e brilhantes comentavam, em seguida, sobre a força do rio. Ao final, quando chegava até seu criador Oceano, era recebido com ovações pelas outras águas, que se abraçavam às suas gritando de alegria. E vendo tudo isso, e muitas coisas mais, que não lhes conto, Hélios, o Deus Sol, pensou nos muitos seres humanos que não aproveitam suas oportunidades e seguem sendo rios lentos e barrocos, carentes de valor e de glória. Duas lágrimas correm, então, por Seu Rosto incandescente e assim aparecem as nuvens, e tudo na natureza se volta cinza e chora a estupidez humana.

Délia Steinberg Guzmán, poetiza argentina, em Era uma vez um rio (adaptado)

Se bem observarmos a nós mesmos, mirando-nos autoconscientemente, veremos que dentro de nós existe um ideal daquilo que poderíamos chamar de “eu subjetivo”, isto é, um modelo excelente daquilo que concebemos até então como sendo nossa identidade pessoal, uma versão mais acabada daquilo definido como nossa personalidade, que é sempre o fim para o qual esse mesmo “eu” se dirige ou quer dirigir sua formação. E não há como ser diferente, pois em nós há uma força natural, um impulso arquetípico, que está sempre nos empurrando a viver o mito de nossa própria autorrealização como sujeito, que é o percurso na direção daquilo que conseguimos conceber psicologicamente como sendo o melhor para nós mesmos.

Em outras palavras, partindo do “eu histórico” com que cada um de nós se identifica como sendo aquele que define nossa identidade no mundo, cada um de nós sempre ruma, ou quer rumar, na direção do ideal desse mesmo “eu psicológico”, ou seja, na direção do que queremos ser quando crescermos, ou ainda, do que pretendemos nos tornar profissional, política, econômica, social e culturalmente. É isso, inclusive, o que nos distingue de tantas quantas forem as experiências de vida que nos rodeiam, pois somente a nós é facultada a possibilidade de viver um mito pessoal, isto é, de seguir rumo ao ideal que elegemos como sendo o melhor para nós mesmos, autoformando-nos como quisermos. A esse percurso autoformativo, encerrado na finitude do ser, condensado por inúmeras experiências subjetivas entrecruzadas, consubstanciadas e superpostas umas às outras, os antigos romanos deram o nome de “currículo”, do Latim *curriculum*, de *currere*, “correr”, percorrer determinado trajeto de vida acumulando experiências.

Todavia, como no conto acima, por mim adaptado de Guzman (1980), há um outro percurso de vida que nos diz respeito, digo até, um outro currículo que podemos construir experiencialmente, não propriamente no sentido moderno de uma experiência “antropocêntrica subjetivante”, centrada em nós como sujeitos cognoscentes, mas de uma experiência “cosmocêntrica objetivante”, fundada em nós como ontos, ou ainda, como antropos, que, conforme etimologia, vem do grego arcaico “olhar para cima”, “verticalizar-se”. É um percurso outro, de cerúleo horizonte, de extensão infinita, constituído por uma outra ordem de experiências humanas, cujo traçado, é claro, não foi nem nunca poderá ser aberto a partir de nenhum ideal de realização pessoal, profissional, ou por qualquer outro do gênero subjetivo. É, pois, um caminho nosso, humano por excelência, porém, não por nós concebido, mas pela inteligência superior que a tudo criou e, infundindo-se em todas as suas criações, conferiu a cada uma delas sua própria senda de perfeição, de modo que, “se alguém

quisesse explicar a causa de como alguma coisa nasce ou morre ou existe, teria apenas de descobrir qual é, para ela, a melhor maneira de existir, sofrer ou produzir seja o que for” (PLATÃO, 2010?, p. 61).

No Antigo Egito foi chamado de “Maat”, que representa tanto a divindade da justiça quanto o justo caminho por Ela aberto para os pés do homem pisar firme e resolutamente. No Oriente como um todo, recebeu o nome de “Dharma”, “Sadhana”, “Nom”, “Chos”, “Li”, variando conforme as diferentes línguas asiáticas, porém, significando em todas elas o “Caminho da conquista da Verdade, da Lei”, da ordem, da Retidão moral, cujo áspero solo somente ao homem é facultado trilhar voluntariamente, pois somente nele a suprema inteligência criadora fez-se autoconsciente. E, finalmente, na Tradição Grega, denominou-se “Areté”, ou “excelência”, a virtude em sua acepção mais elevada, significando, numa chave cosmológica, tanto a verdade de ser, a justa medida do existir, o padrão de comportamento equilibrado e harmônico do homem, quanto o difícil caminho de que este deve se servir para realizar sua própria natureza, e o ideal para o qual ele deve seguir para cumprir o propósito último de sua existência, pois “todo ser é bom quando nele vinga e se realiza o tipo de ordem correspondente à sua essência, o seu “próprio cosmos” (JAEGER, 1995, p. 813).

Especificamente, em Platão (2001), como é explicado na República, ele é o próprio percurso conducente ao conhecimento do Bem, que é aquilo que torna o mundo inteligível e o espírito do homem inteligente, sendo, ao mesmo tempo, a causa criadora que sustenta tudo o que o mundo contém, e a finalidade ou alvo da vida, o objeto supremo de todo desígnio e de toda profunda aspiração humana. Ou, se quisermos num termo por nós conhecido, tal percurso formativo é o próprio “destino humano”, a ação necessitante que a ordem do Cosmos, ao exercer-se inapelável e deontologicamente sobre cada um de seus seres singulares, exerce também sobre o homem.

Em outras palavras, é o velho caminho ontológico do homem, o mesmo de sempre, de todas as épocas, de todos os lugares, de todas as tradições, espiralado no tempo, de orientação vertical, porém, hoje, “esquecido caminho”, que o leva ao seu Eu Interior, ou ao Divino de si, conduzindo o que ele é ao que ele deve ser, pois “o Si mesmo é um princípio, um arquétipo da orientação e do sentido”. (JUNG, 1987, p. 146)

É também a formação humana, referida por Gadamer (1999), como sendo originária da tradição mística, fundada na ideia de que o homem traz em sua alma a imago Dei, a imagem de Deus segundo a qual ele foi criado, e tem de desenvolvê-la em si mesmo. Ou

ainda, a aclarada por Campbell (2005), por ele denominada de monomito, espécie de enredo arquetípico do existir, onde o homem sai de um mundo prosaico e corriqueiro que lhe é exterior, e entra no mundo de sua interioridade, onde poderosas forças são enfrentadas e uma vitória decisiva tem que ser conquistada, para que assim ele retorne da sua aventura com o poder de transmitir sabedoria ao seu entorno.

Trata-se, em termos práticos, do que precisamos percorrer para nos tornarmos o que toda humanidade inconscientemente espera que sejamos; ou do que necessitamos vencer dentro de nós para sermos o que queremos ser suprapessoalmente, estrada onde só temos a nós mesmos como companhia, na mais solitária solidão, e onde cada passo é um aproximar-se mais leve, mais lúcido e mais consciente na direção do ideal humano, e não um afanoso empenho para atingir o que estabelecemos como meta de realização egóica. Trata-se, noutros termos, e amiúde, do quanto necessitamos caminhar para alcançar o melhor do humano universalmente consagrado, que é o mesmo que a cúspide do homem almejada inconscientemente pelos homens de todos os tempos, trilha que se estende até o infinito, e que só é por nós concebida quando imaginamos nos realizar existencialmente, ou simplesmente “ser felizes”, sem depender necessariamente de circunstâncias exteriores nem de conquistas de ordem familiar, conjugal, profissional, econômica, intelectual, política ou social.

Tal caminho formativo é, pois, o da conquista do Ser e, não sendo mais uma vereda de inserção nos meios sociais nem uma via de acesso aos modelos de realização humana disponíveis em nossa época, justifica-se por si mesmo, sem nada exigir de nós senão a nossa inteireza de alma e nossa sinceridade para com Deus e conosco mesmos. A respeito dessa inteireza, Jung escreveu:

Ela personifica os poderes vitais além da extensão limitada da consciência, caminhos e possibilidades que, em sua unilateralidade, a consciência desconhece, e uma totalidade que inclui as profundezas da natureza. Ela representa no ser o ímpeto mais forte e inevitável de realizar a si mesmo (...) O ímpeto e a pressão para a autorrealização são uma lei natural, dotados, portanto, de uma força insuperável, ainda que seus primeiros efeitos sejam a princípio insignificantes e improváveis. (JUNG apud MILLER, 2017, p. 26)

É que o homem, como nos fala Dethlefsen & Dahlke (2002), possui um modelo interior independente que deve concretizar-se e assumir-se conscientemente com o decorrer do tempo e ao qual damos o nome de Ser. Assim, nossa trajetória vital é justamente o

caminho que nossa consciência deve percorrer até que encontre esse Ser, que é o símbolo do Todo oculto dentro de nós mesmos.

Por fim, esse caminho é também a senda atemporal da virtude, palavra cuja raiz etimológica romana, como nos explica Livraga (2010), nunca apontou para o desfalecimento sensual nem para a languidez, tampouco para claudicações face aos apetites do corpo, aos temores da personalidade e à vaidade da mente. Ao contrário, sempre apontou para o heroísmo, o valor e a atitude agressiva face às dificuldades impostas pela vida, isto é, para o trabalho e o combate internos, sobretudo quando se apresentam as naturais provações da existência.

Porque também para os romanos antigos, legítimos herdeiros da cultura grega, a verdadeira formação humana pressupunha a decisão consciente e voluntária pela autossuperação e pela marcha na direção da nobreza de alma, ideais que evocavam a misteriosa relação entre o difícil e o válido, entre a dor e a elevação da consciência, como nos antiquíssimos provérbios “Si vis pacem para bellum”, “se queres paz, prepara-te para a guerra”, e “in áspera véritas”, “no difícil, a verdade”.

Por tudo isso, chama-lo-emos aqui de caminho formativo do herói, porém, não a partir da semântica que esta palavra adquiriu na modernidade, pois, como nos fala Campbell (2005, p. 20), “o herói morreu como homem moderno”. Mas a partir da significação antiga de “sagrado”, do grego *hieró*, que denota a experiência formativa conducente ao homem no qual se inspirou a Paideia, qual seja, o homem ideal, eterno, atemporal, aperfeiçoado, não específico e universal. Pois aí o homem não era *sapiens*, mas fundamentalmente *religiosus*, sendo, então, um modelo factível apenas aos indivíduos que, indômitos de alma, valentes de coração, lançavam-se voluntariamente a seguir os passos daqueles seus predecessores, históricos ou mitológicos, cujos indizíveis esforços, dores e sacrifícios existenciais, sempre a serviço das grandes causas, sempre guiados pela excelsitude dos altos ideais, e sempre orientados pela estrela do impossível, quando não fizeram refulgir em todo o porvir o poder do espírito humano, imprimiram no semblante do próprio homem grego o distintivo rosto de Deus.

4.1 Considerações Extemporâneas sobre Formação

Viremos de ponta-cabeça, apenas por alguns instantes, as noções teóricas que estabilizamos em nossa consciência a respeito da finalidade a que se deve orientar a formação do homem, isto é, as impressões que constituímos, instituímos ou estatuímos em nossa mente como resultado de nossa própria cumplicidade com o consenso cultural de nossa época, e perguntemo-nos, fitando gravemente a vida: “qual a finalidade última da existência humana”? ou, de modo mais simples, “para onde vamos?”

Antes, aliás, para fazê-lo com maior amplitude, perguntemo-nos, visando o nosso entorno, do micro ao macro, rastreando o que perdura nos processos existenciais de cada ente, de cada semovente, se haveria neles algo mais distintivo que aquilo de mais belo para o qual cada um deles se dirige, qual seja, sua completude, seu ser, seu ideal. Ou haveríamos de ver algo mais maravilhoso num carvão mineral do que a sua intrínseca vocação para tornar-se translúcido diamante? Mais impressionante numa semente de figo do que a robusta figueira que nela dormita solenemente? Mais extraordinário numa lagarta do que a colorida borboleta na qual ela pode e venha a se transmutar? E no homem? O que haveríamos de ver nele de mais distintivo? De mais belo, admirável e espantoso? Afinal, qual a sua mais ínsita vocação? O que nele dormita solenemente de mais robusto? Em que pode, por natureza, se transmutar extraordinariamente?

Aqui estão algumas questões filosóficas que, irrompendo de minha hermenêutica, considero decisivas para afirmar que formação humana é o processo filosófico que conduz o homem ao melhor de si mesmo, que o aproxima pouco a pouco do Homem Interior que lhe é inerente, tornando-o capaz de viver uma alta moral de vitórias contra suas próprias imperfeições, e de sentir um grande desapego a seu “destino pessoal”, onde campeiam os “eus” do egoísmo e da inconsciência. E sendo da ordem do ideal, a consecução de tal processo formativo sempre dependerá mais do modelo espiritual que se pretende alcançar, do que de teorias pedagógicas históricas, geralmente constituídas a partir de algum interesse político de época. E embora tal afirmação pareça controversa, sobretudo se analisada a partir das perspectivas psicológicas e sociológicas que vigem atualmente nos meios educacionais, ela é filosoficamente legítima, e se sustenta na tradicional ideia de que o sentido último da educação é “acordar” o homem, despertando sua consciência de eternidade, seu senso de imortalidade; é lembrar-lhe o que ele é essencialmente: um ente espiritual, divino; é, enfim, eduzir dele as potências de seu próprio espírito, de seu daemon, na ordem da realização de sua própria enteléquia, isto é, da causa ontológica final que lhe é intrínseca, e que lhe impulsiona a passar da potencialidade de ser ao ato cinético de existir, como diria Aristóteles.

Assim, no sentido forte da expressão, “formação” aqui é um processo, de natureza evolucionar, que reclama sempre mais do homem, do seu espírito, do seu esforço, exigindo-lhe sempre o que ele deve de mais profundo de si a si mesmo. É por isso um processo que lhe exige mais do que lhe é pedido pelo seu “eu histórico”, sua máscara espaçotemporal, independentemente do contexto de época em que ela se encontre situada e dos entalhes

culturais que a constituam como tal. Pois, se repararmos bem, a contrapelo das teorias filosóficas que o subsomem no oceano do social, transformando-o numa mera “caixa de ressonância” dos valores de seu tempo, o homem pode se formar ultrapassando os limites que lhe são impostos pela sua própria condição de existência, isto é, os limites contextuais que o forçam a se adaptar ao devir e às mutações do ambiente cultural no qual se desenvolve historicamente.

E pode formar-se assim porque ele é capaz de mirar o longe e de perspectivar o que se encontra além das miragens coletivas, sendo, em potência, sempre superior às circunstâncias que se lhe apresentam e o forçam a reimmergir em suas sombras originárias. Ele pode, portanto, fazer-se de si mesmo algo mais que um sujeito moderno, isto é, mais que um “errante”, um caminhante de passos ora angustiados, ora enfatiados, ora em falso, ora vacilantes, hoje, acelerados, para ali e acolá, para todas as direções, a se realizar no fácil, a se formar horizontalmente.

É que, do meu ponto de vista, podemos nos tornar mais do que somos hoje, “antes de circunstâncias, vide que, nem a educação, nem a cultura de nossa época, se ocupam de nos elevar espiritualmente. Aliás, tais instâncias formativas, ao contrário, ocupam-se principalmente em nos conduzir à satisfação pessoal, horizontal, moldando nossa personalidade por meio de atrativos, pressões e tensões de todo tipo, e inscrevendo nossa realização ontológica nos níveis mais baixos de nossas possibilidades conscienciais, isto é, nos níveis da aquisição material e da satisfação instintiva, mental e emocional.

E se formar assim, é claro, não é o mesmo que ir resolutamente para o melhor aonde se pode chegar, porque o melhor do homem, como ente autoconsciente, é Deus, que é a sua própria totalidade, ou aquilo de si aproximável apenas via busca da verdade, via ética atemporal. Porque é apenas na vivência de uma “guerra interior” que o homem chama o princípio que lhe dá identidade cosmológica, seu “ânimus espiritual”, para nele se infundir, nisso encontrando a finalidade última de sua existência, seu “para quê” ontológico: tornar-se conscientemente uma fração de Deus.

Assim fizeram, por exemplo, os homens modelos, de quem toda a humanidade se orgulha e toma como inspiração de humano, seja pelos atos heroicos que engendraram, seja pela impregnação de uma aura de santidade em suas próprias vidas. E assim, podem fazer hoje, embora em escala reduzida, os professores de filosofia que seguirem as pegadas do sábio centauro, ou que caminharem no encalço daqueles arautos do viver, daqueles mestres

que acenderam tochas de sabedoria para iluminar o difícil caminho da Superação pelo qual tem de avançar o homem.

Porque, na verdadeira educação, é sempre assim: superar-se a si mesmo; vencer as adversidades, não como injustiças, mas como provas a que se submete; cruzar árduas dificuldades para tornar-se mais do que se está sendo, mais consciente de suas possibilidades espirituais, são atos que invariavelmente nos remetem ao arquétipo do educador-filósofo, do “curador-ferido”, ou à figura do mestre com os seus discípulos. É sempre ele quem convoca o aspirante à sabedoria a experimentar com consciência seus próprios desafios, tendo, para tanto, enfrentado e vencido os que lhe couberam como caminhante da vida, devotado a apreender as essenciais verdades do existir e seus ideais. Porque disso depende a vivência da sua mais autêntica liberdade de ser, ou a vivência da superior liberdade humana, que é, foi e será sempre a que resulta da auto-obediência e da reabsorção consciente das circunstâncias.

Ao meu ver, então, a formação humana desprovida de ideais, sem um sentido transcendente, é um processo existencial tendente à obliquidade moral e, por vezes, até mesmo à pusilanimidade esquiva quanto ao dever do aperfeiçoamento espiritual, pois a principal característica de um ideal é que transforma moralmente aqueles que o seguem, aperfeiçoando-os à medida que se impregnam dele através da abertura aos horizontes existenciais além do estritamente psicofísico, e do desenvolvimento de suas ocultas potências espirituais, o que os levam a ascender na evolução da consciência.

Assim, sem ideais, toda formação não passa de um processo pedagógico que reduz a própria existência humana a um amontoado de fenômenos psicológicos e fisiológicos, cujos automatismos, invariavelmente, são quem dirige o homem, seus interesses e suas ações. Noutros termos, sem um ideal espiritual que lhe sirva de farol em sua caminhada autoformativa, a consciência humana é facilmente subsumida pela personalidade, o que equivale dizer, o verdadeiro ator obedecendo as máscaras que o envolvem, aletargando-se em sonolência contínua, pois é próprio dos “eus inferiores” do homem, crias de seu “eu animal”, docilizá-la ao entretê-la com as satisfações e os prazeres instintivos, emocionais e mentais que lhes são manejáveis. E faltando-lhe a capacidade da estesia superior – ou seja, das sensações proporcionadas pelo dar-se ao mundo em serviço a uma grande causa – não lhe resta senão formar-se elegendo somente aquilo que lhe apraz e não lhe exige muito esforço, até o momento em que a vida lhe diz “não” e, transtornando-a por meio de angústias e desequilíbrios, vazios e aflições, transforma sua caminhada autoformativa num suplício, num sofrimento em que a revolta, a queixa e a vitimização se instalam periodicamente.

Se atentarmos, por exemplo, para o quão precarizado está nosso senso formativo quanto ao valor das grandes metas da existência humana; o quão disfóricos e incrédulos estamos em relação às leis gerais e aos inteligentes mecanismos de justiça que regem a vida; e, enfim, o quão estamos, por isso, a nos formar meio que às tontas, talvez percebamos os efeitos da desespiritualização geral que nos acomete. Pois tal processo, ao forjar a cultura do desencantamento que se nos apresenta, fez a educação esquecer-se do espírito humano, no sentido de provocar nossa consciência para a conciliação com o que há em nós de mais elevado, despreparando-nos para a inevitável lida com os “nãos” da própria vida, ou não nos preparando para lidarmos dignamente com o infortúnio, com a dor, com a decepção, com a incompreensão, com a morte etc, em suma, com as situações existenciais que mais exigem de nós sobriedade, equilíbrio e lucidez.

Uma outra forma de percebermos isso é olhando qualitativamente para trás, como nos sugere Livraga (2010). Por exemplo, se lançarmos a vista para o passado nada mais que uns poucos milhares de anos, e compararmos aqueles tempos com os atuais, nos assustará a realidade do esvaziamento de Valores, da aridez de Ideais e da falta de filósofos e de grandes homens de que padecemos. Ou se pensarmos que um dia puderam conversar Confúcio e Lao-Tsé, quase ao mesmo tempo em que dava o Buda seu Sermão de Benares, falava Pitágoras no Museu sobre a “música das esferas”, escrevia Salomão os seus belíssimos salmos, e entoava Zoroastro os seus cânticos da “tríplice bondade”, torna-se evidente nossa orfandade histórica.

E que não se pense que tais saberes de profundo conteúdo moral foram apenas simples maneiras de falar mais ou menos metafóricas, como nós, modernos, somos muito propensos a crer, mas diferentes expressões de uma mesma sabedoria que atravessou as culturas chinesa, hindu, grega, hebraica e persa, mais ou menos no período da história que Karl Jaspers, por exemplo, chama de “Tempo-Eixo”. Foi nesse período, que abrange parte do milênio anterior ao nascimento de Cristo, que surgiram os sistemas filosóficos hinduísta, confucionista, taoísta, budista, zoroastrista, as profecias judaicas e a filosofia grega. E como é sabido por todos nós, seus arautos não se notabilizaram na história universal porque discursaram ou escreveram sobre ética e filosofia, mas principalmente porque foram exemplos vivos destas, exemplos vivos da aplicação da vontade, do amor e da razão em suas próprias vidas. Exageros à parte, e malgrado minha indelicada comparação, a geração que colocou homens na Lua e deseja ir a Marte ficou sem grandes homens na Terra.

De fato, o heroísmo e a santidade escassearam no mundo: o homem contemporâneo perdeu-se na subalternidade de suas aspirações inferiores. Em resumo, tudo isso reflete o apequenamento interior do homem atual, apesar de seu gigantismo exterior. É uma questão prototípica da mentalidade moderna, isto é, uma questão com raízes muito profundas e de difícil detecção, sendo também um grave problema da educação de nossa época. Pergunta Nicollescu, em seu famoso Manifesto da Transdisciplinaridade:

Como se explica que quanto mais sabemos do que somos feitos, menos compreendemos quem somos? Como se explica que a proliferação acelerada das disciplinas torne cada vez mais ilusória toda unidade do conhecimento? Como se explica que quanto mais conheçamos o universo exterior, mais o sentido de nossa vida e de nossa morte seja deixado de lado como insignificante e até absurdo? A atrofia do ser interior seria o preço a ser pago pelo conhecimento científico? (NICOLESCU, 1999, p. 1)

Que não se pense contudo que, por tais considerações, estou aqui desconsiderando o valor dos caminhos eleitos como formativos pela subjetividade humana, na razão direta das necessidades histórico-existenciais de cada sujeito, de suas errâncias, de suas correções de rota, de seus fluxos de desejo, uns e outros, nascidos de experiências socioculturais diversas. O que quero é sobretudo enfatizar, ora assertivamente, ora criticamente, que a vida convoca o homem a uma aventura outra, mais dramática, mais numinosa, mais profunda. É, pois, uma saga vertical, uma jornada formativa que o capacita a conquistar objetivos mais elevados, metas de vida tão altas como grande é o espírito capaz de vislumbrá-las, as quais, quanto mais altas, menos serão suas como pessoa, como personalidade histórica, mas de toda a humanidade, uma vez que tudo o que sobe, converge – como nos diz platonicamente Teilhard de Chardin.

Essa jornada ascendente, como já disse, é o próprio caminho atemporal da heroicidade, ou se quisermos em outros termos, da sacralização da experiência humana, no concurso da qual todos os demais caminhos formativos, todos os enredos históricos, de caráter social, político, econômico, etc, atravessando-a, podem se infundir hierarquicamente em sua infinita extensão. Sobre isso, fala-nos a Sagrada Escritura, em Provérbios (3:5): “Reconhece Deus em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas”

Então, sendo dessa natureza, ou de uma ordem cujos fundamentos reclamam ao homem o cumprimento do seu mais ínsito dever, o de conhecer-se a si mesmo, não há quem melhor possa trilhá-lo que aqueles que fazem do saber filosófico o *leitmotiv* de sua vida.

Pois ao cumprimento desse dever, desse imperativo categórico da própria alma humana, não pode conduzir qualquer saber, mas tão-somente aquele sobre o qual versam as indagações dialéticas de Sócrates. Ou seja, ao cumprimento dessa norma suprema da interioridade mais profunda do homem, a qual o obriga a realizar sua dignidade de ente autoconsciente, compelindo-o a formar-se em sua autêntica *Areté*, não pode conduzir qualquer conhecimento, que dirá de natureza sofismática, mas tão somente as verdades essenciais sobre as quais se apóia a própria filosofia.

E é assim porque, digo-o enfaticamente, e de passagem, o método socrático é o procedimento formativo excelente do filosofar, distando em valor e em legitimidade de tantos quantos forem os procedimentos erísticos da sofística, mas sobretudo no quesito intenção. Se o método socrático se ocupa em formar espiritualmente a consciência humana, preparando-a para a arte sublime da desegoização e da obediência aos ditames do Ser, os procedimentos metodológicos da sofística se voltam apenas a formar aquela para o desenvolvimento das competências e das habilidades que lhe são facultadas psicologicamente, não comprometendo-se com a elevação moral do homem, nem com o dever que a vida imputou a este por sua autoconsciência: o de descobrir a Verdade no seu próprio interior, o Deus alentado no mais profundo do seu ser.

E se, por fim, é aceitável a afirmação de que o homem apequenou-se interiormente em nossa época, agigantando-se compensatoriamente no mundo de fora através de opulentas conquistas materiais, não é por demais esperar que os aspirantes a educador-filósofo invistam-se, antes dos demais educadores, da responsabilidade de reverter tal situação. E que o façam pelo menos dentro de si mesmos, mediante a recompreensão do que é efetivamente o homem, do que é mais sagrado em sua vida, e do que é de fato ético, quando ele é visto com extrema profundidade. E não duvidemos: o notório aviltamento do ente humano e de suas possibilidades de existência, ambos reduzidos à grotesca imagem antropológica de um animal no imaginário moderno, provém, em algum grau, do circuito imaginativo homem-educação-formação, ativado em nossa civilização por força de seu recalçamento espiritual. Refiro-me, baseando-me em Durand (2002), ao imaginário como o reservatório das imagens que uma coletividade privilegia num determinado momento, no “ir e vir” dos símbolos aos quais lhe é possível aceder ao longo de seus inúmeros ciclos de desenvolvimento histórico.

Assim, se perguntássemos a Clio, bela musa da história, por seu mnemônico saber, as razões de confundirmos educação com adestramento, e formação com desenvolvimento intelectual, é possível que dela escutemos algo sobre o famoso *Homo Sapiens*, tipo humano

descendente das bestas e zênite da evolução animal, sendo, por isso mesmo, o mais animal de todos os animais. E se perguntássemos a ela sobre as causas de tantos processos formativos sem finalidade espiritual, sem grandes ideais para orientá-los ao melhor do humano, talvez escutássemos dela alguma coisa sobre o “ser-aí”, o tão apregoado “*homo Aleatorius*”, tipo humano atirado fortuita e contingencialmente pelo acaso no espantoso teatro do mundo, sem quê nem porquê, e sem nenhum sentido a priori para sua existência. Mas se perguntássemos a ela, musa proclamadora da história, sobre os motores ocultos de uma formação voltada à constituição de um espírito plenamente desenvolvido, a fazer desabrochar todas as virtualidades humanas, não tardaríamos a ouvir dela sobre o “herói”, tipo humano de estirpe celestial, descendente dos deuses, sendo, por isso mesmo, dignitário dos mais elevados valores, ideais e desafios existenciais.

Eis o motivo pelo qual detalhei ainda mais, no capítulo que segue, a ideia de homem que orienta esta tese, vinculando-a, é claro, a Paideia Grega, a fim de abirmos passo na direção dos referidos Atos Curriculares de Quíron.

II PARTE

“De uma só raça, apenas uma,
nós somos, Deuses e homens”

Píndaro, poeta grego, em Odes Píticas

5. O HOMEM COMO MICROCOSMO: UMA ESQUECIDA COMPREENSÃO ANTROPOFILOSÓFICA

“Ainda ontem pensava
 que não era mais do que um fragmento trémulo
 sem ritmo na esfera da vida.
 Hoje sei que sou eu a esfera,
 e a vida inteira em fragmentos rítmicos
 move-se em mim.
 Eles dizem-me no seu despertar:
 ‘Tu e o mundo em que vives
 não passais de um grão de areia
 sobre a margem infinita de um mar infinito’.
 E no meu sonho eu respondo-lhes:
 ‘Eu sou o mar infinito,
 e todos os mundos não passam de grãos de areia
 sobre a minha margem’.
 Só uma vez fiquei mudo.
 Foi quando um homem me perguntou:
 ‘Quem és tu?’”

Kalil Gibran, poeta libanês, em *Despertar*

Pôr ao alcance dos aspirantes ao saber de Minerva – dos que querem se inspirar com grandes ideais, dos que podem apontar a seta de sua consciência para as estrelas – um esboço da mais arcana compreensão a respeito do homem, a que o apreende de “cima para baixo”, em sua centáurica tensão “cavaleiro-cavalo”, é o que me dediquei a fazer neste capítulo. E o fiz recorrendo tanto à imagem mitológica de Quíron, a qual nos comunica de pronto a “encruzilhada ontológica” onde se encontra o homem, quanto aos fundamentos antropocosmológicos da Paideia grega, os quais o situam como um Microcosmo.

Dessa forma, plantei desde já neste trabalho a concepção de homem e a cosmovisão cultural que orientam minha hermenêutica, visando elucidar o posicionamento axiológico por mim adotado, esteiar minhas reflexões filosóficas sobre formação e, na medida do alcance iluminativo destas, contribuir com as epistemologias e os acontecimentos pedagógicos que preparam a virada antifaustiana de que tanto precisa a formação filosófica na contemporaneidade.

É que tal formação materialista, como já disse, ignorando os problemas essenciais da vida humana e entregando-se cada vez mais à agitação dos afazeres pragmáticos e políticos, transformou-se numa atividade profana, num processo pedagógico extremamente ocupado com investigações desligadas das realidades superiores do espírito e dos princípios absolutos que dão coerência ao intrigante enigma da vida humana. E isso explica, pelo menos em

parte, porque ela encontra-se posicionada a considerar um retorno ao velho e caduco modo de ver o mundo, a perspectiva filosófica que se apoia na Tradição. Não enxerga, portanto, que tal perspectiva é um olhar atemporal dedicado a apreender a unidade de fundo da realidade humana, que é a quintessência filosófica para onde convergem os ensinamentos de todos os mitos heroicos e de todas as filosofias devotadas à verdade, de que temos conhecimento na história.

De fato, como em nenhuma outra época, a formação filosófica tem servido tão pobremente os aspirantes a filósofo com as verdades permanentes da própria filosofia – aquelas cuja profundidade concilia todas as antinomias morais, aquelas forjadas multimilenarmente na mais pura atividade filosófica, aquelas sem as quais nenhum homem pode crescer espiritualmente. Eis porque a filosofia atual não mais se justifica como a mais alta educação de que este pode se servir para fazer florescer em si as suas microcósmicas potencialidades e viver com sabedoria.

Refiro-me à sabedoria atemporal dos antigos, que são os ensinamentos comuns de todas as escolas filosóficas tradicionais de que temos conhecimento, cuja finalidade voltava-se a “desanimalizar” a consciência desses aspirantes, isto é, a despertá-los interiormente de modo a levá-los a encontrar em sua própria interioridade o seu verdadeiro “eu”. Especificamente, ao acervo de verdades permanentes da Tradição, que, vindo desde as acrópoles filosóficas e as arcanas raízes míticas de que já esquecemos até a modernidade ocidental, graças ao imenso poder educativo da Paideia grega e de suas ressonâncias filosóficas tardias, era transmitido a todo aspirante a filosofia que buscava a aceleração de seu aperfeiçoamento, ou a superação de sua moral negativa, para que aprendesse a difícil ciência do discernimento espiritual ou da desegoização.

O objetivo de tal ciência, em resumo, era fazer com que aqueles aspirantes aprendessem a se auto-observar com o máximo de profundidade, para que, pouco a pouco, modificassem estruturalmente a forma como viam a si mesmos e ao mundo, vivessem percepções, experiências e valores tidos como inalcançáveis, e conseqüentemente, alinhassem suas ações com as leis do ser às quais respondem interiormente.

5.1 O Homem Como Uma “Encruzilhada Celeste-Terrena”

Antes do grito²⁷ de Munch e da metamorfose²⁸ kafkiana, como se anteviesse os alvares de mais uma era de dessacralização humana, Shakespeare (2005, p. 64) pôs nos lábios do seu príncipe Hamlet as seguintes palavras: "Que obra de arte é o homem: tão nobre no raciocínio; tão vário na capacidade; em forma e movimento, tão precioso e admirável, na ação é como um anjo; no entendimento é como um Deus; a beleza do mundo, o exemplo dos animais”.

Não muito distante do espaço-tempo do grande dramaturgo inglês, e igualmente alentado pelo frescor filosófico-primaveril da Renascença, o filósofo Pico Della Mirândola, no seu Discurso sobre a Dignidade Humana, disse que leu num antigo alfarrábio árabe, que, tendo sido perguntado sobre qual seria o maior espetáculo do mundo, um velho sábio sarraceno respondeu: o ser humano! E o fez inspiradamente, como se procurasse ecoar o que foi dito por Sófocles ([S.I.], p. 14) milênios antes. Disse o grande tragediólogo grego, em *Antígona*: “numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas a maior é o Homem”.

Mirândola, também conhecido por escrever o manuscrito filosófico²⁹ que entrelaçou os mais importantes tratados morais de que se tinha conhecimento em sua época, imaginando o que Deus disse a Adão no momento da Criação, imprimiu ainda as seguintes palavras:

Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fiz celeste nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de si mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tiveres seguramente escolhido. Poderás degenerar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo (MIRÂNDOLA, 2001, p. 53).

Nenhuma sentença filosófica, porém, comunicou mais sobre a espantosa condição humana que a produzida pela enigmática pena de Da Vinci. Das hábeis mãos do maior gênio da Renascença, o que de mais notável surgiu não foram frases filosoficamente retumbantes, mas a figura do Homem Vitruviano, o mais eloquente símbolo da

²⁷ Famoso quadro do pintor expressionista Edvard Munch, em que a angústia e o desespero humanos são figurados. No século XX, tornou-se uma das obras mais valorizadas da história da arte.

²⁸ Famosa obra de Franz Kafka em que o desconcerto existencial moderno é representado na transformação do personagem Gregor Samsa num asqueroso inseto.

²⁹ As famosas “900 Teses”, das quais apenas 13 foram anatematizadas pela Igreja.

“microc3smica humana”, simb3lica concebida originalmente pelos gregos a partir de sua geometria sagrada, especificamente a partir da Matem3tica das Divinas Propor33es³⁰.

Nessa famosa ilustra33o renascentista, o homem encontra-se dentro de um c3rculo e de um quadrado, que s3o, para as antigas tradi333es filos3ficas em geral, respectivamente, os s3mbolos da espiritualidade e da materialidade. E n3o encontra-se de qualquer jeito, mas numa imbrica33o de perfeita simetria e integra33o com estas formas geom3tricas, numa justaposi33o entre elas, o que revela de pronto a encruzilhada “celeste-terrena” de sua condi33o existencial, que 3 o estatuto ontol3gico que situa a sua *Tim3* c3smica, ou a sua dignidade no Universo. Em 3ltima inst3ncia, 3 isso que lhe confere o poder de se relacionar a um s3o tempo com as realidades metaf3sica, perene, atemporal, arquet3pica, intelig3vel, divina (rela33o representada pelos p3s que caminham dentro do c3rculo); e com a multifacetada realidade sens3vel, rela33o representada pelos p3s im3veis dentro do quadrado).

Especificamente, em chave filos3fica 3rfico-pitag3rico-plat3nica³¹, este desenho nos indica qual 3 o distintivo “lugar” do homem no Grande Macr3bio, como diria Plat3o: o da autoconsci3ncia, o do entremundo, ou o do “n3o lugar” (“utopos”, em grego), o “ponto arquimediano” onde a m3nada³² passa a refletir a plenitude consciente de onde proveio, ou as potencialidades do Todo Universal, por3m, condicionalmente, isto 3, em condi333es de materialidade e temporalidade animal, as quais lhe sobrev3m, por necessidade e desafio, nesta etapa de sua evolu33o c3smica.

E isso explica porque ela, ao fazer-se *Antropos*, munida apenas do nada que cont3m tudo por refletir o Todo, lan3a-se a cumprir sua jornada ontol3gica tendo de lidar necessariamente com as duas polaridades c3smicas, os dois extremos da Manifesta33o: a

³⁰ Propor33o 3urea, n3mero de ouro, n3mero 3ureo, se333o 3urea, propor33o de ouro 3 uma constante real alg3brica irracional denotada pela letra grega Phi (PHI), em homenagem ao escultor F3drias, que a teria utilizado para conceber o Parthenon, e com o valor arredondado a tr3s casas decimais de 1,618.

³¹ A religi3o 3rfica exerceu uma profunda influ3ncia na g3nese da filosofia grega, e, por consequ3ncia, na filosofia ocidental. Orfismo 3 o nome dado a um conjunto de cren3as e pr3ticas religiosas origin3rias do mundo grego helenista associada com a literatura atribu3da ao poeta m3tico Orfeu, que desceu ao Hades, o reino inferior, e voltou. Nesta religi3o desenvolveram-se os chamados “mist3rios”, com elementos da religiosidade oriental, tendo suas cren3as mais logicamente enla3adas e seus pr3prios rituais reconhecidamente simb3licos e com forte conte3do arquet3pico-psicol3gico. As filosofias de Pit3goras e Plat3o foram diretamente influenciadas pelo Orfismo.

³² A palavra m3nada procede de Pit3goras, foi empregada por Plat3o como id3ia e desenvolvida modernamente por Leibniz e Renouvier como uma subst3ncia inteiramente simples (pura indivis3vel e refrat3ria a qualquer influ3ncia exterior. A m3nada 3 dotada de uma for3a interior que a transforma, de potencialidades que se desenvolvem continuamente e de capacidade de percep33o e vontade. As m3nadas s3o diferentes entre si no tocante a essas pot3ncias internas. (PIRES, s.d., p. 68)

densa e grosseira materialidade-temporalidade da “carne”, que tem em si condensado, em nível fundamental, “os quatro elementos”, e em nível formal, a herança dos reinos animal, vegetal e mineral; e o vazio pleno e eterno do divino. Fazendo-o, porém, em estado de autoesquecimento, pois neste “lugar de experiência” imperam as densidades da matéria e do tempo sobre a luminosidade e a duração do espírito, ou simplesmente o quadrado sobre o círculo, a sombra sobre a luz.

Não é por acaso, portanto, que os filósofos da tradição órfico-pitagórica – o que inclui Hesíodo, Píndaro, Heráclito e Platão – consideravam o homem um "deus mortal", uma consciência plena que se projetou na matéria e perdeu a percepção de que é um ser uno e eterno, uma fração do Todo, um espírito. Escreveu Hesíodo (2011, p. 55) em Os Trabalhos e os Dias: “Tem mesma origem Deuses e homens mortais”. E Platão (1997, p. 63), no Fedro, referindo-se a estes: “Deuses sois, mas disso vos esquecesteis”. Ademais, sobre isso escreveu Bertrand Russel (2016, p. 50), em sua História da Filosofia:

Para o órfico, a vida neste mundo é sofrimento e enfado. Estamos ligados a uma roda que gira interminavelmente em torno do nascimento e da morte; nossa vida verdadeira está nas estrelas, mas achamo-nos atados à terra. Somente pela purificação, pela renúncia e por uma vida ascética, podemos escapar a essa roda e alcançar, finalmente, o êxtase da união com Deus.

Podemos talvez alcançar um melhor relance desta compreensão antropológica antiga, explicando-a da seguinte maneira: a mônada, ou centelha divina, é uma “peregrina cósmica³³” em busca de sua plenitude, e o homem, uma ideação do Logos, uma ideia de Deus – como o “Purusha³⁴” ou “Homem Celestial” dos hindus – na qual a própria mônada vive uma experiência de autossuperação totalizante. Desde o instante em que ela perde misteriosamente a sua Unidade – “cai” do Todo, ou é “expulsa do paraíso”, e se lança como homem, a ganhar “o pão de cada dia com o suor de teu rosto³⁵”, ou a cumprir os seus “doze trabalhos³⁶” – torna-se autoconsciente, porém, se esquece de si mesma, de sua origem divina

³³ Na Doutrina Secreta, no tomo sobre a Cosmogênese, lê-se o seguinte: "Peregrino" é o nome dado à nossa Mônada durante seu ciclo de encarnações. É o único Princípio imortal e eterno que existe em nós, sendo uma parcela indivisível do todo integral, o Espírito Universal, de que emana e em que é absorvida no final do ciclo" (BLAVATSKY, S.I., p. 136).

³⁴ Nos Vedas, purusha significa o homem cósmico cujo sacrifício pelos deuses criou toda a humanidade. É um homem com “mil cabeças”, símbolo de que somos universais, ou de que, em cada um de nós, habita toda a humanidade.

³⁵ Em alusão à passagem bíblica que descreve a expulsão de Adão e Eva, a humanidade originária, do Paraíso.

³⁶ Em chave cosmológica órfico-pitagórica, os 12 trabalhos de Hércules refere-se à jornada celestial da mônada, processo de purificação a que esta se submete ao longo de 12 eras zodiacais, perfazendo o movimento conhecido como Precessão dos Equinócios.

e de seu excelso destino. E é assim porque, se, por um lado, são as limitações desta descida que a fazem “abrir os olhos”, embora em estado semidesperto de espírito, como nos fala Platão; por outro, são estas mesmas limitações que a fazem esquecer-se de si mesma, pois são elas que invertem a direção de seu destino, ao impor-lhe o uso de uma máscara, ou uma identidade animal, cujas disposições existenciais encontram-se apontadas, não para os alvos da unidade e do eterno, mas para os da mudança, da diversidade e da sensação efêmera. Por isso mesmo “não se trata de uma queda, mas de uma experiência necessária, em que dominam as forças materiais e prevalecem os instintos animais; o ser está submetido ao desafio do não-ser” (PIRES, 2013, p. 7).

Cada um de nós é aí, nesta cosmovisão antropológica, então, revelado como um ente de complexíssima natureza, um ente que tem dentro de si uma corda esticada entre o animal e o super homem³⁷, porém, com os passos de sua consciência palmilhando ainda a metade animal desta corda, tendendo, por isso, a caminhar a existência muito inconscientemente, isto é, a sentir mais o peso do quadrado que a leveza do círculo, mais em aceno à sombra que em reverência ao sol. Todavia, sem nunca deixar de procurar a luz, de olhar para cima, de aspirar o infinito, e de suspeitar-se como portador de algo maior que si mesmo. Eis porque para os filósofos da Tradição – e para mim também, porque no encaço deles estou – o homem é religioso por natureza, tem naturalmente em si a vertigem do mistério.

Notemos, inclusive, que isso é um fato universalmente constatável na experiência humana, tanto porque se baseia na natural propensão que o homem tem para o sagrado e para a devoção, por Jung chamada de “função transcendente”, e “hoje plenamente reconhecida pelas Filosofias da Existência com a designação de impulso de transcendência” (PIRES, 2013, p. 6), quanto porque as mitologias de todos os povos referem-se ao homem como único “lugar ontológico”, idealizado pela Grande Inteligência, que nada recebeu da Criação a não ser absolutamente tudo, e onde se cruzam os caminhos sem fim do espírito e da matéria. No Protágoras, por exemplo, Platão (1999) fala-nos sobre isso em chave mitológica. Relembrando a façanha de Prometeu, ele nos conta que, dentre todos os seres da criação, somente o homem não recebera um dom específico, mas o facho de luz de onde provieram todos os dons da criação, devendo, por isso mesmo, superar as formas de vida inferiores e se elevar até o Olimpo.

Tal fato esclarece, ademais, porque o homem sempre fora tradicionalmente concebido como uma *Imago Dei* terrenal, imagem e semelhança de Deus, ou, como diriam

³⁷ Em alusão à uma famosa frase de Nietzsche, em Assim Falou Zaratustra.

os antigos gregos, perfeita síntese de todas as partes do universo, um Microcosmo, lugar ontológico que impõe à consciência monádica a sua mais difícil provação, a sua mais espetacular jornada heroica. Pois é neste lugar, e só nele, que a mencionada consciência é crucificada por duas forças antagônicas poderosíssimas, uma que sobe aos altiplanos do espiritual, outra que desce aos inferos da matéria, para, nesta “escola dos contrastes”, aprender o que precisa, até discernir qual daqueles caminhos a leva de retorno para o Todo, do mesmo modo que uma gota se descobre como oceano. Isto é, a leva a “reencontrar sua integridade original, recuperar sua natureza holística, e voltar a ver a si mesma como uma parte do processo cósmico do Grande Uno” (RAM, 1954, p. 5).

É por tudo isso que, se escavarmos a cultura grega até o tempo do brotar de suas mais arcanas raízes, descobriremos um sentido pouco usual da palavra ética nos dias de hoje: o de “morada cósmica do homem”. Para os gregos da Paideia homérica, por exemplo, *ethos* é a “casa onde habita o Ser”, onde habita o centro da consciência do ente humano, muito além de toda interioridade psicológica; é o seu lugar próprio na Criação, seu solo ontológico no universo, sendo, também, o fundamento último de sua práxis, o marco cosmológico de orientação de seus atos em relação a si mesmo e ao mundo.

Assim, não se trata de uma ética do tipo em que as leis vêm de fora, vêm do mundo, a não ser do mundo como espelho, como reflexo circunstante das faces do humano que o homem ainda não conhece em si mesmo, ainda não integrou em sua consciência. Pois há no homem uma ética – e os antigos sabiam disso – que só se dá à consciência humana por introversão, sem depender, portanto, de contextos históricos e situações sociais específicas, onde são engendrados os usos, os hábitos e os costumes humanos. Era, em suma, o que os eleusinos³⁸ chamavam de Ethos-Antropos-Daemon, a “Morada do Divino no Homem”, ou o lugar da autoconsciência, o “onto-lugar” onde a mônada desperta de seu estado de inconsciência: “Deus dorme nas pedras, respira nas plantas, sonha nos animais e desperta nos homens” – enuncia um antiquíssimo provérbio hindu presente na cultura grega desde a “noite imemorial” de suas origens.

³⁸ Os Mistérios Eleusínios constituem o segredo mais bem guardado do mundo antigo. Originários de Creta como um festival de outono dedicado à deusa Deméter e reservado somente às mulheres, eles foram expandidos e abertos a todas as pessoas se fossem adultas, falassem grego e não tivessem cometido nenhum crime. Iniciados na metade do segundo milênio a.C., os Mistérios Eleusínios perduraram por quase dois milênios sem que ninguém revelasse nada a respeito dos rituais e das iniciações. O pouco que se sabe foi divulgado pelos comentários literários, pelas referências históricas ou nas difamações cristãs sobre as práticas pagãs. A palavra Eleusis simbolizava “O lugar da chegada feliz” e deu origem ao termo “Campos Elísios”, sinônimo do paraíso pré-helênico. (www.teiadeothea.org)

Então, feito este necessário preâmbulo, que se tenha permanentemente em vista neste trabalho, que, de meu olhar filosófico, o homem é um ser em evolução, e que esta não se reduz a uma transformação individual, pois antes de ser *antropos*, ele é parte de um Todo, o qual também evolui em espantosa e magnificente experiência de autoconhecimento, e que se destina, orientado pelos arquétipos demiúrgicos que o constituem, à plenificação de Si Mesmo ou à conclusão da “Magnus Opus Dei”. Portanto, como todo e qualquer ente projetado na existência, o homem é, com o distintivo da autoconsciência, um ser que traz consigo “fixada em sua sensibilidade ôntica, o esquema de sua destinação cósmica” (PIRES, 2013, p. 17), ou o caminho formativo de que precisa trilhar para tornar-se o que é, que, no seu caso específico, é o mesmo do universo: o do autoconhecimento. Disse Píndaro (2006) em suas Odes Píticas: “Torna-te quem tu és”. E escreveu-se em Delphos: “Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás a Verdade e o Universo”.

6. A DUPLA EUDADE DO HOMEM NA PAIDEIA FILOSÓFICA GREGA

“Rompe o caminho fadado.
 Ele dela é ignorado.
 Ela para ele é ninguém.
 Mas cada um cumpre o Destino —
 Ela dormindo encantada,
 Ele buscando-a sem tino
 Pelo processo divino
 Que faz existir a estrada.
 E, se bem que seja obscuro
 Tudo pela estrada fora,
 E falso, ele vem seguro,
 E, vencendo estrada e muro,
 Chega onde em sono ela mora.
 E, inda tonto do que houvera,
 À cabeça, em maresia,
 Ergue a mão, e encontra hera,
 E vê que ele mesmo era
 A Princesa que dormia”.

Fernando Pessoa, Poeta Português,
 em *Eros e Psiquê*

A propósito deste belíssimo poema de Pessoa, Começemos esta seção aproximando-nos do entendimento, que fiz meu, sobre o que é o fenômeno da autoconsciência, a fim de melhor explicar o que é o homem segundo as velhas escolas filosóficas da antiguidade.

Foi partindo da expressão filosófica *cum scire*, que significa em latim “estar no centro” e, por extensão, “autoconsciência; e da matemática pitagórica, que ilustra tal fenômeno através do número “1”, geometricamente um ponto no centro de uma circunferência perfeita, e que, em chave órfico-pitagórica, expressa o “despertar” da consciência de Deus dentro de sua própria Criação; que cheguei à definição de autoconsciência como um concentrar-se na consciência, como uma consciência da consciência, ou como a posseção de si mesmo. É que visto daí, ou visto de cima, o homem não é um animal: fundamentalmente ele é o ponto central da esfera de sua existência, o eixo em torno do qual orbita a fenomenológica animal que lhe condiciona e lhe dá esteio existencial – pela psicologia moderna chamada genericamente de “ego”, pelos gregos de “máscara”, e pelos romanos de “persona”, pessoa, personalidade.

Mas é das coordenadas mitológicas do mundo grego que localizaremos a imagem que nos fornece a exata compleição ontológica do homem à qual me referi na seção anterior, uma vez que são elas que melhor o situam como um pontífice, um ente-ligação, um ponto de união entre dois planos de realidade, enfim, um ser crucificado entre dois mundos. Com efeito, para os gregos o homem é um Microcosmo, um pequeno Universo feito à imagem e semelhança do Macrocosmo, um *Universum Contractum*, sobressaindo-se em relação aos demais seres da Criação como um elo consciencial entre o mundo sensível e o mundo espiritual. Como Quíron, pelo espírito está unido aos Deuses, pelo corpo, aos animais. É narrando a história de Quíron que Brandão (1987, p. 90) nos explica o conteúdo filosófico

dessa interessante relação entre o homem e o sábio centauro. E o faz por convergência simbólica, pela semelhança dos respectivos destinos que lhes espreitam arquetipicamente:

Filho do deus Crono e de Filira, pertencia à geração divina dos Olímpicos. Pelo fato de Crono ter-se unido a Filira sob a forma de um cavalo, o Centauro possuía dupla natureza: animal e humana. Vivia numa gruta, no monte Pélion, e era um gênio benfazejo, amigo dos homens. Sábio, ensinava música, artes da guerra e da caça, a moral, mas sobretudo, a medicina. Foi grande educador de heróis, entre outros, de Jasão, Peleu, Aquiles e Asclépio. Quando do massacre dos Centauros, por Herácles, Quíron, que estava ao lado do herói, e era seu amigo, foi acidentalmente ferido por uma flecha envenenada do filho de Alcmena. O Centauro aplicou unguentos sobre o ferimento, mas este era incurável. Recolhido a sua gruta, Quíron desejou morrer, mas nem isso conseguiu, porque era imortal. Por fim, Prometeu, que nascera mortal, cedeu-lhe seu direito à morte e o Centauro pôde então descansar. Conta-se que Quíron subiu ao céu sob a forma da constelação do sagitário, uma vez que a flecha, em latim sagita, a que se assimila o sagitário, estabelece a síntese dinâmica do homem, voando atrás do conhecimento para sua transformação, de ser animal em ser espiritual.

Já em termos filosóficos, é o pensador de proa da tradição grega quem nos oferece o argumento mais notável sobre a referida microcós mica humana. E o faz recorrendo ao mito por saber que o símbolo é capaz de nos levar a intuir o que o conceito não é capaz de apreender. Platão (2011), no *Timeu*, nos conta que o Demiurgo e outros deuses artesãos, manejando certas substâncias cósmicas a partir de modelos ideais, criaram o Cosmos. A partir da mesma proporção matemática, criaram analogamente o homem, de modo a ser ele também um todo, constituindo-o de Nous (espírito), de Psique (Alma) e de Soma (corpo). Interpenetrados e dispostos hierarquicamente, constituíram nele duas interseções, dois liames ou nós ontológicos, o Eu Humano e o Eu Animal, por assim dizer, espécies de zonas psicológicas por onde transitaria a consciência, feita aí a própria psique humana.

Assim, Psiquê, a “borboleta”, ou a eterna “consorte do Amor” – por nós referida aqui como consciência, porque na existência humana não há consciência senão em estado psicológico – “por decisão do teu ânimo”, conforme outrora nos falou Mirândola, tanto pod se elevar aos estados mais olímpicos de espiritualidade, quanto cair nos estados mais trevosos de animalidade. É isso que, em *O Asno de Ouro*, Apuleio, escritor e filósofo romano de formação mistérica iniciática, nos retransmitiu simbolicamente ao nos contar o belíssimo mito de Eros e Psiquê. É isso também, e do mesmo modo, que o fundador da Academia procura nos dizer no *Fedro*, quando se refere a um condutor que guia uma biga puxada por dois cavalos alados: o da razão, que o puxa para cima, para o mundo das ideias ou espiritual, e o das paixões irracionais e concupiscentes, que o puxa para baixo, inclinando-o às ordinariiedades do mundo sensível e afetando-o com todo tipo de forma e de sensação de origem material, motivo pelo qual desenvolve gostos, apegos, vícios, antipatias e também hábitos de pensamento e emoção. O sentido da alegoria, em chave órfico-platônica, é bem claro: o condutor é a consciência pura ou a mônada, a biga é a psique humana ou a consciência em estado psicológico, e os cavalos são os “eus” ou os caminhos de que pode o homem se servir para subir ou descer, já que é uma “encruzilhada celesteterrena”.

Não por coincidência, milênios mais tarde, em chave psicológica moderna, afirmaria Jung (apud. Stein, 2006) que a natureza da psique humana compreende elementos somático-instintivos (isto é, impulsos) numa das extremidades do espectro, e elementos espiritual-arquetípicos (isto é, imagens e ideias) na outra extremidade. Segundo esse autor, em ambas as extremidades a psique vagueia por entre as fronteiras do psíquico até áreas não-psíquicas, ou seja, entre questões físicas na polaridade somática e entre questões puramente espirituais na polaridade arquetípica. O mesmo afirma Livraga (2010, p. 13), quando nos fala que “a natureza de Psychê é essencialmente cíclica, pois ela mergulha alternadamente no plano espiritual, de onde recebe as ideias, e no plano material, onde projeta essas mesmas ideias”.

Assim, essa concepção platônica de origem arcana, fundamentada na bipartição da consciência psicológica em um “eu animal”, que é material, pessoal e egoísta; e um “eu humano”, que é espiritual, universal e altruísta, dá-nos a perceber muito facilmente que em cada um de nós há dois de nós em constante guerra pelo domínio de nossa consciência. Quais sejam: um mecânico e inferior, absolutamente reconhecível pelo ininterrupto e cambiante fluxo de fenômenos mentais, emocionais e instintivos que nos atravessa involuntária e desordenadamente, e que tão frequentemente, por serem pouco educados e mal dirigidos, nos arrastam a tormentas interiores que paralisam nossa razão, geram em nós mil e um medos, perturbações, ansiedades, fantasias, veleidades e desassossegos, e ampliam a possibilidade de agirmos em desacordo conosco e irresponsavelmente; e outro, profundo e, por isso mesmo, pouco atendido por nós mesmos, cujo acesso só se dá quando, transcendendo muito esforçadamente as ordinarydades provocadas por aquele fluxo, alcançamos a região psíquica, a qual reconhecemos em nós como mais verdadeira, “eudade” serena, lúcida e sempre tendente a ações virtuosas. Referindo-se a esse estado de coisas dentro de nós, e ao mesmo tempo ao principal fundamento de sua ética eudaemônica, sintetizou o mestre da Academia:

[...] coletivamente todos são pública e privadamente inimigos de todos, e individualmente também cada um é seu próprio inimigo. [...] É precisamente nessa guerra, meu amigo, que a vitória sobre o eu é de todas as vitórias a mais gloriosa e a melhor, e a autoderrota é de todas as derrotas de pronto a pior e a mais vergonhosa, frases que demonstram que uma guerra contra nós mesmos existe dentro de cada um de nós.” (PLATÃO, 1999, p. 69).

Não por coincidência, é dessa mesma guerra que trata o BhagavadGita – saltando aqui para a multimilenária filosofia hindu –, belíssima obra que narra aquela espetacular jornada da consciência por meio do relato da dolorosa encruzilhada existencial em que se encontra Arjuna, o herói discípulo do Deus Krishna, que se vê no centro de um campo de batalha entre os exércitos dos Kuravas e dos Pândavas, este sob o seu comando, aquele lhe antagonizando, mas todos eles seus parentes, sendo obrigado por si mesmo, graças aos conselhos de seu mestre divino, a lutar contra aqueles que o privaram de Hastinapura, a “Cidade da Sabedoria”. Referindo-se a essa luta encenada no Gitâ, afirma Livraga (2010, p.

19) que ela “chamou-se gnose contra agnose, teísmo contra ateísmo, “ser” contra “não-ser, pois compreender o significado dela não é interpretar um livro, é interpretar a Vida”. Nesta obra, diz Krishna a Arjuna categoricamente: “Quem conhece que o seu Eu Real é a única realidade, esse é senhor de si mesmo, de seus desejos e de seus sentidos” (BHAGAVAD GITÂ, 2006, p. 38).

Na verdade, tanto aquele “eu” primeiro quanto os “Kuravas” do Gita tratam-se do ego propriamente dito, a persona ou máscara de que nos fala simbolicamente o teatro trágico grego, o complexo psicossomático que reconhecemos como estruturante de nosso existir, e que nos condiciona à experiência da materialidade animal desejante, a mesma apontada por Kant como a matriz geradora dos “imperativos hipotéticos”, por Kierkegaard como a base da realização do “modo de existência estético”, e por Freud como a fonte de onde provém o “princípio de prazer”.

É também aquilo de nós que não raramente nos leva à autovalorização excessiva, mais conhecida como egocentrismo; aos subjetivismos de massa, que dissolvem nossa consciência na consciência coletiva de um grupo pelo magnetismo da quantidade; e às corriqueiras fugas da dor e da responsabilidade pelas decisões pautadas apenas nas dicotomias infantis do “Eu quero, eu não quero...”, “agrada-me, não me agrada”. Trata-se, enfim, do “eu” que prevalece em nossas experiências cotidianas, já que priorizamos diariamente o fácil, o cômodo, o confortável, o que exige pouco esforço, o que confere garantias e seguranças, e se alinha com os nossos interesses, nossas opiniões, nossos desejos e nossas necessidades particulares, geralmente em detrimento de outrem e do mundo. Mas também do que prevalece em nossa existência como um todo, porque, em geral, atuamos como sujeitos sociais a partir de uma moral negativa, isto é, de uma moral exógena, que bem se expressa nos atos que projetamos no mundo, mais por medo de sermos punidos que pelo amor aos valores e às virtudes; mais por desejo de recompensa que pelo sentimento de dever a cumprir; e mais pelo acatamento das exigências externas que por uma sincera e consciente busca em sermos melhores.

Não por acaso, é este “eu” – referido por Sócrates no Fédon como a amálgama “corpo-paixões” – aquele de nós que mais dificulta que busquemos a sabedoria, uma vez que é ele quem nos leva a usar o tempo de existência buscando atender mais o desejo por sensações que educando os sentidos e elevando a consciência às realidades superiores do espírito. Aliás, conforme nos fala aquele grande mestre, este “eu” é em nós tão dominante que, mesmo quando procuramos levar uma vida filosófica, ou nos dedicar

momentaneamente a um afazer de mesma natureza, ele nos perturba e nos distrai com suas lides folgazãs e com a necessidade de satisfação de seus desejos, vícios e paixões. Isso fica bem evidente quando, naquela obra, ele nos diz:

O resultado disso é não nos restar tempo para o cultivo da filosofia. Mas pior de tudo é que, se realmente conseguirmos algum ócio e nos voltarmos para a filosofia, o corpo incessantemente irrompe em meio aos nossos estudos, nos transtornando com confusão, agitação e medo, de modo a nos impedir de contemplar a verdade. (PLATÃO, 2010, p. 14)

Já o segundo destes “eus”, por alusão, trata-se do “daemon³⁹ socrático”, o famoso Eu Superior da Filosofia, um centro espiritual permanente, “o verdadeiro eu... fixo, imutável, que não é afetado pelo fluxo da 'correnteza da mente' ou por condições corporais”, sendo o eu pessoal consciente apenas um mero reflexo dele, sua projeção na área da personalidade” (RUDhYAR, 1976, p. 118), embora não se trate do ser propriamente dito. Pois o ser é a totalidade monádica que sustenta todo o existir, o todo do qual a consciência é apenas um feixe percipiente, e cujo poder, quando devidamente haurido por esta através de atos de autoconsciência, a conduz ao encontro deste Eu, ou a reinfunde subitamente no todo, do qual ela é parte, mediante percepção hierofânica, que é aquilo que na história da filosofia denomina-se experiência mística.

É este Eu, então, um logro da própria consciência, e não um eu dado como condição de existência. “todo aquele que cria, o faz a partir deste centro sagrado. É a morada de nossa alma, o receptáculo que abriga nosso ser potencial, é o nosso farol, nossa estrela polar” (PRESSFIELD, 2005, p. 17).

Não opera por automatismo, não imiscui-se no ordinário, não oscila em intenção, tampouco cede psicologicamente às petições da animalidade com a qual se encontra enlaçada, nem mesmo quando esta transforma a consciência numa cúmplice sua, levando-a a autovitimizar-se ou a autoapiedar-se. Não faz, então, simplesmente o que lhe dá prazer, mas o que é preciso fazer, pois é afeito ao dever, ao sobreforço, à renúncia, podendo viver a moral sem ser obrigado. É firme, estável, e sempre ocupado com a coerência entre o que pensa, o que sente e o que faz, sendo, por isso, efetivamente capaz de perceber, julgar e dirigir aquele “eu” primeiro, bem como sua fenomenologia instintiva, conduzindo-o pedagogicamente a sua natural função de “cavalo”, de montaria do espírito humano. Segundo Livraga (2010), é possível reconhecê-lo quando chegam à nossa consciência ideias de amor, justiça, arrependimento dos erros, e de total generosidade e altruísmo.

³⁹ Platão diz que Cronos sabia da disposição naturalmente oscilante do homem e, por isso, por amor aos homens, designou como reis e governantes, não seres humanos, mas de uma raça mais divina, nomeadamente *daemones*, para nos governar, "da mesma forma que nós governamos os rebanhos de animais domesticáveis por lhes sermos superiores", e distribuir entre os homens a paz, o senso de honra, as leis e a justiça. Por conta disso, devem os homens, por todos os meios, imitar a vida da época de Cronos, dando a essa ordenação o nome de lei (MANTOVANELI, 2011, p. 220).

6.1 A Paideia Grega: Uma Educação para a Doma de Si Mesmo

Se há iminente em nós uma “guerra ontológica”; ou, de outro modo, se somos em essência e aparência um “ser-guerra”, a imagem de Quíron expressa, simbolicamente em nós, a vitória do segundo sobre o primeiro daqueles “eus”.

É que, para os antigos gregos, a famosa e sábia figura que fez-se espiritual apesar das quatro patas que o aterram ao chão, bem exprime o império do espírito sobre a animalidade humana, sendo a contraface disso igualmente expressa numa conhecida figura mitológica, também híbrida, humana e animal: o Minotauro.

Na cultura grega, o monstro habitante do famoso labirinto, representação da própria psique humana, uma vez que são labirínticos os caminhos das escolhas morais, é o símbolo do homem que age subordinado aos ditames de seus próprios desejos, pensamentos e emoções inferiores, isto é, do homem governado pelo seu “eu animal”.

Assim, como toda personagem mítica, o Minotauro encontrava-se na cultura grega dentro de uma lógica psíquica de jogos de espelhos que refletem o comportamento humano. Nas menções que Brandão faz ao Minotauro, por exemplo, esse autor o trata como uma fera monstruosa, para em seguida, numa interpretação psicológica, afirmar que o Labirinto é o inconsciente tortuoso e o Minotauro, a perversão humana. Pela sua animalidade não educada, que o leva à sanha de consumir irrefreavelmente tantos quantos forem seus objetos de prazer; e a agir egoística e impulsivamente a cada desejo manifestado, o “monstro do labirinto” era psicologicamente o símbolo grego mais emblemático da anticivilidade, ou simplesmente da selvageria, pela qual um indivíduo pode se deixar conduzir quando decaem seus valores espirituais.

E decaem porque a consciência em estado psíquico, apesar de aspirar a subidas mercuriais, tende mais a quedas animais, pois é sempre muito instável, excessivamente prazenteira e, em certa medida, afeita ao engano, aos “jogos de Maya⁴⁰”, como diria a filosofia oriental. Decerto é o eterno elemento a se educar no homem, já que se apega com muita facilidade a toda ilusão material que lhe apraz, oscilando sem cessar entre momentos de dor e prazer, confiança e medo, disposição e desânimo, como nos conta Apuleio no referido mito que narra sua história. Se bem que, para os gregos em geral, a psique sempre esteve habitada por “feras” – como a Medusa, transformada em monstro por causa de sua vaidade e presunção, e morta por Perseu por “reflexão” – devendo por esse motivo ser devidamente educada, sob pena de permanecer atada a uma animalidade cega, situação obscura que a manteria presa no egoísmo e na ignorância.

É por isso que toda educação grega ocupou-se da *enkratea* e da *sophrosyne*, ou das artes autoeducativas responsáveis por conduzir a consciência ao atingimento do “eu humano” em detrimento do “eu animal”. Pois este era, para os gregos antigos, a “identidade falsa” que se faz presente e real na consciência a todo tempo e por todos os meios, e que, quando não devidamente desmascarada e educada por esta, a leva a incorrer na *hybris*, ou na “ausência de moderação”, e deste estado, a incorrer na *akrasia*, ou na constante “falta de

⁴⁰ Na mitologia hindu, Maya é a Deusa que personifica a ilusão.

poder sobre si mesmo” – a indigna e estuprificante deformidade moral do escravo, ou do “tirano de si mesmo”, segundo Aristóteles.

Tais artes educativas, fundadas no princípio apolíneo do “nada em excesso”, consistiam especificamente em práticas filosóficas de autodomínio psíquico e corporal que permeavam a dança, o canto, a oratória e o teatro gregos, práticas que, pouco a pouco, desegoizavam o aprendiz, preparando-o para o encontro com a sua *areté*, ou sua “virtude interior” e, conseqüentemente, com a sua *time*, ou com a sua “dignidade social”. Ou seja, consistiam em exercícios de controle da mente, das emoções e dos instintos, e na tomada de consciência do próprio poder da interioridade humana e de certos valores permanentes indispensáveis à vida em sociedade, processo pedagógico que levava a consciência humana a apontar e seguir na direção de seu próprio centro, como a seta de Quíron que mira as estrelas, tornando o homem um *kallocagatós*, um indivíduo nobre, belo e justo.

Em Xenofonte, segundo Jaeger (2002), por exemplo, a *enkratea* não era uma virtude particular, mas a base de todas as virtudes; e em Platão, a *sophrosyne* foi bem traduzida em seu famoso lema “música para a alma” e “ginástica para o corpo”, lema baseado na rígida e temperante educação espartana de controle dos prazeres, e inspirado na “música das esferas” – aquela harmonia que, segundo Pitágoras, dá o tom cósmico do Universo –, pois somente “ela quando entranhada na alma, se mantém toda a vida como defensora da virtude” (PLATÃO, 2001, p. 278).

Numa síntese, como nos fala Foucault em Sobre o Uso dos Prazeres, a *sophrosyne* e a *enkratea*, precisamente por serem artes autoeducativas dentro de uma cultura baseada na formação do caráter e na *epimeleia heautou*, ou no cuidado de si, consistiam em treinamentos diários de autodomínio, espécie de trabalho agonístico de si para consigo, de luta contra o excesso de desejos e prazeres, “que visava, no final das contas, constituir a armadura da conduta cotidiana” (FOUCAULT, 1984, p. 16).

Então, entre Quíron e o Minotauro, o homem grego sabia que o homem não era um ente perfeito, mas aperfeiçoável, colocando-se, por isso mesmo, a explicá-lo com todo o seu gênio filosófico em termos do que ele é, de como ele “funciona”, e principalmente ao que ele pode chegar a ser. Estava cômico, portanto, de que sua animalidade era condicional, e que permanecer nesta experiência contrariava sua *enteléquia*, devendo, por isso, tal experiência ser subsumida pouco a pouco por ele através da educação, processo que lhe outorgava autoridade moral sobre si mesmo e poder para ser verdadeiramente um cidadão político. Para tanto, precisava se autoconhecer, num perene esforço de autoescultura, num constante trabalhar-se sobre si mesmo, como um cavaleiro trabalha sua montaria. Eis porque, para esse povo artístico e filosófico, a “via crucis” consciente, a que faz imperar a verticalidade humana sobre a horizontalidade animal, era considerada um caminho formativo sagrado, o mais nobre e honrado de que dispunha o homem grego para fazer-se humano, isto é, para fazer de sua vida uma obra de arte.

Enfim, os gregos entenderam que o homem era educável porque julgaram-no como um ser aperfeiçoável, aberto a uma transmutação conducente do animal ao humano, sendo esta abertura a matéria-prima sobre a qual atuou um processo formativo que se notabilizou historicamente pelo seu propósito de esculpi-lo até a perfeição. A esse processo

denominaram Paideia, e a essa perfeição chamaram *areté*, à qual deram, a cada tempo, uma forma humana, que consideraram ideal porque excelente. (BARROS, 2006).

E foi assim porque essa concepção de formação se inspirou no homem, não como animal, mas como microcosmo, o que conferiu concomitantemente à Paideia a validade universal e a plenitude imediata e viva, que são, segundo Jaeger (2002), as condições mais importantes da ação educativa.

Em sua obra Paideia, fala-nos esse autor, ademais, que a concepção do humano entre os gregos encontrava-se estreitamente vinculada ao modo como eles compreendiam o processo de formação cultural e a transmissão dos valores constitutivos de sua visão de mundo. É do centro dessa concepção que emergia a questão da educação, de tal modo que, entre eles, somente era possível compreender o humano através da educação. E isso explica porque sempre esteve claro, para os inventores da filosofia, que a formação do homem como homem constituía a própria razão de ser de sua cultura. Assim, o esforço do homem grego em compreender a si mesmo e em superar-se na direção de um aperfeiçoamento espiritual sem limites, revela-se, ainda hoje, como um elemento decisivo na criação de uma concepção de homem que não encontrou forma mais elaborada na história do pensamento ocidental.

III PARTE

“A fecundidade de uma teoria é a disponibilidade para sua renovação e a renovação de práticas outras que a elegem como inspiração”

Roberto Sidnei Macedo, curriculista brasileiro,
em *Atos de currículo, formação em ato?*

7. FORMAÇÃO EM ATO: UM CONSTRUCTO MACEDIANO, DUAS “NAVEGAÇÕES FILOSÓFICAS”

“Em cada caso particular, parto sempre do princípio que se me afigura mais forte, considerando verdadeiro o que com ele concorda, ou se trate de causas ou do que for, e como falso o que não afina com ele. Vou agora expor-te com maior clareza minha maneira de pensar...”

Platão, filósofo grego, em Fédon

Considerada minha crítica ao “estado de espírito” da verdade e da filosofia em nossa época, situada minha visão filosófica sobre ética, sagrado e Deus; e esboçada minha compreensão sobre formação, e sobre o homem nos termos da Paideia e da Tradição, procurei neste e nos capítulos que seguem – como costuma fazer em texto e em aula o professor doutor Roberto Sidnei Macedo – dar voz a mais um silenciado ator social. Especificamente, pelas minhas intenções de texto, ao mais silenciado dentre todos os atores de nossa época, qual seja, o espírito humano.

E o fiz apresentando o lema do Oráculo de Delphos – “conhece-te a ti mesmo” – como a experiência formativa imprescindível de todo aspirante a professor de filosofia, e tratando “atos de currículo” como “atos de autoconsciência” – proposições minhas, porém, inspiradas na concepção de Formação em Ato elaborada por esse eminente pesquisador da educação, referência internacional nos estudos sobre currículo e formação.

Dito de outro modo, e mais circunstanciadamente, pelo que apresentei acerca do sentido mesmo do filosofar, e pela abertura epistêmica da teoria macediana de currículo à ressignificação de seus próprios constructos, apresentei propedeuticamente, neste capítulo, alguns fundamentos desta teoria, abrindo passo, assim, na direção de um tipo de formação em ato ainda pouco refletido, mas primordial, na obra de Macedo: o autoconhecimento.

Isso me permitiu, nos próximos capítulos, tratar de um processo formativo não conformado através de implicações histórico-existenciais em que os atos de currículo do professor só acontecem no “aqui e agora” de um dado contexto material, mas através de uma implicação ética metafísica em que esses mesmos atos, partindo da consciência dele, voltam-se, não para o mundo sensível, mas para ela mesma, a fim de fazê-la discernir o seu Eu Real,

e tão logo o enxergue nitidamente, se desidentificar do seu “eu animal” e do séquito de êmulos egóicos que este traz consigo, e, quem sabe, captar sua infusa participação no ser.

Baseado na acepção de consciência como “conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior” (Houaiss, 2002, p. 806), e na concepção fenomenológica husserliana de intencionalidade que afirma ser a consciência o ato de tomar consciência de alguma coisa (o que inclui a própria consciência), Atos Espirituais de Currículo são precisamente intenções do participante do processo curricular dirigidas à sua própria consciência com o propósito formativo de tomar consciência de seu Eu Real, discernindo-o de suas próprias fenomenologias mentais, emocionais e instintivas. São atos formativos que envolvem propósitos e práticas referentes ao autoconhecimento profundo por parte do próprio professor de filosofia, isto é, percepções e experiências internas acumuláveis e integráveis à consciência, as quais possibilitam uma maior amplitude de sua própria autoconsciência. Denominam-se assim, “espirituais”, porque encontram-se inscritos na Teoria Etnoconstitutiva de Currículo como um esgarçamento metafísico do constructo Atos de Currículo, e porque foram afigurados conceitualmente a partir da ideia de que um sujeito pode se dar a si próprio, em ato e em sentido formativo, a sua “presença total”, ou o seu “eu puro” – numa expressão husserliana –, que é a experiência espiritual propriamente dita, ou seja, a experiência da vida una, indivisível e universal da consciência, a qual preexiste em todo estado de consciência individual.

É que, pela MINHA verve autoral metafísica, e pela hermenêutica que adotei a fim de olhar para o fenômeno formação de professores de filosofia à luz de uma ética atemporal, ME vi irresistivelmente inclinado neste trabalho a tratar “atos de currículo” como “atos de autoconsciência”, uma vez que a desegoização da consciência, ou o processo discernitivo que a leva a perceber o seu “eu humano”, era a principal disciplina autoeducativa na qual se lançava a viver heroicamente um aspirante a filósofo na Paideia filosófica grega. E se o fiz assim, nomeando-os de “Atos Curriculares de Quíron”, é porque MINHA intenção é justamente inscrevê-los nas quatro pegadas de vida fundamentais deste ser mitológico, meio cavalo meio homem, atos-experiências formativos insuperáveis quanto ao poder que têm de conduzir a consciência humana a se expandir na direção de seu Eu Real e, oxalá, fazê-la dobrar-se sobre si mesma em autoapreensão hierofânica, tal qual a experiência de Quíron quando foi por Zeus transformado em estrela. São tais pegadas, para sempre marcadas nas areias do tempo pelo avançar obediente de suas patas de equino, todas as quatro movidas na

direção de um mesmo horizonte, todas rumo a uma unidade de destino, mas cada qual em seu chão e cada uma com seu gestual filosófico próprio: procurar a beleza em tudo; recolher-se em meditação sobre as experiências do dia; assumir-se como único responsável pelas dores sentidas na existência e morrer antes de morrer.

Em vista disso, eis que traí neste trabalho a teoria macediana de currículo nos aspectos em que ela mais se dilata epistemologicamente. E não o fiz convencionalmente, mas metafisicamente, mesmo porque o movimento de alteração dos constructos macedianos Formação em Ato e Atos de Currículo já vêm se ampliando desde faz muito tempo, qualificando um e outro com diferentes aplicações e novas roupagens, na medida em que são produzidas no FORMACCE⁴¹ compreensões mais abrangentes sobre o que é formação, profusas derivas de sentido do que tem se falado atualmente sobre currículo, e ações pedagógicas que fazem crescer, nos professores que deste grupo participam, o senso de intervenção curricular e o interesse pelo desenvolvimento de pesquisas sobre a amplitude e o alcance formativo dos próprios atos docentes. É desse movimento, aliás, que emerge a presente tese, nele se encontrando inscrita, em última análise, como uma de suas criações originais.

É que me refiro a “traição”, digo-o de passagem, e na esteira do pensamento multirreferencial de Macedo (2016), como a passagem da potência autonomista e criativa do professor, abscôndita em sua consciência, ao ato de fazer aquilo que ainda não é, ou seja, ao ato de criar o novo e de instaurá-lo mediante o desjogar o jogo do outro, o que faz surgir outro jogo, diferente daquele desejado e esperado pelo outro.

Mas trair a teoria macediana nestes aspectos não resultou desfigurá-la em meu trabalho, mas apenas figurar os constructos “formação” e “atos de currículo” com uma outra compleição filosófica, metafísica em sua essência e aparência, com o propósito de ensejar uma meditação sobre a necessidade de se reemplumar as asas dos professores de filosofia em formação. E se me autorizei a trair assim, é porque fui estimulado a fazê-lo criativamente em meu doutoramento pelo próprio Macedo, pois, para ele, “a fecundidade de uma teoria é a disponibilidade para sua renovação e a renovação de práticas outras que a elegem como inspiração” (MACEDO, 2016, p. 22).

De mais a mais, denominei tal traição de “segunda navegação filosófica”, por assim dizer, platonicamente. É que me autorizei a singrar em minhas próprias ideias sobre

⁴¹ Grupo de pesquisa em Currículo e Formação criado pelo professor doutor Roberto Sidnei Macedo na Faculdade de Educação da UFBA.

Formação em Ato e Atos de Currículo, porém, a partir da visada macediana sobre o tema, perspectiva autoral denominada oficialmente de Teoria Etnoconstitutiva de Currículo, mas que chamarei aqui, de modo espirituoso, de “primeira navegação filosófica”. Afinal, como um vento favorável, foram as ideias autonomizadoras que conformam esta teoria que inflaram minhas “velas”, fornecendo-me o impulso necessário para introduzir minha própria navegação, isto é, minha visada “filosófica própria apropriada”. E autorizei-me porque acredito, junto com Macedo (2007), que a negatividade é condição para a autorização, que é a experiência autonomista e generativa na qual nos tornamos coautores de nós mesmos e nos constituímos através das micropolíticas das nossas traições.

Por fim, não é por coincidência que acorri a Platão, considerado por Jaeger(1980) o “filósofo da Paideia”, para me servir de tal expediente imaginativo. No Fédon, o filósofo da Academia denomina a sua própria investigação filosófica, decorrente da descoberta feita por ele mesmo do mundo inteligível, em que a realidade se alçou do plano físico ao metafísico, do sensível ao supra-sensível, de “segunda navegação filosófica”. Esta navegação simboliza, ademais, a contribuição pessoal do grande mestre grego à Filosofia, espécie de filosofar realizado por suas próprias remadas, isto é, sobrevivendo de sua particular mundividência e impulsionado pelas suas próprias forças intelectivas. É que, na linguagem marinheira de sua época, a primeira navegação consistia em singrar pelo mar com a ajuda do vento, representando, nesta simbólica platônica, as visadas filosóficas que antecederam a sua, e que pouco variaram quanto ao propósito de explicar os fenômenos ocorridos no mundo sensível a partir do próprio mundo sensível.

7.1 Atos de Currículo, que Atos São Esses?

Colocando-me a transladar as ideias sobre “formação” e “atos de currículo” da “navegação filosófica macediana” para a minha navegação, é de bom tom remontar primeiro a alguns traços epistemológicos essenciais dos quais a Teoria Etnoconstitutiva de Currículo é uma síntese teórica resultante.

Tarefa por demais complexa, visto que esta conformou-se aberta e risomaticamente na dinâmica da multirreferencialidade, da intercrítica e do incessante entretecimento de linhas de pensamento diversas, que há muito animam as conversações sobre currículo e formação realizadas pelo FORMACCE. É por isso que o fiz, optando por remontar apenas

àqueles traços que dizem respeito ao professor como um sujeito autônomo e em constante processo de formação.

Então, compreendamos de pronto, mas a largos traços, que atos são esses, os de currículo, levando em conta desde já, conforme nos fala Macedo (2012, p. 5), que, da perspectiva da função sociopedagógica do currículo, ao pensarmos currículo, estamos conseqüentemente concebendo/propondo formação. Considera Macedo (2007), de modo geral e abrangente, que Atos de Currículo são atividades que se organizam visando uma determinada formação, operacionalizadas via seleção, organização, formulação, implementação, institucionalização e avaliação de saberes, atividades, valores e competências, mediados pelo processo ensinar/aprender ou sua projeção.

Em sentido especificamente filosófico, e adentrando aqui o universo da formação docente, são eles um dispositivo conceitual ou, melhor ainda, como sugere esse autor (2007((2012) (2013) (2016),), um constructo teórico aberto que enseja aos professores em geral a percepção de que currículo pode ser mais do que aquilo normalmente anódino, restrito e estandardizado que lhes é apresentado convencionalmente pelos sistemas pré-fabricados de ensino e pelas políticas e normatizações que regulam a educação brasileira. Ou seja, pode ser um artefato pedagógico vivo e dinâmico, uma potência formativa que, por intermédio das ações e experiências docentes, seja capaz de entretecer com legitimidade, mas não livre de tensões e distensões, acordos e desacordos de perspectivas, os saberes ontoculturais dos próprios professores com os saberes livrescos, oficialmente prescritos e consagrados como necessários para sua formação. E isso é o mesmo que dizer, como nos explica Pineau (2006), citado por Macedo (2012), que, ao se formar, os professores têm à sua disposição o poder subjetivo de filtrar e fazer opções diante dos conteúdos e atividades dos procedimentos formativos, levando-se em consideração a historicidade da sua vida, seu “biopoder”, bem como as condições subjetivas e materiais em que se encontram inseridos.

É que, notadamente, pelo que tem de influências da etnometodologia de Garfinkel e da fenomenologia social de Alfred Schutz, a compreensão macediana sobre currículo leva em consideração que todo professor é um agente social dotado de uma complexa subjetividade, repleta de entressonhos, conjecturas, pressupostos, inferências e assentimentos tácitos sobre o meio social, isto é, dotado de uma metodologia pessoal que media as suas relações com o mundo, de forma a particularizar o sentido de tudo que o tangencia socialmente. Ou que todo professor é um sujeito que produz descritibilidades, inteligibilidades e analisibilidades sobre as realidades educacionais socialmente construídas,

produzindo-as, porém, sempre a partir de experiências e contextos culturais específicos e a partir das referências axiológicas e dos raciocínios práticos que eles mesmos indexaram em sua visão de mundo.

Disso decorre o fato de os professores em geral não serem, na Teoria Etnoconstitutiva de Currículo, vistos como epifenômenos curriculares, mas como atores e autores de pautas formativas capazes de eleger e contribuir com as decisões políticas inerentes ao currículo, que é, segundo (MACEDO, 2016), uma construção sociopedagógica fundamental para a qualificação das pessoas e seus segmentos sociais. E como protagonistas político-educacionais de seu tempo, estão sempre implicados em formar, em se autoformar e em se transformar moralmente, sem, contudo, enformar universalmente seus desejos, pensamentos, afetos e ações; sem acomodá-los numa só e ubíqua ética, mas levando-os a interagir com éticas outras, afins ou dissonantes entre si, em contínuo “solve et coagula” de princípios e valores, em permanente troca de mundividências, e em constante negociação de referências estéticas, culturais e comportamentais.

Assim, podemos depreender que aí, no âmbito dessa teoria, todo ato responsável de um professor é um ato “assinado” moralmente por um sujeito concreto, ou por um ator social que, agindo em seu cotidiano, o faz, conferindo um sentido próprio aos princípios e valores universais, contextualizando-os em cada acontecimento, sem que sejam subsumidos por eles. E que todo professor é um ser-evento cujos atos morais só podem acontecer no “aqui e agora” de um dado contexto, na concretude do mundo material, uma vez que não há outro mundo onde se possa agir com responsabilidade, mas também porque ele não pode agir historicamente fora do espaço-tempo em que se encontra situado.

Logo, visto da perspectiva macediana, evidentemente influenciada pelo pensamento bakhtiniano, especificamente pela sua concepção do ato ético, todo ato responsável é um agir situado, datado, contextualizado e, por isso mesmo, interposto a todo princípio metafísico, a toda ética universalista, pois aí, a eticidade da ação docente acontece no acontecer da ação, e não antes do instante mesmo em que esta acontece, única, diversa e irrepetivelmente. E é, ademais, sempre um acontecer docente em interação com o mundo concreto, que, por seu turno, o entretece com outros mil acontecimentos, no instante mesmo em que eles acontecem, sem que nada se perca. É como se víssemos da lente de um caleidoscópio, já que, do ponto de vista macediano, para qualquer lado que se girar o mundo das ações humanas, suas formas aparecerão sempre relacionais, isto é, serão sempre atos dirigidos ao outro em complexidade infinita, pois, para esse autor, nenhum sujeito pode agir

sem que suas ações se desdobrem infinitamente no mundo, e como se o outro não existisse como um dado concreto incontornável do mundo e não determinasse o sentido de toda ação humana. Num raciocínio macediano: toda ação humana é realizada inserida no mundo, em direção ao outro, contextual e temporalmente situados (MACEDO, 2013).

Note-se, então, que a “primeira navegação filosófica” sobre Formação em Ato e Atos de Currículo privilegia o consequencialismo ético como referência na consecução dos atos morais do professor, uma vez que a apreciação e a valoração dos atos humanos na Teoria Etnoconstitutiva de Currículo não se baseiam em apriorismos metafísicos, como na ética eudaemônica que serviu-me de inspiração para propor a nossa navegação filosófica. Porque a ética fundada em princípios universais não é o que reclama, na teoria macediana de currículo, o estatuto de referencial axiológico, mas uma “ética mundana”, concreta e livre da necessidade de fundamentos metafísicos de orientação.

É que a visada filosófica macediana privilegia as determinações contextuais que criam as condições de responsabilidade dos professores, bem como os atos, e os desdobramentos desses atos, que resultam daquela responsabilidade. Pois o que está eticamente em questão na Teoria Etnoconstitutiva de Currículo, no que tange aos atos docentes, são esses mesmos atos entendidos como produtos de atores sociais, sujeitos livres que se autodeterminam socialmente, e se relacionam com outros sujeitos livres e com as circunstâncias que resultam de seus pensamentos, desejos, afetos, intenções, propósitos e objetivos; ou como produtos de “seres-eventos”, ou “seres em processo” – falando aqui em terminologia bakhtiniana –, sujeitos que se formam, formam e se transformam, por meio de seus pensamentos, não indiferentes, participativos, engajados, compromissados, interessados, construindo-se a si mesmos através de suas relações sociais e ações responsáveis.

Assim, vemos que nesta teoria o horizonte da formação docente aparece delineado nos termos éticos da contemporaneidade, sendo, por isso, uma linha ética desessencializada e desuniversalizada. Pois na Teoria Etnoconstitutiva de Currículo, como no construcionismo social de Jergen, que muito influenciou aquela com sua perspectiva, que analisa a realidade a partir de uma visão sócio-histórica, que nega qualquer essência nos fenômenos humanos, e que valoriza intensamente os diferentes modos de como os entes sociais percebem e experienciam o mundo em que vivem, o homem apreendido é o ente que se constituirá a si mesmo a posteriori, isto é, na existência concreta e a partir das experiências singulares e irrepetíveis que projetam seu ser no mundo.

Noutros termos, nesta primeira navegação, o homem apreendido é o indivíduo em sua singularidade existencial, em sua positividade relacional no mundo dos fenômenos sociais. É o ser que constrói sua essência na existência, precisamente em seu fluxo existencial de encontro com outros seres humanos, no infindável encadeamento de relações e interações linguísticas, nos diálogos e ações responsivas que ele tem irrepetivelmente com outrem em seu existir-evento como ser social: “só me torno eu entre outros” – costuma afirmar Macedo bakhtinianamente.

É ele também, se o quisermos nos termos do existencialismo, um “ser aí” heideggeriano, ou um “para-si” sartreano, grosso modo, um ente que se constitui como tal a partir de seu “nada consciencial”, a partir de seu “sem sentido apriorístico de vida”, construindo-se a si mesmo, como quiser, na existência. E é assim porque implicitamente em Macedo, a existência precede a essência e faz-se modo de ser do ente em suas infinitas possibilidades de vir a ser. E, como um ser-sendo, seu mundo é puro fenômeno, no âmbito do qual arbitra e delibera suas próprias ações morais, porém, sem escapar das tramas do imprevisto, da intrincada rede de acontecimentos casuais na qual encontra-se irremediavelmente inserido, e da complexa tessitura do não-necessário que lhe situa ontologicamente como mais um aparecimento ou fenômeno contingente que surge no mundo, no instante mesmo em que este aparece como uma realidade fenomenal. Pois contingente é a realidade do ser acidental, é o modo de ser do ente como acaso, o que é quando poderia não ter sido, o que é assim, quando poderia ter sido diverso e até contrário.

Em suma, o homem apreendido por Macedo não é nem o microcosmo nem o *kosmokói* dos gregos, visto que, nas visagens filosóficas desse autor, o ente humano, configurado sociologicamente como sujeito, como ator social, só experiencia sua essência a partir de sua existência social, especificamente a partir de seu existir-evento em que seus atos encontram-se coligidos com os de outrem por uma multiplicidade de sentidos compartilhados contextual e intersubjetivamente.

É que Macedo, como um pensador contemporâneo que busca abrir novas clareiras de pensamento em meio à situação de perplexidade epocal, ensejando um maior alcance axiológico da singularidade e da positividade relacional dos atos e experiências docentes, e criticando os mecanismos de dominação que lhes cerceiam e lhes “standardizam”, tinge fenomenologicamente suas criações e visadas filosóficas sobre Currículo e formação com o matiz das ontologias requisitadas pela contemporaneidade. Para mim, aliás, tal posicionamento intelectual dificilmente seria diferente, dado os estertores do fundacionismo

epistemológico e a agonizante crise do humanismo e da metafísica que marcam o establishment acadêmico de nossa época.

No entanto, seja dito conclusiva e “traicionalmente”, foi por meio da revivescência desse mesmo fundacionismo, do resgate desse humanismo em sua originalidade grega, e apoiando-me na metafísica do “conhece-te a ti mesmo”, que coloco-me agora a transladar as ideias sobre formação e atos de currículo, da navegação macediana para minha navegação filosófica.

7.2 Formação Em Ato: Da Primeira à Segunda Navegação Filosófica

Se podemos de modo claro e auspicioso perceber, na esteira do pensamento de Macedo, que currículo é mais do que aquilo normalmente limitado que nos é apresentado pelos meios educacionais de nossa época, é porque ele pode ser para todo professor um artefato pedagógico vivaz e dinâmico, uma potência acionalista humanizadora. E podendo ser isso e não aquilo, afirmo aqui “autorizadamente”, como me ensinou meu orientador, e em proveito de minha navegação filosófica, que currículo – do latim *curriculum*, de *currere*, “correr”, “percorrer determinado trajeto de vida acumulando experiências” – é também a riqueza espiritual acumulada pelo professor em sua “bagagem de consciência” ao longo de seu percurso autoformativo, já que todo ente humano tem em si condensado, como num antigo escrito filosófico, mais que um repositório de saberes culturalmente referenciados: tem um acervo espiritual de aprendizados, que, transformados em conteúdos de interioridade, lhe marcam o caráter, definem a altura de sua moralidade, traçam os horizontes de sua autoconsciência, e determinam a densidade de sua dignidade interior.

É que Atos de Currículo, desde há muito pensado e tensionado, seja como conceito-dispositivo, seja como constructo, no âmbito das conversações culturalmente curriculantes realizadas pelo grupo de pesquisa FORMACCE / UFBA, a despeito do caráter generativo, prismático e multirreferencial de sua significação e aplicação no campo formativo de professores, conserva ainda hoje, ao meu ver, dois aspectos que lhe são distintivos e perduráveis: um sentido fundamental de proposição sociopedagógica que reconcilia currículo e formação, reinfundindo esta naquele, via formação em ato, a contrapelo “das “lógicas disjuntivas modernas que muitas vezes separam coisas inseparáveis” (MACEDO, 2012, p. 5); e um plano epistemológico de fundo que se permite rasurável, permanentemente

aberto a traições, o que me autorizou a concebê-lo como atos de autoconsciência, vislumbrando, assim, a formação docente em seu mais ampliado sentido, especificamente como um processo voltado ao autoconhecimento e, conseqüentemente, ao crescimento espiritual.

Aliás, foi refletindo sobre isso, sobre as possibilidades etnometodológicas de que dispõe um professor de filosofia em formação para tornar-se um ator curriculante implicado em conhecer a fundo sua própria interioridade, transformando-se concomitantemente em educador e educando de si mesmo; e, mais especialmente, nas possibilidades de que a consciência humana dispõe para expandir-se e dobrar-se sobre si mesma em autoapreensão hierofânica, que proponho, em vistas da constituição deste trabalho, a deriva teórica “formacionista” que enuncia a ideia de formação filosófica como um processo que exige do aspirante ao “saber de Minerva”, não só a implicação de sua consciência com as demandas sociopolíticas de seu tempo, mas sobretudo a implicação desta com o Eu profundo que lhe subjaz e lhe dá esteio espiritual. Até porque, para Macedo (2012), tais implicações docentes não divergem entre si, porém, em interação recíproca uma com a outra e também com os currículos oficiais podem produzir reexistências e sapiências criadoras de saberes formativos.

Ademais, ao meu ver, são elas, assim configuradas, as únicas capazes de transformar o professor de filosofia num ator responsável e comprometido eticamente com a sua dignidade de educador – seja no sentido da eticidade hegeliana, no caso de sua lida moral com as diferentes circunstâncias que se lhe apresentam, seja no sentido da eudaemonia grega ou da deontologia kantiana, no caso do cumprimento dos ditames do seu próprio espírito – e de investi-lo da dignidade necessária para alterar com lucidez e legitimidade os contextos educacionais com os quais interage cotidianamente, ainda que estes continuem a lhe provocar alterações de perspectivas, reexames de conduta e mudanças de rota. Aliás, é somente por meio dessa tensa reciprocidade pedagógica, valorizada politicamente como formativa na Teoria Etnoconstitutiva de Currículo, que os professores em geral logram a autonomia de consciência que os liberta da vitimológica ideia de que “a realidade é assim mesmo”, “contra a qual pouco se pode fazer”, e de que eles só são meros cumpridores automáticos de demandas de ensino, oriundas de políticas hegemônicas.

Em poucas palavras, é por essas e outras que o constructo Atos de Currículo esgarça, expande e potencializa aquilo que denominamos currículo, permitindo-me sentenciar nos capítulos que seguem, que autoconhecimento profundo é formação filosófica, e que atos de

autoconsciência são atos de currículo. Eis por onde agora convido a navegar comigo o constructo macediano Formação em Ato.

8. A FORMAÇÃO EM ATO NO CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO: UMA “SEGUNDA NAVEGAÇÃO FILOSÓFICA”

“Disse-me em sua carta que se até agora tua divisa tem sido ‘Adiante!’, a partir de hoje será ‘Para cima! Deixe isso de adiante e atrás, acima e abaixo, para progressistas e retrógrados, ascendentes e descendentes, que se movem somente no espaço externo. Busque o outro, o teu âmbito interior, o ideal, tua alma. Esforce-se para colocar nela o Universo inteiro, que é a melhor forma de derramar-se nele. Considere que não há dentro de Deus, mas de você e do mundo, pois se você faz parte dele, porque te mantém, ele também faz parte de ti, pois em você o reconhece. Em vez de dizer: Adiante!, Para cima!, diga: Adentro, Reconcentre-se para irradiar, deixe encher-se para que logo ultrapasse, conservando o manancial. Recolha-se em si mesmo para melhor dar-se aos demais, inteiro e indiviso. ‘Dou quanto tenho’, disse o generoso. ‘Dou quanto sou’, disse o herói. ‘Dou a mim mesmo, disse o santo. Diga você: ‘Dou comigo o Universo inteiro! Para isso, tem que fazer-te Universo, buscando-o dentro de ti. Adentro!’”

Miguel de Unamuno, filósofo e poeta espanhol,
em Adentro

Como propõe Macedo (2016), na esteira da etnometodologia de Garfinkel e do autonomismo de Castoriadis, me autorizei aqui a desnaturalizar o instituído, a ir além do que está posto, a dizer sobre aquilo que ainda não é, enfim, a explicitar em texto minha própria visada sobre formação, apropriada de sua obra por inspiração. E o farei desde já me dirigindo a quem mais me interessa: o professor de filosofia em formação.

Concordo com esse autor num aspecto: formação, que funda e dá sentido à educação, é um processo construído nas experiências dos atores sociais, mediadas estas pelas relações existenciais, sociais e institucionais que têm com outrem, implicando transversalidades éticas, políticas, estéticas, culturais, desde a sua concepção até o âmbito das experiências formativas (MACEDO, 2012).

No entanto, depreendendo nuances outras dessa consideração macediana, reitero enfaticamente que formação é um processo constituído sobretudo através do

autoconhecimento. E “conhecer-nos a nós mesmos” pressupõe, como na *anagnórise*⁴² filosófica grega, ir mais além do acessarmos-nos relacionamente através do outro, do tornarmos-nos a nós mesmos entre outros. Pressupõe fundamentalmente que vivenciemos a *periagoge platônica*, ou a *peripeteia aristotélica*, isto é, a experiência do autorreconhecimento radical, que é o giro de 180 graus que a consciência humana dá sobre si mesma, em direção ao seu eixo espiritual, a fim de formar uma ideia mais exata de si mesma e do que a rodeia. E isso é o mesmo que o doloroso virar-nos de nós para nós mesmos, processo que nos arranca todas as máscaras, que nos despe de todos os “eus convencionais” que vestimos quando de nossas relações com outrem, e que nos deixa nu ante o inludibriável espelho de nossa autoconsciência. Simbolicamente é Ulisses despojado de tudo no seu retorno final para casa; é Édipo cego para o mundo de fora depois de descobrir que ninguém pode fugir de seu próprio destino; é Quíron reconhecendo sua incurável dor com altivez e dignidade. Eis precisamente a rota de minha “navegação filosófica”.

É que este “autoconhecer-nos”, este “desnudar-se de alma” de nós para nós mesmos, é um movimento diretivo, intencional e sempre inacabado rumo aos transfundos de nossa interioridade, onde habita silente o Eu Superior, que nos aguarda para ser reconhecido, quer dizer, “recordado” – falando aqui em terminologia platônica. Segundo Souza (2013), é como se algo nos estivesse olhando, algo que não vemos, mas que nos vê a nós – talvez o Grande Homem que vive em nosso coração e que nos espera para nos dizer algo de extraordinário acerca de nossa própria existência. E reconhecê-lo é preciso, já que disso depende a instauração de nossa Realeza de consciência, única governança interior capaz de hierarquizar, numa ordem interior movente e dinâmica, mas íntegra e equilibrada, os muitos “eus egóicos” de que nos servimos em nossas necessárias relações com o mundo. pois, tal governança é exatamente o que nos possibilitaria constituir a “bverdadeira política”, a da nossa interioridade, semelhante à que estabeleceríamos no Estado Ideal imaginado por Platão em sua República. Sobre a necessidade disso, escreveu Carvalho (2017, p. 70):

meditando a experiência da minha primeira confissão, descobri o abismo imensurável e sem fundo que pode haver entre a realidade da nossa alma e as imagens padronizadas que somos chamados a personificar na sociedade, imagens

⁴² Na Poética de Aristóteles, a “agnorise”, ou “autoreconhecimento”, é um recurso narrativo que consiste no descobrimento por parte de uma personagem de dados essenciais de sua identidade, ocultos para ele até então. A revelação, em geral de natureza trágica, altera a conduta da personagem e obriga-a a formar uma ideia mais exata de si mesma.

pelas quais os outros nos reconhecem, que eles chamam pelo nosso nome e nas quais, pelo efeito da repetição, acabamos por acreditar, sufocando a memória da nossa experiência efetiva e substituindo-a por um arranjo cômodo de aparências, que por sua vez se amoldam tão bem às necessidades da comunicação diária que acabamos por achar que são o verdadeiro “eu”.

A isso também nos leva a refletir Platão, quando, nas Leis, ele compara a alma humana a uma “marionete” puxada por todo tipo de desejo, paixão, hábito e medo animal, fios que a agitam e a desconcertam, para assim nos apontar, ao fim e ao cabo de tal comparação, que só há um fio pelo qual podemos nos deixar conduzir sem correremos o risco de nos tornarmos autômatos de nós mesmos, qual seja, o fio de ouro da razão-sabedoria, ou o *Sutratma*, o “fio da vida” de que nos fala a sabedoria védica, aquele que só pode ser puxado pelo nosso Eu Superior, que é quem deve governar-nos interiormente. Ele escreveu alegoricamente:

Imaginemos que cada um de nós é uma máquina animada, que sai das mãos dos Deuses, e estes a tenham feito para se divertir, ou tenham em vista um plano mais sério, porque sobre este ponto nada sabemos. O que sabemos é que as paixões de que acabamos de falar, são outras tantas cordas ou fios que puxam cada um para seu lado, e que a consequência da oposição e dos seus movimentos nos levam a cometer as acções opostas; que é o que constitui a diferença entre o vício e a virtude. De facto, o bom senso diz-nos que é nosso dever obedecer só a um destes fios, seguindo sempre a sua direcção, e resistir com firmeza aos demais. Este fio não é, senão, o fio de ouro sagrado da razão, chamado lei comum do Estado. Os outros fios são ásperos porque são de ferro, enquanto este é suave porque é de ouro; ademais não tem mais do que uma forma, enquanto os outros têm muitas e são de muitas espécies. Com esse excelentíssimo fio condutor da lei nós temos que cooperar sempre, pois considerando-se que a avaliação é sumamente boa, porém mais branda do que dura, seu fio condutor requer colaboradores para assegurar que a raça áurea dentro de nós possa derrotar as outras raças. Deste modo a alegoria que nos compara a marionetes não será sem efeito e o significado das expressões superior a si mesmo e inferior a si mesmo se tornará um tanto mais claro (PLATÃO, 1999, p. 94).

Mas que fique claro: tal governança interior, como na incursão labiríntica de Teseu para matar o Minotauro, só é instaurada em nós mediante um doloroso caminhar para dentro, uma sobreforçada interiorização por meio da qual deslocamos, via atos de autoconsciência, nossa própria consciência de nossos convencionalismos psicológicos, ou seja, de nossos desejos, pensamentos e afetos habituais, que dão vazão às nossas múltiplas identidades sociais, e descobrimos o nosso verdadeiro e autêntico Eu. E se tal façanha heroica é só assim conquistada, com dor e sobreforço, é porque nesse caminhar encontraremos muitos minotauros e quimeras a serem enfrentados, muitos dos quais considerados por nós “entes

queridos”, mas que, como sombras, nos impedem de nos relacionar com a vida de maneira mais autêntica e verdadeira; mas também os Teseus e os Belerofontes, únicos capazes de se lançar em interminável combate contra elas. Alusivamente, numa convergência simbólica, é São Jorge em luta contra o dragão; é Hércules em batalha contra a Hidra de mil cabeças; é Quíron em combate contra si mesmo, pelo domínio de sua animalidade, pelo controle de suas patas equinas, pela doma de sua parte inferior.

E não que nossos “eus animais” estejam contaminados pelos “monstros” da nossa sociedade. É que eles são propriamente, quando não dominados por nós, os monstros da contaminação. Formam-se, em geral, pelo impressionante poder que o nosso ego exerce sobre a nossa consciência, condicionando-nos a todo tipo de realização instintiva, mental e emocional, e a um monocórdico e viciante oscilar entre o prazer e a dor; e crescem em nós principalmente porque evitamos a todo custo chamá-los para o plano da consciência, o que os fazem atirar em nossa vida, como fez Éris no banquete olímpico a que não fora convidada, os “pomos” da discórdia e do conflito⁴³. Em suma, estes “eus inferiores” formam-se em nós pelos nossos desejos de poder, de dominação, de posição, de prestígio, de posse, e robustecem-se na ausência de uma formação voltada ao autoconhecimento, principalmente porque sem tal formação, faltará sempre alguém superior em nós que os reconheça como suas próprias sombras e os perceba intimamente, compreendendo suas leis, suas necessidades, e como e porquê operam, importando-se apenas consigo mesmos, buscando somente o que é vão e transitório e desdenhando das altas metas da vida humana. Sem esse “alguém” dentro de nós, sem essa consciência autoconsciente, não há quem possa vigiá-los, lhes dizer “não” e conduzi-los; não há quem possa lhes impor regras, critérios e limites; não há, enfim, quem possa acender uma luz na escuridão de nossa inconsciência.

Se bem repararmos, é isso, definitivamente, e não qualquer outra coisa, o que nos leva a estender no mundo nossas sombras, e tudo mais de escuro que se oculte em nosso inconsciente, tornando rotineiro o egoísmo entre nós, em nossos encontros públicos, em nosso cotidiano privado, tornando-nos ávidos, angustiados, ambiciosos, ansiosos, impacientes, vaidosos, covardes, inseguros, críticos, caluniosos, hipócritas, inflexíveis, lúbricos, coléricos e agressivos; isto é, um repositório ambulante de medos informes, de

⁴³ A lenda mais famosa referente a Éris relata o seu papel ao provocar a Guerra de Troia. As deusas Hera, Atena e Afrodite haviam sido convidadas, juntamente com o restante do Olimpo, para o casamento forçado de Peleu e Tétis, que viriam a ser os pais de Aquiles, mas Éris fora desdenhada por conta de seu temperamento controvertido - a discórdia, naturalmente, não era bem-vinda ao casamento. Mesmo assim, compareceu aos festejos e lançou no meio dos presentes o pomo da discórdia, uma maçã dourada com a inscrição *καλλίστη* (kallisti, ou "à mais bela"), fazendo com que as três deusas discutissem entre si acerca da destinatária. (Wikipédia)

desejos inconfessáveis, de vergonhas indizíveis; em suma, uma incongruência viva, um arremedo de humano.

Nossos “eus egóicos” tornam-se monstros, portanto, às expensas do que há de mais verdadeiro em nós, pois eles só adquirem a identidade de “eus substanciais”, subvertendo suas accidentalidades ontológicas e nos substituindo no complexo mundo das relações humanas, sem que o percebamos, na medida de nossa ignorância em relação a quem verdadeiramente somos, ou por causa de um vazio de poder que deixamos crescer dentro de nós, que é, invariavelmente, o que mais nos leva ao erro, ao sofrimento incompreendido e à vitimização ante o mundo. eis porque todo ator social não-desperto, inconsciente do que é, dependente do que lhe é exterior, é uma quimera social, e a falta do conhecimento de si mesmo é a razão principal de sua ignorância contaminadora.

Disso, aliás, já falava Hesíodo há milênios, tendo em vista a causa principal de todas as injustiças sociais: as injustiças que os homens cometem dentro de si mesmos. Ele escreveu, em *Os Trabalhos e os Dias*: “Pois eu, que conheço o bem, te digo, Perses, grande tolo: muito rapidamente o vício conquista multidões, é muito fácil: seu caminho é plano e está logo ali”. Todavia, arremata o poeta das Musas: “Mas perante a virtude, suor ordenaram os deuses imortais. É longa e inclinada a subida até ela, espinhosa no início, mas quando se chega ao topo, mais fácil se torna, ainda que seja difícil” (HESÍODO, 2011, p. 71).

Este tema também está presente em Homero (2003, p. 14), e até de forma mais evidente. No Canto I da *Odisséia*, Zeus fala aos imortais: “Vede bem como os mortais acusam os deuses! De nós, dizem, provêm as desgraças, quando são eles, pela sua loucura, que sofrem mais do que deviam!”.

É por isso que afirmo desde já que, nesta segunda navegação filosófica, o autêntico ator social não é o sujeito implicado com as questões sociais e as lutas políticas de seu tempo, mas, como diz Platão na *República*, o “indivíduo político”, ou seja, o sujeito implicado com a harmonização de seus constituintes interiores, com sua formação de caráter, com seu aperfeiçoamento moral, em vistas de alcançar as melhores disposições autorresponsabilizadoras para servir desinteressadamente ao Estado. É este, pois, um “sujeito indiviso”, tal qual o *Kosmokói* de que fala Zenão (o estoico), o sujeito que, ao obedecer as leis fundamentais da interioridade humana, torna-se o mais livre dos homens, um cosmopolita, um “cidadão do mundo”. Tratam-se, este e aquele, em suma, de um homem que, autoconhecendo-se em profundidade, porquanto em luta constante contra suas próprias imperfeições, se vê a si mesmo em unidade com o mundo, e se vendo como

“homem-mundo”, naturalmente implica-se com ele, com suas dores e dilemas, contradições e injustiças, mas não como realidades transformáveis desde fora de si, pois já as percebe como reflexos de suas próprias faltas humanas. Sobre isso, concluiu Jung (apud MILLER, 2017, p. 44), que

Se imaginarmos uma pessoa bastante corajosa para se desvencilhar de todas as suas ilusões projetadas, devemos em primeiro lugar pensar num indivíduo capaz de se conscientizar de uma 'sombra' considerável. Alguém assim se sobrecarregará de novos problemas e conflitos. Tornar-se-á uma séria tarefa para si mesmo, já que agora não poderá mais dizer que os outros fizeram isso ou aquilo; que cometeram erros e que é preciso combatê-los (...) Uma tal pessoa sabe que tudo o que está errado no mundo também ocorre dentro dele e que se aprender a lidar com a sua própria sombra terá feito algo real para o mundo. Terá conseguido, então, responder ao menos a uma ínfima parte das enormes questões insolúveis dos nossos dias. (...)

E é assim porque, quem vê indivisivelmente o fenômeno da vida, apreendendo o seu transcorrer de uma perspectiva de unidade, sabe que não existe mundo senão como projeção de como o homem vê a si mesmo historicamente, senão como “galeria de espelhos” do estado de consciência que este apresenta em determinada época. Noutras palavras, quem vê a vida assim, sabe que as verdadeiras transformações históricas acontecem somente quando se põe as mãos no eixo do espírito e se movem, não as alavancas políticas de uma época, mas as ocultas e misteriosas engrenagens da própria história. Escreveu Platão (1999, p. 184), em *As Leis*: “sempre que, em um indivíduo humano, o poder supremo reúne Sabedoria e Temperança, está plantada a semente da melhor constituição e da melhor legislação, e de nenhuma outra maneira se poderá chegar a isso”.

Retomando o fulcro de minha reflexão, o fato é que, se não conhecermos de antemão pelo menos alguns motivos obscuros de nossos quereres, certos propósitos vãos de nossos afetos, e algumas inclinações de pensamento que nos levam invariavelmente a dissimulações e hipocrisias, fazendo de tal conhecimento poderosa formação em ato, tenderemos sempre a nos formar e agir egoisticamente e em nome do separativismo, a grande heresia perceptual e política de nossa época. Dito de outro modo, e mais ampliadamente, se não nortearmos os nossos instintos, emoções e pensamentos com princípios e finalidades claras quanto ao serviço que devem prestar ao mundo, pondo-os à luz de um ethos que em nada nos favoreça pessoalmente, tenderemos a nos formar e a agir contra o nosso próprio espírito e, conseqüentemente, contra o mundo, pois nós nele cultivaremos cizânias e dele colheremos

apenas o prosaico da vida, suas trivialidades, nada acessando de seus ocultos, de suas estruturas secretas, de sua unidade.

É a sabedoria grega, inclusive, que nos lembra disso, quando afirma filosoficamente que não é possível penetrar nos segredos da natureza sem antes conhecer os segredos do homem, já que a realidade está prenhe de verdades objetivas, prontas para rebentar em nós como conhecimentos formativos, porém, na razão direta do nosso autoconhecimento. Numa outra chave hermenêutica, tal é o significado oculto do mito grego de Acteão, ou do caçador que vê Ártemis, a Deusa da Natureza, banhando-se nua, em toda sua pureza e indefectibilidade, sendo por ela transformado em cervo, convertendo-se de caçador em caçado, simbolizando o homem que, ao contemplar sua natureza mais íntima, converte-se em Natureza, ainda que esta, em sua totalidade, permaneça sempre transcendente à sua consciência. Ou, se quisermos nos termos axiomáticos da Tradição, podemos dizer que é sempre fraca a chama da verdade para aqueles que a si não se conhecem. Pois a sabedoria só começa a iluminar o caminho do homem quando ele começa a se formar por meio do autoconhecimento, visto que “aquele que conhece o outro é sábio, mas aquele que conhece a si mesmo é iluminado”, como diz Lao Tsé (), no capítulo XXXIII do Tao Te King. Além disso, sem não nos conhecermos a fundo, não há sequer como pensarmos profundamente a realidade, uma vez que a raiz de toda compreensão do Real encontra-se na real compreensão de nós mesmos. Afinal, quem de fato se conhece a si mesmo, tudo em si conhece, como escreveram Zoroastro (2001), em seu Avesta, e Platão (1973), em seu Primeiro Alcibíades.

Em vista disso, apregoamos que cabe a todo professor de filosofia em formação compreender que a difícil tarefa do autoconhecimento é sua principal tarefa de vida, e que a consecução desta requer uma dolorosa escalada de autoconsciência sem a qual todo conhecimento filosófico acumulado não passará de um adorno intelectual, pouco prestando para orientá-lo a servir o mundo inegoisticamente, que é o excelso do fazer filosófico, seu supremo ato formativo, ou o que mais dignifica uma formação filosófica. Porque não é, nem nunca foi, senão na contemporaneidade, o acúmulo de conhecimento que torna filósofo um aspirante a filósofo, mas o seu amor incondicional à verdade, a clareza com que vê o fato de que ignora muitíssimo mais do que conhece, e o modo lúcido e equilibrado com que responde às solicitações de sua animalidade e ao acontecer dos fatos cotidianos, com suas embaraçadas e labirínticas circunstâncias.

Aliás, se hoje prevalece o contrário, certamente é porque, como Fausto, a maioria dos professores de filosofia persegue a intelectualização e o enciclopedismo filosófico, todavia,

sem um equivalente amor à sabedoria, e sem que tenham vivenciado certas verdades interiores que seguramente os protegeriam dos adolescentes apaixonamentos ideológicos de que padecem, e que tão comumente os levam a construir pensamentos através de renhidas emoções, transformando-os em títeres dos modismos políticos e culturais de sua época. É que os perigos do conhecimento filosófico sempre estiveram em proporção direta com a imaturidade do conhecedor, e inversa com o natural discernimento de quem os conhece e busca a verdade como fruto do adulhecimento de sua consciência.

Não me espanta, destarte, o fato de muitos professores de filosofia terem atualmente transformado algumas conjecturas e asserções da filosofia contemporânea em esteios psicológicos para o seu autoconvencimento de que “Deus joga dados”. Exemplo disso, é o uso que fazem em suas retóricas da conjectura materialista, tornada dogma entre eles, de que o existir humano é desprovido de um princípio divino orientado pelo dever cosmológico de polir o homem até a perfeição, o que os leva a construir o seu filosofar educativo com base no homem, mais como ente histórico, o qual é apenas uma silhueta ou uma medida na escala do tempo do homem eterno, que na luz resplandecente que dimana de sua compleição ideal, de sua imagem simbólica. Refiro-me aqui ao homem, tal como este é aludido por Jung (1978, p. 87): como “uma totalidade que não pode ser delimitada e nem é susceptível de formulação, só podendo ser expressa por meio de símbolos”.

Em suma, o autoconhecimento como processo formativo, horizonte de minha navegação filosófica, solicita de nós esse infundável e doloroso “entrar e sair melhor” de nós mesmos, ou ainda, esse movimento consciente e voluntário de individuação, de alquimização interior, que media a conciliação de nós mesmos com nosso próprio espírito, com nosso Deus interior, que é, nas palavras de Carvalho (2017, p. 71), “um recinto próprio que a linguagem mal consegue penetrar e que constitui a nossa existência mais íntima e pessoal”.

Portanto, é aqui o autoconhecimento o caminho formativo que conduz ao *Mystérium Coniunctionionis*⁴⁴, como também nos fala Jung em sua obra. E como tal, é também a atitude filosófica que leva o aspirante ao saber de Minerva a uma formação voltada à expansão de sua consciência e à ordenação de sua interioridade. E tudo isso, é claro, sem “dedos em riste” à procura de culpados pelas dores e vicissitudes mesmas de seu existir, o que o habilita

⁴⁴ *Mystérium Coniunctionionis*, segundo Jung, é a realização da conjunção do ser humano integral com o mundo unificado - o mundo do Self, de Deus.

a transformá-las em excelentes oportunidades de crescimento espiritual por meio da vivência das potências do seu próprio espírito, as virtudes. É por isso que tal processo autoformativo, ao meu ver, também insere-se, mesmo que extraordinariamente, “no debate filosófico e historicamente importante sobre a *bildung*, como concepção ampliada e hominizada de formação” (MACEDO, 2012, p. 11).

Por fim, se situo neste trabalho explícita e deliberadamente esta proposição de Formação em Ato na metafísica tradicional, da qual a filosofia de Platão é a maior tributária, é porque não posso de fato acreditar que as tais implicações histórico-existenciais, em que os atos formativos só acontecem no “aqui e agora” de um dado contexto material, possam levar um professor de filosofia a se autoconhecer profundamente, a menos que elas sejam guiadas pelo saber eudaemônico da desgoização, base inalterável da autêntica autoeducação moral e método formativo de toda educação filosófica grega. Pois, do ponto de vista por mim adotado, sem este saber atemporal, toda formação, independentemente do contexto histórico onde se encontre datada e situada, passará ao largo da conversão identitária de que precisa a consciência humana para buscar suas realidades superiores, tendendo a extraviá-la para outras lutas formativas que não aquelas a que sua ontologia fundamental a desafia, como as exteriorizantes lutas de caráter estritamente político e social. E o fará assim, porque acenará apenas para a porção egóica de sua interioridade, isto é, para o seu “eu animal”, que é aquele lado seu que, magnetizado pela existência material, se afeiçoa ao que é puramente fenomenal, apegando-se a tudo que tem forma, que se movimenta e que muda permanentemente, pois lhe é próprio manter-se no máximo de distância daquilo que o desmascara e tira seu poder: a verdade.

8.1 A Busca da Verdade como Supremo Ato Formativo

Embora a captação da verdade tenha sido explorada como um problema filosófico praticamente por todas as tradições culturais da antiguidade, tanto no Ocidente, quanto no Oriente, de onde as expressões *alethéia*, *catarses*, *teosis*, *satori*, *bodhi*, *moksha* e *samadhi* se originaram e adquiriram o significado de “iluminação”, não podemos afirmar, salvaguardada minha inspiração filosófica, que alguma delas puseram a lume numa expressão tão bela e eloquente como fez a Paideia grega.

O arcano mito narrado por Hesíodo, em *O Trabalho e os Dias*, em que Prometeu rouba o fogo de Zeus e o entrega aos homens, levando-os a se orientarem na escuridão, e a própria invocação às Musas, que esse aedo⁴⁵ faz, para narrar inspiradamente a magnífica história de Zeus, descrita na *Teogonia*, são amostras disso, bem como evidências de que, em toda a *Paideia*, o problema da captação da verdade sempre esteve relacionado com a capacidade humana de fazer uso em sua interioridade de um poder que só poderia provir de seres plenamente autoconscientes como os deuses: o discernimento⁴⁶. E isso provavelmente porque, como afirma Platão (1999, p. 205), nas *Leis*, “entre todos os bens, tanto para os deuses quanto para os seres humanos, a verdade vem em primeiro lugar”.

Inclusive, fala-nos claramente o mestre da Academia (2011), no *Timeu*, que inteligência – *Nous*, em grego – é o princípio da ordem cósmica e, por microcômica extensão, o princípio ordenador da interioridade humana. É também, se visto da Criação Demiúrgica, o atributo divino em que baseou-se o Grande Artífice do Universo para criar o homem “à sua imagem e semelhança, isto é, um ser autoconsciente, desperto de espírito e, por isso mesmo, capaz de perceber dentro e fora de si a atuação ordenadora daquele poderoso princípio. Eis porque, para Platão (1999, p. 185), “Deus é o verdadeiro governante de indivíduos racionais”

Já em sua obra *Mênon*, pondo em xeque o famoso “paradoxo erístico”, segundo o qual não podemos conhecer nem o que já sabemos, porque seria inconsequente, nem o que não sabemos, porque seria impossível, Platão (2001) afirma que só é possível captar a verdade, ou os gradientes do Bem Universal, através da *anamnesis*, ou “reminiscência”, que é uma forma de “recordação” daquilo que já existe desde sempre no interior de nossa alma. Daí porque, em sua filosofia, saber é conhecer a verdade, e conhecer a verdade é simplesmente recordar.

Mas é no *Fédon* que o mestre da Academia vai a fundo nesta questão. Inspirando-se nos saberes da tradição órfico-pitagórica, os quais lhe forneceram os princípios hierológicos para demonstrar a natureza necessariamente divina da alma humana, ele argumenta que as realidades que nos chegam através da experiência sensível não correspondem às noções

⁴⁵ Poeta grego da época primitiva, que cantava ou recitava com acompanhamento da lira.

⁴⁶ No mito de Prometeu, a divindade criadora dos homens diz as seguintes palavras: “Eles viam sem enxergar, escutavam sem ouvir e, semelhantes às imagens dos sonhos, tudo misturavam ao acaso, ao longo da vida inteira. Não conheciam casas de tijolos cozidos ao sol. Não sabiam trabalhar a madeira. Viviam entocados como as ágeis formigas, no fundo de antros sombrios. Não tinham sinal algum seguro que indicasse o inverno, a primavera florida nem o verão rico em frutos. Tudo era feito sem o uso da inteligência, até o dia em que lhes mostrei a difícil arte de *discernir*” [grifo meu] (FERRY., 2008, p. 132).

perfeitas que temos delas em nossa interioridade. Recorrendo à geometria pitagórica, como fizera também no Mênon, ao demonstrar que alguém que nada sabe pode saber sem nada aprender, ele escreveu:

antes de começarmos a ver, a ouvir, ou a empregar os demais sentidos, já devemos ter adquirido em alguma parte o conhecimento do que seja a igualdade em si, para ficarmos em condições de relacionar com ela as igualdades que os sentidos nos dão a conhecer e afirmar que estas se esforçam por alcançá-la, porém lhes são inferiores. (PLATÃO, 2010?, p. 28)

Especificamente, nesta obra, Platão argumenta que há uma natural defasagem das realidades presentes no mundo sensível em relação às noções essenciais que internamente temos delas. Isto é, as realidades referenciais, de que nos servimos para julgar se as realidades que nos chegam da experiência sensível são realmente reais, são sempre mais consistentes e acabadas que estas últimas. Mas qual a gênese desse “mais”? Qual a origem dessas essências, dessas substâncias, dessas idealidades? Ele responde que elas se encontram “dentro de nós”, uma vez que não decorrem nem podem advir do mundo exterior, isto é, da nossa experiência sensível. Mas que fique claro: essas realidades não provêm de dentro de nós como pensamento, pois o ato de pensar não as cria, já que o homem não pode criar verdades com o que estiver pensando, mas apenas captá-las por meio da sua inteligência e moldá-las no mundo criativamente. Elas, ao contrário, impõem-se naturalmente à mente humana, se lhes apresentando sempre objetivamente através da coerência, ou do que denominamos mais simplesmente de “sensos”, sejam de medida, de harmonia, de equilíbrio, de ritmo ou de proporção. E o fazem por causa da preeminência ontológica de que estão investidas, isto é, porque são realidades mentais, porém, dadas a priori pelo próprio espírito. Afinal, “Cada um de nós é, por si só, um todo“ (PLATÃO, 1999, p. 93).

Dessa forma, se para os gregos e para as tradições antigas em geral, a inteligência ou o logos humano é uma extensão do Logos Divino, para mim, que adotei esse ponto de vista, tanto o “filosofar” não é um mero exercício intelectual, quanto a verdade é mais que uma significação relativizável, mais, portanto, que algo referente ou necessariamente vinculado a uma época ou ao sistema de valores de um determinado grupo social.

Ao meu ver, o “filosofar” é a inteligência discernitiva de que pode dispor o homem para conhecer-se a si mesmo; é a propriedade mais excelsa de sua consciência, aquilo de divino que pode levá-lo a captar no sensível o eterno, o atemporal; ou aquilo de autoconsciente infuso nele pelo Criador, para que, “ao contemplar as órbitas da Inteligência

no céu, pudesse aplicar às órbitas da sua atividade intelectual, que são congêneres daquela, ainda que as suas tenham perturbações e as Dele sejam imperturbáveis” (Platão, 2011, p. 142). Ademais, como nos lembra de modo estoico, Marco Aurélio (2001, p. 34):

na vida de um homem, o seu tempo é apenas um momento, o seu ser um fluxo incessante, os sentidos uma vela mortíça, o corpo uma presa dos vermes, a alma um turbilhão inquieto, o destino, obscuro, e a fama, duvidosa. Em resumo, tudo o que é do corpo, é como água corrente, tudo o que é da alma, como sonhos e vapores; a vida, uma guerra, uma curta estadia numa terra estranha; e depois da fama, o esquecimento. Onde, pois, poderá o homem encontrar o poder de guiar e salvar os seus passos? Numa e só numa coisa apenas: na Filosofia.

Já a verdade, considerada aqui a partir da indistinção ontológica Deus-Ser-Consciência-Verdade, são precisamente as luzes, as unidades e as identidades em virtude das quais o homem caminha em experiência heroica no mundo das sombras, da diversidade e da diferença, podendo se elevar das aparências sensíveis às realidades do inteligível, que é o seu reino originário.

Numa síntese simbólica, se a verdade é o fulgor que ilumina o labirinto da existência do homem, como na saga de Teseu contra o Minotauro, o filosofar é a lanterna que pode ser acesa em sua interioridade; se aquela é o destino que o força a passar por muitas “ilhas” de dor e ilusão, como na jornada de Ulisses, este é a nau de remos de que pode se servir para retornar para casa. Eis porque “de todos os homens o mais excelente e digno é o filósofo, “Animal Celeste”, devido ao poder indagador da reta razão, e isso porque nele se dá a coincidência do saber e do agir orientados por um espírito de verdade” (MIRÂNDOLA, 2001, p. 35).

Assim, de nossa perspectiva dogmatista, não no sentido de uma disposição cega e acrítica para o absoluto, mas de uma visão fundada em princípios universais e na autoridade da sabedoria multimilenária de que se serve a Tradição, todo autêntico filosofar é um discernir iluminativo que, ao modo da experiência descrita por Platão no Mito da Caverna, possibilita ao homem “ensolarar-se” por dentro, levando-o pouco a pouco a transladar-se de um estado de consciência passivo a uma postura ativa ante a vida, na qual ele se torna ator do conhecimento de si mesmo e do mundo que o envolve através da busca da verdade, que é o seu supremo ato formativo. .

É por isso que aqui considero que o melhor da filosofia não se expressa no hábil manejar do cógito cartesiano, na destra contorção deste arguto “magistrado moderno” que a

tudo afere, analisa e ajuíza, porém, à revelia do que a Tradição fala-nos multimilernamente sobre o homem e a sua mente. Porque, sem a devida formação ética, todo professor de filosofia, além de tender a não se interessar a chegar às essências que subjazem em todos os fenômenos, coisas e fatos, propende a filosofar ininteligentemente, isto é, a pensar de modo a cegar-se para o sagrado, intelectualizando-se às custas do espiritual e, por isso, pouquíssimo desvelando do reino do seu próprio espírito, as verdades de que precisa para autoiluminar-se com o melhor do humano e incendiar corações como educador-filósofo.

Acrescente-se, ademais, que a atividade filosófica por excelência – que, para mim, será tão mais filosófica quanto mais proporcionar autotranscendência e vivência do sagrado – nunca centrou-se, senão na contemporaneidade, em operações mentais que dobram ou esgarçam pensamentos mediante associações, análises, críticas e formulações de conceitos e teorias. Tampouco aproveitou-se, ao longo dos milênios em que floresceu, com implicações de pensamento que vinculam ideologicamente um indivíduo aos interesses de um grupo social, econômico, político ou cultural. Ao contrário, centrou-se e aproveitou-se sempre na busca sincera da verdade, que bem pode ser traduzida, pelos exemplares de sabedoria de que dispomos na história, em atos discernitivos de desegoização, atitudes de consciência que tencionam a própria consciência humana a conhecer-se a si mesma e, por corolário, a se reconhecer naturalmente em Deus. Em meus termos, em fazer o homem “montar” em sua própria animalidade, em fazê-lo “cavaleiro espiritual” de si mesmo, enfoque que bem se traduz nos Atos Curriculares de Quíron, isto é, nas “atitudes autoformativas” de procurar a beleza em tudo que existe e acontece; de purificar-se falando com Deus; de assumir-se inteiramente responsável por toda dor que se lhe sobrevém; e de morrer antes da morte.

Sem essa busca, esse discernimento, esses atos autoformativos, nenhum professor de filosofia conhecerá o filosofar ao qual estou me referindo neste trabalho, tampouco clarear-se-á com a luz de seu próprio coração, especificamente porque tais gestos morais constituem atos de autoconsciência que preparam a própria consciência para uma apreensão direta de sua totalidade. São atos que dispõem a própria consciência à recepção de um ato hierofânico seu, o qual a leva a perceber, num clarão, o mistério da sua própria natureza, isto é, sem fazer uso das faculdades lógico-rationais do entendimento. Jung (1978), inspirado por Heráclito, denominava este clarão de “conhecimento absoluto”, porque acontece como um raio e sem se apoiar em nenhum órgão dos sentidos, abrindo num átimo a visão da consciência para a realidade espiritual que existe muito além das fronteiras da psique. Diz o obscuro e enigmático filósofo grego, no fragmento 64: “De todas as coisas o raio fulgurante

dirige o curso”. E ainda que o clarão da verdade, de que tudo tem coerência e sentido, seja intraduzível sem defasagens semânticas pelos meios discursivos sobre os quais se apóia o próprio filosofar, da possibilidade de tê-lo ninguém poderá duvidar, a não ser que duvide também da intuição como uma apoteose da consciência, um fulgurante “saber sem pensar”, capaz de arrebatá-lo até mesmo o mais pertinaz opositor do absoluto:

o pensamento do eterno retorno, a mais elevada fórmula de afirmação que se pode alcançar, eu tive quando caminhava pelos bosques perto do lago de silva plana e me detive junto a um imponente bloco de pedra na forma de pirâmide, pouco distante de Surlei. Então, me veio este pensamento. Fui mero porta-voz, mero médium de forças poderosíssimas. Subitamente, com inefável certeza e sutileza, algo se tornou visível para mim, audível. Comoveu-me e transtornou-me profundamente. Ouvi, não procurei. Tomei e não perguntei quem era o autor desse presente. Um pensamento reluziu como um relâmpago, sem hesitação na forma, um êxtase cuja tremenda tensão desatou-se, por vezes, em torrentes de lágrimas. Meu passo, involuntariamente, ora se precipitava, ora se arrastava. Um completo estar fora de si com a claríssima consciência de um sem número de delicados tremores e calafrios que chegavam aos dedos dos pés. Um abismo de felicidade. Tudo ocorreu de maneira involuntária, num turbilhão de sensações de liberdade, de incondicionalidade, de poder, de divindade. As coisas mesmas se acercavam e se ofereciam como símbolos. Todas elas vinham afagantes ao encontro de minhas palavras e me lisonjeavam, pois queriam cavalgar em meu dorso. E assim, abriram-se para mim, as palavras e as arcas de palavras de todo o ser. Todo o ser queria vir a ser palavra, todo vir-a-ser queria comigo aprender a falar.” (NIETZSCHE apud BRESSANE, 2001)

Diante do exposto, enfim, cabe então perguntar: como conhecer a verdade? É possível captá-la como realidades dentro e fora de nós? Ou a coruja de Minerva, sobrevoando com olhos penetrantes os bosques e as florestas, os cumes e os vales, os mares e os rios do mundo e da interioridade humana, não seria capaz de discernir nesta e naqueles os rastros do eterno, mesmo em meio às suas tantas paisagens efêmeras?

9. O AUTODISCERNIMENTO COMO ATO DE CURRÍCULO: A AUTOCONSCIÊNCIA NO DESPERTAR DO VERDADEIRO FILÓSOFO

“Com a lâmpada do Sonho desce aflito
 E sobe aos mundos mais imponderáveis,
 Vai abafando as queixas implacáveis,
 Da alma o profundo e soluçado grito.
 Ânias, Desejos, tudo a fogo, escrito
 Sente, em redor, nos astros inefáveis.
 Cava nas fundas eras insondáveis
 O cavador do trágico Infinito.
 E quanto mais pelo Infinito cava
 mais o Infinito se transforma em lava
 E o cavador se perde nas distâncias...
 Alto levanta a lâmpada do Sonho.
 E como seu vulto pálido e tristonho
 Cava os abismos das eternas ânias!”

Cruz e Sousa, poeta brasileiro,
 em o Cavador do Infinito

Como vimos, consoante minhas intenções de texto, demarqueei o constructo Atos de Currículo fora de seu expediente teórico convencional, o que implica dizer: os atos autoformativos, sobre os quais discorro neste trabalho, não se encontram aqui valorados eticamente a partir dos domínios do devir e da materialidade e nem dentro de um contexto relacional, contingente e não metafísico. E assim o fiz especificamente porque, do meu ponto de vista, a primeira navegação da noção de Formação em Ato passa ao largo do ethos de que mais precisa um professor de filosofia para se tornar um verdadeiro educador-filósofo, isto é, não se ocupa em fornecer-lhe os princípios atemporais da autoformação, nem em impulsioná-lo a buscar a verdade de si mesmo e os valores permanentes, únicos capazes de ordená-lo interiormente e de remetê-lo à unidade “cavaleiro-cavalo”, que subjaz potencialmente em sua consciência.

É que, nesta tese, digo-o novamente, é filósofo sobretudo aquele que se implica com a sua própria interioridade, de modo a se inspirar com os mistérios que o habitam e o rodeiam, e a lutar contra as imperfeições e deformidades morais que o espreitam desde dentro, guerra que tensiona e empurra a sua consciência a se elevar eticamente até os cumes do humano.

Porque, insisto, são justamente estes os atos a que se propõe a autêntica filosofia, que é a arte de formar indivíduos, não necessariamente intelectuais, mas espirituais, posto que o faz esteiando-se em saberes considerados universalmente válidos para a evolução da

consciência humana, e mirando o homem em sua medida de perfeição, ou o espiritual como medida do humano, em vistas de aprofundar o olhar dele, demovendo-o, como nos fala Boécio (2016) em sua Consolação, da mistura das aparências e da realidade que confunde a própria razão neste mundo, e ensinando-o a reconhecer a inconfundível verdade de Deus. E assim o faz, porque, como um saber dado aos homens pelos deuses, como nos fala Platão no Timeu, tem inscrita em si a verdade de que a evolução humana consiste na realização de um modelo de homem que existe para além do tempo, e a insígnia das verdades atemporais – abstratas porquanto intraduzíveis plenamente em palavras, práticas porquanto demonstráveis em ações –, que dão lastro a essa evolução, convocando em todos os tempos, todos os homens a viverem de modo numinoso e significativo, uns poucos deles ao despertar filosófico, porém, raríssimos dentre estes à experiência mística.

Mas que fique claro, para evitar mal entendidos: tal modelo de homem é somente realizável no âmbito da conquista individual, do viver profundamente o consigo mesmo, que é um processo filosófico autoformativo que harmoniza as diferentes partes que constituem sua ontologia e o transforma numa unidade ética dinâmica. Não é esse modelo, portanto, uma perfeição atingível, mas jamais dispensável como meta existencial, pois “a realização do Si-mesmo não é nenhum estado monótono e monocromático, mas o jogo alternado, cintilante e dinâmico das mais diversas facetas do nosso ser, através das quais a luz da vida se revela em nós” (MILLER, 2017, p. 63)

Ademais, se por um lado, “todo indivíduo pode realizar apenas um aspecto extremamente restrito do humanamente possível, ou seja, daquilo que lhe cabe e corresponde” (MILLER, 2017, p. 64); por outro, sem um modelo humano para inspirar sua caminhada com esse propósito, sem um ideal moral para iluminá-la, todo homem tenderá a tontear-se, a cansar-se e, finalmente, a perder-se nos labirínticos caminhos de sua própria subjetividade, desenganando-se de si mesmo pela condição precária do sentido que é capaz de dar à sua própria existência.

É por isso que os Atos Curriculares de Quíron não são ações de ordem material e contextualizada, nem estão aqui afinados pelo diapasão axiológico consequencialista que dá o tom da validade das mil e uma categorias morais sem fundamento metafísico do contemporâneo, e que, laureado praticamente como única referência para se pensar o problema moral por aquele mencionado consenso acadêmico, confina a formação ética de todo professor nas estreitas margens do cotidiano, nos alcançáveis horizontes da subjetividade, e nas baixíssimas altitudes do metafísico.

Na contramão dessa subalternidade da ética aos limites do comum e do ordinário, próprio do fastidioso cansaço moderno, conforme assinala Nietzsche em *Genealogia da Moral*, tais atos são, como já esboçamos no capítulo anterior, atos de autoconsciência espiritual, isto é, atos de consciência que reclamam para a própria consciência a sua cúspide interior, tanto como um “*finis operis*” quanto como um “*finis operantes*”, como diriam os escolásticos, uma vez que eles são de uma outra estirpe formativa, de uma estirpe ideal. São eles, por assim dizer, *Atos Espirituais de Currículo*, porquanto formam o professor de filosofia para o cumprimento de seu mais impostergável dever, de seu mais nobre desafio pedagógico: espiritualizar o mundo por meio de sua própria espiritualização.

Nestes termos, pelo modo como estou operando-o, o constructo *Atos de Currículo* nos chama a perceber nesta tese que há uma outra identidade de que podem dispor os professores de filosofia em seus processos autoformativos, uma identidade muito além daquelas que lhes são acessíveis mediante intenções, pensamentos e afetos politicamente engajados, ou através de implicações histórico-existenciais. Trata-se de uma identidade estável, impassível e permanente, espécie de “*daemon socrático*” ou de “*eu atemporal*” que se encontra mais além dos seus “*eus transitórios*”, “*históricos*”, “*sociais*”; que vê de uma “*acrópole interior*”, de uma “*cidade alta*”, ou de uma “*axis-percepção*”, num termo de Eliade (1980), os êmulos egóicos pelas quais a própria consciência é atraída e subsumida; e que, vendo-as assim, de cima para baixo, do centro para a periferia, ou simplesmente da altura própria de um “*cavaleiro*”, a torna mais apta a manejar, a ressignificar e, finalmente, integrar tais êmulos em seu próprio benefício, como faz Quíron com suas patas animais.

Refiro-me ao *Eu Superior* que habita o âmago de todos os professores de filosofia, a mais alta e dignitária identidade de que estes podem dispor em seus processos de autoformação e de formação como educadores-filósofos. Ou, especificamente, a supraconsciência que existe em estado de potência dentro de todo homem, mas que só lhe é acessível plenamente como coroamento de todo um esforço seu em se perceber como algo muito maior que apenas a “*metade de si mesmo*”, e em viver tal dignidade, percebida através dos atos-experiências de procurar o secreto que habita em tudo, assumir-se como único responsável pelas dores sentidas na existência, recolher-se em meditação sobre as experiências do dia, e morrer antes de morrer, alcançando pouco a pouco o ângulo de visão do eterno, do absoluto, de onde se vê não apenas o lado animal de suas próprias experiências, mas o todo no qual elas se encontram inseridas; não apenas o que o homem é

hoje, mas a perfeição que ele pode chegar a ser em qualquer época; e não apenas a existência humana na escala da história, mas na escala inabarcável da infinitude e da eternidade.

Afirmo isso porque, para mim, é somente no âmbito desse esforço, quirônico por excelência, que um professor de filosofia se forma desegoizando-se, discernindo-se a si mesmo, e alcançando paulatinamente, como consequência disso, os “tesouros” de sua Realeza interior, aquelas preciosidades de difícil acesso de que nos falam os mitos heroicos, ou propriamente a prova inequívoca do triunfo do herói – a “cabeça da Medusa” nas mãos de Perseu; as “maças de ouro” das Espérides nas de Hércules; a “erva mágica” nas de Gilgamés; o “tesouro dos Nibelungos” nas de Siegfried; ou ainda, e mais misteriosamente, a apoteose de Édipo, o retorno de Ulisses para casa, e a transmutação de Quíron na Constelação do Sagitário.

Ou seja, ao meu ver, é apenas no difícil exercício daquelas posturas filosóficas, que ele se torna pouco a pouco um longívulo, um perceptor do sagrado, e desperta efetivamente para o fato ontológico de que sua consciência é habitante de si mesma ao mesmo tempo que é habitada no seu centro-alto por um Eu ideal, que deve ser alcançado; e na sua periferia por um “eu animal” – o criador da miríade de pensamentos, afetos e desejos egoístas que o atravessam –, que deve ser dominado.

É que tais posturas são exercícios filosóficos de discernimento, sem os quais o Eu Real dificilmente é percebido, pois, repito-o mais uma vez, procurar o secreto das coisas, autorresponsabilizar-se pelas dores sofridas, autoconfessar as faltas cometidas e morrer antes da morte são atos que, como veremos, além de expandirem a consciência por auto-observação, posicionando-a na temporalidade do presente e borrando os limites entre a realidade do observador e a realidade do observado, entre consciência e mundo; só acontecem na própria consciência quando ela se coloca a vencer suas próprias distorções perceptivas, ou a ótica egoísta que lhe impede a distinção clara daquilo que é, nela mesma e no mundo, efetivamente válido e verdadeiro. Ou seja, aqueles só sobrevivem como realidade e horizonte à consciência quando a consciência passa a observar atentamente e sem ajuizamento a própria consciência ou, como nos explica Lavelle (2008), quando a primeira, por assim dizer, capta o ato da segunda no seu próprio exercício percipiente, não de modo algum isolado, mas sempre ligado a estados emocionais nascentes e a objetos mentais em aparecimento; e quando ela se dedica a transcender seus entendimentos convencionais sobre o real, frutos de suas prosaicas e superficiais visões de mundo. E é assim porque

antes de se dedicar à verdadeira missão, o herói muitas vezes tem de efetuar uma série de "trabalhos preliminares", que poderiam ser vistos também como uma espécie de "prova de competência". Nesses trabalhos preliminares ele adquire o seu último "adestramento" heroico. Trata-se, quase sempre, de matar monstros e animais perigosos (MILLER, 2017, p. 39).

Numa síntese, por ampliarem a autoconsciência e transcenderem o ordinário, exigindo da consciência outros tantos atos de natureza filosófica, como a paciência meditativa e a força de vontade, são esses atos as experiências discernitivas que levam pouco a pouco o aspirante ao saber de Minerva a se autoconhecer e a verter processualmente em percepção, nele mesmo e no mundo que lhe rodeia, a sacralidade de que são dignitários. Abrem caminho, portanto, para a “verdadeira missão” que este está obrigado a cumprir por aspirar à Filosofia: distinguir e tomar posse de sua real identidade, criando assim as condições internas para que sua própria consciência possa vir, algum dia, porventura, intuir, num instante descomunal ou num lapso de atemporalidade, a sua “presença total”, ou a presença de Deus nela própria, o que seria o mesmo que perceber a sua eternidade e sua infusa participação no ser. Pois o ser, no que concerne a si mesmo, é por si só o ato de Deus de se fazer homem, pois em cada homem o Todo do seu Ser é o ato ontológico que o faz existir.

Assim, tais atos, preliminares porquanto intermediários em relação à referida autopercepção hierofânica – que é a “experiência mística⁴⁷” de que nos fala Eckhart (1983) –, são aqui propriamente o que estamos chamando de atos de autoconsciência, atos enformados no estado de amorosidade que, segundo Galeffi (2012), é próprio do filosofar em sua forma originária, isto é, na forma da busca pela instantaneidade vidente em face da qual ninguém haveria de se interessar mais por qualquer outra coisa. São todos formativos, de natureza ética atemporal, e como um feixe de flechas dirigidas ao Eu Humano, ao excelso do homem, denominam-se Atos Curriculares de Quíron. Pois é somente “quando o arqueiro Zen dispara a flecha que ele atinge a si próprio e se ilumina” (HERRIGEL, 1975, p. 6). Sobre isso, diria Aristóteles a meu favor, que, efetivamente, a realização última de um ente é a sua excelência, o atingimento de sua Causa Final, visto que somente nela e para ela a razão de suas causas intermediárias se justifica.

⁴⁷ “estamos condenados a apenas representar a realidade sem jamais entranhar-nos nela numa comunhão direta e imediata? Não existiria o conhecimento intuitivo, diferente daquele representativo? A mística testemunha que é possível um conhecimento sem a mediação. Tocamos imediatamente o real. Isso implica que nos fazemos uma coisa só com o real. Nisso reside o segredo íntimo da experiência mística: a experiência da unidade de tudo com o supremo Princípio” (ECKHART, 1983, p. 24).

Então, pelo exposto, e pela impositiva autorizante de meu olhar filosófico, enuncio desde já que atos de autoconsciência são também atos formativos, sendo aqui referidos como “curriculares” e de “Quíron”, porque os transfigurei metafisicamente, inspirado que estou na concepção autonomista de Formação em Ato de Macedo, a qual foi posta a fazer nas linhas desta tese uma “segunda navegação filosófica”. Mas também porque eles se encontram aqui orientados pela única ética que, por suas simbólicas transcendentais, se faz presente em todos os tempos e lugares: a que convoca o homem a fazer imperar em si mesmo sua metade humana sobre sua metade animal, e a se autorreconhecer como um ser eterno e divino.

Enfim, transfigurado metafisicamente, eis que “atos de currículo” nos chama a conhecer neste trabalho, de modo propedêutico, uma formação inspirada na Paideia filosófica grega, especificamente na disciplina do autodiscernimento desegoizante que, como já disse, é uma via ética de ação interior, em cujo solo pisavam apenas aqueles que seguiam as pegadas do sábio centauro.

Dedicar-me-ei agora, por isso, a explicitar mais detalhadamente que ato discernitivo é esse, que, de tão fundamental, é capaz de transformar um professor de filosofia num verdadeiro filósofo, e num educador devotado a conhecer-se a si mesmo, a olhar para cima, e a educar pelo exemplo. E logo em seguida, nos próximos capítulos, a discorrer sobre a temporalidade ideal do filosofar autoformativo, bem como sobre cada um dos atos em função dos quais aquele ato sobrevém, pouco a pouco, à sua consciência.

9.1 Autoconsciência e Discernimento

Era uma vez um centauro nascido de um Deus com uma ninfa. Embora fosse meio cavalo meio homem, tinha consciência de sua imortalidade. Soube, então, diferenciar-se dos outros de sua espécie, pois, reconhecendo-se como filho de um Deus, buscou viver com sabedoria, não se deixando arrastar pelas necessidades de sua parte animal. Quando adulto, incuravelmente ferido, aprendeu a suportar a sua dor com dignidade e honra, isto é, sem atribuir a ninguém a culpa pelo seu sofrimento. Desse modo, passou a compreender como ninguém a dor e o sofrimento dos enfermos de existência, dedicando-se a ensinar-lhes filosoficamente, como fez o seu divino tutor, a alquímica “arte da separação” das ervas: as que serviam para a produção das drogas, das infusões, dos unguentos e dos banhos que curavam, das ervas que contaminavam, envenenavam e, por vezes, levavam a alma a morrer.

Seu nome era Quíron, que significa em grego “mão”, pois, é com ela que o ato de “separar o joio do trigo” adquire maior precisão e se justifica como uma prática encantatória da arcana, mágica e perdida arte dácila da cura grega.

Consoante minhas intenções de texto, observemos que essa passagem mitológica nos convida a refletir sobre a virtude do discernimento. Essa palavra, proveniente do verbo grego *krinein*, que significa “seccionar”, “decidir”, “julgar”; ou do verbo latino *discernere*, que significa “peneirar”, “dividir”, “distinguir”; designa etimologicamente “separar dentre” para melhor escolher, consistindo na mais alta virtude da inteligência humana, ou na própria inteligência em seu mais elevado sentido. No sentido ético atemporal, é a capacidade que o homem tem de reconhecer e diferenciar o bem do mal, a luz da sombra, o real do ilusório, o necessário do contingente, o perdurável do transitório, o absoluto do relativo, e de separar, para depois integrar hierarquicamente, o que ele é e o que ele não é, ou o que ele é atemporalmente e o que ele é no tempo, no devir, na história.

Fala-nos Livraga (2010), por exemplo, de “viveka”, termo designativo no Oriente para discernimento, cujo símbolo é Kalahansa, o “Cisne Negro”, entidade mitológica que tem a grande faculdade de separar o leite da água, sendo o leite o que é puro, válido e espiritual, e a água o que adultera o leite, o impuro, o material. Um outro termo que o positiva como uma virtude na cultura oriental, especificamente na analítica psicológica budista, é *anatta* (em páli), ou *anatman* (em sânscrito), que significa a distinção do “não-eu” do constante estado de impermanência da consciência humana, que é o estado mesmo dos fenômenos psico-físicos que furtam desta, pelas elusões egóicas de que ela propriamente está sendo posta à prova, a sua permanente e vazia ipseidade.

Mas é no Ocidente, precisamente na Paideia, que encontraremos sua máxima expressão filosófica, no sentido que aqui estamos enfatizando, na medida em que o ato de discernir, em Platão, aparece vinculado à experiência fundamental que dá nascimento ao filósofo. Numa chave hermenêutica, na famosa Alegoria da Caverna, o fundador da Academia descreve metaforicamente a autoconsciência de um ente que, distinguindo seu “Eu Real” de suas sombras, liberta sua consciência dos seus “eus falsos”, entidades psíquicas que o mantinham alienado e acorrentado na crença infantil de que a verdadeira realidade é a que se projetava em vultos informes no fundo da caverna. Descreve-nos também a experiência de passagem da consciência humana de um estado de dependência exterior, em que os pontos de referência do existir são sempre externos, em que o seu poder criador de realidades é entregue, por medo, ao mundo externo, já que ela é extroversa,

quando não conhece a força do ser da qual é o feixe percipiente, para um estado de presença total em que se autoconhece presente e livre, por um vislumbrar do próprio ser, por um sentir a presença deste em si mesma, discernindo, por conseguinte, e concomitantemente, sua eternidade da efemeridade de sua existência na materialidade do mundo, a qual lhe é dada por condição e desafio.

Especificamente, o que Sócrates propõe a Glauco imaginar, por meio dessa alegoria, é o discernimento, sem o qual o nascimento do filósofo não é possível, porque o verdadeiro filósofo só nasce no aspirante à Filosofia quando este caminhante, mesmo em companhia de outros “ilusos prisioneiros”, tateando as verdades de que precisa para andar na escuridão, e distinguindo numa fresta lá fora a poderosa fonte de onde estas provêm, sai da caverna e lança-se na direção da luz, a qual reconhece como sua. Eis, à maneira do filosofar socrático, por sua “obstetrícia do espírito⁴⁸”, a autoparturição do filósofo, do autêntico buscador da verdade, ou o ato mesmo do despertar da unidade de nossa própria consciência, ato de autoconsciência que, distinguindo entre o que é indivisível e perdurável em nós e o que é apenas epifenomenal, faz-nos reconhecerno-nos, na irradiância do sol, como uma expressão parcelar do Bem Supremo, ou como uma fração do Todo-Vivo onde somos chamados a viver. Porque nele e em nós, como afirma Lavelle (2008), é o mesmo ser que está presente, sob uma forma tão participada quão participante; é a mesma luz que nos descobre, ora a sua face iluminante ora a sua face iluminada; é o mesmo ato que se exerce, ora em nós, ora sem nós e que nos obriga a prestar contas e a ser inapelavelmente responsáveis em cada instante pela nossa própria existência, ao mesmo tempo que pela existência do Todo.

O próprio Sócrates é, por sinal, o ator curricular ideal da Filosofia, modelo da vivência autoformativa desse discernimento, uma vez que foi ele quem nos legou o “filosofar daemônico”, tornando-se, por conseguinte, o mais genuíno dos filósofos da história. O que mais seria o seu famoso daemon senão o seu Eu Real, espécie de supraconsciência ou consciência superior que ele consolidou dentro de si mesmo – após sabe lá quantas experiências de contemplação da beleza, de assunção da dor, de exame diário de suas ações, e de morte ante da morte. Disse ele na Apologia, ao se referir a tal entidade: “é uma inspiração que me vem interiormente de um deus ou de um gênio” (PLATÃO, [S.I.]b, p. 9). E concluiu, numa demonstração clara e inequívoca de que esta voz divina era mais

⁴⁸ Lê-se no Teeteto: “Sócrates — A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto” (PLATÃO, 1988, p. 18).

sábua que ele, pois foi ela quem o levou a preferir sofrer a injustiça a ter de cometê-la, a compreender que a morte não é fim nem castigo, e a assumir com dignidade o seu destino fatal:

Aquela minha voz habitual do demônio (daimon, gênio) em todos os tempos passados me era sempre frequente e se oponha ainda mais nos pequeninos casos, cada vez que fosse para fazer alguma coisa que não estivesse muito bem. Ora, aconteceram-me estas coisas, que vós mesmos estais vendo e que, decerto, alguns julgariam e considerariam o extremo dos males; pois bem, o sinal do deus não se me opôs, nem esta manhã, ao sair de casa, nem quando vim aqui, ao tribunal, nem durante todo o discurso. Em todo este processo, não se opôs uma só vez, nem a um ato, nem a palavra alguma. Qual suponho que seja a causa? Eu vo-la direi: em verdade este meu caso arrisca ser um bem, e estamos longe de julgar retamente, quando pensamos que a morte é um mal. E disso tenho uma grande prova: que, por muito menos, o habitual signo, o meu demônio, se me teria oposto, se não fosse para fazer alguma coisa de bem. Passemos a considerar a questão em si mesma, de como há grande esperança de que isso seja um bem. Porque morrer é uma ou outra destas duas coisas: ou o morto não tem absolutamente nenhuma existência, nenhuma consciência do que quer que seja, ou, como se diz, a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para um outro. (PLATÃO, [S.I.] b, p. 14)

Por tal experiência, ademais, Sócrates é também, junto com a mitológica Antígona e o renascentista Giordano Bruno, um exemplar que explende com intensidade a notável capacidade que um homem desperto tem de pôr à frente dos valores e das leis decadentes de seu tempo histórico, os valores permanentes e as suas próprias leis interiores, quando estas, é claro, são a ressonância microcós mica das leis divinas, e não criações de sua subjetividade. É que o homem quando cresce, quando adul tece espiritualmente, tende a se deparar com essa terrífica prova de maturidade espiritual, com esse dilema moral extremo que lhe assalta a alma, já que o preço da dignidade humana, em seu mais elevado sentido, sempre foi pago pelas consciências capazes de viver e de assumir para os homens de todos os tempos, custasse o que custasse, que não há nada superior à verdade. Exemplos disso não faltam: em defesa da verdade, e em nome do imenso valor que ela tem para o homem, Antígona foi aprisionada num túmulo, Bruno queimado vivo numa fogueira, e Sócrates obrigado a beber veneno, fatos, mitológicos ou históricos, que, mesmo à sombra do maior dentre eles, o do “filho de Deus” crucificado, estão sempre a lembrar ao homem que ele é maior que ele mesmo.

Então, é inspirado nesta socrática formativa, por considerá-la uma alta possibilidade da consciência humana, que alego ser a implicação fundamental do aspirante a educador-filósofo o conhecimento de seu daemon, o que lhe exigirá discernir dentro de si mesmo

quem ele é, e quem ele não é, já que o ego maneja com maestria muitos “eus enganosos” para ludibriar a consciência e fazer valer seus próprios interesses, pouco se importando se deixará nesta suas “digitais” através de pensamentos, desejos e emoções irrefletidos. E também saber, concomitantemente a isso, que cada um desses “eus enganadores”, de que se serve o ego, é apenas um elo de uma cadeia inescrutável de causas e efeitos mentais, libidinais e emocionais produzidos pela sua consciência psicológica – cada efeito tornando-se uma causa, e cada causa tendo sido um efeito –; e que todo esse emaranhado de fenômenos egóicos, quando não dialeticamente discernido, em atos precipita quimeras no mundo.

É que o verdadeiro filósofo é assim: um percipiente que reconhece que a vida é algo de sagrado, que o obriga a perceber em cada um dos seus atos uma ressonância infinita, pois nela “nenhum deles se perde, não havendo nela mérito algum que não encontre algures a sua eficácia, nem falta alguma que não convoque algures a sua reparação” (LAVELLE, 2008, p. 8). É ele também um dignitário do saber, pois é o único que se obriga a decompor o seu próprio ego, conhecendo os saberes que interessam efetivamente a cada um dos “eus” que o constituem, observando estes e aquele à luz de sua supraconsciência, à luz do que efetivamente nele perdura por si mesmo, a fim de alcançar verdades de si mais confiáveis, posicionar seus significantes com uma maior amplitude de consciência e agir retamente em nome da virtude. É ele, enfim, um tipo humano que vai até os limites de suas possibilidades humanas para somar ao mundo, pois, seja à maneira socrática, ou ao modo do imperativo kantiano, quer agir sempre pela ação reta, pela ação por dever, pelo dever de responder àquilo que ele é intimamente, nada esperando ganhar por recompensa senão a própria vivência da verdade.

10. AUTOCONSCIÊNCIA E ATEMPORALIDADE: A FORMAÇÃO ATRAVÉS DO INSTANTE PRESENTE

“Um astrônomo disse: Fala-nos do Tempo.
 E ele respondeu:
 Se dependesse de vós mediríeis o imedível e o
 incomensurável. Ajustaríeis a vossa conduta e até
 dirigiríeis o rumo do vosso espírito de acordo com as
 horas e as estações. Do tempo faríeis um ribeiro em cuja
 margem vos sentaríeis a vê-lo fluir.
 No entanto, o intemporal em vós está consciente do
 intemporal da vida, e sabe que o ontem não é senão a
 memória do hoje, e o amanhã é o sonho de hoje.
 E aquele que dentro de vós canta e contempla, habita
 ainda dentro dos limites daquele primeiro momento que
 espalhou as estrelas no firmamento”

Kalil Gibran, poeta libanês,
 em O Profeta

“O homem se encontra, assim, entre o tempo e a
 eternidade, em virtude da ambivalência de sua natureza.
 Ele se encontra no meio, entre o ser absoluto e o nada, o
 não-ser absoluto.
 Isso lhe provoca fascínio e horror”

Santo Agostinho, filósofo medieval,
 em Confissões

Começamos este capítulo afirmando sem rodeios: o autodiscernimento é o ato formativo que faz rebentar o instante presente no íntimo do professor de filosofia como a temporalidade mesma do filosofar.

Não o presente prosaico e corriqueiro do cotidiano, aquele que nos escapa por tudo desejarmos possuir, mas o instante entreaberto na temporalidade passado-futuro urdida pelas nossas psiquicidades; ou a clareira atemporal aberta em nossa consciência, pela nossa própria consciência, em prospecção de si mesma, ou, quem sabe, de sua infusa participação no ser. Prospecção que, não sendo um pensar, nem um desejar, nem um sentir, é um observar sem julgamentos nem censura aos próprios pensamentos, desejos e emoções, ou um observar de modo suprapessoal quem os mobiliza efetivamente, e por quais motivos o faz. É um ver-se a si mesmo a partir de um ponto fora do ego, de uma perspectiva supraconsciente, que, aliviando a consciência do peso de toda sua fenomenologia psíquica através de um sem número de desdobramentos autopercipientes, a aproxima em percepção, pela via de um silêncio cada vez mais profundo, do próprio ser do qual ela é uma extensão vidente. Nas palavras de Jung (1987), esta é como um olho que abarca os espaços mais

distantes, e aquele, é como um não-eu psíquico que, de maneira não-espacial, preenche esses espaços.

Não por acaso é esse o princípio da conhecida meditação direcionada de origem oriental, prática filosófica que visa abrir um espaço de atemporalidade no tempo, ou instaurar um intervalo no intempestivo fluxo de nossa mente para que a consciência focalize o o instante presente e fixe sua atenção no agora, numa espécie de estado profundo de vigília, porém, desprovido de pensamento e emoção. Porque, embora a consciência não consiga manter-se fora desse fluxo por muito tempo, sabem há milênios os grandes mestres do Oriente que tal escape atemporal pode dar a ela um vislumbre de verdade, capaz de lhe proteger das agitações do seu mundo psíquico e da psicofera social que a rodeia, fornecendo-lhe o dado objetivo de realidade de que necessita para impedir que nasçam, cresçam e floresçam nela as sementes da perturbação mental geradora dos tormentos que procedem de sua animalidade. Sobre este vislumbre escreveu Herrigel (1975, p. 9):

O que nos surpreende na prática do tiro com arco e na de outras artes que se cultivam no Japão (e provavelmente também em outros países do Extremo Oriente) é que não têm como objetivo nem resultados práticos, nem o aprimoramento do prazer estético, mas exercitar a consciência, com a finalidade de fazê-la atingir a realidade última. A meta do arqueiro não é apenas atingir o alvo; a espada não é empunhada para derrotar o adversário; o dançarino não dança unicamente com a finalidade de executar movimentos harmoniosos. O que eles pretendem, antes de tudo, é harmonizar o consciente com o inconsciente.

Tal instante não cronológico, “aionico⁴⁹”, por assim dizer, é a eternidade do presente a que se referem imageticamente Platão, Boécio, Agostinho e Jesus⁵⁰, quando, cada qual ao seu modo, afirmam que o tempo existe pela sua tendência de não existir. É a temporalidade não mensurável do “agora”, ou da entrega da consciência por reta atenção a “este exato momento”, que é, aliás, a única temporalidade do Ser e, por imediata extensão, do viver.

é por isso que, como todos nós sabemos, quando estamos em um estado de paz interior, de bem-aventurança, o tempo é esquecido e voa, mas quando estamos em um estado de angústia, de estresse, de tensão, parece que nossos pés se arrastam pesados e lentos, aletargados que estão pelo medo de fundo que acomete nossa consciência. Isso se dá,

⁴⁹ Na mitologia grega, o tempo Aiôn refere-se à temporalidade do absoluto, da autopercepção, e da autoconsciência.

⁵⁰ “Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão” (Mateus 24:3).

esclarece-nos Ram (p. 71980), porque o tempo, como uma condição psicológica, depende de como é experienciado pela consciência, sendo o “estar presente”, segundo esse filósofo oriental, a experiência que menos faz surgir o tempo àquela como um fator condicionante.

É o presente, então, conforme se afigura no Oriente e nas principais tradições filosóficas ocidentais, a temporalidade na qual se encontra abscondido o nosso ser. Pois é somente neste instante, que é um entrelugar no fluxo ininterrupto futuro-passado que nos atravessa, que conseguimos abolir a discrepância entre o que somos e o que deveríamos ser. Ou seja, o presente é, muito para além do que pensamos, uma fenda no tempo por meio da qual podemos transpor o próprio tempo, e adentrar na dimensão onde este vive em experiência de anterioridade à sua fragmentação devírica futuro-passado, ou em estado de indiferenciação e imobilidade, como diria Platão, mesmo porque “essa noção de tempo como pura extensão e quantificabilidade absolutas é produto de uma iconoclastia simbólica da cultura moderna, sendo, por isso, um desencanto exclusivamente nosso.

Se bem notarmos, por exemplo, entre os gregos, o presente era mais do que um instante fugaz, fugidio e inapreensível, e muito mais do que esse transcorrer acelerado com que nos acostumamos a lidar ordinariamente. Para eles, o presente era sobretudo uma espécie de “instante permanente”, propriamente a temporalidade a qual se reportavam as cosmogonias e os mitos heroicos que incitavam sua alma a se expandir, e os ideais morais, políticos, filosóficos e artísticos que vivificavam a sua cultura. Aliás, era esta face do tempo, por sua imperecibilidade, a fonte de renovação e de inspiração vital do homem grego que despertava filosoficamente e, sabendo de si e de sua origem, passava a buscar, em tudo que fazia, nada mais que a *aristeia*, ou a “semelhança aos deuses”, conferindo assim às suas obras e ações um halo de perfeição e eternidade.

E se me referi a essa temporalidade como o tempo próprio e ótimo da formação filosófica, é porque, ao meu ver, é o tempo em si pura ilusão: “é criança jogando e brincando, é reinado de criança”, como sentencia Heráclito no fragmento 52. E é isso porque Cronos, como nos fala Platão (2011) no *Timeu*, não é senão um participante do ser da eternidade, ou uma mimesis do *Aion*, o tempo perfeito e real, podendo, por isso, pelo homem ser transposto, superado. Mas apenas quando este, imbuído de uma vontade superlativa e inquebrantável, de uma busca incansável pela verdade, ou de um senso estético voltado à perfeição, se entrega em ato totalmente ao presente, e nele verte toda a magnificência de que está impregnado o ideal formativo presente em sua cultura, e toda a universalidade que é gestada em seu espírito, como Microcosmo que é. Eis porque os atos

notáveis de Leônidas e Sócrates, mesmo mortos pelo tempo, não morreram. Estão vivos. Eternizaram-se.

Podemos também, se o quisermos mais ampliadamente, traduzir este eterno presente como o tempo trágico do “amor-fati⁵¹”, que é o tempo instaurado pela consciência quando esta quer que a vida vivida não acabe nunca, mesmo sabendo que todos os instantes por ela vividos se repetirão pela eternidade, nada havendo nela de novo, nem dores nem prazeres novos, nem pensamentos e nem suspiros dados, repetindo-se ao infinito a mesma aranha e o mesmo luar entre as árvores, e tudo o mais de indizivelmente pequeno e de grande, na mesma ordem e sequência, como se a eterna ampulheta da existência fosse sempre virada e, junto com ela, cada um de nós, poeirinha da poeira...” (NIETZSCHE apud BRESSANE, 2001).

Porque é essa a temporalidade do amor ao destino, com todos os seus dissabores e fealdades; do aceitar incondicional de tudo que nos é dado e tirado por ele; e do não reclamar do pesado fardo de nosso cotidiano, com todas as suas desventuras e complexidades psicológicas, morais e sociais.

E isso é o mesmo que dizer “Sim” à dor, como estrutura fundamental da existência e como recurso pedagógico da vida; o mesmo que dizer “Sim” ao que é, ao que a Fortuna dá a cada um de nós como destino, e no curso deste, como diria Boécio (2016), como graça ou infortúnio. Ou ainda, a dizer “Sim” ao Self, se quisermos nos termos de Jung (1961), que, por isso mesmo, é vivenciado como numinoso. Pois, como considera o filósofo do “amor fati”, em *Ecce Homo* (2008), é somente no momento em que aceitamos incondicionalmente a vida, assentindo-a como ela é, que toda eternidade é abençoada, libertada, justificada. Complementa ele em *Gaia Ciência*, no parágrafo 276:

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor-fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2006, p. 162)

Por fim, em último sentido, tal temporalidade é o tempo do filósofo em formação ao sair da caverna, seu lugar ensolarado dentro de si, recanto de serenidade e vida intensa, onde Deus e ele próprio encontram-se consubstanciados. Porque, além de ser e estar tornarem-se

⁵¹ Expressão latina de origem estoica usada por Nietzsche em sua obra para designar o “amor ao destino”.

essencialmente um só e o mesmo fenômeno luminoso, nesta dimensão, sempre que um homem nela adentrar, tornar-se-á a própria consciência pura da qual ela dimana, a própria luz na qual ela existe por atemporalidade.

Eis o *mysterium fascinans* referido por Eliade (1992), ou o tempo sem tempo propiciador do sagrado, única dimensão, segundo este autor, em que se expande a perfeita plenitude do ser. É que, não sendo o sagrado uma experiência vivenciável por quaisquer atos psíquicos, sequer podendo, nem mesmo pela mente de um filósofo, ser criado ou concebido, é ele um fato ontológico que só se positiva na consciência humana quando esta produz uma ruptura instantânea com o tempo cronológico e, ao observar-se fora da temporalidade psíquica, ou em desidentificação com os desejos, pensamentos e emoções que a envolvem, percebe a superabundância de sua própria realidade e nela se infunde.

Nestes termos, o sagrado aparece ao homem quando ele, em seu natural afã por uma realidade objetiva, por uma realidade acima das relatividades sem fim de sua subjetividade, rompe momentaneamente com o terrífico tempo antropofágico do ordinário e sacraliza-se pela percepção do luzir autoevidente de seu inefável Eu. Isto é, quando ele, discernindo seu Eu Real de sua máscara, ou em proveito do estado de autoconsciência profunda, consegue “parar” num átimo sua própria mente, que está sempre a encobrir o momento presente com imagens espectrais do passado ou do futuro. Ou consegue suspender momentaneamente o seu tempo psicológico, aquele regido, segundo os gregos, pelo *anakuklosis*, ou pelo “eterno retorno”, onde as ordinariedades existenciais do homem se fazem, se desfazem, se refazem e, girando circular e infinitamente ao seu redor, tendem a arrastá-lo ao esquecimento de si mesmo e, cedo ou tarde, a uma vida frívola e desencantada.

10.1 Autodiscernimento: o “estar presente” como Ato de Currículo

Como vimos brevemente, o presente é o tempo da consciência humana, o marco que localiza para a própria consciência onde mora a sua unidade, que é a realidade eterna, de onde ela provém como um feixe percipiente, realidade que nega, por sinal, toda e qualquer possibilidade de ser ela simplesmente um epifenômeno linguístico ou alguma coisa causada por determinações de ordem social, como afirmam contemporaneamente os adeptos das filosofias do dessentido. Sobre isso, e a nosso favor, fala-nos Jung que a psique humana, em

suas profundezas, faz parte de uma forma de ser independente do tempo e do espaço, integrando aquilo simbolicamente denominado de eternidade (Jung, 1987).

Neste sentido, não há outro tempo senão este para a consecução do autodiscernimento, isto é, para o ato formativo que dá nascimento ao filósofo. E sem esse ato, insistimos, não há aspirante a filosofia que possa deixar de ser interiormente um “nascido só uma vez”, pois para nascer duas vezes – ou nascer como pessoa e renascer como indivíduo, ou nascer como professor de filosofia e renascer como filósofo – é preciso que ele contemple dolorosamente, como se estivesse ante uma encenação trágica, a morte do personagem principal do teatro de sua existência, ou da sua “máscara protagonista” para quem foram dirigidos tantos investimentos libidinais, mentais e emocionais, e cuja construção de estrutura e adornos lhe custaram tanto esforço.

Mas que fique claro: todo “nascido só uma vez” o é porque ainda não captou o seu Eu de fundo na experiência concreta, multiforme e temporal de seu próprio existir, e por isso não conhece os êmulos egóicos desta experiência decorrentes, tampouco sabe que precisa romper com o limitado circuito perceptivo futuro-passado em proveito da percepção interior do eterno presente. Ou seja, o é porque permanece acreditando ser o verdadeiro ator de suas próprias ações, uma vez que vive convicto de que todos os seus desejos, pensamentos e emoções são realmente “seus”, e sem notar, portanto, que a todo tempo, a máscara animal com a qual se confunde lhe furta sua identidade.

Nascer pela segunda vez é, portanto, uma virada perceptual para o instante presente como a morada da vida, pois apenas esse instante provoca a consciência a despertar para aquilo que ela não é, malgrado pense ser, e embora persistam mil e um véus entre ela e o seu próprio absoluto. É, especificamente aqui, um abrir dos olhos do aspirante a filosofia para o outro lado do seu próprio existir, lado que não lhe é perceptível por sua modernidade psicológica, pelo torpor materialista que esta produz em sua consciência. Pois, como afirmamos na introdução, e demos a indicar praticamente em todos os capítulos deste trabalho, é o tipo humano moderno um ente autodessacralizado, um ente autoimaginado às avessas e unilateralmente, isto é, “feito à imagem e semelhança de um animal”, em suma, um ente esquecido daquele seu lado mais do que “outro” – o lado de sua atemporalidade, de sua verdade última, de sua divindade interior.

Então, autodiscernir-se é calar a máscara, é perceber-se, é estar presente, ato de currículo que permitirá àquele reconhecer-se pouco a pouco dentro de si mesmo, peneirando

seu Eu Substancial de tantos quantos forem os substitutos acidentais ou circunstanciais” que o ego arregimentou para lhe levar a aceitar de seu passado a sua identidade legatária, aquela que está sempre a lhe falar, em unísono com os valores de seu tempo, “quem ele é” e “quem ele pode ser” historicamente, isto é, em termos políticos, sociais, econômicos, intelectuais e culturais.

Tal discernimento é aqui, portanto, um seccionar que extrai da experiência espaço-temporal da própria consciência, aquilo que há nela de imperecível e intransmutável, já que nela, pela lei da necessidade, projetam-se mil e uma personagens representativas do Eu Real do homem, entidades egóicas que se querem onticamente sempre datadas e situadas no teatro do mundo, mas em perpétua mudança, visto que, no jogo dos contrastes da existência, o imutável as constringe, o atemporal as ameaça, o eterno as aniquila.

É assim porque essas entidades egóicas – personas de relação com que todo homem se veste para encenar tragicamente o seu fado existencial de acontecimentos, coisas e fenômenos quase sempre incompreensíveis –, quando não devidamente abstraídas pela nossa consciência em proveito do que há nela de mais real, nos persuadem a todo instante a nos confundir com elas mesmas. É essa não abstração dentro de nossa interioridade, em última análise, o que nos leva a alçar inconscientemente à condição de “eus reais” ilusões que não passam de fantasmagorias de nosso Eu Real, quais sejam, nossos “eus mutáveis” e “devenientes”. Estes “eus” são precisamente os personagens mentais que cada um de nós projeta sobre si mesmo, como resultado do condicionamento de nossa consciência à nossa historicidade pessoal, e a outros tantos “eus psicológicos” que surgem e ressurgem desta temporalidade como rebentos seus, modificações identitárias ocasionais provenientes de nossa desatenta relação com os ditos e os interditos do mundo, e com os desejos, os pensamentos e as emoções que eles nos provocam veloz, ordinária e caleidoscopicamente.

São eles, aliás, o que melhor traduz a nossa disponibilidade para o “mayáxico”, a ilusória realidade criada por nós mesmos através de fantasias e projeções, ainda que sejam também, e mais essencialmente, inteligentíssimos expedientes ontológicos de que se serve a vida para nos desafiar a descobrirmos nossa ipseidade, e a vivermos no único instante em que a própria vida nos outorga viver, qual seja, na eternidade do presente, e não na labiríntica temporalidade futuro-passado em que na modernidade dos tempos escolhemos viver, repleta de conflitos, insatisfações, traumas, ansiedades, culpas, angústias, arrependimentos, recalques, e povoada por fantasmas de desejos não realizados e formas espectrais de pensamento e emoção. Pois existir pressupõe acumular saberes e aprendizados,

mas também resíduos de más experiências, vividas sem entrega, verdade e plenitude, e de expectativas que vivemos como se as mesmas fossem hodiernas realidades trazidas pelo “kairósico⁵²” tempo do oportuno.

Nosso “eu histórico” e seus rebentos, portanto, se formam naturalmente em nós por inconsciência ontológica, e por isso se constituem e operam como nossos simulacros, apresentando-se no mundo antes que o centro de nossa consciência se manifeste, antes que o nosso Eu Real se faça presente, aparecendo, inclusive, em situações dramáticas em que nos é exigido o que nenhum deles é capaz de apresentar: lucidez, nobreza e sacrifício. E tudo isso porque, como nos fala Jung (1982), malgrado a aparente unidade do “eu”, este trata-se evidentemente de um fator altamente composto e variado, constituído de imagens provindas das funções sensoriais que transmitem os estímulos tanto de dentro como de fora, consistindo igualmente em um imenso aglomerado de imagens resultantes de processos anteriores.

É que, na conceituação junguiana, o eu pode ser entendido como um repositório de imagens que se agrupam por significado, oriundas tanto da percepção quanto da memória, formando um complexo de ideias e sentimentos que conferem uma unidade e identidade pragmáticas ao *Self*, em especial nas relações sociais. Mas essa unidade é composta de imagens cambiantes que não possuem realidade em si, o que equivale a dizer que o eu é uma solução de compromisso entre as imagens prevalentes (sensoriais ou mnemônicas) num determinado momento (RAFAELLI, 2002). Eis porque o psicólogo suíço, em sua obra, segundo ele mesmo nos diz, não fala de um “eu”, mas de um “complexo do eu” (JUNG, 1982, p. 265).

Por fim, isso explica porque, ao meu ver, a autoconsciência daemônica é o único ato de currículo capaz de conferir autonomia de consciência ao professor de filosofia, já que tal ato lhe permitiria, por meio da “dialética da eterna presença”, (como diria Lavelle por sua filosofia do espírito), perspectivar por introvisão a sua identidade propriamente filosófica. E se tal dialética, eticamente mais aplicável a partir do método eudaemônico grego, lhe é facultada como meio consciencial de autopercepção profunda, é porque a todo buscador da verdade é permitida a possibilidade de distinguir em si mesmo, como no teatro trágico grego, quem é o ator por detrás das máscaras, mediante as quais é chamado a representar o drama de sua própria existência.

⁵² Na mitologia Grega, Kairós é o Deus do momento propício, certo, oportuno.

Ademais, como já disse, é esse discernimento ontológico o vestíbulo da consciência, por meio do qual ela mesma, cedo ou tarde, vislumbrará a sua “presença total”, ou “cairá num abismo dançando”, como diria Nietzsche tragicamente. Porque é somente por meio dele que a consciência humana abre passo na direção da percepção do ato eterno de ser – que é o ato subjacente aos atos que não existem por si mesmos dentro de sua interioridade –, nele percebendo a sua infusa participação, e dele apreendendo a ordem superior que habita. É assim, e somente assim, que ela se torna capaz de unir-se a Deus, ainda que em separado e instantaneamente, uma vez que tal percepção lhe dá em hierofania, e a um só tempo, a presença do Ser e o espetáculo do existir. Eis porque, para Lavelle (2008, p. 10), “é próprio do pensamento filosófico vincular-se a esse ato fundamental, a essa experiência essencial, afinar-lhe a acuidade, retê-la quando está prestes a escapar-se e retornar a ela quando tudo se obscurece”.

Assim, é legítimo propor aos professores de filosofia que seja imprescindível a percepção de seu Eu Real como ato autoformativo. Isso porque, em sendo plausíveis os argumentos até então apresentados nesta tese, este é o único expediente autoformativo que possibilitará à sua consciência, no perpétuo fluxo das coisas do mundo e na variabilidade extrema das psiquicidades que a envolvem, tanto manter-se íntegra, a par de sua mais profunda identidade, quanto dispor da Lei Moral, a que ela, se dobrar-se sobre si mesma em autopercepção hierofânica, obedecerá livremente, por ser a inequívoca vontade de Deus expressa através de sua microcósmica vontade.

Enfim, a isso denominamos ato fundamental do filosofar. É o ato curricular para o qual se voltam todos os outros atos curriculares de Quíron, experiências de consciência somente possíveis aos professores de filosofia que, buscando a todo custo a verdade, procuram se desegoizar, se despersonalizar, e se aproximar do absoluto pelo estro espiritual de sua consciência, que é aquilo de si mesmo que lhe abre a possibilidade de ascencionar-se até os mais altos mistérios de que está pleno o ser humano. Decerto, autoconhecendo-se assim, processualmente despersonalizados, desegoizados, e em estado de crescente autorrespeito, eles possam tomar consciência do quanto podem erguer-se sobre si mesmos, pôr-se acima dos confusos valores de seu tempo, e espiritualizar-se, reespiritualizando o mundo por meio do seu próprio aperfeiçoamento moral, como propõe Platão no todo de sua obra. “conhece-te a ti mesmo” – eis a divisa que funda o sentido do saber filosófico.

11. A PROCURA PELA BELEZA EM TUDO COMO ATO DE CURRÍCULO

“Isto é pleno. Aquilo é pleno.
Aquilo que vem da plenitude é certamente pleno. Tirando-se
a plenitude da plenitude,
somente a plenitude permanece.”

Isha Upanishad, Atharva Veda, I

“O homem, sendo espírito, tem o direito e o dever
de se considerar digno das coisas mais altas.”

Georg Wilhelm Friedrich Hegel, filósofo alemão

Da noite dos tempos, conta-nos um mito grego que o centauro Quíron, nascido de Cronos, potestade titânica do tempo, e Filira, uma das ninfas filhas de Oceano, foi adotado por Apolo, e que este, deus da saúde, da música e da harmonia, ao colocar o ser “meio cavalo meio homem” sob seus cuidados, logo tratou de verticalizá-lo por inspiração, cercando-o de coisas divinas. Também ensinou-lhe arte, música, poesia, ética, filosofia e astrologia, para que pudesse ver o mundo com objetividade e livre da ótica do desejo que a tudo distorce e contamina, treinando, assim, a sua alma a buscar desapassionadamente a realidade secreta das coisas e dos fenômenos, ou mais simplesmente, a beleza que lhes subjaz.

Como Quíron, estamos cercados por todos os lados pelas evidências do divino, uma vez que a verdade está acima, abaixo, à volta de tudo e em tudo, expressando-se ilimitadamente no grandioso panorama da Criação. É que, apesar da aparente ordinariade dos acontecimentos da vida, e a despeito dos olhos que podem apenas isso enxergar, há, nesta, uma dimensão que sempre comove os homens que a contemplam com fé e de modo pueril, que sempre se revela aos corações poeticamente inspirados, uma dimensão que pode ser considerada permanente, eterna e extraordinária. É a sua dimensão espiritual, compreendendo-se por espírito aquilo de Bom, Belo e Justo que Platão e toda a tradição ocidental e oriental denominam simplesmente de “vida indivisa”.

De fato, assim é a vida, pois, se repararmos bem, apesar de fazer-se e refazer-se em formas diversas, coagulando e dissolvendo forças, em diferentes ritmos e amplitudes, em oscilação perpétua de intensidade, criando átomos ou explodindo galáxias, ela é sempre a

mesma, o mesmo elã vital, o mesmo *Logos Espermátikos*⁵³, o mesmo impulso primário que está em toda parte, latente ou ativo em graus variados. Ou seja, ela é a própria unidade em movimento e criação, a unidade de cuja atividade todas as coisas vêm à existência.

Esquemáticamente, se a imaginarmos como uma linha vertical estendida até o infinito, poderíamos concebê-la como constituída de duas polaridades: uma propriamente espiritual, onde ela é una, plena e indivisível; e uma outra propriamente material, onde ela é divisível, diversa e multiforme. Ou, se preferirmos, poderíamos compreendê-la como fazem ainda hoje os orientais, como um círculo composto por duas forças, Yin e Yang, que se interpenetram, se entredevoram e se autorregulam harmonicamente, mas que expressam uma só e mesma unidade indissolúvel.

Poderíamos também, é claro, compreendê-la ao modo da Paideia grega, na linha dos pitagóricos e dos platônicos, por meio de um círculo perfeito, onde o centro, sempre oculto, representa sua unidade, e o contorno sua multiplicidade. Ou ainda, como faziam os pré-socráticos, por meio da harmonia por oposição ou *arché* e *physis* enamorados: ela, dimensão aparente e mutável da realidade, porém, que responde a ele, princípio fundamental pelo qual tudo é, pois, conforme nos fala Spinelli (2006), tudo o que nasce está destinado a ser o que deve ser e não outra coisa, e esse nascer destinado, pelo qual o que nasce se submete a um processo de realização, é a *physis*, e, como tal, a *arché*. Continua esse autor: tanto a *physis* quanto a *arché* não são expressões do anárquico, tampouco do ocasional, pois o que esses termos conjuntamente designam é o que ocorre sempre ou de ordinário, mas com uma eficácia tal que "dispara" sempre (como se fosse um gatilho biológico) o que é melhor dentre todo o possível.

Assim, ao meu ver, como a vida é uma efusão divina e descende de alturas insondáveis, ou emerge de profundezas imperscrutáveis, a tudo atravessando em gradações infinitas sem perder sua unidade, acredito que toda formação filosófica adquire maior amplitude no campo do “conhece-te a ti mesmo” com a procura no mundo do que é “invisível aos olhos”, mas perceptível ao coração. Porque é na procura da unidade das coisas e dos fenômenos, ou do sentido hierológico destes resultantes daquela efusão, que um homem se aproxima do “homem ideal” que há dentro dele mesmo, visto que todo ato perceptivo lançado ao ser ou ao princípio-finalidade último de alguma coisa, enseja à

⁵³ Para os estóicos, todo o manifestado possui em si uma semente da Providência. Chamavam-na de Logos Spermatikos ou Seminal. Igualmente, afirmavam alguns filósofos da Patrística que ele é a semente de Deus presente em todas as coisas.

consciência humana a percepção de sua própria unidade, que é, aliás, a base perceptual inconsciente que lhe permite perceber toda unidade a ela exterior, bem como conceber a própria ideia universal de unidade.

Prova disso é que não é o vulgo, mas o sábio, quem vive em estado de beatitude perceptiva, em estado de contemplação da realidade, pois há um misterioso vínculo entre a percepção da unidade por detrás dos fenômenos e das coisas e a sabedoria, que é o estado permanente de lucidez alcançado por um indivíduo, por meio da conquista da unidade de sua própria consciência. É que a sabedoria, como podemos constatar na história, é quase sempre mais recorrente no homem que esforça-se a ver tudo à luz das causas primeiras e dos fins supremos, que no homem que, como o Procusto⁵⁴ mitológico, reduz tudo que vê à escala de suas impressões subjetivas e de seus interesses, ou que “passa por uma floresta e só vê lenha para sua fogueira” – num dizer irreverente de Tolstói⁵⁵.

Assim, em sendo isso uma verdade, há vicejando diante das vistas porventura separativistas e desencantadas de um professor de filosofia, “belos moluscos, belos mundos e, mesmo, belas doenças e belas mortes” (SCRUTON, 2009, p. 5), convocando-os a transcender do ordinário ao extraordinário, do comum ao espantoso, isto é, a enxergar beleza no incomensurável, mas principalmente nas realidades aparentemente sem importância – nas coisas concretas e elementares do cenário cotidiano, nas paisagens, nas plantas, nos animais, nas pessoas, em suas qualidades, em seus comportamentos, em suas intenções, em suas ações. A propósito disso, escreveu Ortega y Gasset (2019, p. 15), em suas *Meditações do Quixote*: “santificada sejam as coisas, amai-as. Cada coisa é uma fada que reveste de miséria e vulgaridade seus tesouros interiores, uma virgem que deve ser enamorada para tornar-se fecunda”.

É que toda beleza particular é um rastro de verdade pelo qual Deus se dá a conhecer à consciência humana. Isso explica, aliás, porque “não há uma verdade amoral ou feia, e porque a Beleza jamais foi absurda ou nociva, nem teve as raízes no erro ou na desarmonia. De outro modo, conceberíamos perfeições defeituosas” (INGENEIROS, 2005, p. 13).

⁵⁴ Na mitologia Grega, Procusto era um bandido que vivia na serra de Elêusis. Em sua casa, ele tinha uma cama de ferro, que tinha seu exato tamanho, para a qual convidava todos os viajantes a se deitarem. Se os hóspedes fossem demasiados altos, ele amputava o excesso de comprimento para ajustá-los à cama, e os que tinham pequena estatura eram esticados até atingirem o comprimento suficiente. Uma vítima nunca se ajustava exatamente ao tamanho da cama porque Procusto, secretamente, tinha duas camas de tamanhos diferentes. Continuou seu reinado de terror até que foi capturado pelo herói ateniense Teseu que, em sua última aventura, prendeu Procusto lateralmente em sua própria cama e cortou-lhe a cabeça e os pés, aplicando-lhe o mesmo suplício que infligia aos seus hóspedes. (Wikipédia)

⁵⁵ O célebre escritor russo de Guerra e Paz.

Neste sentido, embora haja sempre muito a se conhecer nos escritos filosóficos, nada efetivamente substitui o magnífico livro da vida, organizado a partir de uma vontade e uma inteligência inquestionáveis, e impresso, desde a folhagem das árvores à marcha dos corpos celestes, desde os formigueiros e as colmeias aos conglomerados galácticos, numa rastreável linguagem de unidade e perenidade – já que toda beleza é uma verdade, e toda verdade é uma “totalidade parcelar”, uma “perfeição parcial”. Logo, nada substitui como ato formativo tal procura filosófica, que não é um simples visar o mundo, mas uma atenção voluntária, sensível e meditativa para o existente exterior, um olhar consciencioso que busca fora e em tudo o seu melhor, e que enseja o autoconhecimento profundo que nenhum conhecimento intelectual pode, por si mesmo, proporcionar.

Olhar assim, no entanto, é ato difícilimo, porquanto estamos condicionados a enxergar os fatos e as coisas do mundo a partir de certos apriorismos de ordem inconsciente, o que nos leva frequentemente a emitir juízos sobre eles a partir de comparações com fatos e coisas semelhantes, que emergem de nossa memória, considerando-os como “isso” ou “aquilo” referido por alguém, por um grupo de pessoas, por um livro; mas principalmente como causa ou consequência de alguma coisa que vem à nossa mente, sem sabermos que tal coisa foi criada pelos medos e desejos fundamentais que nos habitam e nos furtam a própria realidade.

O fato é que estamos a todo instante projetando no que vemos o que queremos ver, uma vez que o nosso ego encontra-se permanentemente ocupado com a sua atividade mesma de eludir a dimensão objetiva da realidade, fazendo-nos tanto impregnar o mundo com os conhecimentos que pensamos ter a seu respeito, quanto subjetivar o que não é subjetivo, isto é, ver o que não é passível de ser o que necessitamos que seja, simplesmente porque tememos o Real e nos habituamos com o irreal. Daí porque, para vermos beleza nos acontecimentos, nas coisas e nos fenômenos que despontam ante nossos olhos, cumpre-nos esvaziar nosso olhar de todos os apriorismos de que tenhamos conhecimento, e jamais abeirar-nos na vida com a cômoda e reconfortante certeza de que ela encerra-se nos domínios do prosaico e do possível.

Se tivermos de buscar as definições filosóficas que mais nos aproximem desta procura pelo secreto das coisas, diremos que ela é um estado de concentração da atividade consciente sobre o plano visível da realidade, porém, em vistas de alcançar a fonte invisível de onde aquele extrai suas possibilidades materiais de vir-a-ser o que quer que seja, ou em vistas de aceder o seu próprio ideal. É como se o foco da consciência apontasse de maneira

intencional sobre a materialidade-transitoriedade-multiplicidade do mundo com o propósito, não de aferir nem de julgar as medidas, os movimentos, os matizes de seus objetos, mas de captar a força do verbo divino que se pôs a criá-los e neles se impregnou, já que estar interessado na beleza é pôr de parte todos os interesses, de modo a prestar atenção à própria coisa (SCRUTON, 2009). E isso, é claro, inclui enxergar, mesmo nos fatos e acontecimentos humanos que denotam o escandaloso desconcerto do homem na atualidade, aquilo que faz dele, independentemente do contexto histórico em que se encontre, um ser feito à imagem e semelhança de Deus.

Neste sentido, a habilidade do aspirante a educador-filósofo consistirá sempre em fazer, deste ato de encontrar beleza na exterioridade e na antropológica do mundo, mesmo em meio a tantos vir-a-ser, finitudes, evanescências, erros, enganos, obscuridades e incongruências, o ato discernitivo de encontrar também a sua própria beleza interior. Porque o caminho para a percepção desta já lhe é dado de antemão pela sua própria consciência, pelo incrível poder que ela tem de desocultar, do aparente do mundo, a sempiterna realidade do próprio mundo, isto é, de discernir atemporalidades no tempo, unidades na diversidade, e verdades em contextos, por vezes, marcados por tantos enganos, por tanta desorientação.

Logo, trata-se de um ato formativo fundado no esforço da consciência em concentrar-se naquilo que interessa sobretudo ao “eu humano”, isto é, em planos de realidade pouco frequentados por ela mesma. Afinal, o “eu animal” já dirige espontaneamente o foco de interesse dela para os objetos que apenas interessam a ele, sendo também o artífice e, ao mesmo tempo, o usufrutuário de toda distração e de toda falha na atenção.

Mas que fique claro: tal esforço é raríssimo, pois depende da vontade da consciência de se despojar de seu curvo e oblíquo olhar, e das distorções perceptivas disso decorrentes. Já aquela espontaneidade, não. Ao contrário, ela é comum à consciência, visto que esta muito facilmente se deixa guiar pelo que já conhece, e pelos arroubos emocionais de caráter histriônico, apriorismos egóicos que aprisionam seu enfoque, restringindo sua atenção apenas naquilo que lhe dá prazer ou que lhe causa repulsa, tornando-a de pouquíssima duração, pelos saltos que dá de um objeto a outro, a nada se prendendo.

Inclusive, isso é amplamente conhecido por muitos ideólogos políticos e pelos sistemas de alienação coletiva que vigoram em nossa sociedade. São estes, no tocante às suas respectivas esferas de atuação, e sempre em sintonia com os valores educacionais de

nossa época, os principais responsáveis por manter a consciência do homem atual aprisionada em suas próprias disposições animais, isto é, em nível abaixo do humano. E o faz explorando ao máximo sua resistência ao dever moral, sua desatenção para o transcendente, e seu natural afã pelo que é fácil, cômodo, confortável, e por tudo que arrebatava, excita, histeriza, apaixona, comove, assombra, hipnotiza e, finalmente, o arrasta a percepções convenientes e superficiais – quando não falseadas – da realidade. Mas não estranhemos, afinal, há muito nossa cultura transformou-se

[...] num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente. Ela se esgueira com maestria entre os escolhos da informação ostensivamente falsa e da verdade manifesta, reproduzindo com fidelidade o fenômeno cuja opacidade bloqueia o discernimento. (ADORNO & HORKHEIMER, 1947, p. 70)

Então, e retomando ao cerne do que estou tratando, cabe aos professores de filosofia, pelo menos aos que seguirem as pegadas do sábio centauro, buscar o refinamento progressivo de seu olhar. E que os mesmos o façam como um permanente ato de autoformação, porque a beleza existe em tudo, sendo, porém, uma realidade tanto mais perceptível quanto mais for esmerado o olhar que a vise nas coisas e nos fenômenos da vida, ou quanto mais forem de fé, de humildade e sem ajuizamentos os olhos que sobre esta se lançam, em busca de suas verdades eternas.

É que o secreto da vida desce apenas por meio de “canas ocas”, como é dito proverbialmente pela sabedoria antiga oriental, isto é, desce apenas às consciências não utilitaristas, às consciências que se esforçam para desobstruir seus dutos psíquicos dos interesses e expectativas do ego quanto ao que, da realidade observada, pode ser extraído ou aproveitado para seus fins particulares de realização. É que somente neste estado de esforço de purificação, ou de dessubjetivação e inegoísmo, a consciência humana consegue se fazer canal da realidade eidética, se fazer pontifícia entre o céu e a terra, ou se fazer reconhecer pela unidade das coisas e dos fenômenos também como uma unidade, como se se reconhecessem reciprocamente por serem unidades-partes da mesma Unidade Indissolúvel.

É por isso que o ato de currículo em questão requererá sempre, de todo aspirante ao saber de Minerva, mais que um simples impulso esporádico e intermitente de sua consciência na direção do que lhe é exterior. Requererá deste uma atenção persistente e ao mesmo tempo empática na direção do que só aos olhos do vulgo parece não estar vivo – “é apenas matéria e movimento” –, e sem qualquer julgamento ao que estiver a ser observado,

indagando-lhe apenas: “és presença de quê?” Porque é só visando assim o que vive – e tudo vive –, que ele criará uma afinidade crescente com a vida interior dos objetos da vida, desenvolvendo, com isso, uma enorme sensibilidade espiritual, um respeito a tudo que existe e, por conseguinte, uma consciência cada vez mais livre das psiquicidades interferentes produzidas pelo seu “eu animal”.

Impõe-se àqueles professores, então, o esforço de visar o mundo com o coração, visar sem cansaço, num exercício constante de firme vontade, de disciplina dos sentidos e de domínio da subjetividade, rumo às alturas ou às profundidades da vida, para dela desocultar pouco a pouco seus pequenos mistérios, suas nuances perduráveis para além de toda mudança aparente. É deste esforço e dessa luta pelo autocontrole que nascerá neles a contemplação, forma superior de admiração, ou sentimento refinado ante o mundo, que pode tanto “daemonizar” a consciência, por fazê-la voltar-se a si mesma indagando quem vê tão inspiradamente, quanto ascencioná-la, em arrebatamento estético, até o sublime.

É necessário, então, que aqueles façam-se reconhecer a si mesmos como entes vocacionados ao transcendente, ao elevado, ao divino, e no usufruto de uma profunda liberdade atencional, queiram perceber no mundo não só o que lhes agrada e lhes convém, ou o que, por medo de crescerem, acostumaram-se a ver, mas o que devem perceber: o espiritual. Ou seja, é preciso que eles, sob o risco de não fazerem primar processualmente em sua consciência o “eu humano” sobre o “eu animal”, reconheçam-se ontologicamente como os únicos a participarem do grande cerimonial da vida de “olhos abertos”, isto é, como entes cuja dignidade cósmica dá acesso à beleza em suas infinitas gradações, que é o atributo genuinamente erótico que nos convida a ir em direção daquilo que consideramos importante para nos sentirmos plenamente humanos, como nos fala Platão no Banquete. E não só se reconheçam como tais, mas se lancem com denodo e intensidade a viver interiormente tal dignidade, percebendo a beleza em si mesmos, mediante harmonização de seu espírito com o seus fatores egóicos, pois esta jamais se faz presente nem explende no homem governado pelo seu “eu animal”.

O fato é que não se trata, neste caso, repito-o, de quaisquer “olhos”, mas os do homem, um ente que reflete a unidade do cosmos em sua unidade ôntica, ou de um microcosmo, uma síntese especular de tudo que vive no universo, ou ainda, de uma consciência autoconsciente, única capaz de conhecer o próprio ser do qual dimana, conhecendo o Ser de tudo o que existe, e vice-versa.

É por isso que a cada um de nós compete, não como algo porvindouro, mas como um dever perene de existência, aprender a ver sacralidade em tudo que nosso fito tangenciar, e a nos tornarmos fator de soma do equilíbrio de nosso entorno através da elevação crescente de nossos anelos e de nossas aspirações de vida, quando não através de um serviço voluntário, justo e estético às causas do Todo, e sem nada dele cobrar como recompensa, o que nos torna também um todo em harmonia com aquele de maior esplendor. Consciente disso, no Fedro, colocou Platão (1973, p. 69) as seguintes palavras na boca de Sócrates:

– Divino Pan, e vós deuses outros destas paragens! Dai-me a beleza da alma, a beleza interior e fazei com que o meu exterior se harmonize com essa beleza espiritual. Que o sábio me pareça sempre rico; que eu tenha tanta riqueza quanto um homem sensato possa suportar e empregar!

E digo-o de passagem, mas enfaticamente: sem aprender isso, pode um professor de filosofia ter lauréis e diplomas de reputadíssimas universidades; haver participado de mil e um congressos mundo afora; citar frases filosóficas em grego, latim ou alemão; usar significações herméticas e terminologias de difícil compreensão; conhecer tantos quantos forem os pensadores do criticismo filosófico e estar em dia a respeito de quantos livros se está publicando no mercado editorial de sua área, porém, jamais deixará de ser um mero profissional da filosofia, um mero intelectual disfarçado de filósofo, cuja roupa lhe vai ficar permanentemente grande. E o que é pior: não poderá dispor com profundidade da experiência formativa que mais justifica aquela dignidade, nem tampouco se purificar, por meio desta experiência, das paixões artísticas que porventura tiver desenvolvido em sua formação acadêmica. Refiro-me, no primeiro caso, à experiência do autoesquecimento filosófico, aquela necessária inocência de espírito de que precisa todo aspirante a filosofia para, ante o mundo, agir com o silêncio, como apregoava Píndaro, ou “agir sem agir”, como defendem há milênios os orientais, se preparando para o ato fundante do próprio filosofar, qual seja, o “ato do espanto”, como diria Aristóteles. Já no segundo caso, aos apaixonamentos estudantis pelas formas desarmônicas, grosseiras e insultantes do protesto, como as expressas tão comumente na arte feíta do contemporâneo, signo da pequenez de espírito do homem atual, que, incapaz de dar belas e vivificantes formas ao mundo, opta então por deformar “artisticamente” o próprio mundo, mostrando o seu aspecto mais vulgar e repugnante.

É por tudo isso que todo aspirante a educador-filósofo precisa modificar o regime de interesses de sua própria consciência, para fazê-la se acostumar com certos níveis de

percepção que são mais condizentes com a ontologia da qual ela mesma é a pura expressão, e de modo a fazê-la nunca abrir mão da busca da verdade, sob o risco de resignar-se a um mundo em que qualquer coisa serve, em que tudo tem o mesmo valor, em que “a penumbra se espessa e a cor das coisas se reduz ao cinza homogêneo das silhuetas” (INGENEIROS, 2005, p. 28). Porque a relevância do ato filosófico de procurar sempre a beleza nas coisas, nos seres, nas ideias, o qual se funda concomitantemente aos atos que fazem preponderar na consciência o “eu humano”, não resulta da singularidade subjetiva de um ou outro filósofo, da conveniência psicológica de um ou outro pensador, mas de uma prática filosófica multimilenar que foi realidade objetiva para praticamente todos os grandes mestres de sabedoria, tanto do Oriente, quanto do Ocidente. Trata-se, como nos fala Livraga (2010, p. 25), “da "atenção contínua", reflexo da consciência contínua que fazia desses sábios seres constantemente presentes em todos os instantes de suas vidas”.

Enfim, pelo exposto, é razoável considerarmos conclusivamente que a procura pela beleza das coisas, além de ser uma experiência daemonizadora, é um ato que prima por um tipo de formação que articula, bem ao modo da filosofia platônica, a ética e a estética, pois, como afirma Gadamer (1994, p. 308), em *Platão o Belo*, que engloba a aparência física das coisas e a retitude interior dos homens, não é outra coisa que o Bem sob sua forma dizível e manifesta.

Ademais, em sendo efetivamente isso, tal ato formativo será também a “sagitária arma de combate” do professor de filosofia que seguir as pegadas do Sábio Centauro – seu “arco e sua flecha” – contra toda compreensão que rebaixe a vida a alguma coisa menor que uma expressão divina, e o homem a algo menor que uma escala microcós mica de Deus. Será esse ato, então, sua arma contra a atual perda de sentido da grandeza da vida humana, que é, inequivocamente, a causa última da desordem da interioridade do homem atual e do conseqüente desconcerto de seu mundo exterior. A luta diária contra a mediocridade interior é, portanto, algo que também traduz a essência desse ato autoformativo, pois não há como alguém buscar o secreto das coisas e dos fenômenos, as verdades do mundo, ou a beleza da vida, sem se lançar com nobreza de alma e valentia de espírito na direção de uma formação cotidiana que mira, para além de todo e qualquer alvo, pessoal ou profissional, uma existência bela, regida pelo equilíbrio, pela justa medida e pela proporção.

E se vejo assim, que fique claro: faço-o porque tal processo formativo tem a chancela filosófica da Tradição, mas também porque Macedo (2016, p. 90), “compreendendo que o fenômeno da aprendizagem como pauta ontocultural é também do âmbito do estético”,

provocou-me a autorizar a mim mesmo a tomar a beleza interior como meta formativa, uma vez que "uma forma é bela se ela constitui em si mesma um todo perfeitamente harmonioso, pois o Belo é, como nos fala Platão (1972) no Banquete, a forma pela qual é manifestado o Bem do interior dos entes.

12. O FALAR A DEUS COMO ATO DE CURRÍCULO

“Senhor, que és o Céu e a Terra,
 que és a Vida e a Morte
 O Sol és Tu e a Lua és Tu e o Vento és Tu, também
 Onde nada está, Tu habitas
 Onde tudo está - (o Teu templo) - eis o Teu corpo
 Dá-me alma para Te servir e alma para Te amar.
 Dá-me vista para Te ver sempre no Céu e na Terra
 Ouvidos para Te ouvir no Vento e no Mar
 E mãos para trabalhar em Teu nome. Torna-me puro como
 a Água e alto como o Céu
 Que não haja lama
 nas estradas dos meus pensamentos
 Nem folhas mortas nas lagoas dos meus propósitos
 Faze com que eu saiba amar os outros como irmãos
 E Te servir como a um pai.
 Minha vida seja digna da Tua presença
 Meu corpo seja digno da Terra, Tua cama
 Minha alma possa aparecer diante de Ti
 como um filho que volta ao lar
 Torna-me grande como o Sol
 para que eu Te possa adorar em mim
 Torna-me puro como a Lua
 para que eu Te possa rezar em mim
 E torna-me claro como o Dia
 para que eu Te possa ver sempre em mim
 Senhor, protege-me e ampara-me
 Dá-me que eu me sinta Teu
 Senhor, livra-me de mim!”

Fernando Pessoa, poeta português,
 em Prece

“Converso com o homem que sempre vai comigo
 - quem fala só, conta falar com Deus um dia“

Antônio Machado, poeta espanhol,
 em Retrato

Da noite dos tempos, conta-nos um mito grego que os centauros, criaturas rudes, com cabeça, braços e dorso de homem, e com corpo e patas de cavalo, viviam nas montanhas da Tessália e eram várias suas inclinações comportamentais, que iam da imoderação, do desregramento e da promiscuidade até o assassinio. Mas havia uma exceção: Quíron, o “rei dos centauros”, assim considerado por causa de sua absoluta serenidade, seu comportamento probo e sua imensa sabedoria.

Precisamente, eles se encontravam divididos quanto às suas origens, em duas famílias: os “descendentes do engano”, ou “ixiônidas”, que eram selvagens, comiam carne crua e chamavam-se assim por serem filhos de Íxion com Nefele, uma nuvem simulacro de Hera

criada por Zeus, para testar aquele quanto à fidelidade que ele jurava ter ao Senhor do Olimpo; e os “gerados pelos deuses”, de onde proveio Quíron, único centauro imortal e a quem foi confiada, por ser um porta-voz da sabedoria, a educação daquelas feras, e também dos heróis gregos e de alguns príncipes de pequenos reinos ao norte da Grécia.

Como Quíron, todos nós somos, em certa medida, portas-vozes da sabedoria, pois temos ativada em nossa interioridade uma voz de origem espiritual, cujos pronunciamentos morais vêm à tona independentemente de nossas “ixiônicas” inclinações para a ilusão, o engano ou para a realização animal.

Não se trata propriamente da voz daemônica em sua forma clara e distinta, denominada pelos budistas de “som insonoro do silêncio”, mas de uma voz que, sendo eco deste verbo maior, responde moralmente por ele no cotidiano psicológico de todos os seres humanos. É um falar espontâneo de nós para nós mesmos, que nos diz todos os dias, e sem rodeios, o que devemos ou não fazer, ou se fizemos algo bem ou mal, mas, que, por ser pouco ouvido com a alta atenção da qual é merecedor, é frequentemente posto em surdina ou dissolvido nas vozes convenientes do nosso ego, que, não raramente, se confundem com as vozes igualmente egolátricas da multidão.

Assim, não haveremos de estranhar que a maioria de nós, cotidianamente, não consiga discernir com clareza o falar da verdade, das falações egóicas que predominam em nossa consciência, sendo raríssimos os indivíduos que conseguem fazê-lo, e mais ainda, os que conseguem perceber que esse falar da verdade é uma elocução, embora interferida e distante, de seu próprio ser. É que, normalmente, são os nossos padrões egóicos de condicionamento que regem nosso comportamento cotidiano, mantendo-nos dentro de nós mesmos no inconsciente papel de ventríloquos do “eu animal”, isto é, no papel de autômatos que acreditam falar consigo mesmo e com o mundo com a própria voz, o que torna a escuta daquele algo muito difícil, tornando-nos extremamente previsíveis e manipuláveis para todos os fins. Talvez por isso que Plutarco(2008) escreveu em seu Banquete, há milênios, que os animais de uma mesma espécie diferem menos entre si que os homens uns dos outros; e Montaigne (2010), em seus Ensaios, há séculos, que há mais distância entre um e outro homem, que entre um homem e um bicho, e que o mais excelente dos animais está mais próximo do homem menos inteligente que este do homem grande e excelente.

Aliás, se bem repararmos, a falta dessa discernibilidade em nosso cotidiano, agravada por outra falta, a da cultura do contemporâneo em relação ao seu propósito natural – que é,

como o de qualquer cultura, salvaguardar os valores permanentes e, por meio destes, fornecer-nos um pacote básico de verdades para nossa orientação moral cotidiana –, é certamente a causa última dos desconcertos comportamentais e dos sofrimentos psíquicos diários que nos acometem. Pois, pelo desconhecimento que temos do imenso valor desse falar interior, muito facilmente o amordaçamos, convivendo com ele apenas como um ruído estático de fundo, instalado em nossa consciência, o que nos leva sem muita resistência a nos adaptarmos às domesticidades de nossa cultura, a nos encaixarmos em padrões de pensamento que não correspondem aos verdadeiros anseios de nossa alma, e a dissolver a nossa autonomia de consciência nas irresistíveis vozes egóico-sociais do “número” ou da “quantidade”.

E como nenhum engano é maior e mais infame que o perpetrado pelo homem contra si próprio, o que torna a sinceridade para consigo mesmo uma das exigências incontornáveis daquele que busca a verdade, é dever de todo aspirante ao saber de Minerva superar essa natural tendência para o autoengano, desjogando cotidianamente o fastidioso jogo de compartilhamento de irreflexibilidades, condescendências, contemporações e servilismos que ferem sua alma e a indignificam.

Neste sentido, será seu ato formativo o ato discernitivo de encontrar todos os dias, em meio ao emaranhado de seus multifalazes desejos, conveniências, interesses, intenções, pensamentos e emoções animais, a sua voz verdadeira, ou o falar de um eu interior que se distinga dos demais por ser o único severo e retamente capaz de desmenti-lo e de pôr o “dedo em sua cara”, mostrando sem rodeios suas abjeções, mesquinhas, hipocrisias, mediocridades, os seus falseamentos de caráter, seus interesses vis, e as causas não admitidas de seus desvios de conduta; em suma, a sua pequenez de espírito e o tamanho de sua verdadeira moralidade. Porque esse ato filosófico, que separa dentro de sua interioridade o que é discurso verdadeiro e o que é discurso falso – como bem nos explica Platão no Crátilo –, é propriamente o encontro com o seu Eu Moral, ou com aquele de si que lhe colocará em prova cotidiana de sinceridade consigo mesmo, ao dizer aos seus “ouvidos internos”, ora sussurrando, ora gritando, mas sempre altissonante, as verdades de que precisa, para lembrar todos os dias que sua dignidade não é animal, mas humana, e que pode ser muito mais que um intelectual da filosofia, pode ser um amante da sabedoria. E, a propósito, escreveu o grande mestre da Academia na mencionada obra:

Como sabes, o discurso indica todas as coisas, e circula e se movimenta sem parar, além de ser de natureza híbrida, verdadeira e falsa ao mesmo tempo. Logo, o que nele há de verdadeiro é macio e divino, e reside no alto com os deuses; por outro lado, o que há de falso mora em baixo com a multidão dos homens, e é áspero como o bode da tragédia. (PLATÃO, 1973, p. 135)

É por isso que esse ato formativo, ou esse encontro com essa voz que só fala a verdade, é sempre uma experiência árdua e dolorosa para todo indivíduo, pois a todos se impõe o desejo de fugir das responsabilidades da existência e daquele rigoroso exame de consciência apregoado por Platão, em toda sua obra, pela boca de Sócrates. É acima de tudo um ato formativo de autopurificação, dando-se, por isso mesmo, apenas em “consciências de fé”, ou nas corajosas consciências que exigem de si mesmas não ver a luz de uma nova aurora sem se limpar de suas falsidades, prostrando-se todas as noites ante o Grandioso Mistério que lhe habita, para purificar, pelo menos um pouco, o seu coração.

Com efeito, não há quem possa conhecer pouco a pouco as verdades de si mesmo, senão tendo que pagar, como o fizeram Édipo e Tirésias, com a cegueira de seus olhos; e não há quem possa atravessar, como fez Ulisses em sua odisseia, o escuro e tenebroso mar do psiquismo humano, onde habitam os “lotófagos” e as “circes” do autoengano, sem a estrela-guia de Minerva.

Noutros termos, não há como ninguém encontrar esse falar verdadeiro dentro de sua interioridade, senão falando todos os dias com o Deus que o habita, sobre suas faltas morais cotidianas. E que não se pense que esse falar confessional a Deus, bem como sua eficácia quanto ao propósito a que se destina, o de purificação da consciência, depende de algum credo ou varia conforme a religiosidade – ou a ausência desta – de cada um. Absolutamente, não se trata disso. Trata-se de um fato objetivo da consciência humana: não há ninguém que consiga não mentir em algum grau para si mesmo, senão diante de um observador onisciente a quem não se pode enganar nem nada omitir, já que é somente assim que a astúcia do ego é contida, liberando a consciência de suas mascarções, e do afã de se adaptar e parecer como quer aos olhos de quem observa os seus atos.

Tal fato não é, portanto, uma mera questão subjetiva, mas uma experiência objetiva facultada a todos que queiram e tenham, é claro, a sincera intenção de verter lágrimas em seu próprio coração, confessando-se de peito aberto ao Todo de si mesmo, reconhecendo suas faltas diárias, seus ressentimentos e toda a nobreza de alma que deve de si a si mesmo, momento em que, em nome da limpeza da alma, lhe aparecerá aquele falar que lhe dirá as

verdades de que precisa para conquistar desde já o melhor possível de si, isto é, para conquistar um pouco de sabedoria antes mesmo de Aurora afagar-lhe o rosto com as suas “róseas mãos⁵⁶”. Escreveu Píndaro (2006) em suas Odes Píticas: “O dia precedente é o mestre do dia seguinte”.

Não por coincidência, encontraremos esse falar a Deus figurando na Paideia como o relevante ato por meio do qual um aspirante a uma Timé na pólis grega se preparava para se tornar cidadão, uma vez que tal estatuto político era somente alcançado por um indivíduo quando ele conseguia falar “de cór” na Ágora sobre sua *areté*. Isto é, quando ele conseguia falar “de coração”, na praça pública, sobre sua virtude interior, convencendo, assim, os já consagrados cidadãos gregos, de que poderia assumir honradamente as responsabilidades sociais e os deveres políticos que lhe competiam como homem livre.

Isso porque na sociedade grega, em seu contexto originário de cultura, nas épocas em que ela se tomava naturalmente como reflexo da ordem cósmica, o indivíduo era levado, pedagogicamente, desde a mais tenra idade, a honrar as verdades que aprendia com a prática, e a compreender que não deveria sobrepor os seus estados passageiros de consciência às realidades perduráveis de seu próprio coração, sob o risco de incorrer em falseamentos identitários e caracteriológicos que o conduziriam ao esquecimento espiritual de si mesmo e, conseqüentemente, à imoralidade social e política.

Mas é em Santo Agostinho que encontraremos esse ato autoformativo em sua expressão mais evidente, digo até, mais comovente, pois o bispo de Hipona nos legou, por meio de suas Confissões, talvez o mais belo relato de experiência de uma consciência em luta consigo mesma para depurar sua visão e alcançar a verdade de si, de que temos conhecimento na história da filosofia. Para ele, é claro, como “Deus está no homem, e este em Deus” (AGOSTINHO, 2007, p. 2), é um dever impostergável de todo amante da sabedoria falar a si mesmo com o máximo de sinceridade possível sobre suas faltas humanas, atitude sem a qual não há de ouvir as verdades de que necessita, não há de se purificar, não há de se aproximar de Deus. Ele escreveu: “não quero enganar-me a mim mesmo, para que não se engane a si mesma minha iniquidade” (AGOSTINHO, 2007, p. 4).

O fato é que, nesta teodisséia confessional vivida em primeira pessoa, ao abrir o seu coração ao observador onisciente, confessando-lhe a fragilidade da existência humana e toda a pequenez de espírito de sua vida pregressa, Santo Agostinho descreveu as principais

⁵⁶Na mitologia Grega, Aurora, Deusa do Amanhecer, é quase sempre referida na *Ilíada* e na *Odisseia* sob a alcunha de “a dos róseos braços”.

transformações interiores a que está sujeita a consciência humana, quando procura se libertar de seus condicionamentos e exiguidades, através da busca e do encontro com a verdade de si mesma. Talvez, nenhum outro filósofo tenha aberto o coração e arrancado a máscara do egoísmo de modo tão sincero e comovente como ele o fez, quer confessando seus erros, quer considerando-se o mais iníquo dos homens: “Digo e confesso, diante de Vós, meu Deus, estas fraquezas... Que coisa houve mais corrupta aos vossos olhos do que eu?” (AGOSTINHO, 2007, p. 21). E sintetiza: “Assim, meu Deus, a confissão que faço em tua presença, é e não é silenciosa; a boca se cala, mas meu coração clama. Tudo o que digo aos homens de verdadeiro já tinhas ouvido de mim, e nem ouves nada de mim que antes não me tivesses dito” (Idem, p. 187).

De mais a mais, como um discípulo tardio do grande mestre da Academia, coube ao “filósofo da patrística” recomendar que esse falar confessional fosse feito interrogativamente, porque é somente quando a consciência pergunta a si mesma o porquê disso ou daquilo, que nela aparecem mais diretamente os ocultos motivos de suas ações. É que a interrogação, em proveito do “conhece-te a ti mesmo”, é o recurso por excelência de todo filosofar, visto que todo *quid*, quando dialeticamente orientado, torna-se um dispositivo de racionalidade teleológico que impulsiona a consciência a subir os ascensionais e infindáveis degraus da verdade, levando-a a se purificar a cada vacilante passo em direção a Deus.

E não duvidemos: foi por isso que Platão escolheu filosofar sob a forma pedagógica do diálogo, e com perguntas e respostas, muitas destas sendo feitas sob a forma de novas perguntas. Pois não há outro método, senão o dialético, que possibilite a consciência ascencionar-se, depurando-se degrau a degrau, até os cumes de si mesma, ou até as verdades de si que não podem ser traduzidas em palavras, culminando com a visão do inefável, ou com a participação em sua verdade última, o Bem Universal. Eis porque, mesmo aqueles que não buscam a Deus, o fazem, se buscarem dialeticamente a verdade, se a requererem sinceramente dentro de si mesmos, já que ela é, como na imagem bíblica da “escada de Jacó”, o exclusivo meio pelo qual podemos nos aproximar do “Reino dos Céus”, do “Olimpo”, do “Ogdoad”⁵⁷, do “Orum”⁵⁸.

Então, é esse o poder da dialética: elevar a consciência acima do plano das percepções ordinárias, purificando-a progressivamente até a percepção do espiritual e dos originais

⁵⁷ Na mitologia egípcia, o Ogdoad é o “Reino do Absoluto Silêncio”.

⁵⁸ Na mitologia iorubana, o Orum é o “Reino do Conhecimento Absoluto”.

divinos presentes no mundo, para então fazê-la habitar permanentemente nas regiões superiores da mente e das emoções humanas. É ela a forma de expressão mais evidente da inata inteligência humana, a forma eloquencial de raciocínio que, pela fidelidade à própria contradição que ela assume e supera, pelo mecanismo de interpenetração de opostos que se produzem reciprocamente, melhor expressa a vocação do homem para retirar, artisticamente, um véu após outro, do mundo das aparências, do seu prosaico cotidiano. É ela, enfim, o método artístico do filosofar, ou propriamente uma arte discursiva, interior e exterior, que, ao suspender o “borboletear” da consciência e o seu inquieto pousar em tudo que lhe chama atenção, melhor traduz o reto pensar, ou o cogitar em vistas de se alcançar a verdade.

Pois é este pensar, e nenhum outro, como diria Hegel, o próprio voo da coruja de Minerva, ou o subir “excelsotrópico” da consciência, que deixa para trás seus preconceitos e impressões convenientes. Afinal, é no reto pensar que se encontra a razão, conduzindo a consciência a fazer com que cada subterfúgio dela – cada tergiversiva produzida pelo ego para justificar suas animalidades – dê origem ao seu contrário no instante mesmo em que é concebido, contradizendo-o de imediato; e que, uma vez ele contradito, dê origem a um terceiro entendimento parcelar, que supera a negação produzida por ser mais confiável e seguro que os dois primeiros, e assim sucessivamente, até o infinito. Eis porque, em Platão, o Sumo Bem é a meta para a qual tende o movimento dialético.

Logo, por tudo isso, aquele escutar a voz da verdade, e aquele falar a Deus sem o qual não se ouve esta voz, proporciona uma atualização diária da ética atemporal na consciência humana, já que esta está sempre a adotar, por sua constante troca de máscaras cotidiana, as éticas mais acomodáticas aos seus intentos egóicos. Na verdade, tais atos de currículo são atos de autoconsciência que conferem encanto, sacralidade e densidade filosófica ao cotidiano humano. Ademais, são atos de autorrespeito e de sanidade mental, posto que, quando repetidos diariamente, fazem tensionar o “eu humano” até que este reaja sobre o “eu animal”, tornando a vida do aspirante a filosofia mais determinada, mais viva e soberana.

Assim, são também atos dignos de serem incorporados, mediante férrea disciplina, na rotina de todos aqueles que aspiram a nobilíssima e, por isso mesmo, exigente condição de educador-filósofo, pois o indivíduo que quer viver e agir numa vida filosófica, numa vida espiritual de serviço aos grandes ideais que dormitam esquecidos no coração da humanidade, não pode ser formado diariamente tal qual o “adolescente de espírito” por nós referido neste trabalho. Ou seja, não pode ser formado como somos hoje: desde cedo levados a acreditar que a vida se resume nas sensações animais de prazer e de dor, a aprender a

projetar nossas responsabilidades para o exterior, a não aguentar ouvir o que nos desagrada, a prantear ante o menor desengano existencial e a não suportar o vazio dentro de nós, quando nos é retirada alguma coisa para a qual dedicamos muito investimento mental, afetivo e libidinal.

Ao contrário, por ser o que é a filosofia, a divina ciência da alma, o educador-filósofo tem de ser forjado, como se temperava o aço das espadas olímpicas, no fogo ardente da frágua de Hefesto, e a doloridos golpes de retidão e endireitamento. Isto é, como um forte de espírito, que cresce na dor, mas com um sorriso nos lábios, aprendendo pouco a pouco a manter o equilíbrio mental e emocional face as correções de rota que terá de impor à sua própria consciência, e face as palavras desagradáveis, as críticas injustas e as observações desdenhosas, que certamente serão pronunciadas contra as verdades que lhe são claras e sagradas, porque vivenciadas profundamente.

É que, insisto, ainda que sejam cotidianos, não se trata de atos comuns, mas de atos espirituais de currículo, ou de atos de autoconsciência cujo propósito é levar aqueles que queiram e possam seguir as pegadas do sábio centauro, a discernir o seu Eu Real, que é a sua identidade mais íntegra, segura e confiável.

E isso é preciso, visto que, como a maioria das pessoas, os aspirantes a filosofia tendem cotidianamente a se perder no labirinto do si mesmo, tateando no escuro em meio às muitas vozes que falam em sua interioridade, até o tontear que leva à ruptura do “fio de Ariadne” de sua consciência, o elo que a mantém ligada ao espírito do qual ela é mera percepção, que é o mesmo elo que mantém a sinceridade desta consigo mesma. E tendem porque são muitas as quimeras desagregadoras envolvendo-os, muitos os solertes minotauros a lhes espreitar – quererem, paixões e desejos egoístas –, operando dentro e fora deles no sentido de levá-los a mentir para si mesmos, a se autossabotarem, tensionando a falsear sua identidade por meio dos fetiches do poder, do prazer e da conveniência.

E não que esses “bichos interiores”, tais quais os monstros da mitologia grega, sejam maus por si mesmos. São apenas mutações passageiras do “eu animal, criações do hábil metamorfo da psique humana para manter a consciência nos degraus inferiores da realidade ou, se quisermos numa imagem, para fazer imperar o “cavalo” sobre o “cavaleiro”. São, enfim, como dizia o poeta grego Teócrito, tendências naturais da alma, mas que precisam ser vigiadas sob pena de se incorrer naquilo que fora considerado pelos gregos antigos a causa principal da infelicidade humana, o esquecimento de si. Escreveu ele em seus Idílios:

Vigie seus pensamentos, porque eles se tornarão palavras; vigie suas palavras, pois elas se transformarão em atos; vigie seus atos, porque eles se tornarão seus hábitos; vigie seus hábitos, pois eles formarão seu caráter; vigie seu caráter, porque ele será o seu destino. (TEÓCRITO apud SALES, 2017, p.52).

Então, cabe àqueles buscadores da verdade, por meio desses atos formativos, reagir dialeticamente, e todos os dias, contra esses bichos, esses “descendentes do engano”, aprendendo a discernir moralmente a sua voz verdadeira no emaranhado de seus próprios desejos, pensamentos e emoções cotidianos, sob pena de terem de prostrar-se diante de alguma máscara, algum “eu menor”, alguma voz desautorizada a falar, considerando-a verdadeira e esquecendo-se de quem verdadeiramente são e do nobre dever que lhes compete como amantes da sabedoria.

E que os mesmos o façam alquimizando-se na frágua do ethos ao qual estou me referindo neste trabalho, isto é, limpando-se cotidianamente de todo tipo de paixão que obste a razão, pois, como ensinavam os estóicos, não basta conhecer-se a si mesmo, é preciso se autodominar, tarefa quase impossível para aqueles que não se prostram todos os dias ante o altar de sua própria consciência para purificar seu coração. Como diz o lema da mais célebre ordem filosófica medieval⁵⁹: “Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo ad gloriam”, “Não a nós, Senhor, não a nós, mas tudo pela Glória de teu nome”.

⁵⁹ Ordem dos Cavaleiros Templários

13. A AUTORRESPONSABILIZAÇÃO PELAS DORES SOFRIDAS COMO ATO DE CURRÍCULO

“Assim como o caroço da fruta tem de fender-se para que o seu coração fique exposto ao sol, também vós deveis conhecer a dor. E se conseguísseis maravilhar-vos com os milagres diários da vossa vida, a vossa dor não vos pareceria menos intensa do que a vossa alegria; E aceitaríeis as estações do vosso coração, tal como haveis aceitado as estações que passam sobre o vossos campos. E passaríeis com serenidade os invernos das vossas mágoas. Muita da vossa dor é escolhida por vós. É a poção amarga com a qual o médico dentro de vós cura o vosso interior doente.”

Kalil Gibram, poeta libanês,
em O Profeta

“que se os méis ou o fel eu extraí das cousas
foi que nelas pus mel ou biles amargosas:
quando plantei roseiras, não colhi senão rosas.
Às minhas louçanias vai suceder o inverno;
mas tu não me disseste que maio fosse eterno!
Julguei sem fim as longas noites de minhas penas;
mas não me prometeste noites boas apenas,
e, afinal, tive algumas santamente serenas...
Amei e fui amado, o sol beijou-me a face.
Vida, nada me debes! Vida, estamos em paz!”

Amado Nervo, poeta mexicano,
em Em Paz

Conta-nos um mito grego que um certo centauro chamado Quíron, considerado superior pelos seus pares por ter nascido de um Deus, e também porque era inteligente, civilizado e bondoso, foi acidentalmente ferido por uma flecha envenenada disparada por Hércules, seu amigo e discípulo, na ocasião em que este combatia os centauros inimigos, que tentavam roubar o vinho de Fólion numa caverna do monte Pélion. O sofrimento que sentiu foi imediato e lancinante. E o que é pior, sua ferida, que não tinha cura, não podia trazer-lhe o alívio da morte, pois ele era um imortal, e isso levava-o a padecer de dores terríveis ao longo de toda a sua existência. Conta-se, porém, que Quíron nunca culpou Hércules pelo seu infortúnio, nem acusou a Moira de colocar sobre seus ombros um fardo injusto e demasiadamente pesado. Ao contrário disso, com dignidade e altivez, recolheu-se em sua caverna para sofrer e meditar.

Meditar sobre a dor – a dor, como um dado incontornável da condição humana – não é um ato filosófico restrito a uma só época, nem a um só lugar, tampouco é algo

característico da visão de mundo de apenas um filósofo. Ao longo da história da filosofia, a maioria dos filósofos colocou-se a refletir, e das mais diferentes formas, sobre ela, legando explicações sobre sua causa última e atitudes diante dela que até hoje servem a nós sem se tornarem obsoletas. Entretanto, por mais que filósofos como Shopenhauer, Nietzsche e Hegel o tenham feito com maestria, nenhuma pletora filosófica de época o fez cosmologicamente – isto é, “olhando para cima” – que a formada no seio da Paideia grega.

Hesíodo, na Teogonia, por exemplo, relata as origens da dor quando nos fala de Eris, deusa do ódio e da discórdia, que gera Ponos (a Fadiga), Lete (o Esquecimento), Limos (a Fome) e, depois, batalhas, assassinatos, massacres, conflitos, mentiras, controvérsias, anarquias e desgraças. O famoso aedo das Musas dá-nos a percebê-la como uma criação divina também em O Trabalho e os Dias, quando fala da implacável justiça de Zeus e relata o envio aos homens de Pandora, com seu jarro repleto de males e de dez mil pesares.

Com a mesma tônica, a encontramos sendo descrita em Homero. Na *Ilíada*, vemos Heitor falando com Andrômaca, e Aquiles com Príamo, sobre a triste fatalidade das coisas, contra a qual é inútil lutar. Já na *Odisseia*, é Nausica quem diz isso a Ulisses, quando lhe lembra que foi o próprio Zeus quem distribuiu os bens e os males da vida, e que é necessário, então, sofrer e calar.

Mas, é com os grandes tragediólogos gregos que a dor aparece secularizada e transformada em tema pedagógico e moral. Por exemplo, em Sófocles, que centra suas reflexões nas sofríveis consequências do excesso de paixão do homem e na inevitabilidade do imprevisto em sua existência, ela afigura-se muito belamente em *Édipo Rei*, *Antígona* e *Ajax*. Em *Ésquilo*, ela aparece sobretudo em *Orestes*, cujo trágico “fui eu” revela o eterno e dilacerante dilema do homem por ter de afirmar sua responsabilidade moral, mesmo quando suas ações são determinadas pela vontade de um deus. E em Eurípides, enfim, ela mostra-se evidente e extremamente atual na psicológica realista de *Medeia*, em que a personagem homônima, aterrorizada por um sentimento enlouquecedor, descobre, segundo Jeager (2002), o trágico efeito da “patologia erótica” e da “erótica deficiente”, o efeito deformador da dor excessiva sobre o caráter humano, não como resultado fatal da vontade divina, mas como a variação brusca de sua própria fortuna.

É que a tragédia, por seu espírito metafísico, por sua dedicação ao sagrado, e por trabalhar com o verossímil – com o que não é, mas poderia ser –, é a forma artística que a genialidade grega encontrou para comunicar aos gregos sobre sua Areté cósmica, isto é,

sobre o caminho evolutivo inexorável ditado ao homem pela Providência, e para ensiná-los que o uso indiscriminado de seu parcial livre-arbítrio neste caminho, o conduz à *hybris*, ou ao “pecado do excesso”, e este à *hamarthyia*, ou ao “erro”, e este, à *algea*, ou às “dores que fazem chorar”. Como nos fala Livraga (1998, p. 13), “a tragédia é a obra teatral onde o destino e os deuses estão presentes e dirigem as ações dos homens através de uma Lei, “*Diké*”(a que os hindus chamam ‘*Karma*’”, segundo a qual toda a ação gera reações equivalentes de acordo com uma justiça divina implacável ou uma moral cósmica inexorável. Assim, sua função era pedagógica, tentando, como meio formativo, levar o cidadão comum a tomar consciência de seus erros, medos e paixões através da *catarsis*, espécie de purificação de consciência gerada na pessoa que viesse a assistir o sofrido e vivaz desfecho das ações do herói trágico.

No que concerne às reflexões filosóficas propriamente ditas sobre a dor, encontramos sobretudo em Sócrates, Platão e Aristóteles, os quais nos fornecem uma visão homogênea e suficiente, embora descontínua, desse tema. Para eles, resumidamente, a dor é a contraface inevitável de todo prazer desmedido, de todo excesso, sendo também, por outro lado, o meio através do qual o homem desperto se serve para galgar uma vida equilibrada e inclinada à sabedoria, que é a única capaz de alcançar os prazeres que mais valem a pena: os da alma. Pois somente vivendo filosoficamente, ou evitando os bens inferiores e pautando suas ações na regra da justa medida, ele pode se purificar de suas paixões, de sua animalidade.

Na esteira desse filosofar, fala-nos Demócrito da *euthymia*, ou seja, da serenidade de espírito conquistada pela dor da renúncia; Marco Aurélio (2002), em suas *Meditações*, nos diz que nada acontece com o homem que não seja próprio do homem; e Boécio (2016), em suas *Consolações*, afirma que carrascos e vítimas só o são num teatro de sombras, e que, por isso, é preciso ver do outro lado.

No entanto, por sermos da estirpe dos fracos, como afirma Nietzsche, e vivermos, por isso mesmo, numa época extremamente hedonística e envoltos em possibilidades de evasão da realidade que fazem pasmear até mesmo o mais hábil prestidigitador, pouco temos refletido sobre a dor, esta que é recurso pedagógico da vida, e pouquíssimo temos aprendido com ela, desejando, aliás, libertarmo-nos dela imediatamente, a todo custo, e geralmente sem a devida meditação sobre as possíveis razões e ocultas causas determinantes de sua aplicação em nossa existência. Com efeito, somos uma civilização empenhada na ausência

de dor: “vemos o sofrimento como uma injustiça ou um fracasso, uma violação do nosso direito garantido à felicidade” (YANCEY & BRAND, 2005, p. 272).

Não haveremos de estranhar, então, que muitos professores de filosofia não se deixem comover senão por uma formação que justifique a sua fraqueza de alma e a de seu próprio tempo, bem como sua indisponibilidade para lutarem consigo mesmos e contra si, recolherem o dedo em riste apontado contra o mundo e se assumirem como os verdadeiros responsáveis pelo que infortunadamente lhes acontece, e por todo caos, sofrimento e aflição sociais que lhes acometem.

O fato é que, hoje, praticamente, a educação como um todo se ocupa mais em nos ensinar coisas supérfluas do que nos ensinar o que precisamos efetivamente. Dentre isso que precisamos aprender, três coisas se impõem de modo articulado a cada um de nós, independentemente de quaisquer contextos. A primeira é que existir dói, e que a dor não é um mal, mas uma etapa natural, digo até, um estado de consciência inevitável no processo de conquista de algum bem, e do bem maior de toda nossa existência, que é a própria vida; ou que aceitá-la como algo inerente ao viver é criar as causas e condições para nos introspectarmos filosoficamente, e dentro de nós, redefinirmos o que somos, redefinindo nossas prioridades, nossos valores, nossa ideia de felicidade, nossa ideia de nós mesmos. A segunda é que quem não faz guerra dentro de si, a fará contra o mundo, pois o mundo é sempre o alvo dos fracos de espírito; é sempre o ponto para onde convergem as terríveis dores que resultam da não aceitação do ter de lutar contra si próprio, ou da fuga das dores disso decorrentes. E a terceira: quem não aprende a servir desinteressadamente ao mundo, a deixar-se guiar por uma causa maior do que a de seu umbigo, isto é, pela voluta de uma alta virtude, por um grande ideal, cedo ou tarde terá de prostrar-se dolorosamente, pela sua fraqueza de alma, ante o altar de sua própria pequenez.

Com efeito, em nossa época, quase nada nem ninguém se ocupa mais com a educação para a dor, isto é, em nos formar para compreendermos que a vida é trágica por si mesma, e que a dor é cosmologicamente pedagógica, seja ela circunstante ou estrutural. Na verdade, se não há hoje sequer quem nos forme para assumirmos com o máximo de sinceridade nossos próprios desvios de caráter e nossas deformidades morais ante o tribunal de nossa consciência, é claro que não haveremos de encontrar tão facilmente algo ou alguém em condições de nos ensinar a eduzir os sublimadores ensinamentos para o nosso próprio crescimento espiritual de nossos sofrimentos existenciais, das dores que resultam das situações adversas que a vida nos força a viver.

O resultado disso, como nos fala Miller (2017), é que “em vez de uma espada de ouro do pensamento corajoso e da alegria da decisão, tenhamos talvez à nossa disposição apenas uma espada enferrujada, velha e cega, que se quebra contra o primeiro obstáculo mais duro. Em vez de podermos nos servir de um escudo refletor que nos proporciona objetividade, sabedoria e serenidade, acabamos sempre doentes, em função das preocupações desgastantes, e magoados com as querelas extenuantes. Ou, em vez de nos deixarmos levar por um garanhão forte e fogoso a novos objetivos, arrastamo-nos em círculos como pangarés por uma paisagem deserta, carregando um gigantesco saco de responsabilidades e deveres impostos pelos outros, de imputações de culpas e inferioridades.

Prova disso é que, nestes tempos de incerteza e dessacralização, até mesmo aqueles, a quem sempre foi incumbida a alta missão de nos esclarecer o Caminho da Vida, orientando-nos a sair do tropeçante tatear no escuro, do aflitivo andar no labirinto, já não sabem caminhar na vida senão tateando-a e tropeçando, embora com ar de certa intocabilidade, na sua própria ignorância e nas estreitas, estéreis e, por vezes, histéricas soluções que eles mesmos criam para resolver os problemas e as deformidades que lhes acometem e afligem à humanidade.

Refiro-me, é claro, aos filósofos materialistas de nossa época, não a todos, mas àqueles cujo filosofar se dedica a formar pessoas a contemporizar-se com aquela fraqueza histórica e, conseqüentemente, com as desordens de consciência e com os nihilismos filosóficos que abundam em nosso tempo. Ou seja, cujo filosofar encontra-se pautado nas sofisticadas contemporâneas que ignoram a grandeza e as possibilidades transcendentais da alma humana, e que mais desditam e contradizem a ética que, desde dentro do próprio homem, o convoca a ver-se definitivamente como um ser superior a toda circunstância, e a perceber que a dor, seja ela da natureza que for, não passa de um “veículo” de consciência, um chamado para o aprendizado.

Noutras palavras, referimo-nos aos farisaísmos intelectuais que, na defesa extrema dos relativismos morais, ou do atendimento a qualquer preço das outorgas do “eu animal” de cada sujeito, são contrários à têmpera de dor que este precisa aplicar em si mesmo para as lutas contra sua animalidade, e avessos ao direcionamento destas a Deus, a um fim transcendente, a um grande ideal, mesmo sendo tais idealidades, os sustentáculos morais de toda consciência, as consolações supremas desta nos momentos de dor, e os nascedouros das virtudes e das mais altas inspirações humanas.

É a esse estado de coisas, aliás, que se deve atribuir, em grande parte, o fato da educação de hoje não educar. Porque educar é, acima de tudo, formar para a dor, para o infortúnio, para a perda, para a morte; é formar a partir do que não se deseja, do que é áspero e difícil, do que não imediatamente apraz nem regozija, tendo em vista sempre, não o que se quer, mas o que se necessita, não o que se gosta, mas o que faz bem. É formar, outrossim, menos para criticar politicamente, e mais para se comportar moralmente, menos para reclamar, e mais para honrar o que se fala com a prática, mais para amar, para devotar, para servir, em suma, para ser livre e digno, pois “seria vulgar, servil e inteiramente indigno chamar de educação uma formação que vise somente a aquisição de bens materiais, de vigor físico ou mesmo de alguma habilidade mental destituída de Sabedoria e de Justiça” (PLATÃO, 1999, p. 92).

Com efeito, “uma educação fundada na abundância jamais poderá produzir um menino, um homem ou um velho que se distinga pela virtude” (Idem, p. 158). Ademais, da falta da verdadeira educação decorre todos os nossos conflitos com o mundo exterior, toda nossa arraigada violência, pois é próprio do homem que quase nada aprende sobre a verdade da dor em sua vida, ou do homem formado numa mentalidade de realizações pequenas e imediatas, em que não se aprende a olhar para cima, em que prevalecem as metas de satisfação animal em detrimento das de realização propriamente humana, compensar a sua vida inconsciente com os processos difíceis do existir, buscando incessantemente o prazer, até o encontro com o inevitável sofrimento de não se sentir inteiro, o qual o lançará contra o mundo, com a agressividade de um animal desorientado e com medo. E não duvidemos: bem provavelmente, é daí que provêm os “adoecimentos de espírito” e as perturbações psicológicas verificadas tão corriqueiramente no meio educacional de nossa época. Pois a ignorância do sentido da dor na existência humana acaba por levar, cedo ou tarde, muitos indivíduos a um movimento pendular entre o entusiasmo irracional e escapista e o vazio entristecedor, tornando-os escravos de suas próprias oscilações mentais e emocionais, quando deveriam ser os seus senhores. Diz um relatório⁶⁰ encomendado pela OMS: “está faltando gente lúcida no mundo, pais, alunos, professores...”.

É precisamente por esse estado de coisas que todo filosofar sofístico ou farisaico é alento à egoização, é bálsamo prazenteiro para o “eu animal”, não passa de um escape da dor através do intelecto. A educação atual precisa mesmo é de filosofia tradicional.

⁶⁰ Ver relatório do I Congresso Mundial sobre a Saúde da Criança / OMS / 2000.

Sendo assim, que os aspirantes ao saber de Minerva coloquem-se como custodeantes, através de seu próprio exemplo, como faziam as Vestais⁶¹, da verdade de que, não é apesar da dor, mas através dela que se move a própria vida. É esse, pois, o “axioma de fogo” que arde no centro de toda antiga sabedoria dedicada a refletir sobre a trágica condição humana, ou o princípio ético atemporal das filosofias que velam pela grandeza do homem, oferecendo-lhe ensinamentos devotados a torná-lo menos temeroso e vulnerável frente as dores da existência, ou a torná-lo mais lúcido e forte ante as provações e desafios que lhe conclamam ao aperfeiçoamento do qual não pode escapar. Na sagrada Escritura, lê-se, por exemplo: “O homem nasce para a tribulação, como as faíscas se levantam para voar” (jô 5:7).

Para tanto, faz-se necessária, como ato formativo, a percepção pura e simples de que existir dói, ou de que a dor não é um mal, algo injusto e contra nós, que cruza nosso caminho, mas sim o próprio caminho que percorremos para nos tornarmos o que somos. Porque é somente tomando a existência dessa perspectiva que aqueles podem, a contragosto das formações filosóficas dedicadas ao dessentido, reinstaurar em sua consciência o sentido evolutivo natural de sua própria existência e do Todo dentro do qual esta evolui, simultaneamente, como individualidade e totalidade, bem como levar aquela a melhor compreender porque ela nasce, sofre e morre, permanecendo, no decurso disso, condicionada a mil e uma vicissitudes e expiações.

Em outras palavras, é apenas quando consideramos que “a existência é dor”, como fizeram as escolas filosóficas da Paideia, tais como a platônica, a cínica e a estoica, e ainda fazem hoje os budistas em sua doutrina, que abrimos passo na direção da percepção de que estamos na corrente da evolução, e que, por isso, nenhuma circunstância adversa, por dolorosa que seja, pode ser uma injustiça contra nós, mas apenas um chamado de consciência, algo que, talvez, tenha sido até mesmo “planejado” pelo nosso Self, em favor de nos aproximarmos de nosso Deus interior, de nossa própria unidade, como diria Jung. Ou seja, é percebendo que há algo extremamente inteligente na vida que nos impõe uma espetacular marcha de aprimoramento rumo a nós mesmos, e que fazer essa marcha implica necessariamente em dor, que tendemos a compreender que todo sofrimento que nos aflige é um “regulador homeostático” utilizado pela vida, por assim dizer, para nos comunicar que estamos em desarmonia com ela em algum nível – corporal, psicológico ou existencial – e que precisamos, por causa disso, corrigir alguma unilateralidade, algum excesso incorrente neste marchar.

⁶¹ As Vestais eram as sacerdotisas romanas que custodiavam o fogo perpétuo do ideal de Roma.

Esse Ato formativo, então, traduz-se também numa espécie de desvitimação ante o mundo, pois quando um homem descobre que seu destino é sofrer, e que seu sofrimento não é fortuito nem casual, mas dignificante, tende a perceber tudo que lhe acontece como de sua inteira responsabilidade, ou como alguma coisa proveniente de sua imperfeição – algo resultante, em alguma medida, e por oculto que esteja, de sua própria incompletude, ou do que deve de si a si mesmo.

Não por acaso é esse o ato de currículo que, se adotado, mais sofrimento causará aos aspirantes a educador-filósofo, pois tensionará a sua consciência a se libertar da psicológica do fraco, da psicológica corrente que, levando-os a crer que lá fora existe um mundo separado de sua consciência, torna-os escravos da ideia de que aquilo que lhes desrespeita, oprime, explora e avilta vem de fora – de outros homens, de instituições, de classes sociais, de governos, etc – e não de uma causa introversa à sua própria consciência. Mas que, inversa e paradoxalmente, também lhes confere algum tipo de domínio político, algum poder do tipo que não lhe facultaria o que quer sendo um forte, ou sem ser fraco, vulnerável, oprimido. Pois, não nos enganemos: visto que a palavra “poder” na modernidade adquiriu conotações negativas, todos agora o buscam dissimuladamente, isto é, pelos expedientes da fraqueza, da debilidade e do desamparo, os quais não passam de “lugares de poder” acima de quaisquer suspeitas e de posições existenciais absolutamente justificáveis num mundo em que todos flutuam à deriva no oceano do dessentido e se orientam por valores que apontam para qualquer direção.

E digo “escravos” propositalmente, e a propósito das tipologias humanas dadas por Nietzsche em *Genealogia da Moral*. É que a moral do escravo, de dizer “Não” à vida como ela é, por evidentemente se encontrar infusa em nossa consciência, nos impede de perceber que todo mal que nos aflige desde fora provém, na verdade, de algo por nós preparado internamente, porém, de modo inconsciente e por muito tempo, como se tramássemos, hoje, em nível individual e coletivo, nossos embaraços, desgostos e enfados futuros sem saber que o fazemos.

Como já disse, grosso modo, nossas abjeções e negatividades, ao agregarem-se e adquirirem vida própria em nossa consciência, criam nossas enfermidades, e estas, porque negligenciadas e repetidas por nós, as do mundo. Todavia, tanto estas quanto aquelas são criadas de uma maneira que não percebemos, pois, entre a instalação de um estado de consciência e a instalação do correspondente padecimento que lhe reflete exteriormente ou, entre a mudança de um estado interior e a correspondente mudança do mundo, ocorre um

certo período, às vezes demasiado longo, que nos leva a não perceber que somos nós mesmos quem damos vida a tudo que nos rodeia, e que, toda transformação sociopolítica é vã quando não se manifesta acompanhada da equivalente transmutação dos indivíduos que a engendraram. De fato, como nos esclarece Santos (1959, p. 5), “o homem só pode salvar-se no homem. A solução de nenhuma crise pode ser encontrada na reunião mecânica das coisas, mas através de uma transcendência que a supere”. Clio, à luz do Olimpo, de pergaminho em mãos, anotando todo o oculto, é testemunha disso.

Tal asserção, aliás, nos remete à famosa frase quixotesca de Ortega y Gasset (2019, p. 32), de mesmo significado: “Eu sou eu e a minha circunstância; se eu não a salvar, não hei de me salvar”. É que, em sentido ampliado, “circunstância” é toda moldura existencial que condiciona nossa consciência, o que inclui o nosso “eu animal” e o seu séquito de “eus desejantes”, que são as identidades que nos “habitam” em função de cuja influência nossa consciência se coloca ante o mundo em injustificado desamparo, geralmente como vítima, devendo, por isso, serem domadas por nós, montadas como um cavaleiro faz em seu cavalo, e nunca negadas ou destruídas, como já disse. É apenas quando as domamos, ou as “salvamos”, isto é, transformamos o mundo condicional que nos atravessa em mais consciência, em mais presença de espírito, em mais vontade de viver, reconhecendo-o como de nossa inteira responsabilidade, que tendemos a nos completar, a nos aproximar mais de nós mesmos. Afinal, “todo o mundo material não é senão o cenário sobre o qual as imagens da consciência se manifestam”, podendo, por isso, apenas nos sobrevir exteriormente aquilo que nos serve para o nosso crescimento interior, aquilo de que realmente precisamos para viver, ou aquilo que nós mesmos, em nível profundo, queremos efetivamente que nos aconteça.

É por isso que o ato de currículo aqui em questão propõe, no fundo, que os aspirantes a educador-filósofo substituam suas dores convenientes pela dor permanente do pôr-se de pé, ereto, vertical, olhando para cima e com as mãos abertas para oferecer, e não a reverberar contra o mundo, curvados, encolhidos, olhando para o próprio umbigo, com as mãos fechadas da negação. Ou seja, propõe que os mesmos vivam consciente e voluntariamente a única dor que enobrece e embeleza o homem, libertando-o da autocompaixão de seu ego, e aproximando-o da sua verdadeira dignidade: a da reabsorção de suas tribulações e desventuras, seguida da transmutação das mesmas em serviço à humanidade. E, é claro, sem de nada reclamar, visto que, como nos fala Lao Tsé, no capítulo XXIII do Tao-Te-king, “Quem se iguala à perda, perde o Caminho”.

Em sendo assim, disso podemos depreender: não há como caminharmos a vida desacompanhados de nossas circunstâncias, de nossas dores existenciais, ou dos condicionamentos impostos por nosso “eu animal”, que são, a um só tempo, tanto as expressões mais evidentes da cisão de nossa experiência existencial em espírito-matéria, quanto o lado de nossa consciência que, pela cosmológica desta dualidade, impede que nos conheçamos plenamente, infligindo-nos a dor estrutural de nos sentirmos permanentemente incompletos, inacabados. Pois, como afirma Dahlke (1992, p. 10),

A vida neste mundo de opostos é necessariamente cheia de faltas e serve para que se reencontre o caminho de volta à unidade. Cada falta e cada sintoma significam elementos que faltam para a perfeição, transformando-se em oportunidades de desenvolvimento.

É por isso que, no fundo, nossos condicionamentos animais não passam de “negativos de existência”. Precisamente são sombras do nosso existir, aquilo em nós que, antes luz, tornou-se escuridão por mistério e necessidade. Ou ainda, aquilo que, por obscurecer nossa marcha de aperfeiçoamento, convoca compensatoriamente nosso herói interior a acender-se como tocha, convocando-nos, mesmo com todo nosso temor e tremor, a um estrondoso “Sim” à vida, momento em que esta se ilumina, e rebentamos como um renovo de nós mesmos.

Sob o aspecto psicológico, raciocínio semelhante encontraremos também na obra de Jung. Segundo esse autor (1978), é justamente quando, em nosso estradar, detemo-nos a olhar como uma estátua, apenas para um lado da vida, sem integrar em nossa consciência as sombras que se projetam em cada um de nossos passos, que a dor de existir torna-se um pesado e injustificado fardo sobre os nossos ombros. É essa, aliás, a principal causa da infelicidade de nossa civilização, se a compreendermos como uma extensão da consciência moderna, pois foi esta quem unilateralizou sua perspectiva sobre a vida, considerando-a apenas materialmente, como se pudesse escantear de sua ótica a parte essencial da realidade, sem que ela retornasse sob a forma de terríficas enfermidades de alma, como a neurose, o dessentido, a depressão e, principalmente, a inflação egóica e o ateísmo dela decorrente. Isto é, como se pudesse evitar a emergência nela mesma, sob a forma de um transtorno compensatório, do oposto daquilo que foi por ela unilateralizado como única realidade existente. Escreveu Jung (2013, p. 30), no prefácio da primeira tradução inglesa do

antiguíssimo livro taoísta, O Segredo da Flor de Ouro: “Lá onde Deus não é reconhecido aparece a mania egocêntrica, e desta provém a doença”.

A isso, baseando-se na Paideia pré-socrática, denominou de “enantiotropia”, ou “corrida para o oposto”, sendo o filósofo nietzschiano, ao ver do psicólogo suíço, um pequeno mas emblemático exemplo de como opera esse fenômeno na consciência individual e, por extensão, na mentalidade de uma civilização. Ele nos fala que, ao romper as antigas tábuas, o filósofo alemão sucumbiu à estranha necessidade de respaldar-se num Zaratustra redivivo, à guisa de segunda personalidade, de um alter ego com o qual identificou sua grande tragédia, Assim falou Zaratustra. E conclui, afirmando que tal tragédia consiste em que o próprio Nietzsche, não sendo ateu, se transformou em Deus, visto que seu deus havia morrido.

É que, segundo Jung (1978), pelo dinamismo bipolar da psique humana, não há como ninguém escapar da enantiotropia, desta lei compensatória: aquele, para quem “Deus morre”, sempre se torna vítima da inflação de seu próprio ego, ou da *hybris*⁶², numa outra terminologia grega utilizada pelo psicólogo suíço.

Enfim, sendo a vida encarada assim, sem acasos e males puramente exteriores que lhe geram sofrimento e apequenam seu existir, mas com fé e convicção de que o mundo é criado pela sua consciência, mesmo no menor e aparentemente insignificante particular, podem os aspirantes ao saber de Minerva se formar, extraindo dos próprios corações a condição heroica e aproveitando, através disso, o que a dor, que é uma dádiva da vida, naturalmente lhes oferece para o seu crescimento espiritual.

Mas isso até o momento em que puderem buscá-la por vontade própria, através de grandes desafios de espírito, pois a todo buscador da verdade, e mais evidentemente àqueles que procuram se libertar de suas paixões inferiores, cabe daemonizar-se, ou despertar interiormente aquele “Eu” que não pede nem espera da vida oportunidades de aperfeiçoamento: exige-as. Num ditado filosófico antigo: “a verdadeira coroa é de espinhos”.

É que todo sobreforçar-se para ser pleno, além de atitude própria do homem que aprendeu a erguer-se sobre si mesmo, é ato autoformativo que ativa na consciência humana os poderosíssimos arquétipos do heroísmo e da santidade, iluminando-a renovadamente com a verdade de que “não existem impossíveis senão impossibilitados”.

⁶² Descomedimento ou desmedida de qualquer natureza.

Assim, é dever de todos os que amam a sabedoria, e por isso educam-se filosoficamente para educar, ter em conta que tudo no teatro de sua vida está disposto e absolutamente pronto, personagens e cenário, luzes e sombras, para despertá-lo como ator principal. Isto é, que tudo que acontece em sua vida nada mais é que o mundo de seu inconsciente, ou a misteriosa realidade que a parte desconhecida de sua própria consciência constrói todo o tempo para que ela mesma se conheça em unidade, mas que manifesta-se como se existisse efetivamente fora dela. É essa, aliás, a pedagógica trágica de nosso existir: para tornarmo-nos verdadeiramente “indivíduo”, ou “consciência não dividida”, teremos de integrar pedaço por pedaço de nosso “inconsciente-mundo”, processo que depende do reconhecimento de que, em utérrimo sentido, tudo que ocorre em nossa vida é justo e sagrado, porque criado por uma consciência consciente de si mesma, ou por uma consciência que, na escala temporal da cosmogênese, expressa o exato momento em que Deus abre onticamente “os olhos” e torna-se parte ativa na construção de sua magnífica obra, que, não paradoxalmente, desde sempre é plena, é acabada. Escreveu metaforicamente o emérito egiptólogo francês Cristian Jacq, ao referir-se a isso, num de seus livros sobre a complexíssima cosmovisão filosófica egípcia: “— O universo é um olho gigantesco cujas partes estão dispersas pelo nosso olhar”.

Mas que fique claro: é este dever – que não é um “cruzar os braços”, nem uma conformação ou resignação passiva – um ato de autoconsciência destinado apenas aos professores de filosofia que queiram e possam adotar uma postura mais madura, confiante e realista diante do que é exigido ao homem pela sua Moira, isto é, apenas aos professores em condições de responderem “presente” à chamada da grande mestra da vida, a dor, através do estar presente, da esperança no futuro, e da fé em si mesmo e em Deus. Aliás, dizer “sim” à própria tragédia, como fez dignamente Orestes, alegremente Sócrates, ou serenamente Epícteto, é sempre um ato cuja assunção existencial é para poucos. Pois é sempre para poucos – para os que despertam, para os que educam pelo exemplo – arder no fogo de seu próprio crescimento espiritual, a dar-se como oferenda à educação, transmutando lágrimas em pérolas, dor em sabedoria. Sentencia uma antiga frase estoica: *Per aspera ad astra*, "pelo áspero chegaremos às estrelas!"

14. A MORTE ANTES DA MORTE COMO ATO DE CURRÍCULO

“Não dormes sob os ciprestes,
 Pois não há sono no mundo.
 O corpo é a sombra das vestes
 Que encobrem teu ser profundo.
 Vem a noite, que é a morte
 E a sombra acabou sem ser.
 Vais na noite só recorte,
 Igual a ti sem querer.
 Mas na Estalagem do Assombro
 Tiram-te os Anjos a capa.
 Segues sem capa no ombro,
 Com o pouco que te tapa.
 Então Arcanjos da Estrada
 Despem-te e deixam-te nu.
 Não tens vestes, não tens nada:
 Tens só teu corpo, que és tu.
 Por fim, na funda caverna,
 Os Deuses despem-te mais.
 Teu corpo cessa, alma externa,
 Mas vês que são teus iguais”

Fernando Pessoa, poeta português,
em *Iniciação*

“Combater e morrer é pela morte derrotar a morte, mas
 temer e morrer é fazer-lhe homenagem com um sopro
 servil.”

William Shakespeare, poeta e dramaturgo inglês

Da noite dos tempos, conta-nos um mito grego que a flecha que feriu Quíron não o matou, pois, sendo este filho de um titã, era imortal, porém provocou-lhe dores terríveis e incessantes. Coube assim a Hércules fazer um acordo com Zeus, trocando a imortalidade do sábio centauro pela vida de Prometeu, que roubara o fogo dos deuses e o dera aos homens e, por isso, fora condenado a padecer eternamente, amarrado a um rochedo enquanto um pássaro devorava seu fígado, que voltava a crescer no dia seguinte. Zeus, que afirmara que só o libertaria se um imortal abrisse mão de sua imortalidade e fosse para o reino dos mortos em seu lugar, concordou, liberando Quíron de seu sofrimento, para morrer tranquilamente. Mas o Senhor do Olimpo não o enviou para o Reino de Hades. Por sua sabedoria, Quíron, ao morrer, foi transformado na constelação do sagitário, símbolo da conversão do homem, de animal, em ser espiritual.

Se bem repararmos em nossa formação, tão logo começamos nossa jornada existencial, muito nos é falado sobre a vida, o que nela conquistar materialmente, o que dela

evitar para ser feliz, e quase nada sobre a morte, uma vez que, na cultura ocidental moderna, esta tornou-se uma “realidade-tabu”, algo desagradável sobre o qual é desaconselhável e até proibido falar ostensivamente.

É este o fato existencial, aliás, mais recalcado da consciência moderna, sendo, por isso, algo esquecido, negado, ou omitido pela nossa cultura que, não por acaso, vive o temor infantil do vazio escuro da morte, em sobressaltos pela fatalidade dela e, conseqüentemente, em voltas com sua sanha obsessiva de prolongamento material da existência, como se “ela fosse apenas um lampejo ocasional de fogo fátuo sobre a terra, tragado pelos terrores de uma noite eterna” (PIRES, 2013, p. 50).

No entanto, muitas foram as civilizações antigas que conceberam a morte como um dado da própria vida, um acontecimento vital que, de tão certo e natural, não deveria ser temido, mas consagrado, e muitos foram os filósofos que, ao longo da história, tomaram-na como “sábia conselheira”, notadamente Sócrates e Platão. Foram eles, inclusive, quem primeiro, no Ocidente, chamaram a atenção para o fato de que vivemos para morrer, sendo este ato último, o mais importante para todos aqueles que buscam a verdade, pois nenhum outro, quando refletido com vagar e serenidade, é capaz de fazer a existência reluzir o que ela tem de exaltante e sagrado. *Memento more*, ou “lembra-te de que vais morrer”, eis o lema que a Paideia grega imprimiu no coração dos estoicos e dos filaleteus⁶³, e estes, no coração dos romanos, que, por séculos, a reproduziram nos interiores de seus lares e nos frontispícios de suas instituições públicas.

De fato, como enunciaram os antigos gregos, sem a consciência da morte tudo tende a nos parecer comum, trivial. Neste sentido, não há melhor conselheira a se ter ao lado que a morte, se quisermos pensar filosoficamente a nossa existência com o propósito de compreendê-la como um todo. Ou se pretendermos examiná-la num escrutínio sistemático, segmento por segmento, com a finalidade, não de identificar as falhas e as incongruências que a marcam, mas de enobrecê-la com a instauração de um novo rumo para ela: *Mors janua vite*, “a morte é a porta da vida”, diziam também os filósofos do Pórtico.

⁶³ “O sistema de Alexandria foi a última efulgência da antiga sabedoria grega; sete séculos após Platão houve o florescimento da sublime filosofia. Amônio Saccas, o fundador do sistema eclético, que viveu entre 175 e 240 d.C., nasceu de pais cristãos; mas renunciou à sua religião nativa e voltou-se à filosofia pagã. Pelo fato de ter encontrado a sabedoria divina em seu próprio interior, foi chamado "Theodidaktos" ou "ensinado por Deus"; mas ele preferia o termo "Phi'alethes", ou "amante da verdade". Seus discípulos eram também conhecidos como "Filaleteus". Não deixou escritos, ensinando oralmente, e seus pupilos foram submetidos ao voto de segredo, como de costume nas Escolas de Mistério. Não obstante, ele fez uma "distinta tentativa de beneficiar o mundo através do ensinamento daquelas partes da Ciência Secreta que lhe eram permitidas ser reveladas por seus guardiães diretos daqueles tempos.” (BLAVATSKY, H.P., a doutrina secreta: Vol. V,p.145)

É que a verdadeira filosofia é sempre *meditatio mortis*, pois a percepção profunda do si mesmo procede da reflexão sobre a finitude e sobre os limites temporais da existência. Tal reflexão, porém, não consiste só em reconhecer que a morte é alguma coisa da qual não se pode escapar, mas que ela, assim como o nascimento, como nos fala Marco Aurélio (2002), é um dos mais belos segredos da Natureza, nada tendo em si de anormal, de causar pena, e de incoerente com o plano da sua criação. E que ela, ademais, cedo ou tarde, nos arrancará absolutamente tudo que um dia pronominaamos como “meu”: pessoas, bens materiais, carreira profissional, compleição física, habilidades cognitivas, compromissos, interesses e crenças de todos os tipos.

Neste sentido, viver filosoficamente pressupõe meditar sobre a morte, pois ninguém pode aproximar-se da luz de sua própria alma sem primeiro se ver despojado de seus apegos, de suas ilusões, isto é, sem que tenha primeiro feito sua própria consciência tremer frente ao vivificante abismo do nada – do nada poder reter como “seu” do mundo com o qual se relaciona. É, então, ao meu ver, esta meditação, este consciencioso reconhecimento de que nada pertencente a esse mundo pode pertencer à consciência humana, também um importante ato de currículo do processo formativo de um educador-filósofo.

Aliás, se observarmos a vida dos maiores filósofos da história, tão logo perceberemos que meditar sobre a morte sempre foi um dos atos fundantes do genuíno filosofar, visto que a nenhum amante da sabedoria foi facultada a possibilidade de bem educar-se e educar, sem que sua consciência tivesse experimentado, sem perder a serenidade e o equilíbrio, esta afronta elementar da existência. É este, inclusive, o ato que está por detrás da famosa “apatia socrática”, aquela impassibilidade de consciência vivida intensamente pelos cínicos e pelos estoicos, e própria da ascese filosófica, em que um indivíduo experimenta todas as sensações transitórias que são comuns à sua condição, mas sem se apegar a elas, porque já as vê com serenidade e equanimidade de alma.

Assim, é preciso que todo aspirante a educador-filósofo pense em sua própria morte, porque é somente quando nela pensamos, trazendo-a imaginativamente para o plano do agora, que aprendemos a valorizar intensamente cada instante como se fosse o último, e não nos deixamos levar pelas circunstâncias da vida, tendo, ao contrário, maior controle sobre ela, sobre seus acontecimentos. Definitivamente, pensar na morte faz com que todos vivam melhor, faz a cada buscador da verdade viver mais atento à própria vida, com metas mais claras quanto ao que se deve viver, e com uma margem maior de tempo para as necessárias reavaliações de rota que são próprias do existir.

Cabe, então, a todo aspirante ao saber de Minerva, morrer antes de morrer, numa espécie de autodestruição construtiva, para assim vivificar sua existência em bases mais reais e consistentes e, quiçá, descobrir um dia que a morte não existe. Mas que bases são essas? Refiro-me, é claro, àquilo que porventura sobrar em sua consciência depois que o seu “eu animal” for imaginativamente despojado de tudo – de tudo mesmo – que ele acredita ser dele. Isto é, refiro-me às realidades eternas do homem, porque espirituais, ou as virtudes que um indivíduo conseguiu integrar em seu coração, que são as únicas coisas que lhe pertencem e que sobrevivem ao encontro com a morte, ou aquilo pelo qual, em obediência ao seu Eu Superior, e sem hesitar, ele morreria um dia.

Nesse sentido, tal ato formativo também se traduz no perguntar-se: – pelo quê eu morreria?... Que verdades valem mais que a minha existência?... No que concerne a isso, é novamente Sócrates quem nos oferece o ideal, o modelo de experiência: ao dito “pai da filosofia” coube viver a referida autodestruição construtiva, isto é, o morrer para o mundo, ou para todas as suas ambições pessoais, em nome do dever de educar, do dever de servir a tantos quantos fossem os homens que viessem ao seu encontro para aprender com ele a serem melhores moralmente. Disse ele, na Apologia, ao se referir à educação, antes de ser condenado a morte por escolher a verdade a ter de existir sem ela: “–Cidadãos atenienses, eu vos respeito e vos amo, mas obedecerei aos deuses em vez de a vós, e enquanto eu respirar e estiver na posse de minhas faculdades, não deixarei de filosofar e de vos exortar ou de instruir cada um, quem quer que seja que vier à minha presença” (PLATÃO, S/D, p. 8). E complementa: “ – Devido a esta tarefa não tive a possibilidade de fazer nada digno de consideração, nem nos assuntos públicos nem nos privados, de modo que vivo numa pobreza infinita para servir a Deus” (Idem, p. 4).

É que Sócrates já havia morrido antes de morrer, por isso morreu tranquilo, tinha consciência de eternidade. Arremata ele no Fédon, pela divina pena de seu famoso discípulo (2010, p. 85):

Sendo a alma imortal como se nos revelou, é proposição que me parece digna de fé e muito própria para recompensar-nos do risco em que incorremos por aceitá-la como tal. É um belo risco, eis o que precisamos dizer a nós mesmos à guisa da fórmula de encantamento. [...] é que pode tranquilizar-se com relação a sua alma o homem que passou a vida todo entregue aos deleites da instrução, com os quais adornava a alma, não como se o fizesse com algo estranho a ela, porém como jóias da mais feliz indicação: temperança, justiça, coragem, nobreza e verdade, espera o momento de partir para o Hades quando o destino o convocar. Vós também, Símiias e Cebete, acrescentou, e todos os outros, tereis de fazer mais tarde essa viagem, cada um no seu tempo. A mim, porém, para falar como herói trágico,

agora mesmo chama-me o destino. Mas está quase na hora de tomar o banho. Acho melhor fazer isso antes de beber o veneno, para não dar às mulheres o trabalho de lavar o cadáver.

Assim, ao que parece, não de maneira intencional ou deliberada, mas como que pressentindo mediante percepção intuitiva, o grande mestre da *Ágora* atualizou com esse gesto de espírito o arquétipo do herói, dando nascimento à Filosofia como um saber afigurado também no esplendor da ação exemplar. Porque, como nos fala Salis (2017), o herói é sobretudo aquele que se confronta com a morte, com perigos que parecem humanamente impossíveis de enfrentar; que vai ao mundo das trevas; que transita entre o humano e o divino; e que transcende os limites de uma individualidade onde cada um de nós se mantém aprisionado. Complementa ainda esse autor, que a passagem do mundo das trevas para o mundo comum, do mundo dos deuses para o mundo dos homens, da eternidade para a finitude está presente no mito, e a tarefa do herói é, precisamente, a de ensinar ao homem comum, limitado pela ignorância do imediato, a ascender à experiência transcendental. Ou seja, ensinar a reconhecer a dimensão esquecida da alteridade, no mundo em que vivemos, possibilitar-lhe conviver com o temor da perda da individualidade e até ousar ir ao encontro da “vontade universal” (SALIS, 2017, p. 11)

Como Sócrates, então, é facultado, a todo aquele que busca a verdade, agir consciencialmente no sentido de se libertar das amarras do mundo, para estar nele sem ser dele, por meio desse colocar-se a serviço de uma causa maior que a de sua própria existência, desse ato de morte autoformativo. Só assim é possível renascer imortal e, conseqüentemente, imune aos padecimentos causados pelas decepções e contrariedades provocadas pela vida, pois já não se tratará de um homem comum, mas de um herói, no sentido socrático do termo. Como afirma Salis (2017), o poder do herói está neste livre trânsito entre a realidade e o mistério, na imunidade que o faz sobreviver às derrotas do mundo diário dos mortais. E seu caminho é essa constante busca da imortalidade ou do sentido original e genuíno do humano que está em nós.

Note-se, assim, que a morte aqui tem um sentido mais complexo e profundo do que o simples findar da experiência corporal. Ao meu ver, num nível mais profundo, ela é parte do viver, já que só vivemos momento a momento, já que morremos a todo instante e renascemos no instante seguinte. No fundo, somos uma mescla de vida e morte em constante acontecer, pois o movimento de morte é uma constante vital em nossa existência, como o é o momento entre a sístole e a diástole para o nosso coração; é um acontecimento presente em

cada experiência de transformação de nossa consciência, em cada passo dado por esta, rumo à sua própria unidade.

Na verdade, enquanto estivermos aquém de nós mesmos, a todo instante nosso existir nos obrigará a morrer inconscientemente, exigindo-nos mil transformações. E o fará por lei de evolução, para que nos livremos dos fardos que arrastamos do passado até o momento atual, pois é próprio da força vital daquela lei pôr-nos a marchar na direção do novo, ainda que seja dando voltas e mais voltas tonteantes na circunferência de nossa própria existência. É uma questão arquetípica: morre a criança, nasce o adulto; morre o adulto, nasce o velho; morre o cético, nasce o religioso; morre o sofista, nasce o filósofo.

É por isso que, para quem ousa tomar as rédeas da vida das mãos do destino, tal processo é o ótimo meio formativo pelo qual se pode viver a gesta heroica do crescimento espiritual consciente, já que os indivíduos despertos, ou “nascidos pela segunda vez”, sabem que a conquista dos verdadeiros êxitos humanos depende da morte consciente de seus “eus históricos”. Morte que, não sendo uma destruição destes, é tanto uma compreensão de que eles nada são senão máscaras temporais, e de que seu verdadeiro Eu encontra-se muito além de tais identidades, quanto uma transmutação alquímica deles em possibilidades mais nobilitantes de existir, em possibilidades de existência que ampliem o seu horizonte de plenificação e realização humanas. O que eu preciso fazer morrer hoje, para, em mim mesmo, fazer nascer um Eu mais vivo, mais abundante?

Então, “matar-se a si mesmo” todos os dias é preciso, prescindindo imaginativamente de tudo o que lhe foi acrescentado após o nascimento, para então renascer em maior abundância existencial. É exatamente isso que estou propondo a todo aspirante a educador-filósofo como ato formativo.

É que a função arquetípica ou vital da morte é sempre a mesma, seja ela orgânica, seja ela simbólica, e em todos os reinos vivos: desenvolver existencialmente as potencialidades latentes do ser, levando-o ao máximo de realização de si mesmo. No caso do homem, desenvolver nele a “consciência de eternidade”, que é a percepção daemônica por excelência, a percepção sem a qual ele jamais deixará de se ver apenas como um animal, um ente temporal, encerrado na finitude do mundo e na percibibilidade da matéria.

Assim, pensar na própria morte como ato de currículo é tomar para si a responsabilidade de descer voluntariamente ao inferno, e de lá retornar renovado, isto é, mais lúcido, mais vivo, mais íntegro. É matar-se conscientemente a si mesmo quantas vezes

for necessário, para paulatinamente ir acordando o daemon, ou o homem novo que está adormecido na própria consciência.

Especificamente, é despojar-se pouco a pouco do que se pensa que se é, e também do que o “eu animal” pensa que é seu, porque são justamente seus êmulos egóicos quem dificultam à consciência perceber-se a si mesma como eterna, fazendo-o geralmente por meio dos fetiches da realização imediata que tanto a distraem e a fazem procrastinar a superação de seus condicionamentos animais. É abandonar as velhas formas de pensar, de sentir e de agir; os velhos desejos, hábitos e padrões de comportamento; é substituir estes e aquelas em prol de outros melhores, mais salutares, mais dignificantes, que tornem mais numinosa a vida e deem mais inspiração ao viver.

É também, e mais gravemente, como nos ensina Sócrates no mercado de Atenas, e Agostinho em suas Confissões, abdicar de toda busca supérflua, ou da busca por tudo o que de fato não seja necessário à existência, em proveito da busca por aquilo que é realmente essencial à realização humana; É ceder filosoficamente a si mesmo, ou negar a si o que envilece a alma, disponibilizando a própria personalidade a servir mais ao próximo, ao mundo, ao Universo, que a ela mesma; é, em suma, entregar a Deus de coração, em ato de fé, todo o tempo, toda a atenção, toda a vida disponíveis.

Enfim, é eliminar o que nos impede de perceber que precisamos morrer para vivermos de verdade, e que é só do ângulo da morte que se vê a vida com amplitude, toda iluminada. Porque, no fundo, em todos nós, e em cada aspirante a educador-filósofo, está a escolha: o vulgar medo da morte daquilo que morrerá de qualquer forma, e nos deixará desamparados, ou o valor da morte – a mesma morte que converteu Quíron numa constelação de estrelas – que nos transmutará em indivíduos mais conscientes e mais seguros de nós mesmos, em firmes caminhantes da vida que rumam ao próprio destino. Eis o que escreveu⁶⁴ a poetisa mexicana Rosario Castellanos, ao referir-se à natureza dessa vida-morte-vida: “dá-me a morte que preciso”! Eis o que está escrito como axioma em todas as grandes filosofias do passado: “Renuncia a tua vida se queres viver”!

⁶⁴ Poema “Encargo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, no limite do que foi tratado, chego ao fim desta tese crendo ter cumprido o fundamental do que havia proposto em suas notas introdutórias, nos termos de minhas indignações e inspirações fundantes. É que, em sendo ela um trabalho autoral, extrato filosófico do que até então fui autorizado a auferir do Reino de Minerva, nela pude expressar exatamente o que queria e precisava dizer sobre as experiências formativas que me constituíram, e me constituem ainda hoje, como um eterno aspirante a Filosofia. Ou seja, em alguma escala, sou Eu o próprio Quíron, o próprio “curador ferido” referido em suas linhas, ou propriamente aquele professor de filosofia que, todos os dias, em vista de desmascarar-se um pouco mais, e em nome do melhor do humano que visa alcançar, procura a beleza em tudo, fala a Deus de sua pequenez antes de dormir, se autorresponsabiliza pelas dores sofridas, e morre antes de morrer.

Isso explica, pelo menos em parte, porque, vez por outra, fui incisivo e dogmático em minhas considerações, mesmo quando me apoiava em axiomas filosoficamente estanques e estáveis para dizer o que disse. No fundo, minha intenção é, ainda agora, atravessar as rígidas camadas de resistência mental de quem quer que tome este trabalho em mãos, pois somente o coração é capaz de comprovar o quão é possível viver tais experiências, bem como de compreender a sua dimensão universal, mesmo sendo elas absolutamente indemonstráveis.

Então, a quem coube a tarefa de lê-lo, mas nada suspeitou acerca disso, que fique agora pelo menos ciente de que, por ideais que sejam os Atos Curriculares de Quíron, em algum grau, eles são factíveis, pois, com toda a minha pequenez, meus pés doloridos não fazem senão seguir esforçadamente as firmes e indeléveis pegadas do Sábio Centauro.

Não sou, portanto, aquele “adolescente de espírito” de que falei reiteradamente num ou noutro capítulo, isto é, aquele ator social que, por acreditar ser apenas um pedaço de matéria flutuando num oceano de nada, olha em derredor e nada vê de espiritual; que, por fechar os punhos para exigir, reclamar, reivindicar direitos, esquece de abrir as mãos em dever de oferenda, para servir ao mundo desinteressadamente; que, por medo de seu próprio mistério interior, foge dele a reverberar que não existe verdade, que tudo é relativo, é mudança, é construção social.

Não sou, em suma, aquele professor de filosofia que, por não saber sentir a presença de Deus dentro de si mesmo, se contenta em filosofar nas baixas e desencantadas altitudes da impermanência e da materialidade, e o que é pior, sem notar que mais grave que a miséria social, é a miséria existencial, enfermidade de alma cujos sintomas se deixam flagrar na falta de sentidos elevados de existência, de grandes metas de vida, de ideais nobilitantes, que muitos de nós procuram disfarçar, com o dedo em riste, apontado contra o mundo.

Sou, ao contrário disso, um exemplo vivo de que existe o caminho vertical de que falou a poetisa, citada no começo deste trabalho, aquele caminho formativo dentro do qual todos os caminhos de realização pessoal devem se infundir, uma vez que luto todos os dias para olhar para cima e nele caminhar como um Quixote, em vista de me tornar pouco a pouco, não um professor ativista ou militante de causas sociais, mas um “parteiro” de minha própria alma, um incendiário de meu coração, ou ainda, um “spoudaios docente”, o educador adulto de espírito de que nos fala Erich Voegelin⁶⁵ em sua obra, ao se referir à aristotélica filosofia das virtudes – o homem maduro que conhece o fundo da sua alma porque desceu ao inferno do autoconhecimento e de lá voltou”, e que, conhecendo-se a si mesmo em profundidade, é capaz de agir no mundo a partir do cume de sua consciência, e não a partir das paixões de um momento, ou da ideologia política em moda.

De mais a mais, é neste momento histórico em que as forças do materialismo e da fraqueza afetam-nos a todos – pondo-nos a cair fatigados e exangues pelo peso de nossas próprias angústias e desesperanças– que acender um archote de espiritualidade e lucidez torna-se tarefa obrigatória de todo amante da sabedoria.

É que dominar as quatro patas que os aterram ao chão é um dever impostergável de todos aqueles que fazem da filosofia o sentido de ser de suas vidas, posto que não há outra experiência formativa senão esta, sobretudo em tempos de profusa animalização dos modos de ser e de estar no mundo, para fazê-los se acender por dentro. Isto é, para fazê-los alcançar pouco a pouco o seu Eu Real, atingir a percepção interior de Deus como uma realidade autoevidente e, conseqüentemente, deixarem de se acomodar às conveniências teóricas da Academia em função das quais desviam formativamente para o niilismo, pondo em xeque os valores permanentes e o valor da própria verdade.

⁶⁵ Eric Voegelin foi um dos pensadores mais originais do século 20 e um filósofo político de incomparável erudição. Nasceu na Alemanha, radicou-se nos Estados Unidos e lecionou em várias universidades norte-americanas e europeias. Escreveu as monumentais obras *A História das Ideias Políticas* e *Ordem e História*.

Especificamente, senão através daqueles atos, não há como um professor de filosofia fazer descer à sua própria consciência, das alturas insondáveis de onde só pode habitar um arquétipo, a ética atemporal que o porá a viver a guerra interior de que precisa para se tornar um verdadeiro filósofo.

Guerra, ressalte-se, que bem se traduz no rito de manter-se desperto em seus mundos interior e exterior, ou em luta contra tudo aquilo de animal que se move e se esforça para vergar sua parte humana e horizontalizar seu arco e sua flecha. Rito, ressalte-se, que bem se traduz em percorrer a senda do encontro mais empático e humanizado com o outro, nomeadamente o caminho do coração, porquanto “a via do coração é o caminho do ser-sendo-outro” (GALEFFI, 2012, p. 3).

Como vimos, aliás, foi esse o motivo principal que me inspirou a buscar, na ideia de sagrado da Paideia grega, as bases filosóficas que constituíram este trabalho, pois, ao meu ver, só ela oferece as chaves formativas de que precisa o homem atual para se autoconhecer em profundidade, e se desimpalidecer face a precária imagem ontológica que ele passou a refletir no espelho de sua consciência na modernidade; e os princípios éticos para a mudança axiológica de que tanto necessita a educação filosófica atual para tornar-se verdadeiro filosofar educativo.

Noutras palavras, para mim, por sua universalidade, e pelo que ela explende em termos de formação, só a Paideia filosófica grega devolve à nossa educação a cosmicidade do homem, e oferece a ela os valores fundamentais, capazes de inspirar a transformação de um professor de filosofia na própria ética que ele sempre desejou infundir consciente ou inconscientemente em sua vida, e espera encontrar na conduta de seus alunos, como sendo o sentido mais profundo de seus atos de currículo. A saber: a ética do vencer-se a si mesmo, aquela situada para além das tábuas, para além das axiomáticas coletivistas e para além das subjetividades morais que, quase sempre, na modernidade, degeneram em moralia⁶⁶; aquela ética de pura potência, ígnea, heroica, da qual se impregnaram os “homens-história”, mas que não se define por tempo, lugar ou espaço; que convoca o homem a se tornar corajoso, forte e resiliente ante as dores fundamentais de sua própria existência; que fala a este desde dentro para sempre buscar, especialmente em momentos difíceis, uma reta presença de ânimo e um valor pessoal a toda prova; que lhe chama ao dever de ser altivo, nobre e digno frente a quaisquer circunstâncias; que lhe toca ser mais e melhor no viver, mas também, no morrer; enfim, que, quando vivida, lhe reempluma as asas e o torna atemporal.

⁶⁶ Expressão utilizada por Nietzsche em sua obra para designar uma espécie de degenerescência moral.

Disso se seguiu que tive de investigar o homem, esta “encruzilhada celeste-terrena” que tanto me encanta com seus mistérios, nos termos de uma metafísica que me possibilitasse remontá-lo ontologicamente, o que me exigiu uma insólita incursão no mundo grego, ou no “outro planeta” de Campbell, verdadeira aventura labiríntica de meu olhar hermenêutico em busca de referências mitográficas e filosóficas que reconstituíssem sua cosmicidade originária.

Daí porque desenrolei do fundo encantado do tempo, isto é, da dimensão mítica da história, ou da temporalidade onde se enterram nossas raízes espirituais mais profundas, o “Fio de Ariadne da Tradição para me guiar. Sem ele, provavelmente me perderia, pois “a história da filosofia, assim como a de todo saber na contemporaneidade, aparece hoje como mera troca periódica de jogos de linguagem e de pensamento, isto é, como invenção e abandono de paradigmas, sem que o conhecimento jamais toque a própria realidade” (CHAUI, 2016, p. 3).

Com efeito, neste universo epistemológico sem raízes metafísicas que nos rodeia, efeito de sucessivas e peremptórias rupturas com a Tradição e com as mais arcanas sendas do conhecimento, tornou-se quase uma via de regra, no que concerne ao problema filosófico “o que é o homem?”, nos perdermos nos meândricos, estreitos e labirínticos caminhos especulativos da filosofia materialista imperante. Isso porque, a despeito de sua funcionalidade sociológica em tempos de descosmologização da vida, e de sua orientação pragmatista e utilitarista, essa filosofia, tal qual todo saber de baixa estatura metafísica, jamais responderá à expectativa de conduzir o homem às “passagens secretas” do Real que a tradição filosófica espiritual outrora lhe permitiu através de seus Mistérios, nem tampouco de fazê-lo perceber ante o espelho de sua própria consciência, que não é, nunca foi e jamais será o exemplar mais acabado da evolução animal, mas o espantoso salto da consciência divina do reino animal para o reino humano – o reino do espírito ou da autoconsciência.

É por isso que coloquei como necessário apresentar primeiro o homem de Shakespeare e Mirândola, cuja compleição pontifícia nos oportuniza imaginar que o Cosmos, com suas vias de subida e de descida, encontra-se no homem, reduzido numa escala infinitesimal, e que em sua existência, por isso mesmo, se acumulam mistérios inescrutáveis. E logo em seguida, o Microcosmo da Paideia Grega, igualmente concebido por outras tradições antigas, e muito bem figurado no desenho antropológico de Da Vinci, cujos traços e planos geometricamente superpostos expressam a condição humana em sua mais profunda radicalidade.

Numa outra imagem cosmologicamente significativa, esse homem é Quíron, um ser dividido, crucificado, simultaneamente horizontal e vertical, humano-animal, porém, tanto mais equino e indomável, na medida em que se deixar levar cegamente pelos seus impulsos egóicos e sensoriais, ou mais humano e menos cavalo, quanto mais intensa for sua luta para verticalizar sua consciência na direção do divino. É que, ao meu ver, em concordância com Miller (2017, p. 38), “a imagem da unidade orgânica entre cavalo e cavaleiro é um símbolo da união bem-sucedida entre corpo, alma e espírito”.

Humano nesta tese, portanto, é um ideal, é um “impossível possível”, é um lugar ético, fora do tempo, no qual só se chega através de um esforço de verticalidade. Trata-se aqui, em utérrimo sentido, do homem como um ser imóvel no tempo, e do tempo, como uma “imagem móvel da eternidade⁶⁷”, um contínuo devir que, como uma grande espiral, gira ciclicamente sob os pés de cada um de nós, deixando-se marcar por eles, na razão direta de nosso esforço de aperfeiçoamento moral, do mesmo modo que a história se deixa marcar pelos passos espirituais da humanidade.

Contudo, como vimos, esse esforço é facultado somente ao homem que nasce pela segunda vez, ou, no caso aqui, ao professor de filosofia em formação que se torne um amante da sabedoria, um aspirante ao saber de Minerva. Ou seja, ao homem que desperta para o dever da individuação que lhe toca na existência, o que lhe exige substituir a evolução passiva, a qual marca o ritmo de seus hesitantes passos, pela evolução ativa que os apressa e os faz marchar firme e resolutamente na direção de uma vida virtuosa. Porque o homem que não desperta para isso não passa de um “nascido só uma vez”, tendendo a crer na falta de sentido de sua própria existência; a apontar o dedo contra o mundo face a toda pedra que lhe fere os pés em sua caminhada para “todas as direções”; e a se docilizar politicamente, mas no usufruto de uma ilusória liberdade, na razão direta de quão alienante for o poder dos sistemas massificadores de sua época, sempre prontos a promover a inconsciência humana, isto é, a indistinção do homem em relação à manada, à turba, à malta, ao cardume, ao rebanho, ao ajuntamento, condenando-o, enfim, à massificação.

Assim, esse “segundo nascimento” não é por si só o lugar do cavaleiro, tampouco o do cavalo, que é a insubmissa montaria daquele. É o lugar da imperação, do controle, da ordem, enfim, da arte do equilíbrio que harmoniza cavaleiro e cavalo por meio da força do espírito humano, aquela de tipo filosófica e natural, heroica em seu originário sentido. Em última instância, é esse “ter de crescer” através da doma de si mesmo, dever que fere sem

⁶⁷ Concepção platônica de tempo.

cessar, que faz da existência a mais nobilitante e dignatária ferida humana, e da formação filosófica vertical do homem, o mais essencial dos “unguentos” a ser aplicado nesta patologia prenhe de sacralidade. E, se, para verticalizar-se, é preciso um novo nascimento, um rebento consciencial pós-biológico, é porque no inconsciente de cada um de nós habita o herói, o personagem arquetípico que reúne em si todos os atributos necessários para levar a consciência a vencer-se a si mesma, isto é, a superar o não-ser de seu “eu animal” e encontrar o seu verdadeiro estado de ser, o “eu humano”, quando não a infundir-se de relance no próprio ser. Porque “o herói reflete a vivência original da nossa impotência e finitude existencial, e nossa esperança de poder superar este estado quase insuportável. O herói somos nós” (MILLER, 2017, p. 19).

Foi dessa heroicidade, aliás, que constituiu-se a saga de Quíron. A elevação de sua consciência, representada pela seta que ele aponta para as estrelas, sobrepujou sua incurável dor, a resultante da sua contradição homem-animal, pois toda contradição é aparente quando enxergada de uma dimensão superior. Ademais, a heroicidade, quando vivida pelo homem no seu dever de fazer-se humano, o arrebatava pelo próprio estado de glória que por ela é ensejado, arrastando-o pelo coração até as plagas psicológicas do numinoso e do espiritual. Como afirma Livraga (2010), um místico está na glória quando crucificado; um guerreiro, se ferido com uma espada no peito; um peregrino, com os pés ensanguentados.

Em suma, é o homem aqui o Microcosmo de que falavam os filósofos da tradição, não como realidade consumada, mas como possibilidade numinosa, possibilidade ideal. E como tal, neste trabalho, sua função é sagitaricamente inspirar, como uma constelação de estrelas no meio da noite. É simbolicamente lembrar algo, pelos gregos percebido e por nós esquecido, algo indispensável para uma verdadeira formação filosófica: que não somos animais!

Disso depende radicalmente a reimplicação dos professores de filosofia como buscadores de si mesmos, uma vez que deixar de se ver como animal em proveito da autoimagem como ente espiritual – como ente participante de uma ordem transcendente que a tudo atravessa, e a tudo move com suas marchas e contramarchas na direção de um aperfeiçoamento inexorável –, verte a percepção de totalidade para dentro, convidando a consciência a se autoconhecer como o próprio Cosmos que, fora dela, se estende ao infinito. Ou seja, prepara-a para que veja definitivamente que não há nada fora ou separado dela, nenhuma fronteira que determine seu “estar apartado” em relação a realidade exterior, já que

tal realidade, dentro da “escola dos contrastes”, não passa do que ela desconhece de si mesma, modelado compensatoriamente no mundo sob a forma de mundo.

Por fim, disse o que disse nesta tese, porque penso não haver absurdo algum em conceber o ser humano a partir de referências que reconstituam sua cosmicidade e reabilitem o sentido fundamental de sua existência, sentido que, digamo-lo de passagem, está apenas adormecido em nossa consciência, aletargados que estamos face a tantos sofismas, profanidades e dessacralidades que se superpõem em nossa cultura. Penso, na verdade, que, para quem medita sem preconceitos nem entrincheiramentos teóricos sobre o homem, buscando se guiar pela intuição filosófica e pelo ecletismo filosófico da Tradição, está claro que o humano do homem encontra-se mais além da sua animalidade, e até mesmo além de seu constituinte psíquico. Está no espírito, nessa dimensão sempre investigada pelos filósofos, que a conceberam através de mil e uma percepções metafísicas, dessemelhantes ou coincidentes entre si.

Ao que parece, é essa dimensão misteriosa que nos convida, de dentro para fora, a transcender a quadratura de nossa finitude, de nossos limites espaçotemporais, do pesar de nossa própria materialidade. O espírito é, pois, a dimensão do Eu Humano propriamente dita, aquilo de mais alto dentro de nós, de onde podemos ouvir os conclames das inefáveis realidades que nos sobrepairam, seja por inspiração, seja por intuição. É o que, de nós, está intimamente enlaçado ao transfundo das coisas, ao Todo, a Deus, ou é propriamente aquilo que os filósofos denominaram de Mônada, Logos, Ontos, Alma, Nous, Chispa, Centelha, Pneuma, e que ora murmura, ora grita aos nossos ouvidos internos acerca de um outro caminho existencial. Denomina-se caminho interno da vida, ou do herói, ou ainda, do círculo que perpassa todo quadrado da existência, onde infinito, eterno, perfeito, Cosmos, Deus fazem-se presentes via imaginação simbólica, indicando que somos mais do que um feixe de instintos, emoções e pensamentos. Dizia Ibn‘Arabi, (citado por Schwarz, 1999, p. 171) muitos séculos atrás, que o imaginário do homem, por excelência, é o “lugar epifânico do Ser”, o lugar privilegiado onde aparece o Divino. Ele escreveu: o homem é um “istmo entre o céu e a terra; é o perfeito mediador entre o Uno e o múltiplo e sua trajetória pode conduzi-lo, por um esforço hermenêutico, a redescobrir o Uno, o Sagrado no mais profundo de si mesmo”.

E é exatamente este o caminho formativo em cujo solo encontram-se as pegadas de Quíron, cujos significados procurei, através deste trabalho, relembrar não só aos professores de filosofia em formação, mas também, a quem mais possa ousar ser senhor de si, lançando-

se na aventura sem fim de refinar a própria percepção, de vigiar as próprias sombras, de enfrentar as próprias dores, de renascer mil vezes, em suma, de exercitar as virtudes, se autoconhecer e aprender a servir. E, claro, sem perder de vista o melhor do humano em termos objetivos, vivendo-o diariamente como um ideal, e cômico de que está nesta caminhada se construindo a si mesmo sobre alicerces sólidos, assentes nas rochas duras da razão e da fé em Deus.

Espero, então, que tudo que foi dito quixotesicamente em nome desse relembramento, possa levar alguns corajosos professores a meditar sobre o que eles devem de si a si mesmos, e que este trabalho, que muito me felicitou por não sê-lo, pois “não trabalhei” sequer um dia para construí-lo, inspire outros daqueles a se autorizarem a escrever sobre suas experiências formativas, ainda que elas porventura lhes pareçam inusitadas ou inoportunas, ou tendam simplesmente, como as minhas, a não se encaixar nas expectativas da Academia.

E que os mesmos tenham também, é claro, a fortuna de encontrar um orientador como o que tive, de cuja obra pude extrair alguns elementos que me permitiram desenvolver as reflexões que fiz sobre formação, e em cuja conduta pessoal e profissional pude conferir a admiração que realmente sinto por educadores de verdade.

Sou eternamente grato a este mestre, a este grande educador que desde sempre me impressionou pela dignidade, seriedade e amorosidade com que lida com seus pares – professores e estudantes-professores –, respeitando-os em suas individualidades e mundividências, mesmo quando algumas destas, como no meu caso, outorgam a si mesmas o poder de rasurar suas ideias, transfigurá-las, e até mesmo de confrontá-las filosoficamente para dar vazão a outras ideias. Seu modo de ser e de pensar educação foram seminais neste trabalho, e mais, muito mais do que ele imagina. Foi ele, aliás, quem defendeu-me na ocasião em que fui questionado quanto à possibilidade e à coerência daquela outorga, no instante mesmo em que corrigiu o meu entendimento sobre o meu próprio projeto de tese, o qual então apresentava, dizendo-me: “ – não é uma pesquisa puramente bibliográfica como você diz, mas baseada em suas experiências!”.

“Fiat Lux!” e fez-se a luz em minha consciência. Tudo então ficou claro. Segui sua intuição. Eis no que deu. Bom ou mal, relevante ou não, é o que tinha a dizer filosoficamente sobre elas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. O Ensaio como Forma. São Paulo: Ática, 1994.

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M... Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos, 1947. Disponível em: <<http://antivalor.vilabol.uol.com.br>>.

AGOSTINHO, S.. CONFISSÕES. Digitação: Lucia Maria Csernik. Online: Editora Scienza, 2007. Disponível em : fdocumentos.com › Spiritual

ARISTÓFANES. As Nuvens. Trad. Jaime Bruna, Líbero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski. Os Pensadores, Nova Cultural, São Paulo. 1987.

ARISTÓTELES, Metafísica (vol. II.) Tradução do grego de Giovanni Reale; Tradução do italiano de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2001.

BARROS, G. N. M. Arete e Cultura Grega - Pontos e Contrapontos. 2006. Disponível em: <http://www.hottopos.com/virtude.16.Gilda.htm.62k>.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BHAGAVAD GITÂ, A Mensagem do Mestre. Tradução de Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: Ed. Pensamento, 2006.

BRESSANE, J. Dias de Nietzsche em Turim (Filme). Rio de Janeiro: Rio Filmes, 2001. Disponível em: <https://www.dailymotion.com/video/x2cq5xl>

CAMPBELL, J.. O herói de mil faces. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

CAMPBELL, J.. O Poder do Mito. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 2001.

CAMPBELL, J.. Mitos, Sonhos e Religião: nas artes, na filosofia e na vida contemporânea. Tradução de Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CAPRA, F. O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHAUÍ, M. Contra a Universidade Operacional. Artigo publicado no XVII Congresso da ANPOF. Aracaju: Outubro/2016.

CARVALHO, O.. O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota. Organizado por Felipe Moura Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CUNHA, M. H. L.. Tempo Formal e Tempo Nômade. In: Revista Ensaios Filosóficos, Volume 14. Rio de Janeiro, UERJ, 2014.

DAHLKE, R. A. A Doença como Linguagem da Alma: Os Sintomas como Oportunidades de Desenvolvimento. Tradução: Dante Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a Filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DURAND, G. A imaginação simbólica. São Paulo: Cultrix, 1993.

DURAND, G. As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução a Arquetipologia Geral. Tradução de Helder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, G. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução René Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

ECKHART, m... A mística de Ser e de não Ter. Petrópolis: Vozes, 1983.

ELIADE, M. O Sagrado e O Profano. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, M.. História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FÓRUM PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso. São Paulo: AM Edições, 1997.

GADAMER, H-G. Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução Flávio Paulo Meurer: Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

GALEFFI, D. A. Recriação do Educar: epistemologia do educar transdisciplinar. Salvador: EdUFBA, 2012.

GUZMAN, D. S. Hoje vi... Coleção Pérolas de Sabedoria. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2009.

- HERRIGEL, E.. A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen. Tradução de J. C. Ismael. São Paulo: Editora Pensamento, 1975.
- HESÍODO. Os Trabalhos e os Dias. Tradução, introdução, estudo e notas de Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli. São Paulo: Odysseus, 2011.
- HOMERO. A Odisséia. Tradução: Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2003.
- INGENIEROS, J.. O Homem Medíocre. Tradução AJvanísio Damascéno. Curitiba: Livraria do Chain, s.d.
- JAEGER, W. Paidéia: A formação do homem grego. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2002.
- JAQ. C. A Pedra da Luz. Tradução: Maria do Carmo Abreu. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil (Record), 2011.
- JUNG, C. G. A Natureza da Psique. Tradução de Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, Vozes, 2000.
- JUNG, C. G.. A Psicologia do Inconsciente. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- JUNG, C. G.. Aion, Estudos sobre o Simbolismo do Si Mesmo. Petrópolis: Vozes, 1982.
- JUNG, C. G. Memórias, Sonhos e Reflexões. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1961.
- JUNG, C.; WILHELM, R.. O Segredo da Flor de Ouro. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. Psicologia e Religião. Tradução: Padre Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis : Vozes, 1978.
- KANT, I. Crítica da razão pura. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os pensadores).
- KANT, I. Textos Seletos. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.
- KANT, I. Crítica da Razão Pura. 5ª Edição. Trad.: Manuela Pinto. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KANT, I. Resposta à pergunta: O que é o esclarecimento?. In: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KIERKEGAARD, S. Temor e tremor. São Paulo: Abril Cultural,1979.

YANCEY, P. & BRAND, P.. A Dádiva da Dor: por que sentimos dor e o que podemos fazer a respeito. Tradução: Neyde Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

LA VELLE, L. A Presença Total. Trad.: Américo Pereira. Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008.

LIVRAGA, J. A. A Tragédia Grega. Tradução: Eduardo Amarante. Lisboa: Edições Nova Acrópole, 1998.

LIVRAGA, J. A. Curso de Filosofia à Maneira Clássica. São Paulo, Nova Acrópole, 2010.

LIVRAGA, J. A. Curso de Psicologia. Tradução de Michel Echenique Isasa. São Paulo: Nova Acrópole, 2010.

LIVRAGA, J. A. O Universo como Resposta. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2011.

MACEDO, R. S. Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2013.

MACEDO, R. S. A Teoria Etnoconstitutiva de Currículo: uma teoria-ação Curricular formacional. Curitiba: CRV, 2016.

MACEDO, R. S. Atos de currículo, formação em ato? Ilhéus: EDITUS, 2012.

MACEDO, R. S. Currículo: campo, conceito e pesquisa. Petrópolis, Vozes, 2007.

MACEDO, R. S. Regulação e infidelidade: sobre a legitimidade da traição na atuação docente em tempos de políticas regulatórias intensificadas. Salvador: artigo apresentado na 38ª Reunião da ANPED. 2017.

MARCO AURELIO. Meditações. Tradução de Luís A. P. Varela Pinto. Espinho (Portugal): Editora Pinguim, 2002. Disponível em: < <http://www.psb40.org.br/bib/b34.pdf>>.

MARDONES, José María. A vida do símbolo: A dimensão simbólica da religião. Tradução de Euclide Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2006.

MARROU, H. I. História da Educação na Antigüidade. Tradução: Mário Leônidas Casanova. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1975.

MILLER, L.. O Herói e O Caminho da Individuação. Tradução: Erlon José Paschoal. São Paulo: Pensamento / Cultrix, 2017.

MONTAIGNE, M.. Os Ensaaios. Tradução: Rosa Freire d'aguiar. — são. Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MORIN, E. O Método 6: Ética. Tradução de Jurenir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MULLER, M.. The Zend Avesta. Editor: TAYLOR & FRANCIS LTD, 2001

NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Editora Triom, 1999.

NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, F. W.. Assim Falou Zaratustra. (S.I.)b. Disponível em: www.domínio público.com.br

NIETZSCHE, F. W.. Genealogia da Moral. (S.I.)aDisponível em: www.domínio público.com.br

NUNES, P. O Símbolo do Apocalipse. Artigo publicado na revista digital do Jungiana. IJBA/Salvador: 2017.

ORTEGA Y GASSET, J. Meditações do Quixote. São Paulo : Iberoamericana, 1967.

PAIM, A. V. Atos de currículo e re-existências epistemológicas e formativas: um olhar crítico-hermenêutico sobre a formação de professores em atuação. Tese de doutorado. PPGE FACED-UFBA, 2013.

PAVIANI, J. O Ensaio como Gênero Textual. Artigo apresentado ao V Simpósio Internacional sobre Gêneros Textuais. Caxias do Sul: 2009.

PÍNDARO. Odes Píticas. Tradução: Antônio Caieiro. Lisboa: Cotovia, 2006.

PICO DELLA MIRANDOLA, G. Discurso sobre a dignidade do homem. Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001.

PIRES, H.. A Evolução Espiritual do Homem. São Paulo: Editora Paideia, 2013.

PIRES, H.. A Agonia das Religiões. Rio de Janeiro: Editora Paideia, S.D..

PLATÃO. As leis. 1 ed. São Paulo: Edipro. 1999.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. Tradução: Maria Lacerda de Souza. São Paulo: Editora Escala, S/D.

PLATÃO. Banquete. In.: Os pensadores. Tradução: Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Victor Civita, 1972.

PLATÃO. Fédon. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Membros do grupo de discussão Acrópolis, 2010?. Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>

PLATÃO. Fedro. Tradução de Manuel Pulquério e Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 1997.

PLATÃO. Fedro, Cartas e O primeiro Alcibíades. [Tradução Carlos Alberto Nunes]
Belém: EDUFPA, 1973.

PLATÃO. Mênon. Tradução: Maura Iglésias, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio / Loyola, 2001.

PLATÃO. Protágoras. Trad. Ana Piedade Elias Pinheiro. Relógio D'água. Lisboa, 1999.

PLATÃO, República. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATÃO. Sofista. Tradução: Carlos Alberto Nunes. EBOOKLIBRIS, 2003. Disponível em: www.odialetico.hpg.ig.com.br/

PLATÃO. Teeteto / Crátilo. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém, Universidade Federal do Pará, 1988.

PLATÃO. Timeu. Tradução de Maria José Figueredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

PLATÃO. Timeu e Crítias. Tradução: Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011.

PLUTARCO. No Banquete. Tradução: Carlos de Jesus. Coleção Autores Gregos e Latinos. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

PRESSFIELD, sS.. A Guerra da Arte. Tradução: Geni Hirata. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

- RAFFAELLI, R.. *Imagem e self em Plotino e Jung: confluências*. Estud. psicol. vol.19. [online]. Campinas, 2002.
- RAM, S.. *O Homem, Sua Origem e Evolução*. Tradução: Alcyr Anísio Ferreira. Brasília, Editora Teosófica, 1954.
- RAYGADA, R. L. *Giordano Bruno: quatrocentos anos depois... sua vida e sua mensagem*. Belo Horizonte: Edições Nova Acrópole, 2012.
- REDYSON, D. *Fenomenologia e hermenêutica da religião*. João Pessoa: Editora universitária UFPB, 2011.
- ROCHA, A. L. C.. *Coleções etnográficas, método de convergência e etnografia da duração: um espaço de problemas* Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- RUDHYAR, Dane. *A Astrologia e a Psique Moderna*. Tradução: Mário Miranda. São Paulo: Editora Pensamento, 1976.
- RUSSELL, B.. *História do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- SALIS, V.. *Paidéia: Para formar um homem "obra de arte, ético e criador" no séc. XXI ou Os doze trabalhos de Hércules para o caminho do herói em busca da eternidade*. Coleção: Iniciação para o "Homem Obra de Arte". São Paulo: Edições Victor de Salis, 2017.
- SANTOS, M. F.. *Filosofias da Afirmação e da Negação*. São Paulo: Editora Logos, 1959.
- SCRUTON, R.. *Beleza*. Tradução: Carlos Marques. Lisboa: Guerra & Paz, 2009.
- SCHWARZ, F. *A Tradição e as Vias de Conhecimento*. São Paulo: Nova Acrópole, 1999.
- SHAKESPEARE, W. Tradução de Millor Fernandes. Porto Alegre: LPM, 2005.
- SHUON, F. *A Contradição do Relativismo*. Tradução Mateus Soares de Azevedo. 2015. Disponível em: <https://pt.fschuon.net/2015/04/21/a-contradicao-do-relativismo-agora-inteiro/>
- STEIN, M. *O Mapa da Alma*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- SOUZA, S. C. *Totalidade e Individuação segundo Jung*. Revista Pandora Brasil. São Paulo, Janeiro de 2013, v. 50, p. 11.

THORWALD DETHLEFSEN, T. E DAHLKE, R.. A Doença como Caminho. Cascais: Pergaminho, 2002

TSÉ, L.. Tao Te Ching, O Livro do Caminho e da Virtude. Tradução: Mestre Wu Jyn Cherng. Rio de Janeiro: Sociedade Taoísta do Brasil (<http://www.taoismo.org.br>)

VOGELIN, E.. Ordem e História, A Era Ecumênica. Tradução: Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2014.



Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU), realizada em 25/02/2021 para procedimento de defesa da Tese de DOUTORADO EM EDUCAÇÃO no. 1, área de concentração Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica, do(a) candidato(a) RONALD LEAL DE CARVALHO JUNIOR, de matrícula 216123090, intitulada ATOS CURRICULARES DE QUIRÓN: ÉTICA ATEMPORAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA. Às 14:30 do citado dia, REMOTO, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. ROBERTO SIDNEI ALVES MACEDO que apresentou os outros membros da banca: Prof^ª. Dra. DENISE MOURA DE JESUS GUERRA, Prof^ª. Dra. ANA VERENA FREITAS PAIM, Prof^ª. Dra. ISAURA SANTANA FONTES, Prof^ª. Dra. Rochelle Cysne Frota D"Abreu e Prof. Dr. ÁGABO BORGES DE SOUSA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Doutorado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dra. ANA VERENA FREITAS PAIM, UEFS

Examinador(a) Externo(a) à Instituição

Dra. ISAURA SANTANA FONTES, UNEB

Examinador(a) Externo(a) à Instituição

Dra. Rochelle Cysne Frota D"Abreu

Examinador(a) Externo(a) à Instituição

Dr. ÁGABO BORGES DE SOUSA

Examinador(a) Externo(a) à Instituição

Dra. DENISE MOURA DE JESUS GUERRA, UFBA

Examinador(a) Interno(a)



Universidade Federal da Bahia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU)

Dr. ROBERTO SIDNEI ALVES MACEDO, UFBA

Presidente

RONALD LEAL DE CARVALHO JUNIOR

Doutorando(a)



FOLHA DE CORREÇÕES

ATA Nº 1

Autor(a): RONALD LEAL DE CARVALHO JUNIOR

Título: ATOS CURRICULARES DE QUIRON: ÉTICA ATEMPORAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA

Banca examinadora:

Prof(a). ANA VERENA FREITAS PAIM	Examinador(a) Externo(a) à Instituição
Prof(a). ISAURA SANTANA FONTES	Examinador(a) Externo(a) à Instituição
Prof(a). Rochelle Cysne Frota D""Abreu	Examinador(a) Externo(a) à Instituição
Prof(a). ÁGABO BORGES DE SOUSA	Examinador(a) Externo(a) à Instituição
Prof(a). DENISE MOURA DE JESUS GUERRA	Examinador(a) Interno(a)
Prof(a). ROBERTO SIDNEI ALVES MACEDO	Presidente

Os itens abaixo deverão ser modificados, conforme sugestão da banca

1. INTRODUÇÃO
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
3. METODOLOGIA
4. RESULTADOS OBTIDOS
5. CONCLUSÕES

COMENTÁRIOS GERAIS:

Declaro, para fins de homologação, que as modificações, sugeridas pela banca examinadora, acima mencionada, foram cumpridas integralmente.

Prof(a). ROBERTO SIDNEI ALVES MACEDO



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PGEDU)

Orientador(a)